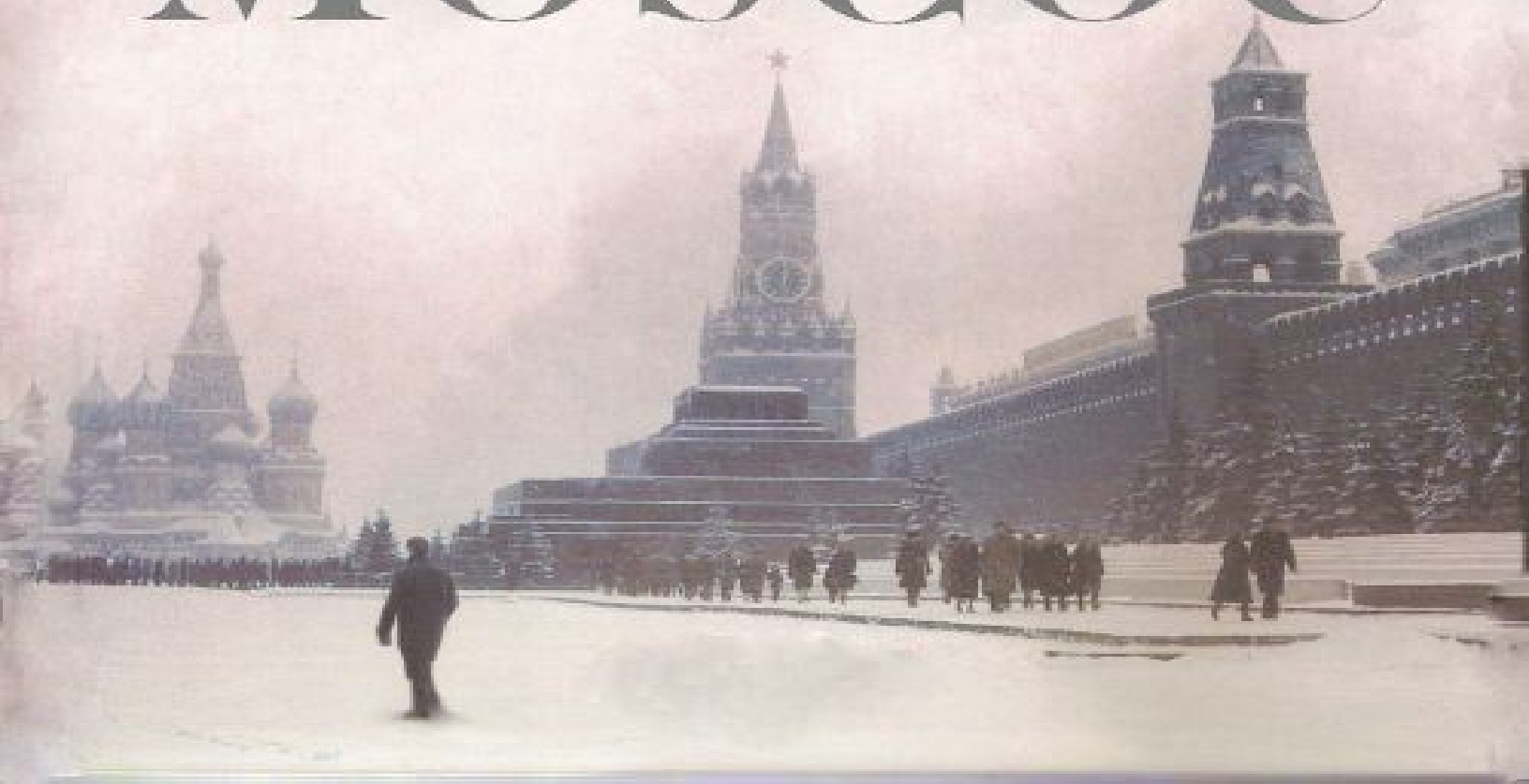


AS LIGAÇÕES DA KGB COM A AL-QAEDA DESTRUIRÃO O MUNDO?

DANIEL SILVA

SÉRIE GABRIEL ALLON Nº 8

AS REGRAS DE MOSCOU





DANIEL
SILVA

As regras
de
Moscou

MOSCOW RULES
2008

DANIEL SILVA
AS REGRAS DE MOSCOU

Tradução de
VASCO TELES DE MENEZES 4ª edição
BERTRAND EDITORA

Lisboa 2010

Título original: Moscow Rules

Copyright 2008 by Daniel Silva

Direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa,
exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 11500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Fax: 21 762 61 50

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

Revisão: Eda Lyra

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: Peres-Soctip SA

Depósito legal nº 306 988/10

Acabou de imprimir-se em Junho de 2010

ISBN: 978-972-25-2083-6

BERTRAND EDITORA

Rua Professor Jorge da Silva Horta, nº 1 0-499 Lisboa

Telefone: 217 626 000 Fax: 217 626 150 correio eletrónico:
editora@bertrand.pt

ISBN 978-972-25-2083-6

NÚMERO 9 7 8 9 7 2 2 5 2 0 8 3 6

BERTRAND EDITORA

SINOPSE

A morte de um jornalista a seus pés leva Allon à Rússia, onde descobre que ainda tem alguma coisa a aprender na arte da espionagem. É obrigado a jogar segundo as regras de Moscou com uma nova geração de stalinistas que conspira pela volta do poder perdido. O mais mortal dos desafios vem de Ivan Kharkov, antigo coronel da KGB que construiu um império sobre os escombros da União Soviética vendendo armas modernas a rebeldes africanos. Agora, ele está prestes a entregar centenas de sofisticados mísseis a terroristas da Al-Qaeda. A menos que Allon consiga descobrir hora e local da entrega, o mundo será vítima dos atentados mais letais desde o 11 de Setembro — e o tempo voa. Repleto de reviravoltas numa trama de cortar a respiração, *As Regras de Moscou* é simultaneamente entretenimento superior, história cáustica sobre as novas ameaças que vêm do Leste e, para muitos, o melhor romance de Silva até agora.

O AUTOR



Daniel Silva (Michigan, 1960) foi repórter da UPI em Washington, depois correspondente para o Oriente Médio no Cairo, cobrindo diversos conflitos políticos e a guerra Irã-Iraque. Conheceu a mulher, correspondente da NBC, e regressaram aos Estados Unidos, onde Daniel Silva foi produtor da CNN por muitos anos, tendo sido responsável por programas populares como *Crossfire*, *The International Hour* e *The World Today*, entre outros. Em 1997, logo após o êxito de seu primeiro livro, *The Unlikely spy*, Daniel Silva resolveu dedicar-se por completo à literatura, publicando vários best-sellers mundiais.

O *Washington Post* coloca-o “entre os melhores jovens autores americanos da literatura de espionagem” e é com frequência comparado a Graham Greene e John Le Carré. Mora em Washington D.C. com a mulher e os dois filhos.

*Para Jeff Zucker, Ron Meyer, Linda Rappaport e Michael Gendler,
pela amizade, sabedoria e conselhos.*

*E, como sempre, para a minha mulher, Jamie, e para os meus filhos,
Lily e Nicholas.*

Não olhe para trás. Nunca está completamente sozinho.

AS REGRAS DE MOSCOU

PRIMEIRA PARTE

A convocação

CAPÍTULO 1

COURCHEVEL, FRANÇA

A invasão começou, como acontecia sempre, nos últimos dias de dezembro. Chegaram em caravanas de carros blindados, percorrendo a estrada sinuosa com início no fundo do Vale do Ródano, ou aterrissaram na pista no alto da montanha, vindos de helicóptero ou de avião particular. Bilionários e banqueiros, magnatas do petróleo e senhores do metal, supermodelos e crianças mimadas: a elite abastada de uma Rússia em ressurgimento. Inundaram as suítes do Cheval Blanc e do Byblos e requisitaram os grandes chalés privados ao longo da Rue de Bellecôte. Reservaram o clube noturno Les Caves para festas privadas até de madrugada e saquearam as reluzentes lojas da Croisette. Deitaram a mão a todos os melhores professores de esqui e esvaziaram as lojas de bebidas dos seus melhores champanhes e conhaques. Na manhã do dia vinte e oito, não havia na povoação inteira um único cabeleireiro que aceitasse marcações e o Chalet de Pierres, o famoso restaurante na encosta da montanha, conhecido pela sua carne de vaca assada na brasa, já só aceitava reservas para jantar a partir de meados de Janeiro. Na véspera de Ano Novo, a conquista estava completa. Courchevel, a estância de esqui de luxo bem no alto dos Alpes Franceses, era uma vez mais uma povoação sob ocupação russa.

Apenas o Hôtel Grand Courchevel conseguiu escapar ao ataque vindo de Leste. Pouco surpreendente, poderiam ter dito os seus hóspedes mais leais, já que no Grand os russos, como as pessoas com crianças, eram discretamente encorajados a encontrar

alojamento noutro lado. Ao todo, havia trinta quartos de tamanho modesto e mobília sóbria. Não se ia ao Grand à procura de instalações forradas a ouro e de suítes do tamanho de campos de futebol. Ia-se à procura de uma pequena amostra da Europa como ela era em tempos. Ia-se lá para se beber um Campari no bar do hotel com todo o tempo do mundo ou para se ficar a preguiçar na sala do pequeno-almoço, bebendo um café e lendo o Le Monde. Os cavalheiros usavam casacos ao jantar e esperavam pelo fim do pequeno-almoço para se mudarem e vestirem a roupa de esquiar. As conversas eram levadas a cabo num murmúrio próprio de um confessor e com excessiva cortesia. A internet ainda não tinha chegado ao Grand e os telefones eram temperamentais. Mas os hóspedes não pareciam incomodar-se: eram tão distintos como o próprio Grand e, na sua maioria, começavam a aproximar-se da terceira idade. Um gracejo vindo de um dos hotéis mais ostensivos do Jardin Alpin descreveu uma vez a clientela do Grand como sendo “os idosos e os seus pais”.

O hall era pequeno, limpo e aquecido por uma lareira bem cuidada. À direita, perto da entrada para a sala de jantar, ficava a recepção, um recanto apertado, com ganchos de latão onde se penduravam as chaves dos quartos e pequenas divisórias para se deixar o correio e mensagens. Ao lado da recepção, junto ao único elevador do Grand, que já funcionava com alguma dificuldade, ficava a mesa do concierge. Ao início da tarde do dia dois de janeiro, estava ocupada por Philippe, um antigo paraquedista francês bem constituído, que exibia as chaves douradas e cruzadas do International Concierge Institute na lapela imaculada e sonhava abandonar de vez o negócio da hotelaria e instalar-se para sempre na plantação de trufas da família no Périgord. Com um ar pensativo e sério, estava a olhar fixamente para a lista das próximas chegadas e partidas. Continha uma única entrada: Lubin, Alex. Chegada de carro, vindo de Genebra. Reservado Quarto 237. Aluguel de esquis

solicitado. Philippe passou por um momento o seu olhar de concièrege experimentado sobre o nome na lista. Tinha um talento para os nomes. Era algo que era preciso ter naquele tipo de trabalho. Alex... diminutivo para Alexander, pensou. Ou seria Aleksandr? Ou Aleksei? Desviou os olhos da lista e aclarou a voz discretamente. Uma cabeça impecavelmente penteada surgiu de repente saída da recepção. Pertencia a Ricardo, o gerente do período da tarde.

— Acho que temos um problema — disse Philippe calmamente.

Ricardo franziu o sobrolho. Era espanhol do País Basco. Não gostava de problemas.

— O que é?

Philippe mostrou-lhe a folha das chegadas.

— Lubin, Alex.

Ricardo carregou numas quantas teclas do computador com um dedo indicador tratado por uma manicura.

— Doze noites? Aluguel de esquis solicitado? Quem tratou desta reserva? Penso que foi a Nadine.

Nadine era a moça nova. Fazia o turno da madrugada. E, pelo crime de ter concedido um quarto a alguém chamado Alex Lubin sem consultar primeiro Ricardo, assim iria continuar por toda a eternidade.

— Acha que ele é russo? perguntou Ricardo.

— Culpado de todas as acusações.

Ricardo aceitou o veredicto sem interpor recurso. Apesar de ocupar uma posição superior, era vinte anos mais novo que Philippe e aprendera a confiar cegamente na experiência e opinião do colega mais velho.

— Talvez possamos despachá-lo para a concorrência. Não é possível. Não há um único quarto disponível daqui até Albertville.

— Então suponho que vamos ter de levar com ele, a não ser, claro, que se consiga convencê-lo a ir-se embora de livre vontade.

- O que está sugerindo?
- O plano B, claro.
- Isso é bem radical, não achas?
- Sim, mas é a única maneira.

O antigo paraquedista acatou as ordens com um aceno firme da cabeça e começou a planejar a operação. Operação que começou às 16 h12, quando um Mercedes grande cinza-escuro, com placa de Genebra, parou junto aos degraus da entrada e buzinou. Philippe deixou-se ficar no seu púlpito uns bons dois minutos antes de vestir o sobretudo com toda a calma e se dirigir lentamente para o exterior do hotel. A esta hora, o indesejado Monsieur Alex Lubin — doze noites, aluguel de esquis solicitado — tinha saído do carro e estava parado, com um ar zangado, junto ao porta-bagagens aberto. Tinha uma cara de ângulos bem vincados e cabelo louro-claro, cuidadosamente penteado a cobrir uma cabeça larga. Tinha os olhos estreitos virados para o porta-bagagens, na direção de um par de malas grandes de nylon. O concière franziu o sobrolho ao olhar para as malas, como se nunca tivesse visto objetos desse gênero antes, e a seguir cumprimentou o hóspede com um entusiasmo glacial.

- Posso ajudá-lo, Monsieur?

A pergunta foi feita em inglês. A resposta foi dada na mesma língua, com um distinto sotaque eslavo.

- Venho instalar-me no hotel.

— Sim? Não fui informado de nenhuma chegada prevista para esta tarde. Com certeza que foi apenas uma distração. Porque não fala com o meu colega da recepção? Tenho certeza de que ele poderá retificar a situação.

Lubin murmurou qualquer coisa baixinho e subiu os íngremes degraus pesadamente. Philippe pegou a primeira mala e quase deslocou uma vértebra ao tentar tirá-la. É um vendedor de bigornas russo e trouxe com ele uma mala cheia de amostras.

Quando conseguiu puxar as malas até o hall, Lubin dava o número de sua reserva a Ricardo, que, exibindo um ar perplexo, por mais que tentasse, não conseguia localizar a reserva em questão. O problema foi finalmente resolvido. Um pequeno engano de um membro do nosso pessoal, Monsieur Lubin. Vou ter uma conversa com ele sem falta —, mas logo de seguida surgiu outro. Devido a um descuido do pessoal da limpeza, o quarto ainda não estava pronto. Serão apenas alguns minutos disse Ricardo na sua voz mais sedosa. O meu colega vai guardar as malas na recepção. Permita que o acompanhe até nosso bar. As bebidas não serão cobradas, claro.

Na verdade, iriam ser cobradas e em grande excesso —, mas Ricardo planejava avançar subitamente com essa surpresa quando as defesas de Monsieur Lubin estivessem no ponto mais frágil. Infelizmente, o otimismo de Ricardo, ao confiar que o atraso seria pequeno, revelou-se desajustado. De fato, passaram mais noventa minutos até que Lubin fosse levado, sem a bagagem, ao seu quarto. Em conformidade com o Plano B, não havia roupão para as idas ao centro de bem-estar, não havia vodca no frigobar, nem controle remoto da televisão. O despertador em cima da mesa de cabeceira tinha sido programado para as 4h15. O aquecedor estava ligado no máximo. Às escondidas, Philippe tirou o último sabonete que havia no banheiro e, a seguir, depois de não receber qualquer gorjeta, saiu porta fora, com a promessa de que as malas seriam entregues em pouco tempo. Quando saiu do elevador, Ricardo estava à sua espera.

— Quantas vodcas ele bebeu no bar?

— Sete — respondeu Ricardo.

O concierge cerrou os dentes e silvou com desprezo. Só um russo poderia beber sete vodcas numa hora e meia e continuar em pé. O que achas? perguntou Ricardo. Mafioso, espião ou assassino profissional?

Tanto fazia, pensou Philippe sorumbaticamente. Um russo tinha aberto brechas nas paredes do Grand. Resistência era a palavra

de ordem naquela época. Retiraram-se para os respectivos postos, Ricardo para a gruta que era a recepção, Philippe para o seu púlpito junto ao elevador. Dez minutos mais tarde, teve lugar o primeiro telefonema do Quarto 237. Ricardo aguentou uma longa diatribe estalinista, repreendendo-o, e a seguir murmurou umas quantas palavras apaziguadoras e desligou o telefone. Olhou para Philippe e sorriu. O Monsieur Lubin queria saber quando é que prevíamos que as malas dele chegassem.

— Vou já tratar disso — respondeu Philippe, abafando um bocejo.

— Queria saber se podíamos fazer alguma coisa em relação ao aquecimento no quarto dele. Diz que está quente demais e parece que o termostato não funciona.

Philippe levantou o receptor do telefone e ligou para a manutenção.

— Aumentem o aquecimento no Quarto 237 — ordenou. — Monsieur Lubin está com frio.

Se tivessem observado os primeiros momentos da estadia de Lubin, ter-se-iam sentido completamente seguros da sua crença de que havia um herege entre eles. De outra forma, como explicar que tivesse tirado todas as gavetas da cômoda e das mesas de cabeceira e desatarraxado todas as lâmpadas de abajures e estruturas de onde saía luz? Ou que tivesse arrancado por completo a roupa da cama grande e de luxo e forçado a tampa, até a abrir, do telefone com duas linhas e serviço de mensagens? Ou que tivesse despejado a garrafa de água mineral grátis na sanita e atirado dois chocolates Touvier de Genebra para o meio da rua cheia de neve? Ou que, depois de ter dado por finalizado o seu alvoroço, tivesse em seguida repostado o quarto no estado quase imaculado em que o encontrara? Foi por causa da sua profissão que tomou essas medidas bastante drásticas, mas a profissão dele não era nenhuma das sugeridas por Ricardo, o gerente. Aleksandr Viktorovich Lubin não era nem mafioso, nem

espião, nem assassino profissional, apenas um praticante da atividade mais perigosa que se podia escolher na brava Nova Rússia: a atividade de jornalismo. E não apenas qualquer tipo de jornalismo: jornalismo independente. A sua revista, a Moskovskaya Gazeta, era um dos últimos semanários de investigação do país e há muito que era uma persistente pedra no sapato do Kremlin. Os seus repórteres e fotógrafos eram vigiados e hostilizados constantemente, não só pela polícia secreta como também pelos serviços de segurança privados dos poderosos oligarcas que tentavam cobrir. Nesse preciso momento, Courchevel estava apinhada de homens desse gênero. Homens que não tinham qualquer problema em espalhar transmissores e venenos por quartos de hotel. Homens que atuavam segundo a doutrina de Stalin: A morte resolve todos os problemas.

Não havendo homem, não há problema.

Com a certeza de que o quarto não sofrera interferências externas, Lubin telefonou novamente ao concierge para perguntar pela bagagem e foi informado de que chegaria a todo o momento. A seguir, depois de abrir por completo as portas da varanda, deixando entrar o ar frio do final da tarde, instalou-se à mesa e tirou uma pasta de arquivo da sua mala de couro já coçada. Tinha-lhe sido dada na noite anterior, por Boris Ostrovsky, o editor da Gazeta. Tinham-se encontrado não no interior da Gazeta, que se partia do princípio de que estava profusamente sob escuta, mas sim num banco da estação de metrô de Arbatskaya.

Vou só revelar-te parte da história, dissera Ostrovsky, entregando os documentos a Lubin com uma indiferença adquirida com a prática. É para a tua própria proteção. Compreendes, Aleksandr? Lubin tinha compreendido perfeitamente. Ostrovsky estava a entregar-lhe uma missão que podia fazer com que ele fosse morto.

Agora estava a abrir a pasta e a examinar a fotografia que estava em cima do arquivo. Mostrava um homem bem vestido, com

cabelo escuro cortado curto e as feições marcadas de um pugilista, ao lado do presidente russo, numa recepção no Kremlin. Anexada à fotografia, havia uma biografia concisa completamente desnecessária, já que Aleksandr Lubin, como qualquer outro jornalista em Moscou, era capaz de enumerar todos os pormenores da formidável carreira de Ivan Borisovich Kharkov utilizando apenas a memória. Filho de um oficial superior do KGB... licenciado pela prestigiada Universidade Estatal de Moscou... rapaz maravilha do Quinto Direktoratado do KGB... Quando o império se estava a desmoronar, Kharkov abandonara o KGB e ganhara uma fortuna na banca durante os primeiros e anárquicos anos do capitalismo russo. Investira com inteligência em energia, matéria-prima e imobiliário, e, aquando da chegada do novo milênio, tinha-se juntado ao núcleo moscovita, cada vez maior, de multimilionários novinhos em folha. Entre as suas muitas holdings, contava-se uma transportadora marítima e aérea com tentáculos que se estendiam ao longo do Oriente Médio, África e Ásia. Para um estranho, a verdadeira extensão do seu império financeiro era impossível de avaliar. Um relativo recém-chegado ao capitalismo, Ivan Kharkov dominara já a arte da empresa de fachada e da companhia fantasma. Lubin passou para a página seguinte do arquivo, onde havia uma fotografia em papel de lustro, usado nas revistas, do “Château Kharkov”, o palácio de inverno de Ivan, na Rue de Nogentil, em Courchevel.

Passa as férias de inverno lá, ao lado de todos os outros russos ricos e famosos, tinha dito Ostrovsky. Tem cuidado quando estiveres por perto da casa. Os capangas de Ivan são todos ex-Spetsnaz e OMON.

Estás a ouvir o que estou a dizer, Aleksandr? Não quero que acabes como Irina Chernova. Irina Chernova era a famosa jornalista do principal rival da Gazeta, que tinha denunciado um dos investimentos mais suspeitos de Kharkov. Duas noites depois de o artigo ter surgido, tinha sido morta a tiro por dois assassinos

contratados, no elevador do seu prédio em Moscou. Ostrovsky, por razões que apenas ele conhecia, tinha incluído uma fotografia do corpo dela, pejado de balas, no arquivo. Nesse momento, como já fizera antes, Lubin virou-a rapidamente.

Normalmente, Ivan atua por trás de portas bem fechadas. Courchevel é um dos poucos lugares em que ele se chega a deslocar em público. Queremos que tu o sigas, Aleksandr. Queremos saber com Quem ele se anda a encontrar. Com Quem ele anda a esquiar. Com Quem ele anda a almoçar. Tira fotos quando puderes, mas nunca o abordes. E não digas a ninguém na povoação onde é que trabalhas. Os rapazes da segurança de Ivan são capazes de cheirar um repórter a um quilômetro de distância. A seguir, Ostrovsky entregara a Lubin um envelope com passagens de avião, reserva em locadora e alojamento num hotel. Ligue para a redação regularmente, tinha dito Ostrovsky. E tente divertir-se um pouco, Aleksandr. Os teus colegas estão todos cheios de inveja. Vais poder ir a Courchevel e andar na farra com os ricos e famosos, enquanto nós congelamos até os ossos em Moscou.

Com isso, Ostrovsky tinha-se levantado e caminhado até a borda da plataforma. Lubin enfiou a pasta na mala e começou imediatamente a suar em catadupa. Agora estava a suar outra vez. O maldito aquecimento! A fornalha continuava a funcionar no máximo. Estava a começar a esticar-se para pegar no telefone e apresentar mais uma queixa quando ouviu alguém bater finalmente à porta. Atravessou o pequeno hall de entrada com duas passadas largas e cheias de ressentimento e abriu a porta com toda a força, sem se dar ao trabalho de perguntar quem estava do outro lado. Um erro, pensou de imediato, já que, na semiescuridão do corredor, estava parado um homem de estatura mediana, com um casaco de esquiar escuro, um gorro de lã e óculos espelhados.

Lubin tentava entender por que alguém usaria uns óculos daqueles dentro de um hotel e à noite, quando surgiu o primeiro

golpe, de lado e violento, que pareceu esmagar sua traqueia. O segundo golpe, um pontapé bem medido na virilha, fez-lhe o corpo dobrar-se ao meio pela cintura. Não conseguiu soltar qualquer protesto no momento em que o homem se enfiou no quarto e fechou a porta sem um único barulho. Como não foi capaz de resistir quando o homem o obrigou a deitar-se na cama e se escarranchou em cima das suas ancas. A faca que saiu do interior do casaco de esquiar era do tipo das que eram manuseadas por soldados de elite. Penetrou no abdômen de Lubin, logo abaixo das costelas, e foi-se enfiando cada vez mais para cima, até o coração. À medida que a cavidade do peito se enchia de sangue, Lubin foi forçado a sofrer a humilhação adicional de assistir à própria morte no reflexo das lentes espelhadas dos óculos do seu assassino. Este soltou a mão da faca e, com a arma ainda enfiada no peito de Lubin, levantou-se da cama pegando no arquivo com toda a calma. Aleksandr Lubin sentiu o coração bater uma última vez, ao mesmo tempo que o seu assassino se escapulia do quarto em silêncio. O aquecimento, estava ele a pensar. O maldito aquecimento...

Passava pouco das sete da tarde quando Philippe foi buscar finalmente as malas de Monsieur Lubin à arrecadação e as colocou no elevador. Ao chegar ao Quarto 237, deparou-se com o sinal de NÃO PERTURBAR pendurado no trinco. De acordo com as convenções do Plano B, bateu três vezes à porta com uma força ribombante. Não recebendo resposta, tirou a chave-mestra do bolso e entrou, apenas o suficiente para ver logo o par de mocassins russos, de tamanho quarenta e cinco e meio, a sair uns centímetros para fora da cama. Deixou a bagagem no hall de entrada e regressou ao hall, onde fez um relatório do que tinha encontrado a Ricardo.

— Apagado de tão bêbado.

O espanhol olhou de relance para o relógio.

— É cedo, mesmo para um russo. E agora?

— Vamos deixá-lo dormir e curar a bebedeira. De manhã, quando ele já estiver bom e de ressaca, vamos dar início à Fase Dois. O espanhol sorriu. Nenhum hóspede tinha conseguido ainda sobreviver à Fase Dois. A Fase Dois era sempre fatal.

CAPÍTULO 2

ÚMBRIA, ITÁLIA

A Villa dei Fiori, uma propriedade com uma imensidão de hectares, nas colinas suaves entre os rios Tibre e Nera, pertencia à família Gasparri desde os tempos em que a região da Úmbria ainda era governada pelos papas. Havia um negócio de gado grande e lucrativo e um centro equestre de onde saíam alguns dos melhores saltadores de toda a Itália. Havia porcos que ninguém comia e um rebanho de cabras com propósitos exclusivos de entretenimento. Havia campos de feno cor de caqui, encostas a transbordar de girassóis, plantações de oliveiras que produziam algum do melhor azeite da Úmbria e uma pequena vinha que contribuía, todos os anos, com várias centenas de quilos de uvas para a cooperativa local. Na parte mais alta da propriedade, ficava uma grande extensão de terreno bravio, onde não era seguro andar por causa dos javalis. Espalhados à volta da propriedade, encontravam-se altares à Madonna e, numa interseção de três estradas poeirentas de cascalho, erguia-se um imponente crucifixo talhado em madeira. Por todo o lado, havia cães: um quarteto de sabujos que deambulava pelos pastos, devorando raposas e coelhos, e um par de terriers neuróticos que patrulhava o perímetro dos estábulos com o fervor dos guerreiros santos. A villa propriamente dita ficava na ponta mais a sul da propriedade e para lá chegar tinha de se percorrer um longo

caminho de cascalho bordejado de ambos os lados por enormes pinheiros mansos. No século XI, fora um mosteiro. Ainda havia uma pequena capela e, no pátio interior com muros altos, os vestígios de um forno onde os irmãos coziavam o seu pão todos os dias. As portas que davam para o pátio eram feitas de madeira resistente e ferro e pareciam ter sido construídas para resistir aos assaltos de pagãos. Rente ao chão, junto à casa, havia uma piscina grande e, ao lado da piscina, um jardim com uma latada, onde o alecrim e a alfavaca cresciam em paredes de pedra etrusca.

O conde Gasparri, um nobre italiano decadente e com ligações íntimas ao Vaticano, não arrendava a villa; nem costumava ter como hábito emprestá-la a amigos e familiares, e foi por isso que os seus empregados se mostraram surpresos com a notícia de que iriam receber um convidado para uma longa estadia. Chama-se Alessio Vianelli disse o conde a Margherita, a governanta, ao telefone, a partir do seu escritório em Roma. Está a trabalhar num projeto especial para o Santo Padre. Não o podem incomodar. Não podem falar com ele. Mas, mais importante ainda, não podem dizer a ninguém que ele está aí. No que os diz respeito, esse homem é uma pessoa invisível. Ele não existe. E onde é que devo instalar essa pessoa invisível? perguntou Margherita.

— Na suíte principal, com vista para a piscina. E tirem tudo da sala de visitas, incluindo os quadros e as tapeçarias. Ele quer utilizá-la como local de trabalho.

— Tudo?

— Tudo.

— E a Anna vai cozinhar para ele?

— Ofereci os serviços dela, mas ainda não tive nenhuma resposta.

— E ele vai receber algum convidado?

— Não está fora de questão.

— E a que hora devemos esperá-lo?

— Ele se recusa a dizer. É bastante vago, o nosso Signore Vianelli. O que acabou por acontecer foi que ele chegou em plena madrugada já depois das três da manhã, segundo Margherita, que estava no seu quarto em cima da capela nessa hora, tendo acordado com o barulho do carro. Conseguiu vislumbrá-lo por breves instantes, enquanto ele se escapulia pelo pátio, à luz do luar, um homem de cabelo escuro, extremamente magro, com um saco a tiracolo numa mão e uma lanterna Maglite na outra. Serviu-se da lanterna para ler o bilhete que ela lhe tinha deixado à entrada da villa e, a seguir, esgueirou-se para dentro dela com o ar de um ladrão a entrar furtivamente na sua própria casa. Passado um momento, acendeu-se uma luz no quarto principal e ela pôde vê-lo a deslocar-se de um lado para o outro sem parar, como se procurasse um objeto perdido. Apareceu à janela por breves instantes e, durante vários segundos tensos, ficaram a olhar fixamente um para o outro de cada lado do pátio. Ele acenou-lhe uma única vez com a cabeça, como um soldado, e fechou as persianas com uma pancada enfática. Cumprimentaram-se formalmente na manhã seguinte, ao pequeno-almoço. Após uma troca de amabilidades educadas, mas frias, ele disse que tinha vindo para a Villa dei Fiori com o objetivo de trabalhar. Mal esse trabalho se iniciasse, explicou, o barulho e as interrupções deviam ser reduzidos ao mínimo, embora se tivesse escusado a dizer com precisão que tipo de trabalho iria fazer ou como saberiam eles se já teria ou não começado. A seguir, proibiu Margherita de entrar nos seus aposentos, fosse qual fosse o motivo, e informou uma destroçada Anna que seria ele próprio a preparar as suas refeições. Ao relatar os pormenores desse encontro ao resto do pessoal, Margherita descreveu o comportamento dele como distante. Anna, que o detestou de imediato, foi bem menos caridosa no retrato que fez dele.

— Insuportavelmente grosseiro — disse ela. Quanto mais cedo se for embora, melhor.

A vida dele adquiriu rapidamente uma rotina rigorosa. A seguir a um pequeno-almoço espartano de um café expresso e uma torrada seca, saía para uma longa marcha forçada à volta da propriedade. De início, zangava-se com os cães quando eles se punham a segui-lo, mas pareceu acabar por se resignar à companhia deles. Atravessava as plantações de oliveira e girassóis e até se aventurava pelo terreno bravio. Quando Carlos lhe implorou que levasse uma caçadeira por causa dos javalis, assegurou-lhe com toda a calma que sabia cuidar de si mesmo.

Depois da caminhada, passava alguns momentos a cuidar do quarto e da roupa, para a seguir preparar um almoço leve normalmente, um bocado de pão com queijo da terra ou pasta com molho de tomate enlatado, se se sentisse especialmente aventureiro. Depois de umas braçadas vigorosas na piscina, instalava-se no jardim com uma garrafa de vinho Orvieto e uma pilha de livros sobre pintores italianos. O carro, um Volkswagen Passat amassado, ganhou uma espessa camada de pó, já que nem por uma única vez Vianelli pôs o pé fora da propriedade. Anna ia ao mercado por ele, enchendo com rancor o saco das compras com o ar de um virtuoso forçado a tocar uma simples melodia de criança. Uma vez, tentou fazer passar pelas defesas dele, sem serem notadas, algumas delícias locais, mas, na manhã seguinte, quando veio trabalhar, tinha a comida à espera dela no balcão da cozinha, juntamente com um bilhete a explicar-lhe que tinha deixado por engano aquelas coisas no frigorífico dele. A letra era elegante.

À medida que os dias passavam morosamente, o indivíduo invisível chamado Alessio Vianelli e a natureza do seu misterioso trabalho em nome do Santo Padre transformaram-se numa espécie de obsessão para o pessoal da Vila dei Fiori. Margherita, ela própria uma alma temperamental, pensava que ele era um missionário regressado recentemente de alguma região hostil do mundo. Anna suspeitava que ele fosse um padre caído em desgraça, que tinha sido

enviado para um exílio na Úmbria, mas a verdade é que Anna estava predisposta a ver o pior nele. Isabella, a etérea meio sueca que supervisionava a parte equestre dos negócios, achava que ele era um teólogo solitário a trabalhar num importante documento da Igreja. Segundo Carlos, o vaqueiro argentino que tratava do gado, era um agente dos serviços secretos do Vaticano. Para sustentar essa teoria, referiu a qualidade do italiano do Signore Vianelli, o qual, embora fluente, apresentava um ligeiro sotaque que deixava perceber vários anos passados em terras estrangeiras. E depois havia os olhos, de um tom verde-esmeralda inquietante.

— Olhem bem para eles, se se atreverem disse Carlos. Ele tem os olhos de um homem que conhece a morte. Durante a segunda semana, deu-se uma série de acontecimentos que adensou ainda mais o mistério. O primeiro foi a chegada de uma jovem alta, com cabelo castanho-avermelhado desgrenhado e olhos cor de caramelo. Chamava-se Francesca, falava italiano com um sotaque veneziano pronunciado e demonstrou ser uma muito necessária lufada de ar fresco. Montava a cavalo E bastante bem, na verdade, informou Isabella aos outros e organizava jogos complicados que envolviam as cabras e os cães. Permitia a Margherita limpar os aposentos do Signore Vianelli em segredo e até encorajava Anna a cozinhar. Se eram ou não marido e mulher não era claro. No entanto, Margherita tinha a certeza de duas coisas: o Signore Vianelli e Francesca partilhavam a mesma cama e a disposição dele tinha melhorado substancialmente desde que ela chegara. E a seguir vieram os caminhões de distribuição. O primeiro entregou uma mesa branca do gênero das que se encontram nos laboratórios profissionais; o segundo, um grande microscópio com um braço retrátil. Depois chegaram dois postes que, quando foram ligados, fizeram a vila inteira brilhar com uma luz branca intensa. Seguiu-se uma caixa de produtos químicos que, quando foi aberta, quase fez Margherita desmaiar com o fedor. Outras encomendas foram chegando, em

rápida sucessão: dois cavaletes grandes de carvalho envernizado, vindos de Veneza, uma lupa de aspeto estranho, pacotes de algodão, ferramentas para trabalhos de carpintaria, pregos de madeira, pincéis, cola de qualidade profissional e vários recipientes com pigmentos.

Por fim, três semanas após a chegada do Signore Vianelli à Úmbria, uma van verde-escura subiu lentamente o caminho bordejado de árvores, seguida por um Lancia de aspeto oficial. Os dois veículos não tinham sinais distintivos, mas as matrículas bem evidentes da cidade-estado do Vaticano deixavam perceber ligações à Santa Sé. Da parte de trás da van saiu uma pintura tenebrosa e enorme que mostrava um homem a ser estripado. Passado pouco tempo, estava apoiada em cima de dois grandes cavaletes na sala de visitas do conde Gasparri.

Isabella, que estudara História da Arte antes de dedicar a vida aos cavalos, reconheceu imediatamente o quadro como sendo O Martírio de Santo Erasmo, do pintor francês Nicolas Poussin. Executado no estilo de Caravaggio, tinha sido encomendado pelo Vaticano em 1628 e agora residia na Pinacoteca, nos Museus do Vaticano. Nessa tarde, durante o jantar do pessoal, ela anunciou que o mistério estava resolvido. O Signore Alessio Vianelli era um restaurador de arte famoso. E tinha sido contratado pelo Vaticano para salvar um quadro. Os dias dele ganharam um ritmo distintamente monástico. Trabalhava arduamente de madrugada até o meio-dia, dormia durante as horas de calor da tarde e a seguir retomava o trabalho ao anoitecer e até o jantar. Ao longo da primeira semana, o quadro não saiu da mesa de trabalho, onde ele lhe examinou a superfície ao microscópio, tirou uma série de fotos pormenorizadas e reforçou as estruturas, tanto da tela como da armação. Depois, passou a tela para cima dos cavaletes e começou a retirar a sujidade da superfície e o verniz amarelado. Era uma tarefa extremamente entediante. Primeiro, fazia uma mecha, utilizando um

pouco de algodão e uma cavilha de madeira; a seguir, molhava a mecha num solvente e rodopiava-a sobre a superfície do quadro suavemente, explicou Isabella aos outros, de modo a não fazer com que a tinta escamasse ainda mais. Cada mecha servia para limpar cerca de dois centímetros e meio quadrados do quadro. Quando ficavam demasiado sujas para se poderem continuar a usar, deitavam-as para o chão, junto aos pés, e começava todo o processo, que Margherita comparou à limpeza da villa inteira com uma escova de dentes.

— Não admira que ele seja tão esquisito afirmou ela. O trabalho põe-no maluco.

Quando acabou de retirar o verniz antigo, cobriu a tela com uma camada de verniz isolante e começou a fase final do restauro, retocando as partes do quadro que tinha saltado com a falta de tempo e o estresse. A imitação que fazia da técnica de Poussin era tão perfeita que era impossível perceber onde terminava o trabalho do pintor e começava o dele. Até lhe juntou faux craquelure, a fina camada de acabamento utilizada para tapar as falhas na superfície dos quadros, para que o novo se fundisse sem mácula no antigo. Isabella conhecia suficientemente bem a comunidade artística italiana para perceber que o Signore Vianelli não era um restaurador qualquer. Era especial, pensou ela. Não admirava que os homens do Vaticano lhe tivessem confiado a sua obra-prima.

Mas por que razão estaria ele a trabalhar ali, numa propriedade isolada nas colinas da Úmbria e não nos sofisticados laboratórios de conservação do Vaticano? Ela estava a meditar nessa questão, numa tarde luminosa de início de Junho, quando viu o carro do restaurador a descer a grande velocidade pelo caminho bordejado de árvores. Ele fez-lhe um aceno seco e militar, ao passar a todo o gás pelos estábulos, e a seguir desapareceu, deixando atrás de si uma nuvem de poeira cinzenta. Isabella passou o resto da tarde a debater-se com uma nova questão. Por que razão, após ter

permanecido prisioneiro da villa durante cinco semanas, estaria ele de repente a deixá-la pela primeira vez? Embora ela nunca o fosse saber, o restaurador tinha sido convocado por outros patrões. Quanto ao Poussin, ele nunca mais lhe voltaria a tocar.

CAPÍTULO 3

ASSIS, ITÁLIA

Poucas cidades italianas lidam com a aglomeração dos turistas de Verão com maior graciosidade do que Assis. Os grupos de peregrinos chegam a meio da manhã e vão deambulando educadamente pelas ruas até o anoitecer, hora em que são mais uma vez reunidos em rebanho, dentro de ônibus com ar-condicionado, e levados rapidamente de volta aos seus hotéis com desconto, em Roma. Encostado às muralhas ocidentais da cidade, o restaurador ficou a ver um grupo de alemães sobrealimentados, que se tinham deixado ficar para trás, a atravessar pesadamente e com cansaço a arcada de pedra da Porta Nuova. A seguir, dirigiu-se a um quiosque de jornais e comprou a edição da véspera do International Herald Tribune.

A compra, como a visita a Assis, era de natureza profissional.

O Herald Tribune significava que não havia ninguém no seu encalço. Se tivesse comprado o La Repubblica, ou qualquer outro jornal de língua italiana, isso significaria que tinha sido seguido por agentes dos serviços de segurança italianos e o encontro teria sido cancelado. Enfiou o jornal debaixo do braço, com o título da primeira página virado para a frente, e atravessou a pé o Corso Mazzini até a Piazza del Commune. Uma moça estava sentada na borda de uma fonte, com jeans azuis desbotadas e um top transparente de algodão.

Puxou os óculos de sol para a testa e espreitou para a entrada da Via Portica, do outro lado da praça. O restaurador largou o jornal num caixote de lixo e começou a descer a rua estreita.

O restaurante onde lhe tinha sido ordenado que fosse ter ficava a cerca de cem metros da Basilica di San Francesco. Disse à empregada que se vinha encontrar com um homem chamado Monsieur Laffont e levaram-no imediatamente para um terraço estreito, com uma vista arrebatadora do vale do rio Tibre. No final do terraço, havia um pequeno pátio, ao qual se chegava através de um lanço de escadas de pedra com degraus estreitos, com uma única mesa. Vasos de gerânios percorriam a borda da balaustrada e, por cima, estendia-se uma latada com trepadeiras em flor. Sentado em frente a uma garrafa aberta de vinho branco, estava um homem de cabelo ruivo-alourado cortado curto e ombros largos de lutador. Laffont era apenas um nome de trabalho. O verdadeiro nome dele era Uzi Navot e ocupava um cargo superior no serviço secreto do Estado de Israel. E era também uma das poucas pessoas do mundo que sabia que o restaurador de arte italiano conhecido como Alessio Vianelli era na verdade um israelense do Vale de Jezreel chamado Gabriel Allon.

— Bela mesa disse Gabriel, ao sentar-se.

— É um dos benefícios marginais desta vida. Conhecemos todas as melhores mesas de todos os melhores restaurantes da Europa.

Gabriel serviu-se de um copo de vinho e acenou com a cabeça devagar. Eles conheciam realmente todos os melhores restaurantes, mas também conheciam todas as monótonas salas de espera dos aeroportos, todas as malcheirosas plataformas das estações de comboio e todos os hotéis de trânsito comidos pelas traças. A vida supostamente glamorosa de um agente secreto israelense consistia na verdade em viagens quase constantes e num tédio absoluto interrompido por breves interlúdios de puro terror. Gabriel Allon

aguentara mais desses interlúdios do que a maioria dos agentes. E, por associação, também Uzi Navot.

— Costumava trazer aqui uma das minhas fontes disse Navot. -Um sírio que trabalhava para a empresa farmacêutica dirigida pelo Estado. O trabalho dele era assegurar a entrega de fornecimentos de produtos químicos e equipamento por parte dos fabricantes europeus. Mas isso era só uma fachada, claro. O que ele fazia realmente era trabalhar para o programa de armas químicas e biológicas da Síria. Nós nos encontramos aqui duas vezes. Dava-lhe uma mala cheia de dinheiro e três garrafas deste delicioso sauvignon blanc da Úmbria e ele contava-me os segredos mais tenebrosos do regime. No Escritório, costumavam queixar-se amargamente do montante das contas.

Navot sorriu e abanou a cabeça lentamente.

— Aqueles idiotas do departamento financeiro entregam uma pasta com cem mil dólares sem pensar duas vezes, mas se eu ultrapasso o meu teto para alimentação nem que seja por um shekel, os céus se abrem. É assim a vida de um contador no Boulevard King Saul.

Boulevard King Saul era o endereço de longa data dos serviços secretos israelenses. A agência tinha um nome comprido que pouco tinha a ver com a verdadeira natureza do seu trabalho. Homens como Gabriel e Uzi Navot referiam-se a ela apenas como o Escritório e nada mais.

— Ele continua na folha de pagamentos?

— O sírio?

Navot, assumindo o papel de Monsieur Laffont, franziu os lábios como um parisiense.

— Infelizmente, teve como que um azar há uns quantos anos.

— O que aconteceu? perguntou Gabriel cautelosamente.

Sabia que quando as pessoas com ligações ao Escritório tinham azares, normalmente eram fatais.

— Uma equipe de agentes de contraespionagem sírios fotografou-o a entrar num banco em Genebra. Foi preso no aeroporto de Damasco no dia seguinte e levado para a Agência Palestiniana. A Agência Palestiniana era o nome do principal centro de interrogação da Síria.

— Torturaram-no impiedosamente durante um mês. Quando já lhe tinham arrancado tudo o que podiam, enfiaram-lhe uma bala na cabeça e atiraram o corpo para dentro de uma sepultura não identificada.

Gabriel olhou para baixo, na direção das outras mesas. A moça da piazza estava naquele momento sentada sozinha junto à entrada. Tinha o cardápio aberta, mas os olhos dela estavam a examinar os outros clientes lentamente. Tinha uma bolsa enorme pousada aos seus pés, com o fecho aberto. Dentro da mala, Gabriel sabia-o, estava uma arma carregada.

— Quem é a *bat leveyha*?

— Tamara — respondeu Navot. — É nova.

— E também é muito bonita.

— Sim — respondeu Navot, como se nunca tivesse reparado nisso antes.

— Podia ter escolhido alguém que tivesse mais de trinta anos.

— Ela era a única moça disponível tão em cima da hora.

— Vê lá se se porta bem, Monsieur Laffont.

— Os meus dias de casos tórridos com as agentes que me escoltam estão oficialmente terminados.

Navot tirou os óculos e colocou-os em cima da mesa. Eram bem vistosos, muito na moda, e, de longe, demasiado pequenos para a cara grande dele.

— A Bella decidiu que está na hora de casarmos finalmente.

— Então isso explica os óculos novos. Agora és o chefe das Operações Especiais, Uzi. Devias mesmo ser capaz de escolher os teus próprios óculos.

As Operações Especiais, nas palavras do celebrado mestre espião israelense Ari Shamron, eram o lado negro de uns serviços negros. Eram os que faziam os trabalhos que mais ninguém queria ou se atrevia a fazer. Eram algozes e raptos, colocadores de escutas e chantagistas; homens de intelecto e engenho, com uma propensão para o crime mais vasta do que a dos próprios criminosos; políglotas e camaleões que se sentiam em casa nos melhores hotéis e salões da Europa ou nas piores ruelas de Beirute e Bagdá.

— Pensei que a Bella tinha ficado farta de você — disse Gabriel. — Pensei que vocês dois estivessem nas últimas.

— Seu casamento com Chiara conseguiu reacender em nós a crença no amor. Neste momento, estamos em negociações tensas sobre hora e lugar.

Navot franziu o sobrolho.

— Tenho certeza de que vai ser mais fácil chegar a um acordo com os palestinos sobre a situação final de Jerusalém do que vai ser, para mim e para Bella, chegar a um entendimento em relação aos nossos planos de casamento.

Gabriel levantou o copo de vinho alguns centímetros acima da toalha de mesa branca e murmurou: — Tov, Uzi.

— Isso para você é fácil de dizer — respondeu Navot melancolicamente. — É que você precisa ver, Gabriel, que você pôs a meta bem alta para os outros. Imagine, um casamento surpresa, perfeitamente planejado e executado, o vestido, a comida, até a distribuição dos lugares, exatamente o que Chiara queria. E agora passa a lua de mel numa villa isolada na Úmbria, restaurando um quadro para o Papa. Como se pode esperar que um mero mortal como eu esteja à altura disso?

— Tive ajuda — respondeu Gabriel com um sorriso. — O pessoal de Operações fez mesmo um ótimo trabalho com os preparativos, não fez?

— Se nossos inimigos um dia descobrirem que Operações Especiais preparou um casamento, nossa assombrosa reputação ficará arruinada.

Um garçom subiu os degraus e começou a dirigir-se para a mesa. Navot o fez parar com um pequeno movimento da mão e pôs mais vinho no copo de Gabriel.

— O Velho manda saudades.

— Tenho certeza que sim — respondeu Gabriel, meio distraído. — Como ele está?

— Está começando a resmungar.

— Com o que ele está preocupado agora?

— Com as medidas de segurança que rodeiam você na villa. Acha que não são nada satisfatórias.

— Há precisamente cinco pessoas que sabem que eu estou aqui no país: o primeiro-ministro italiano, os chefes do serviço secreto e de segurança italianos, o Papa e o seu secretário particular.

— Ele continua a achar que a segurança não é adequada.

Navot hesitou. — E receio que, tendo em vista os desenvolvimentos recentes, eu seja obrigado a concordar.

— Quais desenvolvimentos recentes?

Navot pousou os braços grandes em cima da mesa e inclinou-se uns quantos centímetros para a frente.

— Ouvimos rumores das nossas fontes no Egito. Parece que o xeque Tayyib está bem zangado por você ter estragado o plano bem montado que ele tinha para derrubar o governo Mubarak. Deu ordens a todos os agentes da Espada de Alá na Europa e no Oriente Médio para sair a sua procura imediatamente. Na semana passada, uma agente da Espada atravessou a fronteira de Gaza e pediu ao Hamas que se juntasse à busca. Presumo que os nossos amigos do Hamas tenham concordado em ajudar. Sem hesitação.

As palavras seguintes de Navot foram ditas não em francês, mas num hebreu discreto: — Como pode imaginar, o Velho anda

ouvindo esses relatórios sobre as ameaças que vão aumentando contra sua vida e está fixado numa única ideia: por que Gabriel Allon, o anjo vingador de Israel e seu funcionário secreto mais capaz, está sentado numa propriedade nas colinas da Úmbria restaurando um quadro para Sua Santidade o Papa Paulo VII?

Gabriel observou a vista. O sol afundava em direção às colinas longínquas a oeste e as primeiras luzes se acendiam na superfície do vale. Surgiu-lhe na cabeça uma imagem: um homem com uma arma na mão disparando no rosto de um terrorista caído, embaixo da Torre Norte da Abadia de Westminster. Apareceu numa tela a óleo, como se pintada pela mão de Caravaggio.

— O anjo está na lua de mel dele — disse por fim, ainda com o olhar fixo no vale. — E o anjo não está em condições de voltar a trabalhar.

— Nós não temos lua de mel, Gabriel, pelo menos verdadeiras. E em relação a sua condição física, Deus sabe o inferno que passou nas mãos da Espada de Alá. Ninguém levaria a mal se desta vez deixasse o Escritório para sempre.

— Ninguém a não ser Shamron, claro.

Navot pôs-se a alisar a toalha de mesa, mas não respondeu. Já se passara quase uma década desde a última vez que Ari Shamron saíra em serviço no papel de chefe e, no entanto, continuava a intrometer-se nos assuntos do Escritório como se fosse seu feudo pessoal. Por muitos anos fizera-o a partir da Rua Kaplan, em Jerusalém, onde servia como conselheiro principal do primeiro-ministro para questões de segurança e contraterrorismo. Atualmente, mais velho e ainda se recuperando de um ataque terrorista a seu carro oficial, puxava as alavancas de sua influência a partir de sua villa-fortaleza com vista para o mar da Galileia.

— Shamron quer me ver fechado numa jaula em Jerusalém — disse Gabriel. — Acha que se conseguir tornar a minha vida bem

desgraçada, não vou ter saída a não ser assumir o controle do Escritório.

— Há piores destinos na vida, Gabriel. Há uma centena de homens que daria o braço direito para estar em sua posição.

Navot calou-se de repente e depois acrescentou: — Incluindo eu.

— Jogue as cartas que tem na mão com cuidado, Uzi, e um dia o cargo será seu.

— Foi assim que eu consegui a chefia das Operações Especiais, porque você o recusou. Passei minha carreira sob sua sombra, Gabriel. Não é fácil. Pareço prêmio de consolação.

— Não se promovem os prêmios de consolação, Uzi. Se eles não achassem que merecia o cargo, tinham deixado você no posto europeu e arranjado outra pessoa qualquer.

Navot pareceu ficar com grande vontade de mudar de assunto. — Vamos comer qualquer coisa — sugeriu. — Senão o garçom pensará que nós somos uma dupla de espiões discutindo assuntos de trabalho.

— E é só isso, Uzi? Com certeza não fez essa viagem toda só para me dizer que havia pessoas que me querem me ver morto.

— Por acaso, estávamos pensando se não nos faria um favor.

— Que tipo de favor?

Navot abriu o menu e franziu o sobrolho.

— Meu Deus, olha só para esta massa toda!

— Não gosta de massa, Uzi?

— Adoro massa, mas Bella diz que engorda.

Massageou o nariz e pôs os óculos novos.

— Quanto você tem que perder antes do casamento, Uzi?

— Treze quilos e meio — anunciou Navot em tom solene. — Treze quilos e meio.

CAPÍTULO 4

ASSIS, ITÁLIA

Saíram do restaurante já de noite e juntaram-se a uma procissão de frades capuchinhos, em batinas castanhas, a desfilar lentamente pela rua estreita em direção à Basilica di San Francesco. Um vento fresco soprava ao longo do vasto pátio de entrada. Uzi Navot abaixou-se para se sentar num banco de pedra e falou de morte.

— O nome dele era Aleksandr Lubin. Trabalhava para uma revista chamada Moskovskaya Gazeta. Foi morto num quarto de hotel em Courchevel, poucos dias depois do Natal. Na época, o resto do mundo não prestou muita atenção. Como deve lembrar, os holofotes estavam todos concentrados em Londres, onde a filha do embaixador americano tinha acabado de ser resgatada das garras da Espada de Alá.

Gabriel sentou-se ao lado de Navot e ficou a ver dois rapazes a jogar futebol junto aos degraus da basílica.

— A Gazeta afirmou que Lubin tinha ido em férias para Courchevel, mas a Polícia francesa chegou a outra conclusão. Disseram que ele estava lá a trabalho. Infelizmente, não havia nada no quarto dele que indicasse ao certo o que pudesse ser esse trabalho.

— Como ele morreu?

— Com uma facada no peito.

— Isso não é muito fácil de fazer.

— E melhor ainda, o assassino conseguiu fazer isso sem que ninguém ouvisse nada. Um hotel pequeno com fraca segurança. Ninguém se lembrava sequer de o ter visto.

— Um profissional?

— É o que parece.

— Os jornalistas russos morrem como tordos nesses últimos tempos, Uzi.

— O que isso tem a ver conosco?

— Há três dias, nossa embaixada em Roma recebeu um telefonema. Era de um homem que afirmava ser Boris Ostrovsky, diretor editorial da Gazeta. Disse que tinha uma mensagem importante para transmitir, relacionada a uma ameaça séria à segurança do Ocidente e ao Estado de Israel. Disse que queria encontrar alguém do Mossad para explicar a natureza dessa ameaça.

— E qual é?

— Não sabemos. Ostrovsky quer um agente específico do Mossad, um homem cuja fotografia sempre aparece no jornal salvando a vida de pessoas importantes.

O flash de uma máquina fotográfica iluminou o pátio como se fosse um relâmpago. Navot e Gabriel puseram-se de pé juntos e foram para a basílica. Cinco minutos mais tarde, depois de descerem longa escadaria, estavam sentados na escuridão da Cripta, em frente ao Túmulo de São Francisco. Navot falou sussurrando: — Tentamos explicar a Ostrovsky que, no momento, você não estava disponível para um encontro, mas receio que ele não seja o tipo de pessoa que aceite um não como resposta.

Olhou para o túmulo. — Os ossos do velhote estão mesmo ali dentro?

Gabriel abanou a cabeça.

— A Igreja faz da localização exata dos restos mortais um segredo bem guardado por causa dos caçadores de relíquias.

Navot matutou em silêncio nessa informação durante um momento e depois prosseguiu com o relatório.

— No Boulevard King Saul já decidiram que Boris Ostrovsky é confiável. E querem ouvir o que ele tem a dizer.

— E querem que eu fale com ele?

Navot acenou uma única vez com a sua grande cabeça.

— Deixe outra pessoa qualquer fazer isso, Uzi. Estou em lua de mel, lembra? Além do mais, isso vai contra todas as normas do nosso ofício. Nós não dizemos sim às exigências de pessoas que aparecem do nada. Nós encontramos quem queremos e em circunstâncias de nossa escolha.

— O assassino dando sermão ao responsável pelos agentes sobre as normas do ofício?

Saída da escuridão, uma freira de hábito materializou-se e apontou para um letreiro que pedia silêncio na área em volta do túmulo. Gabriel pediu desculpas e levou Navot até a nave, onde um grupo de americanos ouvia o sermão de um padre com sotaina. Ninguém pareceu reparar nos dois espiões israelenses falando suavemente em frente a uma bancada de velas.

— Eu sei que viola nossas regras — retomou Navot —, mas queremos ouvir o que Ostrovsky tem a dizer. Além disso, não vamos abdicar do controle das circunstâncias do encontro. Você continua a decidir como e onde vê-lo.

— Onde ele está hospedado?

— Num quarto do Excelsior. Vai ficar lá até depois de amanhã e volta para a Rússia. Já deixou bem claro que não quer que o contatemos em Moscou.

Navot tirou uma foto do bolso e passou-a a Gabriel. Mostrava um homem muito gordo, quase careca, nos seus cinquenta e poucos anos e um rosto corado.

— Passamos instruções para uma caminhada amanhã à tarde que nos permita saber se ele está sob vigilância. Ficou de sair do hotel à uma e meia em ponto e passar por quatro locais: a Escadaria Espanhola, a Fonte de Trevi, o Panteão e a Piazza Navona. Quando chegar a Navona, combinamos que ele daria a volta na praça uma vez e depois se sentaria a uma mesa do restaurante Tre Scalini.

- E o que acontece quando ele chegar ao Tre Scalini?
- Se ele estiver sendo vigiado, vamos embora.
- E se ele tiver o caminho livre?
- Dizemos aonde é que tem de ir a seguir.
- E onde é isso? Um apartamento seguro?

Navot abanou a cabeça.

— Não o quero perto de nenhum dos nossos redutos. Prefiro fazê-lo num lugar público, num local em que pareça que são apenas dois forasteiros a conversar. — Hesitou e depois acrescentou: — Num lugar para onde um homem armado não os possa seguir.

- Já ouviu falar das Regras de Moscou*, Uzi?

**Conjunto de regras supostamente criado pela CIA na Guerra Fria para espões operando em Moscou. (N. do T.)*

- Vivo de acordo com elas.

— Então talvez se lembre da regra número três: parta do princípio de que todos estejam potencialmente sob o controle da oposição. É bem possível que estejamos tendo esse trabalho todo para ver um homem que vai nos enfiar um monte de trapassas russas.

Gabriel olhou para a fotografia.

— Temos certeza de que este homem é mesmo Boris Ostrovsky?

- A base de Moscou diz que é ele.

Gabriel voltou a guardar a foto no envelope e olhou em redor da Cripta.

— Para poder voltar a entrar no país, tive de fazer uma promessa solene ao Vaticano e aos serviços de segurança italianos de que não faria nenhum tipo de operação em solo italiano.

— E quem disse que você vai fazer alguma operação? Só vai ter uma conversa.

— Com um editor de revista russo que acabou de ficar sem um dos seus jornalistas em Courchevel graças a um assassino

profissional.

Gabriel abanou a cabeça lentamente.

— Quanto a você não sei, Uzi, mas eu não acho que seja propriamente bom carma mentir a um papa.

— Shamron é que é o nosso papa e o Shamron quer isso feito.

Gabriel levou Navot para fora da basílica e caminharam juntos pelas ruas escuras, com a bat leveyha a seguir atrás deles discretamente. Ele não gostava, mas tinha de admitir que estava curioso para saber a natureza da mensagem que o russo queria entregar. E a missão podia ter mais um benefício extra. Podia ser usada como trunfo para que Shamron o deixasse em paz de uma vez por todas. Enquanto atravessavam a Piazza del Commune, Gabriel enumerou as suas exigências.

— Eu ouço o que ele tem para dizer, preencho um relatório e acabou-se.

— E é só isso.

— Eu volto para a minha quinta na Úmbria e termino a minha pintura. E não há mais queixas do Shamron. Não há mais avisos em relação à minha segurança.

Navot hesitou e, a seguir, acenou com a cabeça.

— Diga isso, Uzi. Diga perante Deus, aqui na cidade sagrada de Assis.

— Pode voltar para a Úmbria e restaurar as pinturas todas que quiser. E não haverá mais queixas do Shamron. Nem avisos meus nem de mais ninguém em relação à legião de terroristas que quer ver você morto.

— E o Ostrovsky já está sob vigilância dos nossos agentes da base de Roma?

— Nós o pusemos sob vigilância uma hora depois do contato inicial.

— Diga para se afastarem. Ou corremos o risco de denunciar sem querer nosso interesse à segurança italiana e quem mais possa

estar a vigiá-lo.

— Feito.

— Preciso de um vigia em quem confiar.

— Alguém como o Eli?

— Sim, alguém como o Eli. Onde ele anda?

— Numa escavação arqueológica perto do mar Morto.

— Ponha-o no primeiro avião que sair do Ben-Gurion. Diga para se encontrar comigo no Piperno*. Diga para ter uma garrafa de Frascati e um prato de filetti di baccalà à minha espera.

**Restaurante típico mais antigo do bairro judeu de Roma, aberto desde 1860. (N. do T.)*

— Adoro bacalhau frito — soltou Navot.

— O Piperno faz o melhor de Roma. Por que não vem almoçar conosco?

— Bella diz que eu tenho que evitar fritura. — Navot afagou a sua ampla barriga. — Ela diz que engorda muito.

CAPÍTULO 5

VILLA DEI FIORI, ÚMBRIA

Restaurar uma pintura de um Velho Mestre, dissera sempre Gabriel, significava rendermo-nos de corpo e alma ao quadro e ao artista que o tinha criado. O quadro era sempre a primeira coisa em que pensava quando acordava e a última que via antes de ir dormir. Até mesmo nos seus sonhos, não lhe conseguia escapar; nem tampouco podia alguma vez passar por um restauro em progresso sem parar para examinar o seu trabalho.

Agora, tinha acabado de desligar os abajures e subia os degraus de pedra para o segundo andar. Chiara estava deitada, apoiada no cotovelo, folheando distraidamente uma revista grossa de moda. Tinha a pele bronzeada do sol da Úmbria e o cabelo castanho-avermelhado mexia-se ligeiramente com a brisa que entrava pela janela aberta. Uma canção pop italiana horrível saía do rádio na cabeceira; duas celebridades italianas estavam embrenhadas numa conversa profunda mas silenciosa na televisão sem som. Gabriel apontou o controle para a tela e desligou.

— Eu estava vendo isso — disse ela sem olhar para ele.

— Ah, é? E era sobre o quê?

— Qualquer coisa a ver com um homem e uma mulher. — Lambeu o dedo indicador e virou a página da revista com todo o cuidado. — E os rapazes, se divertiram?

— Onde está sua pistola?

Ela levantou o canto da colcha da cama e a coronha em madeira de nogueira da Beretta de 9 milímetros brilhou com a luz do abajur que usava para ler. Gabriel teria preferido que a arma

estivesse mais acessível, mas resistiu ao impulso de ralhar com ela. Apesar de nunca ter manejado uma pistola antes de ser recrutada, em termos de pontaria, Chiara ultrapassava-o por norma na carreira de tiro na cave da Boulevard King Saul um feito bastante notável, tendo em conta que era filha do rabi principal de Veneza e passara a juventude nas ruas tranquilas do velho gueto judaico da cidade. Oficialmente, ainda era uma cidadã italiana. A ligação dela ao Escritório era um segredo, como o seu casamento com Gabriel. Tapou novamente a Beretta e virou outra página.

— Como vai Uzi?
— Ele e a Bella vão se casar.
— E é sério ou só conversa fiada?
— Devia ver os óculos que ela arrumou pra ele usar.
— Quando um homem deixa que uma mulher escolha os óculos, é questão de tempo ficar embaixo de um chuppah* quebrando vidro.

**Toldo tradicional nos casamentos judaicos. (N. do T.)*

Olhou para cima e examinou-o com grande atenção. Devia ir ao médico ver seus olhos, Gabriel. Ontem à noite você estava piscando enquanto via televisão.

— Eu estava piscando porque meus olhos estão cansados de trabalhar o dia inteiro.

— Antes você não piscava assim. Sabe, Gabriel, você está numa idade em que a maior parte dos homens...

— Não preciso de óculos, Chiara. E, quando precisar, não vou deixar de te consultar antes de escolher as armações.

— Você fica com ar muito distinto quando usa óculos falsos como disfarce.

Fechou a revista e baixou o volume do rádio. — Então foi por isso que Uzi fez a viagem toda até a Itália? Para dizer que se ia casar?

— A Espada de Alá pôs minha cabeça a prêmio. Shamron está preocupado com nossa segurança.

— Isso parece uma coisa que podia ter sido resolvida com um telefonema, querido. Com certeza Uzi tinha algo mais a dizer...

— Ele quer que eu faça um trabalhinho em Roma.

— Sério? De que tipo?

— É uma informação só para os interessados, Chiara.

— Ótimo, Gabriel, porque eu preciso saber por que você está disposto a interromper nossa lua de mel e partir numa missão.

— Não é uma missão. Volto amanhã à noite.

— Qual é o trabalho, Gabriel? E não se esconda atrás de regras e regulamentos idiotas do Escritório. Sempre contamos tudo um ao outro.

Parou de falar por um momento.

— Não?

Gabriel sentou-se na borda da cama e contou sobre Boris Ostrovsky e seu pedido pouco ortodoxo para uma reunião.

— E concordou com isso?

Apanhou o cabelo num rolo e foi apalpando distraidamente a cama com a mão, à procura de um grampo.

— Sou a única pessoa que leva em conta a possibilidade de estar indo direto para uma armadilha?

— Pode ter passado pela minha cabeça.

— E por que não lhes disse simplesmente para enviarem um substituto? Com certeza Uzi consegue alguém das Forças Especiais que se pareça suficientemente com você para enganar um jornalista russo que nunca o viu em pessoa.

Confrontada com o silêncio de Gabriel, Chiara forneceu a sua própria resposta.

— Porque tem curiosidade de saber o que esse russo tem a dizer.

— E você não?

— Não o suficiente para interromper minha lua de mel.

Chiara desistiu de tentar encontrar o grampo e deixou que o cabelo caísse outra vez nos ombros.

— Uzi e Shamron vão sempre inventar qualquer coisa para continuar puxando você para o Escritório, Gabriel, mas você só tem uma lua de mel.

Gabriel foi até o armário e tirou uma pequena mala de fim-de-semana de couro da gaveta de cima. Chiara ficou a observá-lo em silêncio enquanto ele a ia enchendo com uma muda de roupa.

Percebeu que era inútil debater mais a questão.

— O Uzi tinha uma bat leveyha?

— Uma bastante bonita, por acaso.

— Nós somos todas bonitas, Gabriel. Vocês, os velhotes de meia-idade do Escritório, adoram ir para o terreno de braço dado com uma moça bonita.

— Especialmente quando ela tem uma pistola grande dentro da carteira.

— E quem era?

— Ele disse que ela se chamava Tamara.

— Ela é bonita, sim. E também gosta de arranjar encrencas.

É melhor que a Bella a tenha debaixo de olho.

Chiara observou Gabriel a fazer a mala.

— Vais mesmo voltar amanhã à noite?

— Se correr tudo conforme planejado.

— Quando é que foi a última vez que uma das tuas missões correu conforme planejado?

Ela pegou a Beretta e estendeu-lha.

— Precisas disto?

— Tenho uma no carro.

— E Quem vai estar a tomar conta de ti? Não aqueles idiotas da base de Roma.

— O Eli vai apanhar um avião para Roma amanhã de manhã.

— Deixa-me ir com você.

— Eu já perdi uma mulher às mãos dos meus inimigos. Não quero perder outra.

— Então o que devo fazer enquanto estiveres fora? Não deixes que ninguém roube o Poussin. Sua Santidade vai ficar bastante ofendida se ele desaparecer enquanto estiver na minha Posse.

Beijou-a e começou a dirigir-se para a porta.

— E, faças o que fizeres, não me tentes seguir. O Uzi montou um serviço de segurança no portão da frente. Sacana murmurou ela quando ele começou a descer os degraus.

— Eu ouvi isso, Chiara.

Ela pegou o comando e apontou-o para a televisão.

— Ótimo.

CAPÍTULO 6

ROMA

Apartamento seguro já não era uma expressão correta. Na verdade, Gabriel tinha passado tanto tempo no agradável apartamento perto do topo da Escadaria Espanhola que os senhores da divisão do Escritório que tratava dos alojamentos seguros se referiam a ele como sendo a sua morada em Roma. Havia dois quartos, uma sala de estar grande e cheia de luz, e um terraço espaçoso voltado para oeste, na direção da Piazza di Spagna e da Basílica de São Pedro. Dois anos antes, Gabriel estava na sombra da cúpula de Miguel Ângelo, ao lado de Sua Santidade, o Papa Paulo VII, quando o Vaticano foi atacado por terroristas islâmicos. Mais de setecentas pessoas foram mortas nessa tarde de Outubro e a cúpula da Basílica quase tinha desmoronado. A pedido urgente da CIA e do presidente americano, Gabriel perseguira e matara os dois sauditas que tinham concebido e financiado a operação. O poderoso

secretário pessoal do Papa, Monsignor Luigi Donati, sabia do envolvimento de Gabriel nessas mortes e aprovara tacitamente. Como fizera, suspeitava Gabriel, o próprio Santo Padre.

O apartamento tinha sido equipado com um sistema capaz de registrar hora e duração de entradas e intromissões indesejadas. Mesmo assim, ao sair, Gabriel enfiou um indicador automático obsoleto entre a porta e o umbral. Não era uma questão de não confiar nos gênios da divisão técnica do Escritório; no fundo, ele era simplesmente um homem do século XVI e apegava-se a costumes antiquados quando se tratava de matérias relacionadas com as artes do ofício e com a segurança. Os indicadores automáticos computadorizados eram aparelhos maravilhosos, mas um pedaço de papel nunca falhava e não era necessário um engenheiro com um doutoramento no MIT para o manter a funcionar.

Tinha chovido durante a noite e os passeios da Via Gregoriana ainda estavam úmidos quando Gabriel saiu do hall do prédio. Virou à direita, na direção da Igreja Trinità dei Monti, e desceu a Escadaria Espanhola até a piazza, onde bebeu o primeiro cappuccino do dia. Depois de ter decidido que o seu regresso a Roma tinha passado despercebido aos serviços de segurança italianos, voltou a subir a Escadaria Espanhola e trepou para cima de uma mota Piaggio. O motorzinho a quatro tempos zumbia como um inseto, enquanto ele ia acelerando pela elegante Via Veneto abaixo. O Hotel Excelsior ficava próximo do final da rua, perto do Parque Villa Borghese. Gabriel estacionou no Corso d'Italia e guardou o capacete no compartimento na parte de trás da mota. A seguir, pôs uns óculos de sol muito escuros e grandes e um boné de basebol, voltando a pé para a Via Veneto. Percorreu praticamente toda a avenida até a Piazza Barberini e depois atravessou para o outro lado e voltou a fazer o caminho até o Parque Villa Borghese. Ao longo do percurso, identificou cinco homens que supôs serem agentes à paisana dos serviços de segurança americanos -a embaixada dos Estados Unidos

ficava no número 121 da Via Veneto —, mas ninguém que parecesse ser um agente dos serviços secretos russos. Os empregados do Doney estavam a preparar as mesas da esplanada para o almoço. Gabriel entrou e bebeu um segundo cappuccino ao balcão. A seguir, dirigiu-se à porta ao lado e entrou no Excelsior, pegando no receptor de um dos telefones internos do hotel, junto aos elevadores. Quando a operadora atendeu, ele pediu para falar com um hóspede chamado Boris Ostrovsky e fizeram a ligação ao respetivo quarto imediatamente. Três toques depois, um homem atendeu o telefone num inglês com sotaque russo carregado. Quando Gabriel pediu para falar com uma pessoa chamada “Senhor Donaldson”, o homem com o sotaque russo respondeu que não havia ali ninguém com esse nome e desligou de imediato. Gabriel não desligou logo o telefone e tentou ouvir o som de um transmissor na linha durante alguns segundos. Não ouvindo nada de suspeito, desligou e foi até a Galleria Borghese. Passou uma hora a ver quadros e a verificar a retaguarda, à procura de indícios de vigilância. Depois, às 11h45, subiu outra vez para a Piazzale e partiu em direção a uma praça sossegada, na ponta do velho gueto judeu. Os filetti e o Frascati estavam à espera dele quando chegou.

E Eli Lavon também.

- Pensei que estava em lua de mel.
- Shamron tinha outra ideia.
- Tem que aprender a estabelecer limites.
- Eu podia construir um Muro de Separação e nem isso frearia.

Eli Lavon sorriu e afastou alguns fios de cabelo fino de cima da testa. Apesar do calor da tarde romana, trazia vestida uma camisa de lã sem colarinho por baixo do paletó de tweed amarrotado e um lenço em volta do pescoço. Até mesmo Gabriel, que já conhecia Lavon há mais de trinta anos, sentia por vezes dificuldades em acreditar que o pequeno, brilhante e estudioso arqueólogo fosse na

realidade o melhor artista em termos de vigilância de rua que o Escritório alguma vez produzira. As ligações com o Escritório, assim como as de Gabriel, eram, na melhor das hipóteses, tênues. Continuava a dar aulas na Academia de fato, nenhum recruta do Escritório chegava a ir para o terreno sem passar primeiro alguns dias aos pés lendários de Lavon mas, por aqueles dias, a sua principal morada de trabalho era a Universidade Hebraica de Jerusalém, onde ensinava arqueologia bíblica e participava regularmente em escavações à volta do país.

Os fortes laços que uniam os dois homens tinham sido formados muitos anos antes, durante a Operação Ira de Deus, a operação dos serviços secretos israelenses para perseguir e matar os perpetradores do massacre das Olimpíadas de Munique de 1972. No léxico da equipe, baseado no hebreu, Gabriel era conhecido como um Aleph Armado de pistola Beretta calibre 22, tinha assassinado por sua conta seis dos terroristas do Setembro Negro responsáveis por Munique, incluindo um homem chamado Wadal Abdel Zwaiter, que matara no hall de entrada de um prédio de apartamentos a poucos quilômetros de onde estavam sentados naquele momento. Lavon era um *qyin*, um agente que seguia a pista de outros, especialista em vigilância. Tinham passado três anos à caça de suas presas ao longo da Europa Ocidental, matando tanto à noite como em plena luz do dia e vivendo com o medo de, a qualquer momento, serem presos pelas polícias europeias e acusados de assassinato. Quando regressaram por fim a casa, as ténporas de Gabriel estavam da cor da cinza e a cara era a de um homem vinte anos mais velho. Lavon, que estivera exposto aos terroristas durante longos períodos de tempo e sem nenhum apoio, sofrera inúmeras perturbações de stresse, incluindo um estômago reconhecidamente instável. Gabriel estremeceu interiormente ao ver Lavon levar à boca uma enorme garfada de peixe. Sabia que o pequeno vigia iria pagar por isso mais tarde.

— O Uzi disse-me que estás a trabalhar no deserto da Judeia. Espero que não fosse nada demasiado importante.

— Só uma das expedições arqueológicas mais significativas em Israel nos últimos vinte anos. Voltamos a entrar na Gruta dos Manuscritos. Mas em vez de lá estar com os meus colegas, a examinar com todo o cuidado os vestígios do nosso passado antigo, estou em Roma com você.

Os olhos castanhos de Lavon sondaram rapidamente a piazza. Mas a verdade é que nós os dois também temos o nosso próprio pedacinho de história conjunta aqui, não temos, Gabriel? De certa maneira, foi aqui que tudo começou para nós os dois.

— Começou em Munique, Eli, não em Roma.

— Eu ainda consigo sentir o cheiro daquela maldita aguardente de figo que ele trazia quando tu lhe deste um tiro. Lembras-te da aguardente, Gabriel?

— Lembro-me, Eli.

— Ainda hoje, o cheiro a figos me revira o estômago.

Lavon levou à boca mais uma garfada de peixe.

— Nós não vamos matar ninguém hoje, pois não, Gabriel?

— Hoje, não, Eli. Hoje, vamos só conversar.

— Tens alguma fotografia?

Gabriel tirou a fotografia que tinha no bolso da camisa e colocou-a em cima da mesa. Lavon enfiou uns óculos de leitura sujos e em meia-lua e examinou a fotografia com grande atenção.

— Estes russos parecem-me todos iguais.

— Tenho certeza de que eles também pensam o mesmo de você. Eu sei exatamente o que eles pensam de mim. Os russos tornaram a vida dos meus antepassados tão desgraçada que eles preferiram ir viver para o lado de um pântano de malária na Palestina. No início, apoiaram a criação de Israel, mas nos anos sessenta aliaram-se àqueles que nos juraram destruir. Os russos gostam de se retratar como aliados do Ocidente na luta contra o

terrorismo internacional, mas nunca nos devemos esquecer que foram eles que ajudaram a criar o terrorismo internacional em primeiro lugar. Encorajaram os grupos terroristas esquerdistas ao longo de toda a Europa Ocidental, nos anos setenta e oitenta, e, claro, foram os santos padroeiros da OLP. Deram ao Arafat e aos assassinos dele todas as armas e os explosivos que eles quisessem, bem como liberdade de movimentos atrás da Cortina de Ferro. Não te esqueças, Gabriel, o atentado contra os nossos atletas em Munique foi dirigido a partir de Berlim Oriental. Já terminou, senhor professor?

Lavon enfiou a foto no bolso do peito do casaco. Gabriel pediu dois pratos de *spaghetti con carciofi* e contou a Lavon sobre a missão enquanto comiam o que restava do peixe.

— E se não houver ninguém vigiando quando chegar ao Tre Scalini? — perguntou Lavon. — O que acontece?

— Quero que fale com ele nesse seu russo fluente. Encoste-o num canto e veja se ele desaba.

— E se ele insistir em falar com você?

— Então diga para visitar mais uma atração turística de Roma.

— Qual?

Depois de ouvir a resposta de Gabriel, Lavon olhou o guardanapo em silêncio por um momento.

— Não há dúvida que preenche seus requisitos para um lugar público! Mas duvido que seu amigo, Sua Santidade, vá ficar muito agradecido se descobrir que usa a igreja dele para um encontro clandestino.

— É uma basílica, Eli. E Sua Santidade nunca saberá de nada.

— A não ser que alguma coisa corra mal.

— É a minha lua de mel. O que pode correr mal?

O garçom apareceu com dois pratos de massa. Lavon olhou de relance para o relógio.

— Tem certeza que tem tempo para almoçar?
— Coma sua massa, Eli. Tem uma longa caminhada pela frente.

CAPÍTULO 7

ROMA

Terminaram o almoço a um ritmo não muito próprio de Roma e saíram do gueto judeu montados na Piaggio. Gabriel deixou Lavon perto do Excelsior e continuou até a Piazza di Spagna, onde se sentou numa mesa à janela no Caffè Greco. Parecia estar totalmente concentrado no seu exemplar do La Repubblica quando Boris Ostrovsky apareceu a passear pela Via Condotti. Lavon seguia-o a uns cinquenta metros de distância. Continuava com o lenço posto, o que significava que não tinha visto nenhum indício de vigilância. Gabriel terminou o café ao mesmo tempo que verificava a retaguarda de Lavon e depois pagou a conta e seguiu na mota até a Fonte de Trevi. Estava parado perto da estátua do cavalo empinado de Neptuno quando Ostrovsky abriu caminho com os ombros pela multidão de turistas e parou na balaustrada. O russo já era velho o suficiente para ter suportado as agruras do socialismo desenvolvido e parecia verdadeiramente ofendido pela visão de ocidentais ricos a lançarem dinheiro para uma obra de arte encomendada pelo papado. Molhou o lenço na água e utilizou-o para limpar a transpiração da testa. A seguir, e com relutância, tirou uma única moeda do bolso e atirou-a para dentro da fonte antes de virar as costas e se afastar. Gabriel viu Lavon de relance, quando este partiu atrás dele.

Continuava com o lenço posto.

A terceira parada do itinerário era um percurso ligeiramente mais curto, mas o corpulento russo parecia estar com os pés

doloridos e cansado quando conseguiu por fim subir os degraus do Panteão.

Gabriel estava parado em frente ao túmulo de Rafael. Ficou a ver Ostrovsky a dar uma volta ao interior da rotunda e a seguir foi até o pórtico, onde Lavon estava encostado a uma coluna.

— O que acha?

— Acho que o melhor é deixar sentado numa cadeira no Tre Scalini antes que desmaie.

— Alguém o segue?

Lavon abanou a cabeça.

— Tem o caminho completamente livre.

Foi então que Ostrovsky saiu da rotunda e começou a descer os degraus em direção à Piazza Navona. Lavon deu-lhe um avanço generoso antes de seguir atrás dele. Gabriel subiu para a Piaggio e dirigiu-se para o Vaticano.

Em tempos, fora uma pista de corridas romana. De fato, as estruturas barrocas ao longo do seu perímetro elíptico tinham sido construídas sobre as ruínas de antigas bancadas. Já não havia mais corridas de quadrigas e competições desportivas na Piazza Navona, apenas uma ininterrupta atmosfera de parque de diversões que fazia dela uma das praças mais populares e superlotadas de Roma inteira. Para o seu posto de observação, Eli Lavon tinha escolhido a Fontana de Moro, onde estava a fingir que estava a observar um violoncelista a interpretar a Suite nº 1 em Sol Maior de Bach. Na realidade, tinha o olhar concentrado em Boris Ostrovsky, que se estava a instalar a uma mesa; a cerca de cinquenta metros de distância, no Tre Scalini. O russo pediu apenas uma garrafa pequena de água mineral, que o empregado, vestido com um casaco branco, demorou uma eternidade a trazer. Lavon deu uma última olhadela à volta da praça e, a seguir, dirigiu-se até a mesa e sentou-se no lugar que estava vago.

— Devia mesmo pedir algo mais além da água, Boris.

— É má educação.

Lavon falara num russo rápido. Ostrovsky respondeu na mesma língua:

— Sou um jornalista russo. Não tomo bebidas em público a não ser que tragam uma tampa.

Olhou para Lavon atenta e fixamente e depois franziu o sobrolho, como se tivesse decidido que o pequeno homem com o casaco de tweed amarrotado não podia ser de maneira nenhuma o lendário agente israelense sobre quem tinha lido nos jornais.

— Quem é o senhor?

— Não tem nada a ver com isso.

Mais um franzir do sobrolho.

— Eu fiz tudo o que me disseram para fazer. Portanto, onde é que ele está?

— Quem?

— O homem com quem eu quero falar. O homem chamado Allon.

— E o que o leva a pensar que o deixaríamos sequer aproximar-se dele? Ninguém manda chamar Gabriel Allon. É sempre o contrário.

Um empregado aproximou-se da mesa em passo descontraído; Lavon, num italiano respeitável, pediu dois cafés e um prato de tartufo. A seguir, olhou outra vez para Ostrovsky. O russo já estava a transpirar abundantemente e a olhar em redor da praça com grande nervosismo e rapidez. Tinha a parte da frente da camisa úmida e por baixo de cada sovaco havia uma mancha escura de suor a crescer.

— Há alguma coisa que o esteja incomodando, Boris?

— Há sempre alguma coisa me incomodando. É assim que eu me mantenho vivo.

— E de quem tem medo?

— Dos siloviki — respondeu.

— Dos siloviki? Lamento, mas o meu russo não é assim tão bom, Boris.

— O seu russo é muito bom, meu amigo, e fico um pouco surpreso por nunca ter ouvido a palavra antes. É assim que nos referimos aos antigos homens do KGB que agora mandam no meu País. Não aceitam as opiniões contrárias muito favoravelmente, e isso é para sermos simpáticos. Se os enfurecermos, matam. Matam em Moscou. Matam em Londres. E não hesitariam em matar aqui — disse Ostrovsky, olhando em volta da animada praça no centro histórico de Roma.

— Tenha calma, Boris. Está seguro. Ninguém o seguiu até aqui.

— Como sabe?

— Nós somos bons no que fazemos.

— E eles são melhores, meu amigo. Já têm muita prática. Fazem isso desde a Revolução.

— Mais uma razão para não se aproximar do homem com quem quer falar.

— Dê-me a mensagem, Boris, e eu a passo ao Allon. Dessa maneira, é muito mais seguro para todos. É a maneira como nós fazemos as coisas.

— A mensagem que eu tenho para entregar é da mais extrema gravidade. Falo com ele e apenas ele.

O empregado apareceu com o café e o chocolate. Lavon esperou até que ele se fosse embora antes de voltar a falar.

— Sou muito amigo do homem em questão. Já o conheço há muito tempo. Se me der a mensagem, pode ter certeza de que chegará aos ouvidos dele.

— Encontro-me com o Allon ou volto para Moscou de manhã e não me encontro absolutamente com ninguém. A escolha é sua. Recebendo apenas o silêncio como resposta, o russo afastou a cadeira da mesa e levantou-se.

— Arrisquei a minha vida ao vir até aqui. Muitos jornalistas do meu país já foram assassinados por bem menos.

— Sente-se — disse Lavon calmamente. — Está fazendo uma cena.

Ostrovsky continuou em pé.

— Eu disse para se sentar, Boris.

Dessa vez, Ostrovsky obedeceu. Era russo. Estava habituado a receber ordens.

— É a primeira vez que vem a Roma? — perguntou Lavon.

Ostrovsky acenou com a cabeça.

— Permita-me que lhe dê um conselho sobre o seu próximo destino.

Lavon inclinou-se para a frente, sobre a mesa, como Ostrovsky. Dois minutos mais tarde, o jornalista russo estava outra vez em pé, agora dirigindo-se para leste, atravessando a praça em direção ao rio Tibre. Lavon ficou no Tre Scalini o tempo suficiente para fazer uma chamada curta pelo celular. Depois pagou a conta e recomeçou a segui-lo.

No coração da Praça de São Pedro, ladeado pela colossal Colunata Toscana de Bernini, ergue-se o Obelisco Egípcio. Trazido do Egito para Roma pelo imperador Calígula, no ano 37, foi transferido para a sua localização atual em 1586 e erguido num feito técnico monumental que envolveu cento e quarenta cavalos e quarenta e sete guindastes. Para proteger o Obelisco de terroristas e de outras ameaças modernas, encontra-se neste momento cercado por um círculo de barreiras de concreto reforçado, curtas, grossas e marrons. Gabriel sentou-se em cima de uma, com os óculos de sol muito grandes postos, ao mesmo tempo que Boris Ostrovsky aparecia no lado de fora da piazza. Ficou vendo o russo se aproximando e a seguir virou-se e foi para a fileira de detectores de metal na frente da Basílica. Após curta espera, passou entre eles sem se ouvir um silvo sequer e começou a subir os degraus banhados

pelo sol, em direção ao Pórtico. Das cinco portas da Basílica, só a Porta Filarete estava aberta. Gabriel deixou-se engolir por um grupo grande de animados peregrinos polacos e foi impelido por eles até o Atrium. Parou ali para trocar os óculos de sol por uns óculos com aros grossos e depois avançou pelo centro da ampla nave da igreja. Estava parado à frente do Altar Papal no momento em que Boris Ostrovsky entrou vindo do Pórtico.

O russo dirigiu-se até a Capela da Pietà. Após passar apenas trinta segundos a fazer de conta que estava a olhar maravilhado para a obra-prima de Miguel Ângelo, continuou pelo lado direito da nave e parou novamente, dessa vez em frente ao Monumento ao Papa Pio XII. Devido à posição da estátua, o russo ficou momentaneamente fora do campo de visão de Gabriel. Este olhou para o outro lado da nave e viu Lavon parado ao pé da entrada para as Grutas do Vaticano. Os olhos deles cruzaram-se por breves instantes; Lavon acenou com a cabeça uma vez. Gabriel olhou uma última vez para a cúpula, que se erguia altíssima, e depois seguiu para o local onde o russo o esperava.

A escultura de Pio XII é curiosa. A mão direita está erguida, numa bênção, mas a cabeça está ligeiramente virada para a direita, numa pose um tanto defensiva que fazia parecer que o pontífice, que exerceu o cargo durante a Segunda Guerra Mundial, estivesse a tentar evitar um golpe. Mais curiosa ainda, no entanto, foi a cena com que Gabriel se deparou ao entrar no enclave onde a estátua se encontra. Boris Ostrovsky estava de joelhos, em frente ao pedestal, com a cara totalmente virada para o teto e as mãos levantadas até o pescoço. A poucos metros de distância, três freiras africanas conversavam em voz baixa e em francês, como se não houvesse nada de estranho com a visão de um homem ajoelhado em fervorosa veneração perante a estátua de um papa tão grandioso. Gabriel passou discretamente pelas freiras e pôs-se rapidamente ao lado de Ostrovsky. Os olhos do russo estavam a saltar-lhe das órbitas e

gelados de terror, e tinha as mãos bem cerradas à volta da garganta, como se se estivesse a tentar estrangular a si próprio. Não estava, claro; estava só a tentar respirar. A angústia de Ostrovsky não era natural. Na verdade, Gabriel tinha a certeza absoluta de que o russo tinha sido envenenado. De alguma forma, algum lugar, um assassino conseguira chegar até ele, apesar de todas as precauções que tinham tomado.

Gabriel deitou Ostrovsky no chão com cuidado e sussurrou-lhe ao ouvido enquanto lhe tentava soltar as mãos. As freiras juntaram-se à volta deles e começaram a rezar, na companhia de um grupo de curiosos que também ali estava. No espaço de trinta segundos, os primeiros agentes da Vigilanza, a força policial do Vaticano, chegaram para investigar. Gabriel já não estava lá. Descia tranquilamente os degraus da Basílica, com os óculos escuros ocultando seu rosto e Eli Lavon ao seu lado.

— Não havia ninguém seguindo o homem — dizia Lavon. — Estou dizendo, Gabriel, não havia.

CAPÍTULO 8

CIDADE DO VATICANO

Demorou apenas uma hora até que a morte em São Pedro chegasse às televisões e rádios italianas e mais outra hora até que aparecesse a primeira reportagem num resumo noticioso europeu na BBC. Às oito horas da noite, o cadáver tinha um nome; às nove, uma ocupação.

Às 21h30, hora de Roma, o interesse global na morte de Ostrovsky aumentara exponencialmente quando um porta-voz do Departamento de Imprensa do Vaticano emitiu um comunicado lacônico sugerindo que o jornalista russo aparentava ter morrido em consequência de um crime. O anúncio deu origem a um frenesim de

atividade nas redações do mundo inteiro, já que, tirando isso, tinha sido um dia bastante calmo, e por volta da meia-noite já havia filas de caminhões preparados para emissões por satélite, ao longo da Via della Conciliazione, desde o rio Tibre até a Praça de São Pedro.

Foram trazidos peritos para analisar todos os pontos de vista possíveis, reais ou imaginários: peritos no que dizia respeito à Polícia e às forças de segurança do Vaticano; peritos no que dizia respeito aos perigos que os jornalistas russos enfrentavam; peritos no que dizia respeito à própria Basílica, que tinha sido selada e declarada cena de crime. Um canal de televisão por cabo americano chegou mesmo a entrevistar o autor de um livro sobre Pio XII, à frente de cuja estátua Ostrovsky morreria. O acadêmico estava ocupado e especular sem fundamento acerca de uma possível ligação entre o jornalista russo morto e o controvertido papa quando Gabriel estacionou a moto numa rua secundária sossegada perto dos muros do Vaticano, e se dirigiu para a Porta de Santa Ana.

Um padre jovem estava logo do outro lado da porta, a conversar com um membro da Guarda Suíça que trazia vestido um uniforme azul-escuro simples. O padre cumprimentou Gabriel com um aceno da cabeça e a seguir virou-se e acompanhou-o em silêncio pela Via Belvedere. Entraram no Palácio Apostólico pelo Pátio de São Damaso e entraram num elevador que os esperava, transportando-os lentamente até o terceiro andar. Monsignor Luigi Donati, o secretário pessoal de Sua Santidade, o Papa Paulo VII, estava à espera na loggia coberta de frescos. Era quinze centímetros mais alto do que Gabriel e fora abençoado com a beleza morena de uma estrela de cinema italiana. A sotaina preta feita à mão assentava com elegância no seu corpo esguio e o relógio de ouro que trazia ao pulso brilhou à luz da iluminação comedida no momento em que dispensou o padre jovem com um aceno seco da mão.

— Por favor, diga-me que não matou realmente um homem na minha Basílica — murmurou Donati depois de o padre se retirar

para o meio das sombras.

— Eu não matei ninguém, Luigi.

Monsignor franziu o sobrolho e a seguir entregou a Gabriel uma pasta carimbada com a insígnia da Vigilanza. Gabriel abriu a pasta e viu a si mesmo segurando com cuidado o corpo de Boris Ostrovsky. Havia outras fotos embaixo: Gabriel se afastando enquanto os curiosos se juntavam em volta de Ostrovsky; Gabriel escapulindo pela Porta Filarete; Gabriel ao lado de Eli Lavon enquanto atravessavam apressadamente a Praça de São Pedro. Fechou a pasta e estendeu-a a Donati como se fosse um ofertório.

— É para ficar com elas, Gabriel. Pense nelas como recordação da sua visita ao Vaticano.

— A Vigilanza tem cópias.

Donati acenou com a cabeça lentamente. — Eu ficaria eternamente agradecido se tivesse a gentileza de enfiar essas cópias na trituradora de papel mais próxima.

— Assim farei respondeu Donati de uma forma glacial. Depois de me contar o que se passou aqui hoje à tarde.

— Sei muito pouco, na verdade.

— Então por que não começamos por uma coisa simples? Por exemplo, o que estava fazendo, em nome de Deus?

Donati tirou um cigarro da sua elegante cigarreira de ouro, bateu com ele de leve na tampa, em sinal de impaciência, e depois acendeu-o com um luxuoso isqueiro de ouro. Havia muito pouco de eclesiástico no comportamento dele; não era a primeira vez que Gabriel teve de se lembrar de que a figura alta e de sotaina que se encontrava à sua frente era na realidade um padre Brilhante, sem complacências e com um mau gênio famoso, Donati era um dos secretários pessoais mais importantes da história da Igreja Católica. Dirigia o Vaticano como um primeiro-ministro ou o CEO de uma empresa na lista das 500 mais poderosas da revista Fortune, um estilo de administração que o fizera ganhar poucos amigos por trás

dos muros do Vaticano. O corpo de imprensa adstrito ao Vaticano chamava-o um Rasputin eclesiástico, o verdadeiro poder por trás do trono papal, ao passo que a legião de inimigos que possuía na Cúria Romana se referia com frequência a ele como “o Papa Negro”, numa alusão muito pouco lisonjeira ao passado jesuíta de Donati. O ódio que tinham a Donati diminuía um pouco ao longo do último ano. Afinal de contas, poucos homens podiam dizer que se tinham chegado a atravessar à frente de uma bala dirigida ao Sumo Pontífice. Pode ser do seu interesse, Monsignor Donati, limitar a sua exposição a determinados fatos relacionados com as circunstâncias da morte do Ostrovsky.

O discurso de Gabriel era o de um advogado.

— Caso contrário, pode acabar por se encontrar numa situação delicada quando os investigadores começarem a fazer perguntas.

— Já estive em situações delicadas anteriormente.

Donati soprou uma onda de fumo para o teto alto e deitou um Olhar de soslaio a Gabriel.

— Já estivemos ambos. Limite-se a dizer o que sabe e deixe-me lidar com as perguntas dos investigadores.

— Já não me confesso há muito tempo, Luigi.

— Experimente — respondeu Donati. — É bom para a alma.

Gabriel podia acalentar sérias dúvidas em relação aos benefícios da confissão, mas não tinha nenhuma no que dizia respeito à honestidade de Luigi Donati. O laço entre ambos tinha sido forjado em segredo e estava empapado em sangue, sendo uma parte deles próprios. O antigo jesuíta sabia guardar um segredo. E também era perito em dizer uma ocasional inverdade, desde que fosse em prol de uma causa nobre. E assim, enquanto caminhavam juntos pelos corredores silenciosos do Palácio Apostólico, Gabriel contou-lhe tudo, começando pela sua convocatória para ir até Assis e terminando na morte de Ostrovsky.

— Preciso lembrar que tínhamos um acordo? Nós pedimos às autoridades italianas para o deixarem morar no país com uma identidade falsa. Demos a você trabalho e alojamento, um alojamento muito agradável, devo acrescentar. Em troca, pedimos apenas que se abstinhasse de todo e qualquer tipo de trabalho para seu antigo empregador.

Gabriel apresentou uma versão pouco inspirada da “defesa de Navot”, que não era realmente uma operação, apenas uma conversa. Donati rejeitou-a com um aceno da mão.

— Deu sua palavra, Gabriel, e quebrou-a.

— Não tínhamos alternativa. Ostrovsky disse que só falaria comigo.

— Então devia ter escolhido outro lugar qualquer para se encontrar com ele sem ser a minha Basílica. Deixou-nos um potencial escândalo na porta de casa e isso é a última coisa de que precisamos neste momento.

— As perguntas difíceis vão ser dirigidas a Moscou, não ao Vaticano.

— Esperemos que esteja certo. Obviamente, não sou nenhum perito, mas parece que Ostrovsky foi envenenado por alguém.

Donati fez uma pausa.

— Alguém que, pelo visto, não queria que ele falasse com você.

— Concordo.

— E como ele é russo, e como os russos têm antecedentes neste tipo de coisas, vai haver com certeza especulações sobre uma ligação com o Kremlin.

— Já começaram, Luigi. Há uma centena de jornalistas acampada do lado de fora da Praça de São Pedro dizendo isso mesmo.

— E qual é a sua opinião?

— Ostrovsky disse que tinha medo dos siloviki. É a palavra que os russos usam para descrever a gangue de antigos homens do KGB que se instalaram no Kremlin. E também disse que as informações tinham a ver com uma ameaça séria ao Ocidente e a Israel.

— Que espécie de ameaça?

— Ele não chegou a nos dizer isso.

Pensativo, Donati entrelaçou os dedos das mãos por trás das costas e olhou para o chão de mármore.

— Por enquanto, a morte do Ostrovsky é um assunto da polícia e dos serviços de segurança do Vaticano, mas é muito pouco provável que assim continue. Prevejo que começaremos muito rapidamente a ser pressionados de forma intensa, no sentido de conceder às autoridades italianas primazia na investigação.

Felizmente, os homicídios não são um acontecimento comum no Vaticano exceto quando o Gabriel vem à cidade, claro.

Simplesmente, não temos os conhecimentos técnicos necessários para levar a cabo uma investigação desta complexidade, em especial se estiverem envolvidos toxinas ou venenos sofisticados.

— E quanto tempo vai demorar até os italianos assumirem o controle?

— Se me pedissem para adivinhar, diria que o pedido vai estar amanhã na minha mesa. Se recusarmos, vamos ser acusados de estar a abafar a situação. A imprensa vai começar a engendrar teorias loucas sobre forças tenebrosas em ação por trás dos muros do Vaticano. O que nos traz de volta às fotos que o mostram a si dentro da Basílica no momento da morte do Ostrovsky.

— E o que elas têm?

— Enfiá-las na trituradora de papel é apenas uma solução temporária. Como pode calcular, as imagens estão guardadas permanentemente na memória dos nossos computadores. E nem sequer pense em me pedir para as apagar. Não vou tolerar a

destruição de provas não com os italianos prestes a assumirem o controle do caso.

— Ninguém vai me reconhecer nessas imagens, Luigi. Só há uma maneira de os italianos ficarem sabendo que estive aqui.

— Não se preocupe, Gabriel. Seu segredo está seguro conosco. Há três pessoas que sabem de seu envolvimento: o Santo Padre, eu próprio e o agente da Vigilanza que está à frente da nossa investigação. E o fiz jurar segredo e ele concordou em manter-se em silêncio. É aquilo a que nós, italianos, chamamos um uomo di fiducia: um homem de confiança. Trabalhou há tempos para a Polizia di Stato.

— Se não se importar, Luigi, gostaria de dar uma palavrinha com o inspetor.

— Sobre o quê?

— É possível que as câmeras de segurança da Basílica tenham flagrado outra pessoa além de mim.

— Quem?

— O homem que matou Boris Ostrovsky, claro.

CAPÍTULO 9

CIDADE DO VATICANO

Gabriel não precisou que o acompanhassem até o Departamento Central dos Serviços de Segurança do Vaticano. Infelizmente, sabia o caminho. Tinha sido ali, pouco tempo depois do ataque à Basílica de São Pedro, que ele levava a cabo uma busca frenética à procura de provas da existência de um membro da Al-Qaeda infiltrado no Vaticano. Se tivesse conseguido começar alguns minutos mais cedo, talvez tivesse impedido o mais mortífero ato de terrorismo islâmico desde o de 11 de Setembro.

O inspettore Mateo Cassani, uma figura elegante com um fato escuro feito à sua medida, estava à espera no hall da recepção. Olhou para Gabriel com olhos cansados, vermelhos e congestionados e depois estendeu-lhe a mão.

— Bem-vindo novamente, Signore. Venha comigo, por favor. Seguiram por um corredor estreito e pararam por breves instantes junto a uma porta aberta. Lá dentro, dois agentes da Vigilanza, de uniforme, estavam sentados diante de uma parede repleta de monitores de vídeo. Gabriel passou uma olhada rápida pelas imagens: a Porta de Santa Ana, o Arco dos Sinos, a Praça de São Pedro, o Pátio de São Dâmaso, os Jardins do Vaticano, o interior da Basílica.

— Esta é a nossa principal sala de observação. Também funciona como o nosso centro de comando em tempos de crise, como na manhã do atentado. Tudo é gravado e armazenado digitalmente. Para toda a eternidade — acrescentou com um sorriso cansado.

— Como a Igreja de Nossa Senhora.

— Já receava isso.

— Não se preocupe, Signore. Eu sei quem o senhor é e sei exatamente o que fez no dia em que aqueles terroristas nos atacaram. A Igreja perdeu quatro cardeais e oito bispos numa questão de segundos. E se não fosse o senhor, talvez tivéssemos perdido também um papa.

Saíram da sala de observação e entraram num gabinete apertado com vista para o escuro Pátio Belvedere. Cassani sentou-se em frente a um computador e convidou Gabriel a espreitar por cima do seu ombro.

— O Monsignor Donati disse-me que o senhor queria ver todas as imagens do russo que morreu.

Gabriel acenou com a cabeça. O inspetor clicou no rato e apareceu a primeira imagem, captada com uma lente com um ângulo de sessenta graus, a partir de uma câmara instalada no topo

do flanco esquerdo da Colunata. A imagem ia avançando ao ritmo de um fotograma por segundo. Quando o relógio que estava na parte inferior da tela do computador, do lado esquerdo, chegou às 15h47m23, Cassani clicou no ícone PAUSA e apontou para o canto superior direito.

— Ali está o Signore Ostrovsky. Entra na praça sozinho e vai diretamente para o posto de controle de segurança à entrada da Basílica.

Cassani olhou de soslaio para Gabriel.

— É quase como se ele fizesse planos de se encontrar alguém lá dentro.

— Pode pôr a imagem para andar? — pediu Gabriel.

O inspetor apertou PLAY e Boris Ostrovsky começou a atravessar a praça, com Eli Lavon seguindo cuidadosamente atrás dele. Noventa segundos depois, no momento em que Ostrovsky estava a passar entre o Obelisco e a fonte da esquerda, saiu do alcance da câmara no topo da Colunata e passou a ser coberto por uma outra câmara, instalada junto à Loggia das Bênçãos. Uns segundos mais tarde, estava rodeado por um grupo de turistas. Uma figura solitária aproximou-se pelo lado esquerdo da imagem; em vez de esperar que o grupo passasse, abriu caminho por entre ele com os ombros. O homem pareceu dar encontrões a uma série de membros do grupo, incluindo Ostrovsky, e a seguir dirigiu-se para a entrada da praça.

Gabriel assistiu aos últimos três minutos de vida de Boris Ostrovsky: a curta espera no posto de controle de segurança; a passagem pela Porta Filarete; a parada na Capela da Pietà; a caminhada final até o monumento a Pio XII. Precisamente sessenta e sete segundos após ter chegado, caiu de joelhos em frente à estátua e começou a apertar o pescoço. Gabriel surgiu vinte e dois segundos depois disso, a avançar pela tela como se fosse um espírito, um

fotograma por segundo. O inspetor pareceu comovido ao ver Gabriel a deitar o russo moribundo no chão com todo o cuidado.

— Ele disse alguma coisa? — perguntou o inspetor.

— Não, nada. Não conseguia falar.

— E o que você estava dizendo?

— Que não havia problema em morrer. Que ele ia para um lugar melhor.

— É crente, Signore Allon?

— Volte atrás, até a imagem das quinze e cinquenta.

O agente da polícia do Vaticano fez o que Gabriel lhe pediu e, pela segunda vez, viram Ostrovsky indo em direção à Basílica. E quando a figura solitária começou a se aproximar dele pela esquerda...

— Pare exatamente aí — disse Gabriel de repente.

Cassani imediatamente deu PAUSA.

— Recue até o fotograma anterior, por favor.

O agente da polícia do Vaticano obedeceu ao pedido.

— Consegue aumentar a imagem?

— Consigo — respondeu Cassani —, mas a resolução vai ficar fraca.

— Faça assim mesmo.

O agente da polícia do Vaticano usou o mouse para cortar a imagem nas dimensões necessárias e a seguir clicou em aumentar. Conforme prometido, a resolução ficou, na melhor das hipóteses, nebulosa. Ainda assim, Gabriel conseguia ver com clareza a mão direita da figura solitária apertando a parte superior do braço direito de Boris Ostrovsky.

— Onde está o corpo de Ostrovsky?

— Na nossa morgue.

— Já o examinaram?

— Fiz um exame rápido para verificar se havia sinais de trauma físico ou feridas. Não havia nada.

— Se verificar novamente, suspeito que vá descobrir uma perfuraçãozinha na parte de cima do braço. Foi ali que o assassino injetou um veneno russo que paralisa o sistema respiratório em minutos. Foi desenvolvido pelo KGB durante a Guerra Fria.

— Vou já olhar.

— Preciso que me faça uma coisa primeiro.

Gabriel bateu de leve na tela.

— Preciso saber a que horas este homem entrou na praça e que direção seguiu quando foi embora. E preciso das cinco melhores imagens dele que conseguir.

Era um profissional e, como todos os profissionais, vira as câmeras. Tinha baixado a guarda por uma única vez, às 15h47m33s, dez segundos após Boris Ostrovsky ter sido apanhado pela primeira vez pelas câmeras de vigilância do Vaticano, no lado de fora da praça. A imagem tinha sido capturada por uma câmera próxima das Portas de Bronze do Palácio Apostólico. Mostrava um homem de queixo pronunciado e com maçãs do rosto largas, óculos escuros grandes e cabelo louro grosso. Eli Lavon examinou a fotografia à luz de um poste de rua, no alto da Escadaria Espanhola. A cerca de cinquenta metros de distância, uma equipe dos serviços de segurança do Escritório estava a revistar o apartamento seguro apressadamente, à procura de vestígios de toxinas ou de material radioativo.

— O cabelo é artificial, mas essas maçãs do rosto são verdadeiras. É um russo, Gabriel, e não é uma pessoa que gostaria de encontrar numa ruela escura.

Lavon estudou a fotografia que mostrava a mão do assassino apertando a parte superior do braço de Ostrovsky.

— O pobre Boris nem chega a olhar para ele depois de se chocarem. Acho que nem sequer percebeu o que lhe aconteceu.

— Não mesmo — confirmou Gabriel. — Foi direto à Basílica e seguiu suas instruções como se não fosse nada de extraordinário. Até

quando estava morrendo não pareceu entender por quê.

Lavon olhou outra vez para a fotografia do assassino.

— Mantenho o que disse quando estávamos saindo da Basílica. Ostrovsky tinha o caminho livre. Não vi ninguém a segui-lo. E não havia hipótese nenhuma de eu não ter reparado num cara com esse aspeto.

— Talvez Ostrovsky não tivesse ninguém a segui-lo, mas nós tínhamos.

— Está sugerindo que vigiavam os vigias?

— Exatamente.

— Mas como eles sabiam que estaríamos lá?

— Provavelmente, Ostrovsky já devia estar vigiado em Moscou há meses. Quando chegou a Roma, contactou nossa embaixada por uma linha não segura. Alguém do outro lado pegou a chamada, ou aqui em Roma ou num posto de escuta em Moscou. O assassino é um verdadeiro profissional. Sabia que não nos aproximariamos de Ostrovsky sem uma caminhada que nos permitisse detectar se estava sob vigilância. E fez o que os verdadeiros profissionais são treinados para fazer. Ignorou o alvo e vigiou a nós.

— Mas como ele chegou ao Vaticano dez minutos antes de Ostrovsky?

— Deve ter seguido a mim. Eu não o vi, Eli. A culpa de Ostrovsky ter sofrido uma morte miserável no chão da Basílica é minha.

— Faz sentido, mas não é uma coisa que um gangster russo médio e banal conseguiria fazer.

— Não estamos lidando com gangsteres. São profissionais.

Lavon devolveu as fotos a Gabriel.

— O que quer que Boris planejava lhe dizer, devia ser importante. É preciso que alguém descubra quem é este homem e para quem trabalha.

— Sim, alguém devia fazer isso.

— Posso estar enganado, Gabriel, mas acho que no Boulevard King Saul já têm um candidato em mente para o trabalho.

Lavon entregou-lhe um pedaço de papel.

— O que é isso?

— Uma mensagem de Shamron.

— E o que diz?

— Diz que sua lua de mel está oficialmente encerrada.

CAPÍTULO 10

AEROPORTO BEN-GURION, ISRAEL

Existe uma sala de recepção VIP no Aeroporto Ben-Gurion que poucos conhecem e onde menos ainda entraram. Chega-se a ela por uma porta não assinalada perto da área de controle de passaportes. Tem paredes de pedra calcária de Jerusalém, mobília de couro preto e cheiro permanente de café queimado e tensão masculina. Quando Gabriel entrou na sala, no final da tarde seguinte, encontrou-a ocupada por um homem. Tinha-se instalado na ponta da cadeira, as pernas ligeiramente abertas e as mãos enormes pousadas numa bengala em madeira de oliveira, como um viajante numa plataforma de trens resignado a uma longa espera. Trazia vestidas, como sempre, uma calça cor de caqui bem engomadas e uma camisa clássica branca, com as mangas enroladas até os cotovelos. A cabeça era em forma de bala e careca, à exceção de uma franja de cabelo branco própria de um monge. Os óculos feios, com armações de metal, faziam aumentar de tamanho uns olhos azuis que já não tinham boa visão. Há quanto tempo estás aqui sentado? perguntou Gabriel. Desde o dia em que voltastes para Itália respondeu Ari Shamron.

Gabriel examinou-o com atenção.

- Por que está me olhando assim?
- Só estou tentando entender como você não está fumando.
- A Gilah disse que eu tinha que parar, senão...
- Isso nunca te segurou antes.
- Desta vez ela está falando sério.

Gabriel beijou Shamron no alto da cabeça.

— Por que não deixou simplesmente que alguém da divisão dos Transportes viesse me buscar?

— Eu andava pelas redondezas.

— Você mora em Tiberíades! Já está aposentado, Ari. Devia passar mais tempo com a Gilah para compensar todos os anos em que nunca esteve por perto.

— Eu nunca vou me aposentar! — Shamron deu um murro no braço da cadeira para pôr mais ênfase na afirmação. — E foi a Gilah que sugeriu que eu viesse esperar por você. Disse para sair de casa por algumas horas. Disse que eu estava me metendo debaixo dos pés dela.

Shamron fechou os olhos papudos por um momento e sorriu de forma vaga. Aqueles que lhe eram queridos, como o poder e a influência, tinham-lhe escapado lentamente por entre os dedos. O filho era um general de brigada no Comando Norte do IDF, o Exército israelense e servia-se praticamente de qualquer desculpa para evitar passar algum tempo com o pai famoso, como fazia a filha, que tinha finalmente tinha voltado a Israel após anos no estrangeiro. Apenas Gilah, sua paciente mulher, se mantinha fielmente ao seu lado, mas agora que Shamron já não desempenhava um papel oficial nos assuntos de Estado, até mesmo ela, mulher de infinita paciência, considerava um fardo a presença constante dele. A verdadeira família dele eram os homens como Gabriel, Navot e Lavon, homens que recrutara e treinara, homens que agam de acordo com um credo que, como a linguagem em que falavam, tinha sido escrito por ele. Eram os guardiões secretos do Estado e Ari Shamron era o pai deles, autoritário e tirânico. — Fiz uma aposta estúpida muitos anos atrás — confidenciou Shamron. — Dediquei minha vida à construção e proteção deste país e parti da premissa de que minha mulher e meus filhos me perdoariam os pecados de ausência e negligência. Estava enganado, claro.

— E agora quer infligir o mesmo a minha vida.

— Está se referindo ao fato de eu ter interrompido sua lua de mel?

— Estou.

— Sua mulher ainda está na folha de pagamento do Escritório. Ela compreende as exigências de trabalho. Além disso, você já estava fora há mais de um mês.

— Nós combinamos que minha estada na Itália seria por tempo indeterminado.

— Nós não combinamos nada disso, Gabriel. Fez uma exigência e, naquela hora, eu não estava em posição de recusar, depois do que você tinha acabado de passar em Londres.

Shamron contraiu o rosto cheio de rugas e fez uma careta muito feia. — Sabe como passei a minha lua de mel?

— É claro que sei. O país inteiro sabe.

Shamron sorriu. Era um exagero, claro, mas muito leve. Nos corredores e salas do Mossad, Ari Shamron era uma lenda. Penetrara em cortes de reis, roubara segredos de tiranos e matara inimigos de Israel, por vezes com as próprias mãos. A sua maior proeza acontecera numa noite chuvosa de maio, em 1960, num subúrbio sórdido no norte de Buenos Aires, quando saltou do banco de trás de um carro e capturou Adolf Eichmann, o arquiteto do Holocausto. Mesmo passado todo esse tempo, Shamron ainda não conseguia sair em público em Israel sem ser abordado por velhos sobreviventes que queriam simplesmente tocar nas mãos que tinham apertado o pescoço do monstro.

— Gilah e eu casamos em abril de quarenta e sete, no auge da Guerra da Independência. Pisei no copo, amigos e parentes gritavam Mazel tov, beijei minha mulher e voltei a minha unidade no Palmach*.

**As forças regulares de combate do Haganah (criadas em 1941), o exército não oficial do Yishuv, a comunidade judaica, durante o Mandato Britânico na Palestina. (N. do T.)*

— Eram tempos diferentes, Ari.

— Não tão diferentes. Naquela época, lutávamos pela sobrevivência e agora lutamos pela sobrevivência.

Shamron examinou Gabriel através dos óculos.

— Mas já sabe disso, não sabe, Gabriel? Isso explica por que você simplesmente não ignorou a minha mensagem e voltou para a villa na Úmbria.

— Eu devia ter ignorado a convocação inicial.

— Nesse caso, não estaria aqui outra vez. — Com espalhafato, abarcou num gesto do braço a mobília desoladora que o rodeava. — Nesta sala.

— Não fui eu que o convoquei. Foi Boris Ostrovsky. E depois ele teve a terrível infelicidade de morrer em seus braços. E agora vai descobrir quem o matou e por quê. Dadas as circunstâncias, é o mínimo que pode fazer por ele.

Gabriel deu uma olhadela ao relógio.

— Eli chegou bem?

Tinham viajado cada um no seu avião e por percursos diferentes. Lavon no voo direto de Fiumicino para o Ben-Gurion; Gabriel, primeiro para Frankfurt, onde tinha passado três horas à espera de um voo de conexão. Aproveitara bem o tempo, percorrendo os infundáveis terminais de Frankfurt e verificando sua retaguarda à procura de assassinos russos.

— Eli já está no Boulevard King Saul, em plena e nada agradável produção de relatório. Quando tiverem tratado dele, também vão querer fazer o mesmo com você. Como pode calcular, Amos não está nada contente com a maneira como as coisas correram em Roma. Tendo em conta a posição precária dele, quer ter certeza de que você levará a culpa, e não ele.

Amos Sharret era o diretor do Escritório. Como praticamente todos na cúpula militar e de segurança em Israel, fora muito criticado na mais recente guerra no Líbano e se agarrava ao poder

pela ponta dos dedos. Shamron e os seus aliados no gabinete do primeiro-ministro tentavam desprendê-las discretamente.

— Alguém devia dizer a Amos que eu não estou interessado no emprego dele.

— Ele não acreditaria. Amos vê inimigos em todo lugar. É uma angústia profissional.

Shamron foi avançando aos poucos até a ponta da cadeira e usou a bengala como alavanca para se pôr em pé.

— Venha comigo — disse ele. — Vou levá-lo para casa.

Uma limusine Peugeot blindada estava à espera lá fora, na área VIP e segura do estacionamento. Entraram na parte de trás e seguiram em direção às montanhas da Judeia.

— Houve desenvolvimentos em Roma no fim da tarde, depois de você ter embarcado em Frankfurt. O Ministério da Justiça italiano enviou carta ao Vaticano pedindo permissão formal para assumir a investigação da morte do Ostrovsky. Não preciso dizer como o Vaticano respondeu.

— Donati concordou imediatamente.

— Foi o secretário de Estado do Vaticano o responsável pela resposta formal, mas tenho certeza de que seu amigo Monsignor sussurrava no ouvido dele. A polícia italiana levou o corpo do Ostrovsky e tirou bagagem e bens pessoais do quarto do Excelsior. Equipes com roupas especiais estão neste momento revistando o hotel, à procura de indícios de veneno e toxinas. Quanto à Basílica, foi isolada como cena de crime. O Ministério da Justiça pediu a todos os que assistiram à morte para se apresentarem de imediato. Suponho que isso incluía você.

Shamron examinou Gabriel durante um momento. — Sua posição no que diz respeito a Boris Ostrovsky é um pouco tênue no momento.

— Donati prometeu manter meu nome fora disso.

— Deus sabe que o Vaticano é bom em guardar segredos, mas com certeza há outros lá que sabem de sua ligação com o assunto. Se um deles quiser embarçar Donati ou a nós, aliás —, tudo o que tem de fazer é um telefonema discreto para a Polizia di Stato.

— Boris Ostrovsky foi morto por um assassino profissional russo na Praça de São Pedro.

Gabriel tirou uma pasta de arquivo do bolso lateral de sua mala e entregou-a a Shamron.

— E estas fotos provam isso.

Shamron ligou a luz de leitura e examinou as fotografias.

— É um ato ousado, mesmo para os padrões russos. Ostrovsky devia saber alguma coisa muito importante para recorrerem a isso.

— Suponho que tenha uma teoria?

— Infelizmente, temos.

Shamron voltou a enfiar as fotos na pasta e apagou a luz.

— Nossos bons amigos do Kremlin têm vendido armamento sofisticado a regimes isolados e potencialmente perigosos do Oriente Médio, a um ritmo sem precedentes. Os mulás do Irã são um dos melhores clientes deles, mas também têm vendido sistemas antiaéreos e antitanques aos velhos amigos de Damasco. Temos informações de que os sírios e o Kremlin estão prestes a fechar um acordo importante que envolve um míssil avançado russo conhecido como Iskander. Pode ser transportado por estrada e pode chegar a duzentos e setenta e cinco quilômetros, o que significa que Tel Aviv ficaria bem ao alcance da Síria. Não preciso explicar as implicações disso.

— Altera o equilíbrio estratégico no Oriente Médio do dia para a noite.

Shamron acenou com a cabeça lentamente.

— Infelizmente, tendo em conta os registros do Kremlin, esta é apenas uma das muitas possibilidades inquietantes. A região

inteira fervilha com boatos de um novo negócio. Seguimos incessantemente o assunto há meses. Até agora, nada descobrimos para apresentar ao primeiro-ministro. Receio que ele esteja ficando chateado.

— Faz parte do trabalho dele.

— E do meu. — Shamron sorriu sem um pinga de humor. — Tudo isso serve para explicar por que estávamos, em primeiro lugar, tão interessados no encontro com Boris Ostrovsky. E por que agora gostaríamos que fosse à Rússia descobrir o que ele pretendia contar.

— Eu? Nunca pus os pés na Rússia. Não conheço o terreno. Nem sequer falo a língua.

— Tem uma coisa muito mais importante do que o conhecimento do terreno e da língua.

— E qual é?

— Um nome e um rosto que os quadros extremamente nervosos da *Moskovskaya Gazeta* vão reconhecer.

— Mais certo é que a segurança russa reconheça também.

— Temos um plano para isso — respondeu Shamron.

O velho sorriu. Tinha um plano para tudo.

CAPÍTULO 11

JERUSALÉM

Havia agentes de segurança no início e no fim da Rua Narkiss, uma ruela sossegada e coberta de folhas, no coração de Jerusalém, e mais outro de guarda, à entrada do pequeno e deselegante prédio de parede calcária no Número 16. Ao atravessar o hall minúsculo com Shamron logo atrás, Gabriel não se deu ao trabalho de ir ver a caixa de correio. Nunca recebia nada e o nome que estava na caixa era falso. No que dizia respeito à burocracia do

Estado de Israel, Gabriel Allon não existia. Não era ninguém, não vivia em lado nenhum. Era o eterno judeu errante.

Uzi Navot estava sentado no sofá da sala de estar do apartamento de Gabriel, com os pés apoiados em cima da mesa de café e um passaporte diplomático israelense enfiado entre os dois primeiros dedos da mão direita. Adoptou uma expressão de indiferença entediada quando o entregou para que fosse examinado. Gabriel abriu-o e olhou para a fotografia. Mostrava um homem de cabelo cor de prata, com uma barba bem arranjada e igualmente grisalha e óculos redondos. O cabelo cor de prata era o resultado do trabalho de um estilista ao serviço da Seção de Identidade. A barba grisalha, infelizmente, era mesmo dele.

— Quem é Natan Golani?

— Um funcionário de nível médio do Ministério da Cultura. A especialização dele é estabelecer ligações artísticas entre Israel e o resto do mundo: a paz através da arte, da dança, da música, e de outras iniciativas inúteis. Ao que me dizem, o próprio Natan também é muito habilidoso com um pincel.

— Ele já foi alguma vez à Rússia?

— Não, mas está prestes a ir.

Navot tirou os pés de cima da mesa de café e sentou-se ereto.

— Daqui a seis dias, o ministro-adjunto tem viagem marcada de Jerusalém à Rússia, para uma visita oficial. Nós o convencemos a ficar doente na última hora.

— E Natan Golani vai ocupar o lugar dele?

— Desde que os russos aceitem conceder-lhe um visto. O ministério não prevê nenhum problema nesse sentido.

— E qual é o objetivo da viagem dele?

Navot esticou-se e enfiou a mão numa pequena pasta de diplomata de aço inoxidável, de onde tirou uma brochura do tamanho de uma revista. Segurou-a bem alto para Gabriel poder ver

a capa e a seguir largou-a em cima da mesa de café. Os olhos de Gabriel focaram uma única palavra: UNESCO.

— Talvez tenha escapado à atenção de vocês, mas a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, mais conhecida como UNESCO, declarou que esta era a década de promoção de uma cultura de paz e não-violência para as crianças do mundo.

— Tem razão, Uzi. Não sei como, mas isso me escapou. Para ajudar na promoção deste nobre objetivo, a UNESCO organiza todos os anos uma conferência para avaliar progressos e discutir novas iniciativas. A conferência deste ano será no Palácio de Mármore de São Petersburgo.

— E quantos dias desta idiotice vou ter que aguentar?

— Três — respondeu Navot. — Seu discurso está marcado para o segundo dia da conferência. Sobre um projeto pioneiro que instituímos para melhorar os laços culturais entre os israelenses e nossos vizinhos árabes. Vai ser criticado severamente e, com toda a probabilidade, vão denunciá-lo como opressor. No entanto, grande parte da assistência nem vai ouvir seus comentários, já que, como é praxe, muita gente vai sair em massa da sala quando subir à tribuna.

— É melhor assim, Uzi. Nunca gostei muito de falar para públicos grandes. E o que acontece a seguir?

— No fim da conferência, nosso embaixador na Rússia, que por acaso é um velho amigo seu, vai convidá-lo a visitar Moscou. Se tiver a sorte de sobreviver ao voo da Aeroflot, ficará no Hotel Savoy e provará os prazeres culturais da capital. No entanto, o verdadeiro propósito da visita é estabelecer contato com uma tal Olga Sukhova. Ela é a repórter investigativa mais conhecida e controvertida da Rússia. E também é a diretora editorial interina da *Moskovskaya Gazeta*. Se há alguém lá que saiba por que Boris Ostrovsky foi para Roma é Olga. O que quer dizer que ela provavelmente está sob vigilância do FSB em tempo integral.

— E, como diplomata israelense em visita ao país, eu também vou estar.

O Serviço Federal de Segurança da Federação Russa, ou FSB, tinha assumido a maior parte das funções de segurança interna que eram antes do KGB, incluindo a contraespionagem. Embora o FSB gostasse de se apresentar ao mundo exterior como um moderno serviço de segurança europeu, seus quadros eram majoritariamente compostos por veteranos da KGB e sua sede fica no antigo quartel-general da KGB, de má fama, na Praça Lubyanka. Muitos russos nem se dão ao trabalho de usar o novo nome. Para eles, continua a ser KGB.

— Como é óbvio — afirmou Navot —, vamos ter de ser criativos.

— Criativos até que ponto? — perguntou Gabriel, desconfiado.

— Nada além de um jantar. O nosso embaixador combinou dar uma pequena recepção na residência oficial enquanto você estiver na cidade. A lista de convidados está sendo preparada neste preciso momento: uma mistura interessante de jornalistas russos, artistas e figuras da oposição. Obviamente, o embaixador vai fazer todos os esforços possíveis para garantir que Olga Sukhova esteja presente.

— E o que fará com que ela vá?

— A promessa de um furo exclusivo. Nesse caso, será irresistível.

— Que tipo de exclusivo?

— Deixe que nos preocupemos com isso.

— E se ela aparecer?

— Vai levá-la a um canto e ter uma conversa a sós com ela, no espaço seguro da residência. E vai revelar sua identidade, da maneira e com os pormenores que achar apropriados. E vai

convencê-la a partilhar o que souber sobre a ida de Boris Ostrovsky a Roma para se encontrar com você.

— E se ela não souber de nada? Ou se tiver medo de falar?

— Então suponho que terá de ser encantador, o que, como todos sabemos, é uma coisa natural em você. Além disso, Gabriel, há piores maneiras de se passar uma noite.

Navot voltou a esticar-se e a enfiar a mão na pasta de diplomata, tirando de lá um arquivo. Gabriel abriu-o e tirou a fotografia de Olga Sukhova. Era uma mulher atraente, de quarenta e tantos anos, feições eslavas delicadas, olhos de um azul muito claro e cabelo louro acetinado. Fechou o arquivo e olhou para Shamron, que estava parado diante das portas envidraçadas, girando seu velho isqueiro Zippo entre as pontas dos dedos. A conversa sobre a operação testava nitidamente o compromisso recém-assumido de não fumar.

— Vá a Moscou, Gabriel. Passe uma bela noite com Olga na embaixada e, na pior das hipóteses, descubra por que os jornalistas da *Gazeta* são alvo de ataques. E depois pode voltar para a quinta na Úmbria, para sua mulher e seu quadro.

— E o que acontece se o FSB não cair no seu pequeno estratagema?

— Seu passaporte diplomático vai protegê-lo.

— A máfia russa e os assassinos do FSB não se incomodam muito com sutilezas diplomáticas. Disparam primeiro e preocupam-se com as consequências políticas depois.

— A base de Moscou cuidará de você logo que aterrisse em São Petersburgo — revelou Navot. — Nunca estará fora de nosso alcance. Se as coisas começarem a ficar perigosas, podemos sempre arranjar um serviço de segurança oficial.

— E o que os leva a pensar que a base de Moscou consiga ver o que vai acontecer, Uzi? Um homem esbarrou em Boris Ostrovsky

ontem à tarde em Roma, e, antes que alguém percebesse algo, ele já estava morto no chão da Basílica.

— Então não deixe que ninguém o toque. E, faça o que fizer, não beba chá.

— Um conselho sensato, Uzi.

— Sua proteção não é seu passaporte diplomático — acrescentou Shamron. — É a reputação do Escritório. Os russos sabem que se alguém puser sequer um dedo em você abrimos a temporada de caça contra eles e nenhum agente russo, em nenhuma parte do mundo, voltará a estar seguro.

— Uma guerra com a inteligência russa é a última coisa de que precisamos neste momento. Estão vendendo armamento avançado a países e grupos terroristas que querem nos exterminar.

— Nós já estamos em guerra com eles.

Shamron enfiou o isqueiro no bolso.

— Tem muito o que fazer em seis dias, incluindo aprender a falar e a se comportar como um funcionário do Ministério da Cultura. O ministro-adjunto estará a sua espera amanhã de manhã, às dez, no gabinete dele. Vai lhe dar todas as informações relativas à outra missão na Rússia. Quero que se porte bem na conferência, Gabriel. É muito importante que não faça nada que torne nossa posição na ONU pior ainda do que já é.

Gabriel olhou fixamente para a foto do passaporte e passou a mão pelo queixo distraidamente. Já se tinham passado quatro dias desde que se barbeara pela última vez. E a barba estava grande.

— Preciso enviar uma mensagem a Chiara. Preciso avisar que não vou voltar para a Úmbria tão cedo.

— Ela já sabe — respondeu Shamron. — Se quiser, podemos trazê-la aqui para Jerusalém.

Gabriel fechou o passaporte e abanou a cabeça. — Alguém tem que ficar de olho no Poussin. Deixem que ela fique na Itália até eu voltar.

Olhou para cima e viu Navot a observá-lo, desconfiado, através de seus óculos modernos de armação fina.

— Qual é seu problema, Uzi?

— Não me digam que o grande Gabriel Allon tem medo de deixar que sua jovem e linda mulher o veja de barba grisalha.

— Treze quilos e meio — respondeu Gabriel. — Treze quilos e meio.

CAPÍTULO 12

SÃO PETERSBURGO

Pulkovo 2, o velho aeroporto internacional de São Petersburgo, tinha sido até então poupado à marcha de demolição do progresso. Espalhados pelo alcatrão cheio de buracos, havia aviões da época soviética, com ar abandonado e incapazes de voar há muito tempo, e a própria estrutura parecia-se mais com um complexo fabril ou uma prisão do que com um centro de viagens aéreas modernas. Gabriel entrou no terminal debaixo do olhar fixo mas cansado de um rapazinho da Milícia, e uma moça das Informações, que parecia aborrecida com a presença dele, indicou-lhe a área de controle de passaportes. Após ter sido formalmente admitido na Rússia apenas com um ligeiro atraso, dirigiu-se para a área de recolha de bagagens, onde ficou à espera a hora da praxe até que a mala aparecesse. Ao levantá-la do carrossel barulhento que era o tapete rolante, reparou que o fecho estava meio aberto. Esticou a pega e foi até a casa de banho dos homens, onde foi praticamente engolido por uma nuvem de fumo de cigarro. Embora fumar fosse estritamente proibido ao longo de todo o terminal, os russos, segundo parecia, não achavam que essa interdição se estendesse às casas de banho. Estava um vigia à porta quando Gabriel de lá saiu; foram juntos até o hall, onde Gabriel foi abordado por uma russa

grande de camiseta vermelha com UNESCO escrito no peito volumoso. Colou uma etiqueta de identificação na lapela e indicou um ônibus que estava à espera lá fora. Já apinhado de delegados, o ônibus parecia uma versão em miniatura da Assembleia Geral da ONU. Ao subir a bordo, Gabriel acenou com a cabeça a dois sauditas e recebeu apenas um olhar fixo e vazio como resposta. Descobriu um lugar livre na parte de trás do ônibus, ao lado de um norueguês mal-encarado que não perdeu tempo em lançar-se numa diatribe, em voz baixa, sobre o tratamento desumano dos palestinos por parte de Israel. Gabriel ouviu pacientemente os comentários do diplomata e a seguir apresentou alguns contrapontos urdidos com grande cuidado. Quando o ônibus já avançava pela Moskovskaya Prospekt, transbordando de trânsito, a caminho do coração da cidade, o norueguês declarou que compreendia melhor o dilema israelense. Trocaram cartões e prometeram continuar a discussão num jantar da próxima vez que Natan Golani fosse a Oslo.

Do outro lado, um cubano fanático tentou continuar o debate, mas felizmente foi impedido pela russa com a camiseta vermelha da UNESCO, que estava naquele momento em pé, na parte da frente do ônibus, de microfone na mão e fazendo o papel de guia turística. Sem o mínimo traço de ironia na voz amplificada, foi indicando os marcos ao longo da larga avenida: a estátua de Lênin, que se erguia até os céus, com a mão estendida, como se estivesse para sempre tentando chamar um táxi; os monumentos da Grande Guerra Patriótica, como os russos chamam a Segunda Guerra Mundial; os imponentes templos do planejamento e controle centrais soviéticos. Ignorou os prédios dilapidados, os blocos de apartamentos da era Brejnev que desmoronavam sob seu próprio peso e as lojas cheias até o alto de bens de consumo que o Estado soviético nunca pôde fornecer. Relíquias da grande loucura que os soviéticos tinham tentado impingir ao resto do mundo. A esta altura, na cabeça dos russos, os crimes bárbaros dos bolcheviques já eram apenas um

ponto de passagem no caminho para uma era de grandeza russa. Os gulags, a crueldade, os milhões mortos de fome ou reprimidos, tudo era detalhe desagradável. Nunca ninguém tinha sido responsabilizado por suas ações. Nunca ninguém tinha sido castigado pelos pecados. A extensa feiúra da Moskovskaya Prospekt deu por fim lugar à importada elegância europeia do centro da cidade. A primeira parada foi o Hotel Astoria, sede das delegações do Primeiro Mundo. Com a bagagem na mão, Natan Golani entrou em fila indiana com seus novos companheiros de cultura no requintado hall e foi colocar-se na longa fila para o balcão da recepção, à espera do check-in. Embora o capitalismo tivesse tomado a Rússia de assalto a Rússia, o conceito de serviços ao cliente ainda não o fizera. Gabriel ficou na fila por vinte minutos até que finalmente, e com o calor soviético, uma mulher de cabelos claros, que não tentou esconder seu desprezo por ele, registrou sua entrada no hotel. Recusando uma oferta de ajuda feita com indiferença por um carregador, levou ele mesmo as malas até o quarto. Não se deu ao trabalho de revistá-lo; já jogava segundo as Regras de Moscou, na premissa de que tudo está sob escuta e todos os telefonemas são controlados. Na premissa de que todas as pessoas que encontrar estão sob controle da oposição. E não olhe para trás. Nunca estará completamente sozinho.

E foi assim que Natan Golani ligou o computador portátil à banda larga oferecida pelo hotel e leu seus e-mails, sabendo perfeitamente que os espiões do FSB também os liam. E telefonou à suposta mulher que tinha em Tel Aviv e ficou obedientemente a ouvi-la a queixar-se da suposta mãe, sabendo perfeitamente que o FSB também suportava o mesmo monólogo entediante. E tendo tratado de seus assuntos tanto pessoais como profissionais, mudou de roupa, vestindo algo mais informal, e mergulhou na noite suave da antiga Leningrado. Jantou surpreendentemente bem num restaurante italiano logo ao lado, no Hotel Angleterre, e depois foi

seguido por dois vigias do FSB, aos quais apelidou de Igor e Natasha ao passear pelo cais do rio Neva, ao longo do crepúsculo interminável das noites brancas. Na Praça do Palácio, parou e ficou olhando os convidados de um casamento bebendo champanhe sob a Coluna de Alexandre, e por um momento permitiu-se pensar que, afinal, talvez fosse melhor esquecer o passado. Depois, virou-se e começou a fazer o caminho de volta ao Astoria, com Igor e Natasha silenciosos à luz do sol da meia-noite.

Na manhã seguinte, Natan Golani lançou-se à questão da conferência com a determinação de um homem com muito para conseguir fazer em muito pouco tempo. Estava sentado no lugar que lhe correspondia, na sala principal do Palácio de Mármore, quando a conferência começou, e ali permaneceu, com os receptores para a tradução simultânea postos, muito depois de vários dos outros delegados terem decidido sensatamente que as verdadeiras questões dessa ronda de reuniões estavam a ser tratadas nos bares dos hotéis ocidentais. Foi aos almoços de trabalho e fez o circuito dos coquetéis de recepção da parte da tarde. Foi aos jantares sem fim e nem por uma vez desistiu do entretenimento marcado para a noite. Falou francês com os franceses, alemão com os alemães, italiano com os italianos, e um espanhol aceitável com as várias delegações da América Latina. Deu-se muito bem com os sauditas e os sírios e até foi capaz de ter uma conversa educada com um iraniano sobre a loucura que era a negação do Holocausto. Chegou a um acordo de princípio para que uma orquestra de câmara israelense fizesse uma digressão pela África subsaariana e conseguiu que um grupo de bateristas maori da Nova Zelândia ficasse de visitar Israel. Tanto podia ser combativo como conciliatório, no espaço de poucos instantes. Falou de soluções novas para problemas antigos. Disse que Israel estava determinado a construir pontes em vez de vedações. Tudo o que era necessário dizia ele a todos os que o quisessem ouvir, era um homem de coragem do outro lado.

No final da sessão do segundo dia, subiu ao palco da sala principal do Palácio de Mármore e, como Uzi Navot previra, vários delegados abandonaram de imediato o recinto. Os que lá ficaram depararam-se com um discurso bem diferente de qualquer outro que já tivessem ouvido da boca de um representante israelense. o presidente da UNESCO declarou-o um toque de clarim para um novo paradigma no Oriente Médio. O delegado francês referiu a Monsieur Golani como um verdadeiro homem da cultura e das artes. Toda a gente que estava a assistir foi unânime ao considerar que parecia haver um vento novo a soprar das Montanhas da Judeia.

No entanto, não havia vento nenhum desses a soprar do quartel-general do FSB. Os seus especialistas em arrombamento revistavam-lhe o quarto sempre que de lá saía e os vigias seguiam-no para onde quer que fosse. Durante a gala final, no Teatro Mariinsky, uma atraente agente meteu-se descaradamente com ele e convidou-o para uma noite de entendimento sexual no apartamento dela. Declinando educadamente, abandonou o Mariinsky com Igor e Natasha, que a essa altura já estavam aborrecidos demais para se darem ao trabalho de ocultar sua presença. Sendo aquela a sua última noite em São Petersburgo, decidiu subir os degraus em espiral da cúpula dourada da Catedral de Santo Isaac. O parapeito estava vazio, fora duas moças alemãs que estavam encostadas à balaustrada, admirando a vista abrangente da cidade. Uma delas passou-lhe uma máquina fotográfica e fez uma pose teatral quando ele lhe tirou uma foto. A seguir, agradeceu profusamente e disse que Olga Sukhova aceitara comparecer ao jantar na embaixada. Quando voltou ao quarto de hotel, encontrou a luz de mensagens piscando no telefone. Era o embaixador israelense, insistindo para que ele fosse a Moscou.

— Precisa ver este lugar para acreditar, Natan! Bilionários, banqueiros corruptos e gângsteres, todos nadando num mar de petróleo, caviar e vodca! Vamos dar um jantar na quinta-feira à noite

para algumas almas corajosas que tiveram a audácia de desafiar o regime. E nem pense em dizer não, porque eu já combinei tudo com seu ministro.

Apagou a mensagem e ligou para Tel Aviv, informando à suposta mulher que ficaria na Rússia mais tempo do que o esperado. Ela repreendeu-o asperamente por vários minutos e depois desligou o telefone com toda a força, em sinal de descontentamento. Gabriel deixou o receptor encostado ao ouvido por mais um momento e imaginou os agentes do FSB que ouviam dando boas gargalhadas a sua custa.

CAPÍTULO 13

MOSCOU

Na Rua Tverskaya, em Moscou, os espampanantes carros estrangeiros dos novos-ricos competiam por um lugar com os Lada e os Zhiguli retangulares dos ainda carenciados. A Torre da Trindade, no Kremlin, estava praticamente perdida num manto leve de fumo de tubos de escape, com a sua famosa estrela vermelha a parecer tristemente mais um anúncio a um produto importado de luxo. No bar do Hotel Savoy, rapazes astutos e os seus guarda-costas estavam a beber cerveja gelada em vez de vodka. Os seus Bentley e Range Rover pretos esperavam-nos logo à entrada do hotel, com os motores a trabalhar para partirem depressa. Nos tempos que corriam, poupar combustível não era propriamente uma prioridade na Rússia. Havia gasolina, como quase tudo o resto, em abundância. Às 19h30, Gabriel desceu até o hall vestido com um fato escuro e uma gravata prateada de diplomata. Ao sair para a rua, sondou as caras atrás dos volantes dos carros estacionados antes de começar a descer a colina até a Teatralnyy Prospekt. No alto de uma Pequena colina, avultava a enorme fortaleza amarela de Lubyanka, o quartel-general do FSB.

À sua sombra, havia numerosas boutiques de luxo de costureiros ocidentais dignas da Rodeo Drive ou da Madison Avenue. Gabriel não pôde deixar de ficar admirado com a impressionante justaposição, ainda que isso fosse apenas um pouquinho de pantomima dirigida ao par de vigias que tinha abandonado o conforto do seu carro com ar-condicionado e o começara a seguir a pé.

Consultou um mapa de rua do hotel desnecessariamente, pois já tinha o percurso bem definido de antemão e dirigiu-se para uma grande esplanada ao ar livre, na base das muralhas do Kremlin. Passando por uma fila de quiosques que vendiam de tudo, desde camisolas de equipes de hóquei a bustos dos assassinos Lênin e Stalin, virou à esquerda e entrou na Praça Vermelha. Os últimos peregrinos do dia estavam parados à entrada para o Túmulo de Lênin, a beber Coca-Cola e a abanarem-se com brochuras turísticas e guias da noite de Moscou. Interrogou-se sobre qual seria a razão que os trazia ali. Seria uma fé injustificada? Nostalgia por um tempo mais simples? Ou viriam meramente por razões mórbidas? Para ajuizarem por eles próprios se a figura por baixo do vidro era verdadeira ou mais digna de um museu de cera?

Atravessou a praça, em direção às cúpulas em forma de chupa-chupas de bengala da Catedral de São Basílio, e depois seguiu pela muralha leste do Kremlin até o rio Moscou. Na margem oposta, no número 2 da Rua Serafimovicha, erguia-se a ignominiosa Casa no Cais, o colossal prédio de apartamentos construído por Stalin, em 1931, para residência exclusiva dos membros mais importantes da nomenklatura. Durante o auge do Grande Terror, tinham sido assassinados 766 moradores, ou um terço da população total, e aqueles que tinham o privilégio de ali morar viviam num medo constante de ouvir baterem à porta. Apesar da história sangrenta, grande parte da antiga elite soviética e seus filhos continuavam a morar no prédio e vendiam-se apartamentos por milhões de dólares.

Muito pouco da parte exterior tinha mudado, com exceção do telhado, que ostentava publicidade giratória da Mercedes-Benz de tamanho bem estalinista. Os nazistas podiam ter falhado na tentativa de capturar Moscou, mas, sessenta anos depois da guerra a bandeira do poderio industrial alemão esvoaçava, orgulhosa, de um dos marcos mais impressionantes da cidade. Gabriel lançou mais uma olhadela inútil ao mapa quando começou a atravessar a ponte Moskvoretsky. Havia estandartes vermelhos e pretos do Unidade, o partido russo no poder, pendurados nos postes de iluminação, oscilando na brisa quente.

Do outro lado da ponte, o presidente russo sorria desagradavelmente para Gabriel, num cartaz com três andares de altura. Estava agendado que ele enfrentasse o “eleitorado” russo, e pela quarta vez, no fim do verão. Havia bem pouco suspense em relação ao resultado; há muito que o presidente purgara a Rússia de tendências democráticas perigosas e os partidos da oposição oficialmente aprovados eram já pouco mais do que idiotas úteis. O homem sorridente no cartaz era o novo czar em tudo, menos no nome, e com ambições imperiais.

Do outro lado do rio ficava o bairro agradável de Zamoskvoreche. Poucado ao terror arquitetônico do replanejamento de Stalin, tinha mantido alguma atmosfera da Moscou do século XIX. Gabriel foi passando por casas imperiais quebradiças e igrejas com cúpulas em forma de cebola, até chegar ao recinto cercado por muralhas no número 56 da Bolshaya Ordynka. A placa no portão dizia EMBAIXADA DE ISRAEL, em inglês, russo e hebraico. Gabriel ergueu as credenciais na direção da lente olho de peixe da câmera e ouviu os ferrolhos eletrônicos se abrirem de imediato. Ao entrar, olhou de soslaio por cima do ombro e viu um homem num carro do outro lado da rua pegando uma máquina fotográfica e, descaradamente, tirando uma foto. Segundo parecia, o FSB sabia do

jantar do embaixador e pretendia intimidar os convidados quando chegassem e partissem.

O recinto era apertado e monótono, com um aglomerado de edifícios sem estilo em redor de um pátio central. Um segurança jovem — que não era segurança, mas agente de campo do Escritório a serviço da base de Moscou — cumprimentou Gabriel cordialmente pelo nome de disfarce e escoltou-o até o foyer do pequeno prédio de apartamentos que abrigava a maior parte do pessoal da embaixada. Quando Gabriel saiu do elevador, o embaixador estava à espera no último andar. Um diplomata de carreira bem-sucedida, que Gabriel vira somente em fotos, lançou os braços em volta dele e deu-lhe duas palmadas clamorosas entre as omoplatas, que nenhum transmissor do FSB podia deixar de detectar.

— Natan! — gritou, como se falasse com um tio surdo. — Meu Deus! É mesmo você? Parece que andou viajando um tempo enorme. São Petersburgo não pode ter sido assim tão ruim.

Enfiou um copo de champanhe morno na mão de Gabriel e deixou-o à deriva.

— Como sempre, Natan, é o último a chegar. Confraternize com as massas. Nos falamos mais tarde, depois cumprimentar a todos. Quero saber tudo sobre sua horrível conferência.

Gabriel pôs seu sorriso de diplomata mais afável e, de copo na mão, atacou energicamente a sala de estar barulhenta e cheia de fumaça.

Conheceu uma violinista famosa que era agora líder de um partidinho da oposição chamado Coligação para uma Rússia Livre. Conheceu um dramaturgo que tinha feito reviver a vetusta arte da alegoria russa, criticando o novo regime cuidadosamente. Conheceu um realizador que tinha acabado de ganhar importante prêmio de direitos humanos no Ocidente por um documentário sobre os gulags. Conheceu uma mulher que tinha sido trancada num manicômio por se atrever a andar na Praça Vermelha com um cartaz

exigindo democracia na Rússia. Conheceu um bolchevique convicto que acreditava que a única maneira de salvar a Rússia era restaurando a ditadura do proletariado e queimando os oligarcas na fogueira. Conheceu um dissidente fossilizado da era Brejnev que tinha sido ressuscitado, depois de praticamente morto, para empreender uma última e inútil campanha pela liberdade russa. Conheceu um corajoso ensaísta que tinha sido espancado quase até a morte por um grupo da Juventude do Partido Unidade. E, por fim, dez minutos depois de ter chegado, apresentou-se a uma repórter da *Moskovskaya Gazeta* que, devido ao assassinato de dois colegas, tinha sido promovida recentemente ao cargo de diretora editorial interina. Usava vestido sem mangas preto e um medalhão de prata no pescoço. As pulseiras que tinha no pulso chacoalharam como conchas ao vento quando estendeu a mão a Gabriel e lhe lançou um sorriso melancólico.

— Muito prazer, Sr. Golani — disse num inglês formal. — Sou Olga Sukhova.

A foto que Uzi Navot lhe mostrara na semana anterior, em Jerusalém, não fazia justiça à beleza de Olga. Com olhos translúcidos e feições longas e delicadas, ela parecia a Gabriel um ícone russo em carne e osso. Ficou sentado a sua direita durante o jantar, mas apenas conseguiram trocar umas quantas palavras, em grande parte porque o documentarista tinha monopolizado a atenção dela com uma descrição, plano a plano, do seu último filme. Sem lugar onde se abrigar, Gabriel viu-se nas garras do velho dissidente, que o presenteou com um sermão sobre a história da oposição política na Rússia desde o tempo dos czares. Quando os empregados estavam a levantar os pratos de sobremesa, Olga fez-lhe um sorriso de solidariedade.

— Receio sentir um cigarro se aproximando — disse ela.

— Quer acompanhar-me?

Levantaram-se ao mesmo tempo da mesa, sob o olhar cabisbaixo do realizador, e passaram ao pequeno terraço do embaixador. Estava vazio e na semiescuridão; à distância, avultava uma das Sete Irmãs, as monstruosas torres estalinistas que continuavam a dominar a linha de horizonte russa.

— O prédio de apartamentos mais alto da Europa — disse ela sem entusiasmo. — Na Rússia, tem de ser tudo o maior, o mais alto, o mais rápido ou o mais valioso. Nós não conseguimos viver como pessoas normais.

O isqueiro dela disparou uma chama.

— É a primeira vez que vem à Rússia, Sr. Golani?

— Sim — respondeu ele, dizendo a verdade.

— E o que o traz ao nosso país?

Você, respondeu, dizendo outra vez a verdade, mas apenas a si mesmo. Em voz alta, respondeu que tinha sido destacado na última hora.

E, nos vários minutos que se seguiram, falou de seus feitos com grande entusiasmo, até perceber que ela se estava se aborrecendo. Olhou por cima do ombro de relance, para a sala de jantar do embaixador, e não viu nenhum movimento que indicasse que o momento de privacidade deles estivesse prestes a ser interrompido.

— Nós temos um conhecido comum — disse ele. — Aliás, tínhamos um conhecido comum. É uma pena, mas ele já não está vivo.

Ela levou o cigarro aos lábios e deixou-o lá, como um escudo que a protegesse de qualquer mal.

— E quem seria essa pessoa? — perguntou no seu inglês de menina de escola.

— Boris Ostrovsky — respondeu Gabriel calmamente.

O olhar dela nada revelou. A ponta incandescente do cigarro tremia ligeiramente à meia-luz.

— E como conheceu Boris Ostrovsky? — perguntou cautelosamente.

— Eu estava na Basílica de São Pedro quando ele foi assassinado.

Olhou fixa e diretamente para o rosto icônico dela, tentando avaliar se o medo que via era verdadeiro ou uma falsificação. E decidindo que era realmente verdadeiro, insistiu. — Eu era a razão pela qual ele foi a Roma. Segurei-o enquanto ele morria.

Ela cruzou os braços de forma defensiva.

— Peço desculpas, Mr. Golani, mas está me deixando extremamente desconfortável.

— Boris queria contar alguma coisa, Miss Sukhova. Mataram-no antes que pudesse fazer isso. Eu preciso saber o que era. E acho que você pode saber a resposta.

— Lamento, mas foi induzido a erro. Ninguém dos nossos quadros sabia o que o Boris fazia em Roma.

— Nós sabemos que ele tinha informações, Miss Sukhova. Informações que eram perigosas demais para serem publicadas aqui. Informações sobre uma ameaça. Uma ameaça para o Ocidente e para Israel.

Ela olhou de relance para a sala de jantar, através da porta aberta.

— Imagino que esta noite tenha sido toda planejada por minha causa. Queria encontrar comigo num lugar em que achasse que o FSB não estaria ouvindo e por isso organizou uma festa por minha causa e me atraiu aqui com promessas de um furo exclusivo.

Pôs a mão no braço de Gabriel de uma forma insinuante e encostou-se a ele. A voz, quando ela voltou a falar, era pouco mais do que um sussurro: — Devia saber que o FSB está sempre ouvindo, Sr. Golani. Aliás, dois convidados que a sua embaixada trouxe aqui esta noite estão na folha de pagamento do FSB.

Soltou-lhe o braço e afastou-se. A seguir, o rosto dela iluminou-se, como uma criança perdida que vislumbra a mãe. Gabriel virou-se e viu o realizador a avançar em direção a eles, com mais convidados logo atrás. Cigarros foram acesos, bebidas foram pedidas e, em poucos instantes, já estavam os quatro conversando num russo rápido, como se Golani não estivesse ali. Gabriel ficou convencido de que tinha superestimado sua própria posição e que já tinha perdido Olga para sempre, mas quando se voltou para ir embora sentiu mais uma vez a mão dela no braço.

— A resposta é sim — disse ela.

— Desculpe?

— Perguntou se eu o levaria para visitar Moscou amanhã. E a resposta é sim. Onde está hospedado?

— No Savoy.

— É o hotel com mais escutas por metro quadrado em Moscou. — Sorriu. — Eu telefono de manhã.

CAPÍTULO 14

CEMITÉRIO DE NOVODEVICHY, MOSCOU

Ela queria levá-lo a um cemitério. Para perceber a Rússia atual, disse ela, é preciso conhecer primeiro o seu passado. E para conhecer o seu passado, era preciso caminhar por entre os ossos dela. Ela telefonou da primeira vez para o Savoy às dez da manhã e sugeriu que se encontrassem ao meio-dia. Pouco tempo depois, ligou outra vez e disse que, devido a uma complicação inesperada na redação, não se poderia encontrar com ele antes das três da tarde. Gabriel, desempenhando o papel de Natan Golani, passou grande parte da manhã a passear pelo Kremlin e pela Galeria Tretyakov. Depois, às 14h45, avançou para as escadas rolantes da estação de metrô de Lubyanka e desceu-as até o quente subsolo de Moscou.

Havia um metrô à espera, na escuridão da plataforma; entrou no carro no momento em que as portas soltaram um ruído seco e começaram a fechar e agarrou-se ao corrimão acima da cabeça quando o metrô se pôs a avançar aos solavancos. Seu guarda-costas do FSB tinha conseguido pegar o último lugar livre. Brincava com um iPod, símbolo do novo homem russo, enquanto uma velha babushka com um lenço de cabeça preto olhava para ele com um ar confuso.

Andaram seis paradas, até Sportivnaya. O vigia foi o primeiro a sair em direção à fraca luz do sol e foi para a esquerda. Gabriel virou à direita e entrou num caótico mercado ao ar livre, com quiosques em equilíbrio periclitante e mesas de cavalete de ferro apinhadas até cima com produtos baratos vindos das antigas repúblicas da Ásia Central. Na outra ponta do mercado, um grupo da Juventude do Partido Unidade estava a entoar slogans e a distribuir folhetos relacionados com as eleições. Um deles, um homem já não tão jovem, nos seus trinta e poucos anos, seguia uns quantos passos atrás de Gabriel quando este chegou à entrada do Cemitério de Novodevichy. Do lado de lá do portão, ficava uma pequena loja de flores construída em tijolo vermelho. Olga Sukhova estava à espera na porta, com um ramo de cravos nos braços. Seu timing é perfeito, Sr. Golani.

Deu-lhe dois beijos na face, de um modo muito formal, e sorriu calorosamente.

— Venha comigo. Acho que vai achar isto fascinante. Conduziu-o por um caminho sombreado e bordejado por ulmeiros e abetos altos. As sepulturas ficavam de ambos os lados: pequenos lotes de terreno cercados por vedações de ferro; altos monumentos esculpidos; muros em tijolo vermelho com nichos e cobertos de um musgo de cor pálida. O ambiente era tranquilo e semelhante ao de um parque, um descanso temporário em relação ao caos da cidade.

Por um momento, Gabriel quase foi capaz de se esquecer de que estavam a ser seguidos.

— O cemitério costumava ser dentro do Convento de Novodevichy, mas, com o virar do século passado, a Igreja decidiu que havia demasiados enterros a ter lugar dentro das paredes do mosteiro e por isso criaram este lugar.

Ela falava com ele em inglês, num volume próprio de um guia turístico, suficientemente alto para que aqueles que estavam Por perto a pudessem ouvir.

— É o mais parecido que nós temos com um cemitério nacional, além do muro do Kremlin, claro. Dramaturgos e poetas, monstros e assassinos: estão todos aqui juntos em repouso, em Novodevichy. Não podemos deixar de imaginar do que falarão com os outros à noite, quando os portões se fecham e os visitantes se vão todos embora.

Parou diante de um monumento alto e cinzento, com um monte de rosas vermelhas murchas na sua base.

— Gosta de Tchekov, Sr. Golani?

— Quem não gosta?

— Ele foi um dos primeiros a ser enterrado aqui.

Puxou-o pelo cotovelo.

— Venha, vou mostrar-lhe mais.

Caminharam lentamente ao longo de um trilho coberto de folhas caídas. Num caminho paralelo, o vigia que tinha estado a distribuir folhetos no mercado estava nesse preciso momento a simular um interesse excessivo na sepultura de um matemático russo de renome. A poucos metros de distância, encontrava-se uma mulher com um anorak bege amarrado à cintura. Na mão direita, tinha uma máquina fotográfica digital, apontada diretamente para Gabriel e Olga.

— Seguiram-no até aqui.

Ela lançou-lhe um olhar de soslaio.

— Mas a verdade é que calculo que já sabe disso, não é, Sr. Golani? Ou devia chamá-lo Sr. Allon?

— Meu nome é Natan Golani. Trabalho para o Ministério da Cultura israelense.

— Peço desculpas, Sr. Golani.

Ela conseguiu dar um sorriso. Estava vestida informalmente, com pulôver preto justo e calça jeans. O cabelo claro estava puxado todo para trás, preso na nuca. As botas de camurça faziam-na parecer mais alta do que na noite anterior. Os saltos batiam ritmicamente ao longo do passeio à medida que eles iam passando pelas sepulturas lentamente.

“Os músicos Rostropovich e Rubinstein...

“Os escritores Gogol e Bulgakov...

“Os gigantes do Partido Kruchtchev e Kossyguin...

Kaganovich, o monstro stalinista que assassinou milhões na loucura da coletivização...

“Molotov, signatário do pacto secreto que condenou a Europa à guerra e os judeus da Polônia ao extermínio...

“Não há nenhum lugar exatamente igual a este para se verem as contradições impressionantes da nossa história. A beleza grande jaz lado a lado com o incompreensível. Estes homens deram-nos tudo e, quando nos deixaram, ficamos sem nada: fábricas que produziam bens que ninguém queria, uma ideologia que estava cansada e falida. E tudo isso tendo como pano de fundo música e palavras lindas.”

Gabriel olhou para o ramo de flores que ela levava nos braços.

— Para quem são?

Ela parou em frente a uma pequena campa com um monumento de pedra baixo e sem adornos.

— Para Dimitri Sukhova, o meu avô. Era dramaturgo e diretor. Se ele tivesse vivido em outro tempo, sob um regime

diferente, talvez fosse magnífico. Em vez disso, foi recrutado pelo Partido para fazer propaganda banal para as massas. Fez com que as pessoas acreditassem no mito da grandeza soviética. E a recompensa dele foi ser enterrado aqui, entre os verdadeiros gênios russos.

Agachou-se junto à sepultura e afastou as agulhas dos pinheiros da pedra tumular.

— Tem o sobrenome dele — disse Gabriel. — Não é casada?

Ela abanou a cabeça e colocou as flores na sepultura com suavidade.

— Lamento dizê-lo, mas ainda estou para encontrar um compatriota adequado para casar e procriar. Se têm algum dinheiro, a primeira coisa que fazem é comprar uma amante. Entre em qualquer restaurante de sushi da moda em Moscou e vai ver as moças bonitas e novas todas em fila no balcão, à espera de um homem que as arrebate. Mas não de um homem qualquer. Elas querem um novo russo. Um homem com dinheiro e contatos. Um homem que passa os invernos em Zermatt e Courchevel e os verões no Sul de França. Um homem que lhes dê joias e carros estrangeiros. Eu prefiro passar meus verões na dacha do meu avô. Cultivo rabanetes e cenouras. Continuo a acreditar no meu país. Não preciso passar férias nas estâncias de luxo da Europa Ocidental para ser uma nova russa satisfeita e realizada.

Tinha falado para a sepultura. A seguir, virou a cabeça e olhou para Gabriel por cima do ombro.

— Deve me achar terrivelmente boba.

— Boba por quê?

— Porque eu finjo que sou jornalista num país onde já não existe verdadeiro jornalismo. Porque eu quero democracia num país que a conheceu – e, que com toda a probabilidade, nunca a conhecerá.

Pôs-se de pé e limpou a poeira das palmas das mãos. — Para compreender a Rússia dos nossos dias, é preciso compreender o

trauma dos anos noventa. Tudo o que nós tínhamos, tudo o que nos tinham dito, foi varrido. Nós passamos de superpotência a um caso psiquiátrico do dia para a noite. O nosso povo perdeu todas a poupança, não apenas uma vez, mas uma e outra sucessivamente. Os russos são um povo paternalista. Acreditam na Igreja Ortodoxa, no Estado, no Czar. Associam a democracia ao caos. O nosso presidente e os siloviki compreendem isso. Utilizam palavras como democracia musculada e capitalismo de Estado, mas são apenas eufemismos para uma coisa mais sinistra: fascismo. Passamos, aos tropeções, da ideologia de Lênin para a ideologia de Mussolini numa década. Não devemos ficar surpresos com isso. Olhe à sua volta, Sr. Golani. A história da Rússia não é senão uma série de convulsões. Não conseguimos viver como um povo normal. Nunca vamos conseguir.

Ela olhou para trás dele, para um recanto escuro do cemitério. Eles estão a observar-nos de muito perto. Dê-me o braço, por favor, Sr. Golani. É melhor que o FSB julgue que se sente atraído por mim. Fez o que lhe mandaram.

- Talvez fascismo seja uma palavra forte demais — disse.
- E qual aplicaria ao nosso sistema?
- Um estado corporativo — respondeu Gabriel sem convicção.

- Lamento, mas isso é um eufemismo digno do Kremlin. Sim, agora o nosso povo tem liberdade para ganhar e gastar dinheiro, mas o Estado continua a escolher os vencedores e os vencidos. OS nossos líderes falam em reconquistar impérios perdidos. Utilizam o nosso petróleo e gás para oprimir e intimidar os nossos vizinhos. Eliminaram praticamente a oposição e uma imprensa independente e aqueles que se atrevem a protestar são espancados abertamente nas ruas. As nossas crianças estão a ser coagidas a juntarem-se a organizações juvenis do Partido Unidade. Ensinam-lhes que a América e os judeus querem controlar o mundo

que a América e os judeus querem roubar a riqueza e os recursos da Rússia. Quanto a si, não sei, Sr. Golani, mas eu fico nervosa quando as mentes dos jovens são treinadas para odiar. As comparações inevitáveis com outro tempo e lugar são desconfortáveis, para não ir mais longe. Ela parou debaixo de um abeto imponente, virou-se e olhou de frente para ele.

— É judeu asquenazim? — perguntou-lhe.

Ele acenou com a cabeça.

— Sua família era originalmente da Rússia?

— Da Alemanha — respondeu. — Meus meus avós eram de Berlim.

— E sobreviveram à guerra?

Ele abanou a cabeça e, mais uma vez, contou a verdade. Foram assassinados em Auschwitz. — Minha mãe era suficientemente nova para trabalhar e conseguiu sobreviver. Morreu há vários anos.

— Gostaria de saber o que sua mãe diria de um líder que enche as mentes dos jovens com fantasias paranoicas sobre gente que conspira para roubar o que é deles por direito. Chamaria a ideologia de um Estado corporativo ou teria usado um termo mais sinistro?

— Bem pensado, Miss Sukhova.

— Perdoe o meu tom, Sr. Golani, mas sou uma russa à moda antiga que gosta de cultivar rabanetes e cenouras no quintal da dacha em ruínas do avô. Acredito na minha Rússia e não quero que sejam cometidas mais maldades em meu nome. E o mesmo acontecia com Boris Ostrovsky. Por isso ele queria falar com você. E por isso ele foi morto.

— Por que ele foi a Roma, Olga? O que ele queria me dizer?

Ela esticou-se e tocou a face de Gabriel com a ponta do dedo.

— Talvez devesse me beijar agora, Sr. Golani. É melhor que o FSB fique com a impressão de que nós vamos ser amantes.

CAPÍTULO 15

MOSCOU

Foram até a Arbat Velha no carro dela, um antigo Lada verde cor de sopa de ervilhas, com o para-choque dianteiro balançando. Ela conhecia um lugar onde eles podiam falar: um restaurante georgiano com grutas de pedra, riachos falsos e empregados com vestimentas típicas. Era barulhento, assegurou-lhe ela. Um pandemônio. O dono é um pouco parecido demais com Stalin para algumas pessoas.

Apontou pela janela para mais uma das Sete Irmãs.

— O Hotel Ukraina.

— O maior do mundo?

— Nós não conseguimos viver como um povo normal.

Ela deixou o carro num lugar claramente ilegal, perto da praça Arbat, e foram a pé para o restaurante, iluminados pela pálida luz do final da tarde. Ela tinha razão em relação ao dono parecia uma figura de cera de Stalin que tinha ganho vida e também em relação ao barulho. Gabriel teve de se inclinar um pouco sobre a mesa para conseguir ouvir o que ela dizia. Estava a falar de uma informação anônima que a Gazeta recebera antes do Ano Novo. Uma informação secreta proveniente de uma fonte cujo nome ela nunca poderia divulgar...

— Essa fonte disse-nos que um negociante de armas, com ligações íntimas ao Kremlin e ao nosso presidente, estava prestes a concluir um negócio muito importante que colocaria algumas armas muito perigosas nas mãos de algumas pessoas muito perigosas.

— Que tipo de pessoas?

— Do tipo contra o qual tem andado a sua vida inteira a lutar, Sr. Golani. Do tipo que jurou destruir o seu país e o Ocidente. Do tipo que envia aviões contra edifícios e faz explodir bombas em mercados apinhados de gente.

— A Al-Qaeda?

— Ou um dos associados dela.

— E que tipo de armas?

— Não sabemos.

— São convencionais?

— Não sabemos.

— Químicas ou biológicas?

— Não sabemos.

— Mas não podem excluir nenhuma das hipóteses?

— Não podemos excluir nada, Sr. Golani. Tanto quanto sabemos, as armas podem ser radiológicas ou até mesmo nucleares. Ela ficou em silêncio por um momento e depois conseguiu fazer um sorriso cauteloso, como se tivesse ficado atrapalhada com uma pausa embaraçosa na conversa.

De repente, o melhor é eu dizer-lhe simplesmente aquilo que sei mesmo.

Ela estava a olhar para ele fixa e atentamente. Gabriel ouviu um alvoroço à sua esquerda e olhou de soslaio por cima do ombro. Stalin estava a sentar um grupo de pessoas numa mesa próxima da deles: dois mafiosos velhos e as suas acompanhantes, profissionais de alto preço. Olga também tomou nota da presença deles e continuou a falar.

— A fonte que nos forneceu a informação inicial sobre a venda é irrepreensível e garantiu-nos que estava correta. Mas nós não podíamos publicar uma notícia com base numa única fonte. É que, ao contrário de muitos dos nossos concorrentes, a *Gazeta* tem a reputação de ser minuciosa e precisa. Já fomos processados várias vezes por pessoas que não gostaram do que nós publicamos sobre

elas, mas nunca perdemos, nem sequer na farsa dos tribunais da Rússia.

— E por isso começaram a fazer perguntas?

— Nós somos repórteres, Sr. Golani. É isso que nós fazemos.

A nossa investigação desenterrou umas informações intrigantes mas nada de específico e nada que pudéssemos publicar. Decidimos enviar um dos nossos repórteres para Courchevel para seguir o negociante de armas em questão. O traficante tem um chalé lá. Um chalé bastante grande, aliás.

— E o repórter era o Aleksandr Lubin?

Ela acenou com a cabeça lentamente.

— Presumo que conheça os pormenores que vieram nas notícias que saíram. O Aleksandr foi assassinado poucas horas depois de ter chegado. Obviamente, foi um aviso para o resto do pessoal da Gazeta se manter afastado. No entanto, receio que tenha produzido o efeito contrário. Nós assumimos o assassinato do Aleksandr como uma confirmação de que a história era verdadeira.

— E por isso continuaram a esgaravatar?

— Com cuidado. Mas, sim, continuamos a esgaravatar. E conseguimos descobrir muita coisa sobre as operações em geral do traficante de armas, mas nunca fomos capazes de identificar os pormenores específicos de um negócio. Até que o assunto acabou por nos ser tirado das mãos por inteiro. De forma bastante inesperada, o dono da Gazeta resolveu vender a revista. Mas receio que ele não tenha chegado a essa decisão sozinho; foi pressionado a vender pelo Kremlin e o FSB. O nosso novo dono é um homem sem nenhuma experiência em jornalismo e a primeira decisão dele foi nomear um editor com ainda menos experiência. O editor anunciou que já não estava interessado em notícias sérias ou em jornalismo de investigação. Dali em diante a Gazeta iria focar-se em notícias sobre as celebridades, as artes e a vida na Nova Rússia. A seguir, reuniu-se com o Boris Ostrovsky para passar em revista as histórias que iriam

sair em breve. Consegue adivinhar qual foi a história que ele eliminou Primeiro?

— Uma investigação sobre um possível negócio entre um traficante de armas russo e a Al-Qaeda.

— Exatamente.

— Presumo que o momento da venda da revista não tenha sido uma coincidência.

— Não, não foi. O nosso novo dono é um sócio do negociante de armas. Com toda a probabilidade, foi o negociante de armas quem avançou com todo o dinheiro. Bastante espantoso, não acha, Sr. Golani? Só na Rússia.

Ela enfiou a mão na mala e tirou um maço de cigarros e um isqueiro. Importa-se?

Gabriel abanou a cabeça e olhou em volta do restaurante rapidamente. Um dos mafiosos tinha a mão na coxa à mostra da acompanhante, mas não havia qualquer sinal de vigias. Olga acendeu o cigarro e pousou o maço e o isqueiro em cima da mesa.

— A venda da revista colocou-nos perante um dilema terrível. Achávamos que a história da venda dos mísseis era verdadeira, já não tínhamos nenhum lugar para publicar. Nem podíamos continuar a investigar a história dentro da Rússia. Decidimos optar por outro curso de ação. Decidimos comunicar as nossas descobertas ao Ocidente por intermédio de uma figura de confiança do Mossad.

— Por que eu? Porque não foram até a embaixada dos Estados Unidos e contaram tudo ao chefe da base da CIA?

— Já não é prudente para a oposição ou a imprensa encontrar funcionários públicos americanos, especialmente da CIA. Além disso, Boris sempre admirou o Mossad. E tinha uma predileção especial por um determinado agente que não muito tempo atrás teve sua foto publicada no jornal por ter salvo a filha do embaixador americano em Londres.

— E por isso ele resolveu sair do país e nos contatar em Roma?

— Em consonância com a nova missão da Gazeta, disse ao nosso editor que queria fazer matéria sobre russos em férias na Cidade Eterna. Depois de chegar a Roma, contatou sua embaixada e solicitou um encontro. Como é óbvio, os seguranças do traficante de armas o seguiam. E suspeito que também estejam nos seguindo agora.

— E quem é ele? Quem é o traficante de armas?

Ela disse um nome e a seguir pegou a lista de vinhos e abriu-a.

— E que tal bebermos alguma coisa, Sr. Golani? Prefere tinto ou branco?

Stalin trouxe o vinho. Era da Geórgia, vermelho como o sangue e muito áspero. Mas os pensamentos de Gabriel já estavam noutro lado. Estava a pensar no nome que Olga Sukhova tinha acabado de dizer. Era-lhe familiar, claro. Toda a gente no seu ramo já tinha ouvido o nome Ivan Kharkov.

— O que sabe acerca dele, Sr. Golani?

— O básico. Antigo homem do KGB tornado oligarca russo. Faz-se passar por um investidor e homem de negócios internacional legítimo. Vive maioritariamente em Londres e França. Isso é mesmo o básico. Posso dar-lhe uma versão mais completa da história?

Gabriel assentiu com a cabeça. Olga apoiou-se nos cotovelos e levou o copo de vinho até junto da cara com ambas as mãos. Entre os dois, uma vela tremeluzia numa taça vermelha. Acrescentava cor às faces pálidas dela.

— Era filho da classe privilegiada soviética, o nosso Ivan. O pai era um oficial da KGB de alta patente. Muito alta patente. Aliás, quando se reformou, era chefe do Primeiro Direktoratado, a divisão de espionagem internacional. Ivan passou boa parte da infância no estrangeiro. Era-lhe permitido viajar, ao passo que os cidadãos

comuns soviéticos eram mantidos prisioneiros no seu próprio país. Ele tinha calças jeans e discos dos Rolling Stones, ao passo que os adolescentes comuns soviéticos tinham a propaganda comunista e os fins de semana no campo com a Komsomol. Nos tempos da escassez de comida, quando os trabalhadores eram forçados a comer algas marinhas e carne de baleia, ele e a família tinham vitela fresca e caviar.

Ela bebeu um pouco do vinho. Na porta da frente, Stalin estava a negociar uma mesa com dois clientes. Um deles tinha estado no cemitério. Olga pareceu não reparar.

— Como todos os filhos da elite do Partido, foi-lhe automaticamente concedido um lugar numa universidade de elite. No caso de Ivan, foi a Universidade Estatal de Moscou. Depois da licenciatura, foi diretamente admitido nas fileiras do KGB. Apesar da fluência em inglês e alemão, não foi considerado material apropriado para uma vida como espião internacional e, por isso, foi destacado para o Quinto Direktoratado. Já ouviu falar do Quinto Direktoratado, Sr. Golani?

— Era o responsável pelo controle de fronteiras, dissidentes, artistas e escritores.

— Não se esqueça dos refuseniks, Sr. Golani. O Quinto Direktoratado também foi responsável pela perseguição aos judeus. Segundo consta, Ivan era muito diligente nesse aspecto.

Naquele momento, Stalin sentava os dois homens a uma mesa perto do centro do restaurante, fora do alcance dos ouvidos.

— Ivan se beneficiou da mão mágica do seu famoso pai e foi rapidamente promovido na hierarquia da direção. A seguir vieram Gorbachev e a glasnost e a perestroika e, do dia para a noite, mudou tudo no nosso país. O Partido afrouxou as rédeas do planeamento central e autorizou os jovens empresários em alguns casos, os mesmíssimos dissidentes que Ivan e o Quinto Direktoratado andavam a controlar a fundarem cooperativas e bancos privados. Contra todas

as expectativas, muitos desses jovens empresários até começaram a fazer dinheiro. E isso não caiu muito bem aos nossos suseranos secretos em Lubyanka. Estavam habituados a escolher os vencedores e os vencidos da sociedade. Um mercado livre ameaçava perturbar a velha ordem. E, claro, se havia algum dinheiro a ser feito, queriam o que era deles por direito. Decidiram que não tinham outra opção a não ser entrarem eles próprios no mercado. E precisavam de um rapaz enérgico que viesse das suas fileiras, um rapaz que conhecesse as particularidades do capitalismo ocidental. Um rapaz a quem tivesse sido permitido ler os livros proibidos.

— Ivan Kharkov.

Ela levantou o copo, saudando a resposta correta. Com a bênção dos seus patrões de Lubyanka, Ivan foi autorizado a abandonar o KGB e a fundar um banco. Deram-lhe uma sala individual úmida e fria num prédio de apartamentos antigo em Moscou, um telefone e um computador pessoal fabricado na América, uma coisa que a maioria de nós nunca tinha visto. Uma vez mais, a mão mágica pousou no ombro de Ivan e, no espaço de meses, o banco novo dele estava a arrecadar milhões de dólares de lucro, quase tudo devido a negócios com o Estado. A seguir, a União Soviética desmoronou-se e entramos no período dos loucos anos noventa do capitalismo gangster, da terapia de choque e das privatizações instantâneas. Quando os empreendimentos da União Soviética que eram detidos pelo Estado foram leiloados a quem oferecesse mais, Ivan abocanhou alguns dos bens e fábricas mais lucrativos. Quando os imóveis em Moscou podiam ser comprados por tuta-e-meia, Ivan deitou as mãos a algumas das pérolas. Durante o período da hiperinflação, Ivan e os patronos dele da Praça Lubyanka fizeram fortunas com a especulação monetária fortunas que acabaram por ir parar inevitavelmente a contas bancárias secretas em Zurique e Genebra. Ivan nunca teve ilusões nenhuma sobre a razão do seu espantoso sucesso. Tinha sido ajudado pela

mão mágica do KGB e portou-se muito bem na tarefa de manter a mão mágica cheia de dinheiro.

— Um dos bens do Estado que Ivan sacou no início dos anos noventa foi uma frota de aviões de carga e de navios com contentores. Não lhe custaram muito, já que na época aviões andavam caindo nos aeroportos do país e navios apodreciam em docas secas. Ivan comprou as instalações e o pessoal necessários para pôr a frota funcionando outra vez e, no espaço de poucos meses, já tinha um dos bens mais valiosos da Rússia: uma companhia capaz de deslocar mercadorias para dentro e fora do país, sem se fazerem perguntas. Passado pouco tempo, os navios e os aviões de Ivan estavam cheios de carga; lucrava com destino a terras problemáticas no estrangeiro.

— Armas russas — disse Gabriel.

Olga assentiu com a cabeça.

— E não apenas metralhadoras AK-47 e lança-granadas RPG-7, embora sejam uma parte substancial da operação dele. Ivan também lida com os artigos bem dispendiosos: tanques, baterias antiaéreas, helicópteros de combate, até mesmo a ocasional fragata ou um caça Mig ultrapassado. Agora, esconde-se por trás de uma máscara de respeitabilidade, como um dos promotores e investidores imobiliários mais proeminentes de Moscou. É dono de um palácio em Knightsbridge, de uma villa no Sul de França e de um chalé em Courchevel. Compra quadros, mobília de antiquário, e até tem uma participação numa equipe de futebol inglesa. É presença regular nas cerimônias no Kremlin e é muito próximo do presidente e dos siloviki. Mas por baixo disso tudo, não passa de um contrabandista de armas e de um bandido. Como os nossos amigos americanos gostam de dizer, ele tem o dedo em tudo. Tem o inventário e os navios de carga e os aviões de transporte para o entregar. Se for necessário, até pode providenciar financiamento por via das suas operações bancárias. É famoso pela capacidade que tem

em conseguir levar as armas ao seu destino rapidamente, por vezes de um dia para o outro, tal e qual as transportadoras como a DHL e a FedEx. Se nós queremos descobrir se Ivan fez ou não realmente algum negócio com a Al-Qaeda, temos de conseguir entrar na rede dele. E para conseguirmos entrar na rede de Ivan, precisamos do nome da sua fonte inicial.

— Mas não podem ter, Sr. Golani. Já morreram duas pessoas. Lamento, mas o assunto está encerrado.

Olhou para o menu.

— Devíamos comer qualquer coisa, Sr. Golani. É melhor se o FSB pensar que temos mesmo fome.

Durante o resto do jantar, Olga não mencionou Ivan Kharkov nem os seus mísseis. Em vez disso, falou dos livros que tinha lido recentemente, dos filmes que tinha visto recentemente e das eleições que aí vinham. Quando veio a conta, envolveram-se os dois numa disputa brincalhona, o cavalheirismo contra a hospitalidade russa, e o cavalheirismo prevaleceu. Ainda havia luz lá fora; seguiram diretamente para o carro dela, de braço dado, em proveito dos possíveis espetadores que estivessem a ver. De início, o velho Lada não quis pegar, mas acabou por voltar à vida com grande barulho e uma baforada de fumaça azul-prata.

— Fabricado pelos melhores operários especializados soviéticos durante os últimos anos do socialismo desenvolvido — disse ela. — Pelo menos, já não temos que tirar o limpador de para-brisa. — Pôs o volume do rádio muito alto e abraçou-o sem paixão. — Podia fazer a gentileza de me acompanhar até a porta, Sr. Golani? Meu prédio já não é tão seguro como costumava ser.

— Terei todo o gosto.

— Não é longe daqui. Dez minutos, no máximo. Há uma parada de metrô perto. Pode...

Gabriel encostou-lhe um dedo nos lábios e disse para arrancar.

CAPÍTULO 16

MOSCOU

Diz-se que Moscou não é verdadeiramente uma cidade mas antes uma coleção de aldeias. Esta era uma delas, pensou Gabriel, ao caminhar lado a lado com Olga. E era uma aldeia com problemas graves. De um lado, um bando de alcoólicos a emborcar cerveja e copinhos de vodca. Do outro, um grupo de drogados a partilhar um cachimbo e um tubo de cola. Num outro ainda, um esquadrão de rufias de skate a aterrorizar um trio de velhas babushkas numa passeata de fim de tarde. A presidir a tudo, um retrato enorme do presidente russo, com o braço levantado à maneira de Lênin. A preencher o topo, em letras vermelhas, estava o slogan ubíquo do Partido: EM FRENTE, UNIDOS!

O prédio dela era conhecido como K-9, mas os espirituosos da região que falavam inglês chamavam de a Casa dos Cães*. Construído com a forma de um H, tinha trinta e dois andares, seis entradas e uma grande torre de transmissão no telhado, com luzes vermelhas de alerta piscando. Um gêmeo idêntico erguia-se de um lado e uma meia-irmã feia do outro. Não era uma casa, pensou Gabriel, mas um armazém para pessoas.

**Jogo com o som da expressão K-9, que em inglês se lê como canine (em português, canino) (N. do T.)*

— Qual é a sua entrada?

— A C.

— Escolha outra.

— Mas eu entro sempre pela C.

— Por isso quero que escolha outra.

Seguiram por uma entrada assinalada com um B e atravessaram um longo corredor com um chão de linóleo cheio de buracos. As luzes estavam quase todas apagadas, lâmpada sim,

lâmpada não, e por trás das portas fechadas saíam sons e cheiros de demasiadas pessoas a viverem demasiado juntas. Ao chegarem aos elevadores, Olga carregou com força no botão de chamada e pôs-se a olhar fixamente para o teto. Passou um minuto. Depois outro.

— Não estão funcionando.

— Costumam a quebrar com muita frequência?

— Uma vez por semana. Às vezes, duas.

— E em que andar mora?

— No décimo primeiro.

— Onde são as escadas?

Com uma olhadela, apontou para a esquina do corredor. Gabriel conduziu-a até uma escada mal iluminada cheirando a cerveja azeda, urina e, vagamente, desinfetante.

— É triste dizer, mas o progresso tem chegado devagar às escadas — russas disse ela. — Mas, acredite ou não, costumava ser muito pior.

Gabriel avançou para o primeiro degrau e começou a subir, com Olga logo atrás. Durante os primeiros quatro andares, estiveram sozinhos, mas no quinto encontraram duas moças partilhando um cigarro e, no sétimo, dois rapazes partilhando uma seringa. No patamar do oitavo andar, Gabriel teve de reduzir o ritmo por um momento para raspar do sapato um preservativo que se tinha colado à sola e, no décimo, passou em cima de cacos de vidro. Quando chegaram ao décimo primeiro andar, Olga ofegava. Gabriel esticou-se para a porta, mas, antes de conseguir tocá-la, ela fugiu como se uma onda de choque a tivesse escancarado. Empurrou Olga para o canto e conseguiu afastar-se da entrada ao mesmo tempo em que os primeiros tiros rasgaram o ar úmido. Olga começou a gritar, mas Gabriel mal reparou. Naquele momento já estava encostado à parede da escadaria. Não sentia medo algum, apenas uma sensação de profundo desapontamento.

Alguém estava prestes a morrer. E não seria ele.

A pistola era uma P-9 Gurza com um supressor montado no cano. Era uma arma de profissional, embora o mesmo não se pudesse dizer do palerma que a empunhava.

Talvez tivesse sido um excesso de confiança da parte do assassino, pensaria Gabriel mais tarde, ou talvez os homens que o contrataram se tivessem esquecido de lhe indicar que um dos alvos também era um profissional. Fosse qual fosse o caso, o atirador cometeu a asneira de sair pela porta fora com a pistola bem à vista, nas mãos esticadas. Gabriel agarrou-a com força e apontou-a ao teto com segurança, ao mesmo tempo que atirava o homem contra a parede. A arma disparou sem perigo duas vezes, antes de Gabriel conseguir dar dois violentos pontapés na virilha do atirador, seguidos de uma cotovelada aniquiladora na têmpora. Embora esse último golpe fosse quase com certeza mortífero, Gabriel nada deixou ao acaso. Depois de arrancar a Gurza da mão já frouxa do atirador, disparou-lhe dois tiros na cabeça, o insulto supremo de um profissional a outro.

Os amadores, sabia por experiência própria, tinham tendência a matar em duplas, o que explicava a reação calma do atirador ao som dos vidros se quebrando quando subia a escada. Puxou Olga para fora da linha de fogo e estava parado no alto das escadas quando o segundo homem virou a esquina. Gabriel abateu-o como se fosse um alvo em pista de tiro: três disparos no centro do corpo, bem juntos uns dos outros, e um na cabeça, para pontuação extra por estilo.

Ficou sem se mexer durante uns segundos, até ter certeza de que não havia mais assassinos, e virou-se. Olga estava encolhida de medo no chão, ao lado do primeiro homem que Gabriel matara. Como o que estava no fundo das escadas, ele tinha a cabeça tapada por balaclava preta. Gabriel arrancou-a, deixando à mostra um rosto sem vida de barba escura.

— Ele é checheno — disse Olga.

— Tem certeza?

Antes que Olga pudesse responder, inclinou-se sobre a borda das escadas, sentindo-se terrivelmente maldisposta. Gabriel segurou-lhe a mão enquanto ela vomitava. À distância, conseguiu ouvir as primeiras sirenes da Polícia.

— Eles vão chegar logo, Olga. Nunca mais voltaremos a nos ver. Tem que me dar o nome. Diga quem é sua fonte antes que seja tarde demais.

CAPÍTULO 17

MOSCOU

Os primeiros agentes a chegar eram de uma equipe de segurança pública da Milícia de Moscou, o proletariado do vasto aparelho policial e dos serviços secretos da cidade. O agente responsável era um sargento com barba de três dias no queixo e que só falava russo. Tomou nota de uma curta declaração de Olga, que parecia conhecer de nome, e depois voltou a atenção para os atiradores mortos.

— Gângsteres chechenos — declarou com repugnância. Recolheu mais alguns dados, incluindo o nome e a nacionalidade do amigo estrangeiro da senhora Sukhova, e transmitiu as informações por rádio para a sede. No final da curta visita, deu ordens aos colegas para que não interferissem na cena do crime e confiscou o passaporte diplomático de Gabriel, um indício nada encorajador. Os agentes a aparecerem a seguir eram do GUOP, a unidade especial que lida com os casos relacionados com o crime organizado e os assassinatos por encomenda, uma das indústrias mais lucrativas de Moscou. O chefe da equipe usava jeans, jaqueta de couro preto e óculos de sol muito grandes na cabeça raspada. Disse que se chamava Markov. Nenhum posto. Nenhum nome próprio. Apenas

Markov. Gabriel reconheceu imediatamente o tipo. O tipo de pessoa que andava sobre um fio entre o crime e polícia. Podia ter dado tanto para um lado como para o outro e, em várias ocasiões na carreira, provavelmente já o fizera.

Examinou os cadáveres e concordou com as conclusões do sargento de serem provavelmente assassinos chechenos mercenários. Mas, ao contrário do homem mais novo, falava um pouco de inglês. As primeiras perguntas dele foram dirigidas não à famosa repórter da Gazeta, mas a Gabriel. Parecia muito interessado em saber como um diplomata israelense de meia-idade, do Ministério da Cultura, tinha conseguido desarmar um assassino profissional, dar dois tiros certos na cabeça, e a seguir matar o parceiro. Enquanto ouvia o relato de Gabriel, sua expressão era de ceticismo declarado. Inspeccionou o passaporte de Gabriel com toda a atenção e a seguir enfiou-o no bolso e disse que continuariam a conversa na sede.

— Não posso deixar de protestar — afirmou Gabriel.

— Compreendo — respondeu Markov melancolicamente. Por razões nunca explicadas, Gabriel foi algemado e levado num carro sem placa até a movimentada sede da Milícia. Lá, levaram-no para a área de processamento central e sentaram-no num banco de madeira, ao lado de um homem gasto, nos seus sessenta anos, que tinha sido espancado e roubado por malandros de rua. Passou uma hora; por fim, Gabriel foi ter com o agente de serviço e pediu autorização para telefonar para a embaixada. O agente traduziu o pedido de Gabriel para os colegas, que irromperam de imediato em gargalhadas ruidosas.

— Eles querem dinheiro — disse o homem mais velho quando Gabriel voltou para o banco. — Não pode ir embora enquanto não pagar o que eles querem.

Gabriel conseguiu fazer um ligeiro sorriso. Se ao menos fosse assim tão simples.

Pouco depois de uma da madrugada, Markov voltou a aparecer. Ordenou a Gabriel que se levantasse, tirou suas algemas e levou-o para uma sala de interrogatório. Os bens pessoais de Gabriel, a carteira, o passaporte diplomático, o relógio e o celular, estavam dispostos cuidadosamente em cima de uma mesa. Markov Pegou o celular e fez questão de mostrar com clareza que verificava a lista de chamadas recentes.

— Ligou para sua embaixada antes de os primeiros agentes da milícia chegarem.

— Correto.

— E o que lhes disse?

— Que tinha sido atacado e que a polícia se ia envolver.

— Mas não disse isso quando eu o interroguei no prédio.

— Contatar a embaixada de imediato numa situação destas é um procedimento de rotina.

— E costuma estar em muitas situações destas?

Gabriel ignorou a pergunta.

— Sou um diplomata do Estado de Israel, com direito a toda e qualquer proteção e imunidade diplomática. Parto da premissa de que um agente com seu cargo e posição perceberia que a minha primeira responsabilidade é contatar a minha embaixada e relatar o que aconteceu.

— E relatou que tinha matado dois homens?

— Não.

— Esse pormenor escapou-lhe? Esqueceu de lhes contar isso?

— Temos instruções para sermos breves na comunicação em todas as situações. Tenho certeza de que compreende.

— Nós, quem, Sr. Golani?

— O Ministério.

— Compreendo.

Gabriel julgou ver o vestígio de um sorriso.

— Quero ver um representante da minha embaixada de imediato.

— Infelizmente, devido às circunstâncias especiais do seu caso, vamos ter de mantê-lo detido por mais um tempo.

Gabriel fixou uma única palavra: detido.

— Que circunstâncias especiais?

Em silêncio, Markov levou Gabriel para fora da sala. A seguir, fecharam-no numa cela de detenção fétida, ao lado de um par de bêbedos ensanguentados e três prostitutas anoréxicas, uma delas a oferecer de imediato seus serviços. Gabriel descobriu um ponto relativamente limpo numa das paredes e deixou-se escorregar com cuidado até o chão de cimento. Tem de pagar, explicou a prostituta. Considere-se com sorte. Eu tenho de lhes dar outra coisa.

Passaram-se várias horas lentamente, sem mais nenhum contato de Markov quantas ao certo, Gabriel não sabia, já que não tinha relógio, nem havia nenhum visível da cela. Os bêbedos passaram o tempo debatendo Pushkin; as três prostitutas dormiram encostadas à parede do lado contrário, uma encostada à outra, como bonecas de vestir na estante de uma menina. Gabriel ficou sentado, com os braços à volta das canelas e a testa encostada aos joelhos. Bloqueou os sons que o rodeavam as portas a baterem com toda a força, o gritar de ordens, os berros de um homem a ser espancado e manteve os seus pensamentos concentrados apenas em Olga Sukhova. Estaria ela algum lugar nesse mesmo edifício onde ele se encontrava, interrogou-se, ou teria sido levada para outro lado devido às circunstâncias especiais do caso dela? Estaria sequer viva ou teria sofrido o mesmo destino que os colegas Aleksandr Lubin e Boris Ostrovsky? E quanto ao nome que Olga lhe revelara na escadaria da Casa dos Cães, enfiou-o num canto distante da memória e escondeu-o por baixo de uma camada de gesso e tinta base.

— Foi Elena... Foi Elena que me falou da venda.

Elena quem?, pensou Gabriel naquele momento. Elena onde? Elena ninguém...

Por fim, um som acabou por conseguir penetrar nas suas defesas: o som dos passos de Markov se aproximando. A expressão desagradável da sua cara sugeria uma virada agourenta nos acontecimentos. A responsabilidade pelo seu caso foi transferida para outro departamento.

— E que departamento é esse?

— Ponha-se de pé e a seguir vire-se para a parede e ponha as mãos atrás das costas.

— Não me vai dar um tiro aqui na frente destas testemunhas todas, não, Markov?

— Não me tente.

Gabriel fez o que mandaram. Dois agentes de uniforme entraram na cela, voltaram a colocar-lhe as algemas e levaram-no até lá fora, onde o fizeram entrar num carro que estava à espera e que arrancou a toda a velocidade por um labirinto de ruas secundárias, até virar por fim para uma avenida espaçosa e vazia. O destino final de Gabriel já estava à vista, uma fortaleza de pedra amarela iluminada por holofotes, erguendo-se no alto da pequena colina.

Elena, quem?, pensou. Elena, onde? Elena, ninguém...

CAPÍTULO 18

QUARTEL-GENERAL DO FSB, MOSCOU

Os portões de ferro de Lubyanka abriram lentamente para o receber. No centro de um grande pátio interior, quatro agentes de arborrecido estavam em silêncio, na escuridão. Puxaram Gabriel para fora do banco de trás do carro, com uma rapidez que revelava muita experiência nessas matérias, e empurraram-no pelas pedras arredondadas do pátio, para dentro do edifício. A escadaria

encontrava-se convenientemente localizada a poucos passos do hall de entrada. Quando se preparava para descer o primeiro degrau, Gabriel levou um forte empurrão no meio das omoplatas. Caiu desamparado pelas escadas abaixo, dando uma cambalhota, e só parou no patamar seguinte. Um golpe no rim, parecido com uma facada, cegou-o de dor, que se espalhou pelo corpo inteiro. Um pontapé bem medido no abdômen deixou-o sem fala e sem respiração. Puseram-no em pé outra vez e atiraram-no pelo lanço seguinte abaixo, como um cadáver de guerra. Dessa vez, a própria queda Provocou estragos suficientes para que eles não tivessem de se empenhar ainda mais com pontapés ou murros desnecessários. Depois de o voltarem a levantar, arrastaram-no para um corredor escuro. Para Gabriel, isso pareceu levar uma eternidade. Para os gulags da Sibéria, pensou. Para os campos da morte nos arredores de Moscou, onde Stalin sentenciava as suas vítimas a sete gramas de chumbo, a sua punição preferida para a deslealdade real ou imaginária. Esperava um período de isolamento numa cela onde a história Pejada de sangue de Lubyanka lhe fosse quebrando a resistência gradualmente. Em vez disso, levaram-no diretamente para uma sala de interrogatórios e obrigaram-no a sentar-se numa cadeira à frente de uma mesa retangular de madeira clara. Sentado do outro lado, estava um homem de fato cinzento e com uma palidez a condizer. Tinha uma pequena barbicha bem arranjada e óculos redondos com armações de arame. Estivesse ou não a tentar parecer-se com Lênin, a semelhança era inequívoca. Era vários anos mais novo do que Gabriel nos seus quarenta e tais, talvez e tinha-se divorciado recentemente, a julgar pela marca no dedo anelar da mão direita. Educado. Inteligente. Um adversário de respeito. Advogado numa outra vida, embora não fosse claro se tinha sido de defesa ou de acusação. Um homem de palavras e não de violência. Gabriel considerou-se um felizardo. Tendo em conta onde estava, e as opções disponíveis, podia ter arranjado bem pior.

— Está ferido? — perguntou o homem em inglês, como se não se importasse muito com a resposta.

— Sou um diplomata do Estado de Israel.

— Já me disseram. Não vai acreditar, mas estou aqui para ajudá-lo. Pode me chamar de Sergei. É um pseudônimo, claro. Como o pseudônimo que aparece no seu passaporte.

— Legalmente, não tem nenhum direito de me deter.

— Acho que tenho. Matou dois cidadãos da Rússia.

— Porque eles me tentaram me matar. Exijo falar com um representante da minha embaixada.

— Em seu devido tempo, senhor...

— Fez questão de mostrar que consultava o passaporte de Gabriel.

— Ah, aqui está, Sr. Golani.

Jogou o passaporte na mesa.

— Vamos lá, Sr. Golani, somos ambos profissionais. Com certeza somos capazes de lidar com esta situação deveras embaraçosa de uma maneira profissional.

— Já fiz uma declaração completa à Milícia.

— Lamento, mas a sua declaração levanta muito mais questões do que responde.

— O que mais precisa saber?

Exibiu um arquivo grosso; a seguir, do arquivo, tirou uma fotografia. Mostrava Gabriel, cinco dias antes, a atravessar o terminal do Aeroporto Pulkovo 2, em São Petersburgo.

— O que eu preciso saber, Sr. Golani, é o que está exatamente a fazer na Rússia. E não me tente enganar. Se o fizer, vou ficar muito zangado. E isso é a última coisa que o senhor quer. Reviram tudo uma vez; reviram tudo outra vez. A doença repentina do ministro-adjunto. O recrutamento apressado de Natan Golani como substituto. As reuniões e os discursos. As recepções e os jantares. Todos os contatos, formais ou casuais, ficaram devidamente

registrados, incluindo a mulher que o tentara seduzir durante a última gala no Teatro Mariinsky. Apesar do fato de a sala estar com toda a certeza equipada com um sistema de gravação, o interrogador anotou todas as respostas num pequeno caderno. Gabriel não pôde deixar de admirar a técnica dele. Se os papéis tivessem sido invertidos, ele teria feito precisamente a mesma coisa. Inicialmente, estava previsto que regressasse a Tel Aviv logo na manhã seguinte à conclusão da conferência da UNESCO.

— Correto.

— Mas decidiu abruptamente prolongar a sua estada na Rússia e, em vez disso, viajar para Moscou.

Pôs a sua mão pequena em cima do arquivo, como para relembrar Gabriel da sua presença. Porque fez isso, Sr. Golani?

— Nosso embaixador em Moscou é um velho amigo. Sugeriu que eu viesse passar um dia ou dois aqui.

— Com que propósito?

— Para vê-lo, claro, e para ver Moscou.

— E o que ele lhe disse exatamente, o seu amigo, o embaixador?

— Disse que eu tinha que ver Moscou para acreditar. Disse que estava cheia de bilionários, banqueiros corruptos e gângsteres russos. Disse que era uma cidade que se desenvolvia vertiginosamente. Disse qualquer coisa sobre um mar de petróleo, caviar e vodka.

— E falou em algum jantar?

Bateu de leve no arquivo com a ponta do dedo indicador.

— O jantar na embaixada de Israel na noite passada.

— Acho que sim.

— Pense bem, Sr. Golani.

— Tenho certeza de que falou nisso.

— E o que ele disse sobre isso, exatamente, Sr. Golani?

— Disse que estaria lá pessoas da oposição.

— Foi assim que ele descreveu os convidados? Como da oposição?

— Na verdade, acho que se referiu a eles como almas corajosas que tiveram a audácia de desafiar o regime.

— E por que seu embaixador achou que era necessário dar um jantar desses? Teria a intenção de se intrometer nos assuntos internos da Federação Russa?

— Posso garantir-lhe que não houve qualquer intromissão. Apenas jantamos e conversamos agradavelmente.

— E quem estava presente?

— Por que não pergunta aos agentes que vigiavam a embaixada ontem? Fotografaram todas as pessoas que entraram, eu incluído. Veja no seu arquivo. Tenho certeza de que está lá.

O interrogador sorriu.

— Quem estava presente, Sr. Golani?

Gabriel enumerou os nomes como melhor se podia lembrar.

O último nome que deu foi o de Olga Sukhova.

— Essa foi a primeira vez que o senhor e a senhora Sukhova se encontraram?

— Sim.

— E conhecia-a de nome?

— Não, nunca tinha ouvido o nome dela.

— Tem certeza disso?

— Absoluta.

— Parecem ter-se dado bastante bem.

— Ficamos sentados um ao lado do outro ao jantar. Tive uma conversa agradável.

— Discutiram os assassinatos recentes dos colegas dela?

— O assunto pode ter vindo à baila. Não me lembro.

— E do que se consegue lembrar, Sr. Golani?

— Falamos sobre a Palestina e o Oriente Médio. Falamos sobre a guerra no Iraque. Falamos sobre a Rússia.

— O que sobre a Rússia?

— De política, claro, das eleições que vêm aí.

— E o que a Sra. Sukhova disse sobre as eleições? Disse que a política na Rússia não passa de luta livre profissional. Disse que os vencedores e os vencidos são escolhidos de antemão. Que a própria campanha é apenas muito som e fúria, não significando nada. Disse que o presidente e o Partido Unidade vão ter uma vitória esmagadora e assumir mais um mandato sem qualquer tipo de restrições. A única questão será saber quantos votos se sentirão compelidos a roubar para atingir os seus objetivos. A Federação Russa é uma democracia. A análise política da senhora Sukhova, embora divertida e provocadora, é caluniosa e completamente falsa.

O interrogador passou para uma nova página do caderno.

— O senhor e a Sra. Sukhova passaram algum tempo sozinhos no jantar?

— Olga disse que precisava de um cigarro. E perguntou se eu não queria acompanhá-la.

— O senhor não tinha cigarro.

— O que não é nada surpreendente, tendo em conta que eu não fumo.

— Mas mesmo assim acompanhou-a?

— Sim.

— Por que queria falar com ela a sós, num lugar onde ninguém pudesse ouvi-los?

— Porque me senti atraído por ela e, sim, porque queria falar com ela a sós, num lugar em que mais ninguém pudesse ouvir.

— E para onde foram?

— Para o terraço.

— Quanto tempo é que ficaram sozinhos?

— Um minuto ou dois, não mais do que isso.

— E do que falaram?

— Perguntei se podia vê-la outra vez. Se ela podia me mostrar Moscou.

— Também lhe disse que era casado?

— Já tínhamos falado sobre isso.

— Durante o jantar?

— Sim.

— E de quem foi a ideia de visitar Novodevichy?

— Dela.

— Por que ela escolheu esse lugar?

— Disse que para entender a Rússia atual era preciso caminhar entre os ossos dela.

— Foram juntos até o cemitério?

— Não, encontrei-me com ela lá.

— E como foi para lá? De táxi?

— Apanhei o metrô.

— Quem chegou primeiro?

— Olga estava à espera ao portão quando eu cheguei.

— E entraram juntos no cemitério?

— Claro.

— Qual foi a primeira sepultura que visitaram?

— A de Tchekov.

— Tem certeza?

— Sim.

— Descreva-a.

Gabriel fechou os olhos, como se estivesse invocando a imagem da lápide, mas, em vez disso, ouviu a voz de Olga sussurrando baixinho no ouvido. Não pode dar o nome dela, dizia. Se Ivan descobrir que foi Elena que o traiu ele a mata.

CAPÍTULO 19

QUARTEL-GENERAL DO FSB, MOSCOU

Continuaram os dois a insistir por quanto tempo, Gabriel apenas podia imaginar. Em determinados momentos, vaguearam por território inexplorado. Noutros, reviram os seus passos por terrenos familiares. Inconsistências insignificantes eram apontadas como sendo prova de perfídia, lapsos de memória menores como prova de engano. Há um estranho paradoxo numa interrogação: muitas vezes, pode transmitir mais informações a quem lhe está sujeito do que ao agente que coloca as questões. Gabriel tinha concluído que o seu adversário não passava de um pequeno dente de engrenagem numa máquina muito mais vasta. As perguntas dele, como a politica de campanha na Rússia, eram muito som e fúria que não significavam nada. Os verdadeiros inimigos de Gabriel residiam noutro lado. Tendo em conta que a essa altura já devia estar morto, a sua simples presença em Lubyanka era algo que lhes era inconveniente.

Um fator iria determinar se ele sobreviveria a essa noite: teriam poder para chegar aos porões de Lubyanka para matá-lo?

As últimas perguntas do interrogador foram feitas com o ar aborrecido de um guarda de trânsito registrando um acidente menor. Anotou as respostas no caderno e depois fechou-o e olhou para Gabriel através dos óculos pequeninos. — Acho interessante que, depois de matar os dois bandidos chechenos, não tenha passado mal. Presumo que já tenha matado antes, Sr. Golani.

— Sr. Golani?

— Como todos os israelenses, tive de fazer o serviço obrigatório nas Forças Armadas. Combati no Sinai, em setenta e três, e no Líbano, em oitenta e dois.

— Então já matou muitos árabes inocentes?

— Sim, muitos.

— É um opressor sionista de palestinos inocentes?

— E convicto.

— O senhor não é quem diz ser, Sr. Golani. Seu passaporte diplomático é falso, como o nome que está lá. Quanto mais cedo confessar os seus crimes, melhor.

O interrogador colocou a tampa na caneta e atarraxou-a lentamente. Devia ter sido um sinal, já que a porta se escancarou e quatro agentes irromperam pela sala. Fizeram-no descer mais um lance de escadas e enfiaram-no numa cela que não era maior do que uma arrecadação. Tresandava a umidade e a fezes. Se havia outros prisioneiros por perto, não conseguia perceber, pois quando a porta sem janela se fechou, o silêncio, como a escuridão, era absoluto. Encostou a face ao chão frio e fechou os olhos. Olga Sukhova surgiu-lhe na forma de um ícone, com a cabeça inclinada para o lado, as mãos entrelaçadas em oração. *Se tiver a sorte de conseguir sair da Rússia vivo, nem pense sequer em tentar entrar em contato com ela. Está rodeada por guarda-costas a cada minuto do dia. Ivan vê tudo. Ivan ouve tudo. Ivan é um monstro.*

Num minuto, estava suando, no outro, tremia violentamente. Tinha o rim a latejar de dor e não conseguia respirar como devia por causa das contusões nas costelas. Durante um intenso período de frio, andou aos apalpões no interior da cela para ver se lhe tinham deixado um cobertor mas, em vez disso, encontrou apenas quatro paredes escorregadias.

Fechou os olhos e dormiu. Nos seus sonhos, atravessou as ruas do seu passado e encontrou muitos dos homens que matara. Estavam pálidos e exangues, com buracos de balas nos corações e nas faces. Chiara apareceu, com o seu vestido de casamento, e disse-lhe que estava na hora de voltar à Úmbria. Olga limpou-lhe o suor da testa e depositou um ramo de cravos murchos numa sepultura no Cemitério de Novodevichy. A inscrição na pedra tumular estava em hebraico e não em cirílico. Dizia: GABRIEL ALLON... Por fim, acordou com a visão de lanternas a brilhando. Os homens que as seguravam puseram-no em pé e o fizeram subir vários lances de

escadas. Gabriel tentou contá-los, mas desistiu rapidamente. Cinco? Dez? Vinte? Não conseguia saber ao certo. Utilizando a cabeça dele como um aríete, irromperam por uma porta, em direção ao ar frio da noite. Por um momento, a escuridão repentina cegou-o. Receou que se estivessem a preparar para o atirar do telhado Lubyanka tinha uma longa história de acidentes infelizes desse gênero —, mas depois os seus olhos adaptaram-se às novas condições e conseguiu perceber que, em vez disso, estavam apenas no pátio.

Sergei, o interrogador, estava parado junto de uma van preta, vestindo um fato cinzento novo. Abriu as portas de trás e, com umas quantas palavras abruptas em russo, ordenou aos agentes que enfiassem Gabriel lá dentro. Libertaram-lhe as mãos por breves instantes, algemando-as novamente, uns segundos mais tarde, a um aro de aço no teto. A seguir, as portas fecharam-se com um baque ensurdecedor e a van avançou aos solavancos sobre as pedras arredondadas do pátio.

Para onde, agora?, pensou. Para o exílio ou para a morte? Estava outra vez a sós. Calculou que ainda não fosse meia-noite, porque o trânsito de Moscou ainda estava ao rubro. Não ouviu sirenes que indicassem que estavam sob escolta e o condutor parecia estar a obedecer às regras de trânsito, sendo elas o que eram. Durante uma longa parada, ouviu sons de gargalhadas e pensou em Soljenitsyne. As vans... Fora assim que o KGB tinha transferido os habitantes do Arquipélago de Gulag durante a noite, em vans de aspeto normal, invisíveis para as almas à volta delas, presos no mundo paralelo dos malditos.

O Aeroporto Sheremetyevo 2 ficava ao norte do centro da cidade, uma viagem de cerca de quarenta e cinco minutos quando o trânsito se apresentava mais razoável. Gabriel tinha-se permitido esperar que fosse esse o destino deles, mas essa esperança dissolveu-se passada uma hora na parte de trás da van. A qualidade das estradas, deploráveis até mesmo em Moscou, foi-se deteriorando aos

poucos, à medida que se afastavam de Lubyanka. Cada buraco enviava-lhe ondas de choque de dor pelo corpo dolorido e ele teve de se agarrar ao aro de aço para não ser atirado para fora do banco. Era impossível adivinhar em que direção seguiam. Não conseguia perceber se estavam a dirigir-se para oeste, em direção à civilização e ao esclarecimento, ou para este, em direção ao cruel coração do interior russo. Por duas vezes, a van parou, e, por duas vezes, Gabriel conseguiu ouvir vozes iradas a falar alto em russo. Calculou que até mesmo uma van do FSB sem matrícula tinha dificuldade em deslocar-se pelo campo sem ser alvo de extorsões por banditi e polícias de trânsito à procura de subornos.

Da terceira vez que a van parou, as portas abriram e um agente entrou no compartimento. Tirou-lhe as algemas e fez sinal a Gabriel para que saísse. Um carro tinha parado atrás deles; o interrogador estava parado, iluminado pelos postes do estacionamento, a afagar a pequena barbicha, como se estivesse a decidir-se por um lugar apropriado para levar a cabo uma execução. Foi então que Gabriel reparou na sua mala, que estava enfiada numa poça de lama, ao lado do saco transparente com fecho de correr que tinha os seus bens pessoais lá dentro. O interrogador empurrou o saco ligeiramente com a biqueira do sapato, na direção de Gabriel, e apontou para um borrão de luz amarela no horizonte.

— A fronteira com a Ucrânia. Eles estão a sua espera.

— Onde está Olga?

— Sugiro que ande antes que mudemos de opinião, senhor Allon. E não volte a entrar na Rússia. Se o fizer, nós o matamos. E não vamos confiar num par de idiotas chechenos para o trabalho.

Gabriel pegou seus haveres e começou a dirigir-se para a fronteira. Ficou à espera do estrondo de uma pistola e da bala na espinha, mas só ouviu o som dos carros dando a volta para a viagem de regresso a Moscou. Sem os faróis deles a escuridão densa engoliu-o. Manteve os olhos focados na luz amarela e continuou a andar. E,

por um momento, Olga estava caminhando a seu lado. Agora, a vida dela está em suas mãos, lembrou.

Ivan mata qualquer pessoa que atravesse o caminho dele. E se ele descobrir que a própria mulher foi minha fonte, não vai hesitar em matá-la também.

SEGUNDA PARTE

0 recrutamento

CAPÍTULO 20

AEROPORTO BEN-GURION, ISRAEL

— Acorde, Sr. Golani. Estamos quase chegando à casa.

Gabriel abriu os olhos devagar e espreitou pela janela da cabine de primeira classe do avião. As luzes da planície costeira de Israel faziam um arco cintilante ao longo da linha do Mediterrâneo, como um fio de pedras preciosas pintado pela mão de Van Dyck. Virou a cabeça uns centímetros e olhou para o homem que o tinha acordado. Era vinte anos mais novo do que Gabriel, com olhos da cor do granito e uma cara pálida e de ossos delicados. O passaporte diplomático que tinha no bolso do blazer identificava-o como sendo Baruch Goldstein, do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Israel. O seu verdadeiro nome era Mikhail Abramov. Os trabalhos como guarda-costas não eram exatamente a especialidade de Mikhail. Antigo membro das forças especiais Sayeret Metkal¹, tinha se juntado ao Escritório depois de assassinar os líderes principais dos terroristas do Hamas e da Jihad Islâmica. E tinha um outro atributo que fizera dele o candidato perfeito para escoltar Gabriel do Leste europeu para Israel. Mikhail tinha nascido em Moscou, filho de dois cientistas dissidentes, e falava russo fluentemente. Já viajavam há praticamente um dia. Depois de atravessar a fronteira, Gabriel tinha se entregado a uma equipe de agentes ucranianos do SBU que o esperava. Os homens do SBU tinham-no levado para Kiev e entregue a Mikhail e a dois outros agentes de segurança do Escritório. De Kiev, tinham ido de carro até Varsóvia, onde pegaram um voo da El Al. Mesmo no avião, Shamron não tinha corrido risco. Metade da cabine de primeira classe era de agentes do Escritório e, antes de levantar voo, o avião inteiro tinha sido cuidadosamente revistado, à procura de material radioativo e outras toxinas. A comida e as

bebidas de Gabriel tinham sido guardadas em recipiente próprio e selado. A refeição tinha sido preparada pela mulher de Shamron, Gilah. É a versão do Escritório de glatt kosher dissera Mikhail. Santificada segundo a lei judaica e garantidamente livre de venenos russos.

Gabriel tentou sentar-se ereto mas o rim começou a latejar outra vez. Fechou os olhos e esperou que a dor diminuísse. Mikhail, passageiro de avião nervoso por natureza, estava naquele momento a tamborilar com o dedo na mesinha.

— Está me dando dor de cabeça, Mikhail.

O dedo de Mikhail parou subitamente.

— Conseguiu descansar?

— Pouco.

— Devia ter visto onde punha os pés naquelas escadas do KGB.

— Agora se chama FSB, Mikhail. Não tem lido os jornais ultimamente? O KGB já não existe.

— E onde foi buscar essa ideia? Eram do KGB quando eu estava crescendo em Moscou e continuam do KGB agora.

Olhou rapidamente o relógio.

— Vamos aterrissar dentro de poucos minutos. Uma equipe de recepção estará a sua espera na pista. Depois de terminar o teu relatório, vai poder dormir durante um mês.

— A não ser que o meu relatório torne isso impossível.

— Ruim assim?

— Algo me diz que você ficará sabendo não demora muito, Mikhail.

Ouviu-se um ping eletrônico no sistema sonoro da cabine.

Mikhail olhou para cima, para o sinal de CINTO DE SEGURANÇA que piscava, e bateu de leve no antebraço de Gabriel.

— É melhor pôr o cinto de segurança. Não vai querer que a comissária se zangue com você.

Gabriel seguiu o olhar de Mikhail e viu Chiara aproximando lentamente pelo corredor. Vestida com um uniforme azul da El Al, que a favorecia, lembrava severamente aos passageiros que endireitassem o encosto dos bancos e fechassem as mesinhas. Mikhail engoliu o que faltava de sua cerveja e entregou a garrafa vazia distraidamente.

— O serviço neste voo foi terrível, não acha?

— Mesmo para os padrões da El Al — concordou Gabriel. — Acho que devíamos criar um programa de treinamento imediatamente.

— Ora, é esse o tipo de ideia que te dará um cargo executivo no Boulevard King Saul.

— Talvez eu me devesse ser voluntário para dar as aulas.

— E trabalhar com nossas meninas? Estaria mais seguro se voltasse a Gaza para perseguir terroristas do Hamas.

Gabriel recostou-se no apoio para a cabeça e fechou os olhos.

— Tem certeza de que está bem, Gabriel?

— Só com um pouco de ressaca de Lubyanka.

— E quem pode te levar a mal?

Mikhail ficou calado durante um momento.

— O KGB manteve meu pai lá seis meses, quando eu era pequeno. Já tinha contado isso?

Não tinha, mas Gabriel lera o arquivo pessoal de Mikhail.

— Depois de seis meses em Lubyanka, declararam meu pai doente mental e enviaram-no para um hospital psiquiátrico para receber tratamento. Era tudo um embuste, claro. Não havia ninguém que melhorasse num hospital psiquiátrico soviético. Os hospitais eram simplesmente mais uma extensão do gulag. Mas meu pai teve sorte. Acabou por ser libertado e nós pudemos vir para Israel. Mas ele nunca mais foi o mesmo depois de o encerrarem no manicômio.

Foi então que a cabine estremeceu com o impacto de uma aterrissagem brusca. Da classe econômica ouviu-se uma salva de

palmas fraca e desconexa. Era uma tradição nos voos que aterrissavam em Israel e, pela primeira vez, Gabriel sentiu-se tentado a participar. Mas, em vez disso, deixou-se ficar sentado em silêncio, enquanto o avião ia perdendo velocidade na pista e se aproximava do terminal, e, ao contrário do resto dos compatriotas, esperou até que o sinal CINTO DE SEGURANÇA desaparecesse para se pôr em pé e tirar a mala do compartimento acima da cabeça.

Chiara estava naquele momento parada na porta da cabine. De forma anônima, desejou boa-noite a Gabriel e avisou-o para ter cuidado ao descer as escadas do Jetway, o mesmo com Mikhail e aos outros dois agentes. Ao chegarem à pista, Mikhail e os outros viraram à direita e entraram em fila indiana nos ônibus, com o restante dos passageiros. Gabriel seguiu na direção contrária, a caminho da limusine Peugeot que o esperava, e entrou no banco de trás. Shamron examinou o hematoma azul-arroxeadado que Gabriel tinha na face.

— Bom, suponho que não esteja assim com tão mau aspecto para alguém que sobreviveu a Lubyanka. Como foi?

— As salas eram um pouco pequenas, mas a mobília era bem bonita.

— Talvez fosse melhor se tivesse se livrado daqueles chechenos sem matá-los.

— Eu tentei acertar as armas para que caíssem das mãos deles, Ari, mas esse tipo de coisa só funciona nos filmes.

— Fico contente por ver que saiu do calvário com o senso de humor fatalista intacto. Uma equipe está à espera para recolher seu relatório no Boulevard King Saul. Lamento informar, mas tem uma longa noite pela frente.

— Preferia voltar a Lubyanka a isso...

Shamron deu uma palmadinha paternal no ombro de Gabriel. — Vou levá-lo em casa, Gabriel. Falamos no caminho.

CAPÍTULO 21

JERUSALÉM

Ainda tinham muito de que falar quando chegaram ao apartamento de Gabriel, na Rua Narkiss. Apesar de já passar da meia-noite, Shamron fez-se convidado e subiu para tomar um café. Gabriel hesitou antes de enfiar a chave na fechadura. Força disse Shamron calmamente. Nós já o passamos a pente fino.

— Acho que prefiro combater os terroristas árabes do que os russos.

— Infelizmente, nem sempre temos o luxo de poder escolher os nossos inimigos.

Gabriel entrou primeiro no apartamento e acendeu as luzes. Estava tudo exatamente como ele tinha deixado uma semana antes, incluindo a xícara de café pela metade que tinha deixado na pia quando saíra de casa. Despejou o que restava, já bolorento, pôs café na cafeteira e uma chaleira para ferver no fogão. Quando entrou na sala de estar, encontrou Shamron com um cigarro entre os lábios e um isqueiro já aceso e a postos.

— Não pode voltar a fumar só porque me jogaram na Lubyanka. Além disso, se Chiara sentir cheiro de cigarro quando chegar nunca mais larga meu pé.

— Nesse caso, culpe a mim.

— Eu já culpo você de tudo. O impacto disso já se diluiu com tanto uso.

Shamron apagou o isqueiro e pôs o cigarro na mesa, facilmente acessível para um ataque-surpresa quando Gabriel estivesse de costas.

— Devia tê-lo deixado na Rússia — resmungou Shamron.

— E como conseguiu me tirar de lá?

— Quando se tornou evidente para o nosso embaixador e a base de Moscou que o FSB não tinha intenção de respeitar seu passaporte diplomático, decidimos passar ao ataque. O Shin Bet* monitora regularmente os movimentos de empregados da embaixada russa. E soubemos que quatro deles estavam bebendo com grande entusiasmo no bar do Hotel Sheraton.

**Shin bet ou Shabak, o serviço de segurança interna de Israel.*

— Que surpresa.

— A um quilômetro e meio do hotel, foram parados no que parecia uma operação de rotina. Não era, claro.

— Então raptou quatro diplomatas russos e os fez de reféns, para coagi-los a me libertarem.

— Nós israelenses inventamos o conceito de pagar na mesma moeda. Além disso, não eram só diplomatas. Dois deles eram agentes secretos do SVR. Quando o KGB foi desmantelado e depois reorganizado, o setor que atuava no estrangeiro transformou-se numa agência própria conhecida como Serviço Secreto Externo, ou SVR. Como o FSB, o SVR era simplesmente a KGB com um novo nome e um embrulho bonito.

— Quando recebemos a confirmação dos ucranianos de que você atravessou a fronteira são e salvo, libertamos os quatro. Foram chamados de volta a Moscou discretamente, para serem interrogados. Com um pouco de sorte, ficarão lá para sempre.

A chaleira apitou. Gabriel foi à cozinha e tirou-a do fogão, ligando depois a televisão enquanto tratava do café. Estava na BBC; um repórter de cabelo grisalho estava parado diante das cúpulas da Catedral de São Basílio, a bramar sobre os possíveis motivos por trás do atentado contra a vida de Olga Sukhova. Nenhuma das teorias se aproximava sequer remotamente da verdade, mas eram expressas com a autoridade que só um sotaque inglês pode conceder.

Shamron, que já se encontrava mesmo atrás de Gabriel, pareceu

achar a reportagem vagamente divertida. Ele olhava para os meios de comunicação apenas como uma fonte de divertimento ou como uma arma para ser brandida contra os inimigos.

— Como podes ver, os russos estão a ser bastante circunspetos em relação ao que se passou exatamente dentro daquele prédio. Já reconheceram que a Olga foi alvo de um atentado mas, além disso, veicularam muito poucos pormenores sobre o incidente. Nada sobre a identidade dos atiradores. Nada sobre o homem que lhe salvou a vida.

— E onde é que ela está agora?

— Voltou para o apartamento, rodeada de seguranças privados e de repórteres ocidentais corajosos como o nosso amigo da BBC. Está tão segura quanto se pode estar na Rússia, que é o mesmo que dizer não lá muito segura. Mais tarde ou mais cedo, ela pode querer considerar a hipótese de uma vida nova no Ocidente.

Os olhos dele focaram-se em Gabriel.

— Ela é assim tão boa quanto parece ou é possível que ela seja outra coisa completamente diferente?

— Estás perguntando se o FSB a teria convertido e se ela estaria me enganando?

— É precisamente isso que estou perguntando.

— Ela é de ouro, Ari. É uma dádiva dos deuses da espionagem.

— Só estou tentando entender por que ela pediu a você para acompanhá-la até em casa. É possível que ela tenha levado você àquela escadaria para que te matassem.

— De repente, nem sequer era Olga Sukhova. Era Ivan Kharkov num disfarce engenhoso.

— Sou pago para ter pensamentos negros, Gabriel. Você também.

— Eu vi a reação dela no tiroteio. Ela é autêntica, Ari. E concordou em nos ajudar, com grande risco para si mesma. Não

esqueça, me deixaram ir embora. Olga continua em Moscou. Se o Kremlin a quiser morta, mata-a. E não há nada que esses seguranças e repórteres corajosos possam fazer para protegê-la.

Sentaram-se à mesa da cozinha. A BBC já tinha deixado de falar na Rússia e estava naquela altura a mostrar imagens da explosão devastadora de uma bomba num mercado de Bagdá. Gabriel apontou o controle para a tela e, franzindo o sobrolho, apertou Mute. Shamron andou às voltas com a cafeteira durante uns instantes e depois foi pedir ajuda a Gabriel. Ocupava o tempo livre a restaurar rádios e relógios antigos, mas, no entanto, até os eletrodomésticos de cozinha mais básicos estavam além de suas capacidades. Máquinas de fazer café, batedeiras, torradeiras: esses artigos eram um mistério para ele. Gilah dizia muitas vezes, na brincadeira, que se o marido fosse deixado sozinho, conseguiria morrer de fome numa casa cheia de comida.

— O que sabemos que possamos usar contra Ivan Kharkov?
— perguntou Gabriel.

— Muito — respondeu Shamron. — Há anos que Ivan está ativo no Líbano. Faz entregas regulares ao Hezbollah, mas também vende armas às facções palestinas e islâmicas mais radicais que atuam nos campos de refugiados.

— Que tipo de armas?

— As de costume. Granadas, morteiros, lança-granadas RPG, fuzis AK-47 e balas, claro. Um monte de balas. Mas durante a nossa guerra com o Hezbollah, a rede do Kharkov organizou uma entrega especial de armas antitanque capazes de perfurar blindagem. Perdemos várias equipes em tanques por causa delas. Enviamos nosso chanceler a Moscou para protestar, mas foi tudo em vão, claro.

— O que quer dizer que Ivan Kharkov tem um registro já estabelecido de venda direta de armas a organizações terroristas.

— Sem dúvida. Com os RPG e as AK-47 nós podemos. Mas o nosso amigo Ivan tem os contatos necessários para pôr as mãos nas

armas mais perigosas do mundo. Químicas. Biológicas. Até mesmo as armas nucleares não estão fora de questão. Nós sabemos que há anos que agentes da Al-Qaeda vasculham os destroços da antiga União Soviética à procura de material nuclear ou mesmo de um engenho nuclear que funcione cem por cento. De repente encontraram finalmente alguém disposto a vender isso.

Shamron pôs umas colheres de açúcar no café e mexeu devagar.

— Os americanos podem ter um conhecimento mais profundo da situação. Já vigiam Ivan há anos.

Deu um sorriso sardônico.

— Os americanos adoram monitorar os problemas mas não fazem nada em relação a eles.

— Mas agora vão ter de fazer alguma coisa em relação a ele.

Shamron acenou com a cabeça, em sinal de concordância. — O que eu recomendo é que lhes enfiemos isto no colo o mais depressa possível e lavemos as mãos em relação ao assunto. Quero que vá a Washington ver seu amigo Adrian Carter. Conte tudo o que descobriu em Moscou. Dê-lhes Elena Kharkov. E, a seguir, entre no primeiro avião para a Úmbria e acabe a sua lua de mel. E nunca mais me acuse de faltar a minha palavra.

Gabriel ficou a olhar para a televisão sem som, mas não respondeu nada.

— Não concorda com a minha recomendação? — perguntou Shamron.

— O que acha que Adrian Carter e os americanos farão com estas informações?

— Eu suspeito que eles vão ao Kremlin de chapéu na mão implorar ao presidente russo que impeça a venda. E ele vai dizer aos americanos que Ivan é um homem de negócios legítimo, sem nenhuma ligação com o tráfico internacional de armas ilegal. Vai desconsiderar as informações e chamá-las de calúnias anti-Rússia

espalhadas por provocadores judeus que conspiram para manter a Rússia atrasada e fraca.

Gabriel abanou a cabeça devagar.

— Ir ver os russos e pedir ajuda é a última coisa que devíamos fazer. Devemos olhar para o presidente russo e os serviços secretos dele como adversários e agir em conformidade.

— Então o que sugere?

— Que falemos com Elena Kharkov discretamente, para podermos ver se ela sabe mais do que o que contou a Olga Sukhova.

— Porque ela confiou em Olga Sukhova uma vez não quer dizer que vá confiar no serviço secreto de um país estrangeiro. E não esqueça, dois jornalistas russos já perderam a vida por causa das ações dela. Não me parece que seja muito receptiva a uma abordagem.

— Ela passa a maior parte do tempo em Londres, Ari. Podemos chegar a ela.

— E Ivan também pode. Ela está rodeada por capangas da segurança dia e noite. São todos antigos membros do Grupo Alfa e da OMON. Provavelmente, todos os contatos e as comunicações dela são monitorados. O que tenciona fazer? Convidá-la para tomar chá? Ligar para o celular? Enviar um e-mail?

— Estou trabalhando nessa parte.

— Só não esqueça é que Ivan está três passos à frente. Houve uma fuga de informação algum lugar da rede dele e ele sabe disso. O serviço de segurança privada dele vai estar em alerta elevado. Qualquer abordagem à mulher vai fazer disparar as campanhas de alarme. Um passo em falso e pode fazer com que ela morra.

— Então vamos ter de fazer isso discretamente e mais nada.

— Nós?

— Isso não é uma coisa que possamos fazer sozinhos, Ari. Precisamos da ajuda dos americanos.

Shamron franziu o sobrolho. Por regra, não gostava de operações conjuntas e não se sentia confortável com as ligações próximas de Gabriel com a CIA. A sua geração vivera segundo uma máxima simples conhecida como kachol lavan, ou azul e branco. Faziam as coisas sozinhos e não contavam com os outros. Era uma atitude nascida da experiência do Holocausto, quando grande parte do mundo assistia em silêncio a judeus sendo jogados em fogueiras. Tinha criado, em homens como Shamron, uma relutância, um medo, na verdade, de trabalhar com outros.

— Se a memória não me falha, tivemos uma conversa há uns dias em que você me repreendeu por interromper sua lua de mel. E agora quer avançar com uma operação sem limites nem restrições contra Ivan Kharkov?

— Digamos apenas que eu tenho um interesse particular no desfecho do caso.

Shamron bebericou o café.

— Alguma coisa me diz que sua nova mulher não vai ficar muito satisfeita com você.

— Ela é do Escritório. Vai entender.

— Não a deixe chegar perto de Ivan — avisou Shamron Ivan gosta de quebrar coisas bonitas.

CAPÍTULO 22

JERUSALÉM

— Isto é alguma espécie de fantasia doentia sua, Gabriel? Ver uma comissária tirar a roupa?

— As moças de uniforme nunca me atraíram muito. E agora são assistentes de bordo, Chiara. Uma mulher em seu ramo devia saber isso.

— Você podia ter falado comigo. Os homens sempre se atiram às assistentes de bordo, não é?

— Não queria revelar seu disfarce. Você já estava com problemas suficientes.

— Não entendo como elas conseguem usar esses uniformes. Ajude aqui com o fecho.

— Com prazer.

Ela virou as costas e afastou o cabelo para o lado. Gabriel abriu o fecho lentamente e beijou a nuca.

— Sua barba espeta.

— Vou raspar.

Ela voltou-se para ele e beijou-o.

— Deixe ficar. Dá um ar muito distinto.

— Acho que me dá um ar é de Abraão.

Sentou-se na beira da cama e ficou vendo Chiara meneando-se toda enquanto despia o uniforme.

— Não há dúvida de que isso é bem melhor do que passar outra noite em Lubyanka.

— Espero que sim.

— Você ia ficar de olho no Poussin. Por favor, diga que não o deixou sem ninguém de guarda.

— Monsignor Donati levou-o outra vez para o Vaticano.

— Eu já receava que você dissesse isso. Quanto tempo tenho antes que ele dê a um dos carneiros do departamento de restauração do Vaticano?

— Até ao fim de setembro.

Esticou a mão atrás das costas e soltou o colchete do soutien.

— Há alguma coisa que se coma nessa casa? Estou faminta.

— Não comeu nada no voo?

— Estávamos ocupadas demais. Como estava a galinha da Gilah?

— Deliciosa.

— Tinha aspecto muito melhor do que a comida que estávamos servindo.

— Era isso que você estava fazendo?

— Fui assim tão mal?

— Digamos apenas que os passageiros da primeira classe não estavam propriamente satisfeitos com o serviço. Se aquele voo tivesse demorado mais uma hora, haveria uma intifada.

— Não nos deram treino suficiente para a missão. Além disso, as moças judias não deviam ser assistentes de bordo.

— Israel tem tudo a ver com a igualdade, Chiara. É bom para os judeus serem assistentes de bordo e agricultores e lixeiros.

— Vou dizer ao Uzi que não esqueça disso na próxima vez em que distribuir missões de campo.

Pegou as roupas.

— Preciso tomar uma ducha. Estou cheirando a comida ruim e a perfume de outras pessoas.

— Bem-vinda ao mundo deslumbrante das viagens aéreas.

Debruçou-se e beijou-o outra vez.

— Aliás, você devia mesmo tirar a barba, Gabriel. Não posso fazer amor com um homem que tenha ar de Abraão.

— Ele gerou Isaac já muito velho.

— Com a ajuda de Deus.

Sinto, mas hoje você está por sua conta.

Tocou no hematoma que ele tinha na face.

— Eles te feriram?

— Nem tanto. Passamos a maior parte da noite jogando buraco e trocando histórias sobre os bons velhos tempos antes de o Muro cair.

— Está preocupado com alguma coisa. Sei quando está preocupado. Invente piadas horríveis para esconder isso.

— Estou preocupado porque parece que um traficante de armas russo chamado Ivan Kharkov planeja vender armas muito

perigosas à Al-Qaeda. E porque a mulher que arriscou a vida para nos informar disso agora está em grande perigo. — Hesitou um pouco e depois acrescentou: — E porque ainda vai demorar algum tempo até podermos retomar nossa lua de mel na Úmbria.

— Não está a pensando em voltar à Rússia, está?

— Só a Washington.

Ela acariciou a barba dele e respondeu: — Faça uma boa viagem, Abraão.

A seguir, entrou no banheiro e bateu com a porta com toda força.

— Ela é do Escritório, disse ele a si próprio. Vai entender, mais cedo ou mais tarde.

CAPÍTULO 23

GEORGETOWN

A CIA enviou um avião para o ir buscar, um jato Gulfstream G500, com poltronas em couro, filmes de ação para ver durante o voo e uma cozinha apetrechada com uma quantidade grande de pequenas refeições nada saudáveis. Aterrou na Base Andrews da Força Aérea, no calor equatorial do meio-dia, e foi recebido por um par de agentes de segurança da CIA num hangar protegido. Gabriel reconheceu-os; eram os mesmos dois agentes que o tinham arrastado contra a sua vontade para o quartel-general da CIA durante a última visita que fizera a Washington. Receou que estivesse prestes a acontecer uma repetição disso, mas ficou agradavelmente surpreso quando o destino deles se revelou ser uma residência elegante em tijolo vermelho, no quarteirão 3300 da N Street, em Georgetown. À espera no hall de entrada, estava um homem que parecia na idade da aposentadoria, com um blazer azul-marinho e calça de gabardine amarrotada. Tinha o cabelo desgrehado e ralo de um professor

universitário e um bigode que já tinha passado de moda com a música disco, os Crock-Pots¹ e o congelamento nuclear.

— Gabriel — disse Adrian Carter, estendendo-lhe a mão. — Que bom vê-lo.

— Está com bom aspecto, Adrian.

— E você continua um péssimo mentiroso.

Olhou para Gabriel e franziu o sobrolho. — Calculo que esse lindo hematoma no rosto seja lembrança da noite em Lubyanka, não?

— Eu queria te trazer alguma coisa, mas a loja de souvenir estava fechada.

Carter sorriu ligeiramente e segurou Gabriel pelo cotovelo. — Achei que você estaria com fome depois da viagem. Mande preparar qualquer coisa para almoçarmos. Como foi o voo, por falar nisso?

— Foi muito atencioso de sua parte enviar seu avião tão em cima da hora.

— Esse não é meu — respondeu Carter sem acrescentar pormenores.

— Air Guantánamo?

— E com outras escalas pelo caminho.

— Então isso explica as algemas e as agulhas hipodérmicas.

— É melhor do que ter de ouvi-los falando. O jihadista típico é um péssimo companheiro de viagem.

Entraram na sala de estar. Era um típico salão formal de Georgetown, retangular e de teto alto, com portas envidraçadas que davam para um pequeno terraço. A mobília era cara mas de mau gosto, o tipo de peças que se encontram na suíte de recepção para as visitas num hotel de negócios luxuoso. Essa impressão ficava completa com a refeição em cima do aparador. Só faltava uma anfitriã bonita e jovem que oferecesse vinho chardonnay medíocre.

Carter foi até o bufê e escolheu sanduíche de presunto e ginger ale. Gabriel serviu-se de café de uma garrafa térmica prateada, e sentou-se numa poltrona junto às janelas envidraçadas. Carter sentou-se ao lado dele, equilibrando o prato em cima dos joelhos.

— Shamron diz que Ivan foi outra vez um menino mau. Dê-me todas as informações que tiver. E não me poupe nenhum detalhe. — Abriu o ginger ale. — A verdade é que eu adoro as histórias sobre Ivan. Funcionam como lembretes úteis de que há pessoas neste mundo capazes de fazer absolutamente tudo por dinheiro.

Quando Gabriel começou a fazer seu relatório, não demorou muito até Carter perder o apetite.

Pôs o sanduíche meio comido em cima da mesa e ficou parado como uma estátua, com as pernas cruzadas e as mãos entrelaçadas debaixo do queixo, sinal de grande atenção. Segundo a experiência de Gabriel, qualquer espião decente era, no fundo, um bom ouvinte. Era algo que era natural para Carter, como seu talento para línguas, a capacidade de se dissolver no que o rodeava e a humildade. Havia pouco no comportamento de Carter que indicasse ser ele um dos membros mais poderosos da classe dominante do serviço secreto de Washington ou que, antes da sua ascensão até a atmosfera rarefeita do sétimo andar de Langley, onde exercia o cargo de diretor do serviço clandestino nacional da CIA, tivesse sido um agente de campo da mais elevada reputação. A maior parte das pessoas o confundia com um terapeuta de qualquer coisa. Quando se pensava em Adrian Carter, pensava-se num homem que aguentava confissões de casos amorosos e imperfeições, não de histórias de terroristas e negociantes de armas.

— Quem me dera poder dizer que sua história se parece com os delírios de uma mulher raivosa — afirmou Carter. — Mas, sinto dizer, a verdade é que se encaixa muito bem em algumas informações alarmantes que temos recebido nos últimos meses.

— Informações de que tipo?

— Conversas — respondeu Carter. — Mais precisamente, uma frase específica que tem surgido várias vezes nas últimas semanas — tantas vezes, aliás, que os analistas do Contraterrorismo já não acham mera coincidência.

— E qual é a frase?

— As flechas de Alá. Até agora, já ouvimos meia dúzia de vezes, a última delas no computador de um jihadista preso por nosso amigo Lars Mortensen em Copenhagen. Lembra do Lars, não, Gabriel?

— Com muito carinho respondeu Gabriel.

— Mortensen e os técnicos dele do PET* dinamarquês descobriram a frase num e-mail antigo que o suspeito tinha tentado apagar. O e-mail dizia qualquer coisa sobre as espadas de Alá a perfurar os corações dos infiéis, ou sentimentos dessa ordem.

**Serviço secreto dinamarquês. (N. do T.)*

— Como o suspeito se chama?

— Marwan Abbas. É um jordaniano que agora mora no bairro majoritariamente imigrante de Copenhagen conhecido como Nørrebro, um bairro que você conhece bem, se não me engano. Mortensen diz que Abbas é membro do Hizb ut-Tahrir, movimento político radical islâmico. O GID** jordaniano informou de que ele também estava associado a Abu Musab al-Zarqawi, que Deus o tenha.

*** Serviço secreto da Jordânia. (N. do T.)*

— Se eu fosse você, Adrian, enviaria seu Gulfstream a Copenhagen e requisitava Marwan para uma conversa.

— Receio que Mortensen não esteja em posição de se aliar a nós neste momento. O PET e o governo dinamarquês ainda estão com os sentimentos feridos por nossas ações no caso Halton. Olhando para trás, suponho que deveríamos ter assinado o livro de visitas quando entramos na Dinamarca. Informamos os

dinamarqueses da nossa presença depois de consumada. Ainda vai demorar até eles nos perdoarem os pecados.

— Mortensen vai acabar por ver a coisa. Os dinamarqueses precisam de vocês. Como o resto dos europeus. Nesse mundo enlouquecido, a América ainda é a melhor saída possível.

— Espero que tenha razão, Gabriel. Em Washington, hoje em dia, tornou-se popular pensar que a ameaça do terrorismo diminuiu ou que podemos viver, de alguma maneira, com a perda ocasional de monumentos nacionais e vidas americanas. Mas, quando o próximo ataque acontecer, e eu quero realmente dizer *quando*, Gabriel —, esses mesmos livres-pensadores serão os primeiros a criticar a CIA por não ter impedido. Não vamos conseguir sem a cooperação dos europeus. E sua, claro. Você é nosso criado secreto, não é, Gabriel? É quem faz o trabalho que nós não queremos, ou não podemos, fazer nós mesmos. Lamento, mas Ivan cai nessa categoria.

Gabriel recordou-se das palavras que Shamron lhe tinha dito na noite anterior, em Jerusalém: os americanos adoram monitorar os problemas, mas não fazem nada em relação a eles...

— O principal campo de ação de Ivan é a África — disse Carter. — Mas ele também tem feito incursões lucrativas no Oriente Médio e na América Latina. Nos bons velhos tempos, quando a CIA e o KGB manipulavam as várias facções do Terceiro Mundo umas contra as outras para nosso divertimento, éramos judiciosos com a circulação das armas. Queríamos que as mortes se mantivessem em níveis moralmente aceitáveis. Mas Ivan esfrangalhou o velho livro de regras e, com isso, esfrangalhou muitos dos lugares mais pobres do mundo. Ele está disposto a fornecer aos ditadores, aos senhores da guerra e aos guerrilheiros tudo o que eles quiserem e, em troca, eles estão dispostos a pagar tudo o que ele pedir. É um abutre, o nosso Ivan. Alimenta-se do sofrimento dos outros e, com isso, ganha milhões. É responsável por mais morte e destruição do que todos os terroristas islâmicos do mundo juntos. E agora anda trotando pelos

centros de prazer da Rússia e da Europa, com toda a segurança, sabendo que nós não podemos pôr um dedo em cima dele.

— E por que vocês nunca foram atrás dele?

— Nós tentamos nos anos noventa. Reparamos que grande parte do Terceiro Mundo estava queimando e começamos a nos fazer uma pergunta: quem estava jogando gasolina nas chamas? A CIA começou a seguir o movimento de aviões de carga suspeitos pela África e pelo Oriente Médio. A NSA começou a escutar conversas telefônicas e via rádio. Em pouco tempo, já fazíamos uma boa ideia de onde as armas estavam vindo.

— De Ivan Kharkov.

Carter acenou com a cabeça.

— Nós criamos um grupo de trabalho no Conselho de Segurança Nacional para inventar uma estratégia para lidar com a rede do Kharkov. Tendo em conta que ele não tinha violado nenhuma lei americana, as nossas opções eram extremamente limitadas. Começamos à procura de um país que emitisse uma acusação, mas ninguém aceitou. Chegados ao final do milênio, a situação era tão má que até pusemos a hipótese de utilizar um conceito novo conhecido como rendição extraordinária para tirar os agentes de Ivan das ruas. Não deu em nada, claro. Quando a administração se foi embora, a rede do Kharkov continuava a funcionar. E quando o novo grupo se instalou na Casa Branca, mal teve tempo para descobrir onde eram os banheiros antes de encarar o 11 de Setembro. De repente, Ivan Kharkov deixou de parecer tão importante.

— Vocês precisavam da ajuda da Rússia no combate à Al-Qaeda.

— Exato — respondeu Carter. — Ivan já foi da KGB. Tem protetores poderosos. Para ser justo, mesmo que nós tivéssemos pressionado o Kremlin na questão do Kharkov, provavelmente não teria servido para nada. Oficialmente, não há quaisquer ligações

legais ou financeiras entre Ivan Kharkov oligarca legítimo, e Ivan Kharkov traficante de armas internacional. Ivan é um mestre das empresas de fachada e das contas offshore. A rede está em quarentena completa.

Carter sacou um cachimbo e uma bolsa de tabaco do bolso.

— Ainda há outra coisa que não podemos esquecer: Ivan tem um longo registro de venda de mercadorias a elementos desprezíveis do Oriente Médio. Vendeu armas a Kadhafi, Fez contrabando de armas para o Saddam, violando as sanções da ONU. Armou radicais islâmicos na Somália e no Sudão. Até vende armas aos talibãs.

— E não te esqueças do Hezbollah acrescentou Gabriel. Como nos podíamos esquecer dos nossos bons amigos do Hezbollah?

Carter encheu o forninho do cachimbo metodicamente com tabaco.

Num mundo perfeito, suponho que íamos ter com o presidente russo para lhe pedir ajuda. Mas este mundo está longe de ser perfeito e o presidente atual da Rússia é tudo menos um aliado digno de confiança. É um homem perigoso. Quer o império dele de volta. Quer ser outra vez uma superpotência. Quer desafiar a supremacia americana no mundo inteiro, especialmente no Oriente Médio. Está sentado em cima de um mar de petróleo e de gás natural e está disposto a utilizá-lo como arma. E a última coisa que vai fazer é intervir em nosso nome contra um oligarca protegido chamado Ivan Kharkov. Eu vivi a primeira Guerra Fria inteira. Nós ainda não chegamos lá, mas estamos sem dúvida nessa direção. Tenho certeza de uma coisa. Se vamos tentar descobrir essas armas, vamos ter de fazer isso sem ajuda da Rússia.

— Eu prefiro assim, Adrian. Nós, judeus, temos uma longa história com os russos.

— Então como sugere que avancemos?

— Quero marcar um encontro com Elena Kharkov.

Carter ergueu a sobrancelha. — Eu sugiro que avance com cuidado, Gabriel. Senão, pode fazer com que a matem.

— Obrigado, Adrian. Isso não tinha mesmo me ocorrido.

— Peço desculpas — respondeu Carter. — Como posso ajudar?

— Preciso de todos os pedacinhos de informação que tenha sobre a rede de Ivan. E estou mesmo falando de tudo, Adrian, especialmente as interceptações que a NSA fez das comunicações de Ivan. E não me dê só as transcrições. Preciso entrar na cabeça dele, preciso ouvir a voz dele.

— Está falando de uma grande quantidade de material altamente confidencial. Não pode ser entregue a um agente de um serviço secreto estrangeiro só porque ele tem vontade, mesmo tratando-se de você. Eu tenho de passar com isso por vários canais. Posso levar semanas até conseguir autorização, isto se a conseguir.

— Essas armas podem estar neste preciso momento a caminho das costas da América, Adrian.

— Vou ver o que posso fazer para acelerar as coisas.

— Não, Adrian, tem que acelerar as coisas. Caso contrário, vou pegar aquele telefone ali e ligar para meu amigo na Casa Branca. Eu ainda tenho aquele número que você me deu em Copenhagen, aquele que toca diretamente no Salão Oval.

— Não se atreveria.

— Num abrir e fechar de olhos.

— Vou fazer com que o material lhe seja entregue em vinte e quatro horas. Do que mais precisa?

— De alguém que fale russo.

— Pode não acreditar, mas ainda temos alguns assim. Por acaso, até tenho um em mente.

— Preciso que coloque no país imediatamente.

— Quem é?

Gabriel disse-lhe o nome.

— Feito — respondeu Carter. — E onde vai instalar seu centro de operações? Na sua embaixada?

— Nunca fui grande apreciador de embaixadas.

Gabriel olhou em volta da sala.

— Vai servir muito bem. Mas me faça um favor, Adrian. Peça a seus técnicos para virem tirar as câmeras e os microfones. Não quero seus sabujos me olhando enquanto tomo banho.

CAPÍTULO 24

GEORGETOWN

Adrian Carter levou grande parte da manhã seguinte pegando autorização para entregar os arquivos a Gabriel. A seguir, passaram-se várias horas mais, durante as quais os documentos foram recolhidos, classificados e extirpados de qualquer coisa que fosse remotamente embaraçosa para a CIA ou para o governo dos Estados Unidos. Por fim, às sete da noite, o material foi entregue na residência na N Street por uma van da CIA descaracterizada. Carter passou por lá para supervisionar a operação e para garantir a assinatura de Gabriel num formulário de entrega draconiano. Redigido apressadamente por um advogado da CIA, incluía uma ameaça de acusação criminal e muitas outras formas de punição, no caso de Gabriel revelar os documentos ou os conteúdos a quem quer que fosse.

— Este formulário é ridículo, Adrian. Como posso agir sem revelar as informações?

— Assine e pronto — respondeu Carter. — Isso não significa o que está aí. São só advogados sendo advogados.

Gabriel assinou em hebraico no fim do formulário e entregou-o a Eli Lavon, que tinha acabado de chegar de Tel Aviv.

Lavon assinou-o sem protesto e devolveu-o a Adrian Carter.

— Ninguém pode entrar ou sair da residência enquanto este material estiver aqui. E isso inclui os dois. Não pensem em tentar escapular porque eu tenho uma equipe de vigilância na N Street e outra na entrada.

Quando Carter partiu, dividiram os arquivos entre ambos e retiraram-se, cada qual para o seu lugar. Gabriel levou várias caixas com telegramas da CIA, juntamente com todos os dados recolhidos pela extinta força de intervenção do NSC, e instalou-se na biblioteca. Eli Lavon levou tudo o que vinha da NSA as transcrições e as gravações originais e montou a sua base de operações na sala de estar. Durante o que restava da tarde, e até bem pela noite dentro, estiveram submetidos à voz de Ivan Kharkov. Ivan o banqueiro e Ivan o construtor. Ivan o magnata do imobiliário e Ivan o investidor internacional. Ivan o emblema por excelência de uma Rússia em ressurgimento. Ficaram a ouvi-lo negociar com o presidente da Câmara de Moscou um lote de primeira qualidade num terreno em frente ao rio, onde ele desejava explorar um centro comercial ao estilo americano. Ficaram a ouvi-lo coagir outro homem de negócios russo a abrir mão da sua participação num concessionário lucrativo da Bentley próximo dos muros do Kremlin. A ameaçar castrar o proprietário de uma empresa de mudanças londrina por danos sofridos na mansão em Belgravia, durante a entrega de um piano Bösendorfer. E uma conversa tensa com um subordinado chamado Valery que estava com dificuldades em obter autorização para a entrega de um carregamento grande de equipamento médico em Serra Leoa. Deviam precisar do equipamento com grande urgência, já que, vinte minutos mais tarde, a NSA interceptou um segundo telefonema para Valery, durante o qual Ivan afirmou que os documentos já estavam em ordem e que o voo podia seguir para Freetown sem mais demoras.

Quando não estava cuidando do extenso império empresarial, Ivan usava suas várias mulheres com destreza. Havia Yekatarina, a supermodelo que mantinha num apartamento de Paris, para deleite exclusivo. Havia Tatyana, a assistente de bordo da Aeroflot que tratava de tudo o que precisasse sempre seus caminhos se cruzassem. E havia a pobre Ludmila, que tinha ido para Londres à procura de uma saída da sua desoladora aldeia siberiana e, em vez disso, encontrou Ivan. Tinha acreditado nas mentiras de Ivan e, quando foi posta de lado, ameaçou contar tudo a Elena. Um outro homem talvez tivesse tentado neutralizar a situação com presentes caros ou dinheiro. Mas não Ivan. Ivan ameaçou mandar matá-la. E também os pais, que estavam na Rússia.

De vez em quando, eram poupados temporariamente de Ivan pela voz de Elena. Apesar de não ser alvo oficial da vigilância da NSA, caía na rede cada vez que usava um telefone de Ivan. Ela era a seda para o aço de Ivan, a decência para a decadência de Ivan. Tinha tudo aquilo que o dinheiro podia comprar, mas não parecia querer nada mais do que um marido com um mínimo de integridade. Criava os dois filhos sem ajuda de Ivan e passava boa parte dos dias livre da companhia grosseira de Ivan. Ivan comprava grandes casas para ela e oferecia-lhe pilhas intermináveis de dinheiro para preenchê-las com coisas caras. Em contrapartida, não podia perguntar nada sobre os negócios e os assuntos pessoais dele. Com a ajuda dos satélites da NSA, Gabriel e Lavon ficaram conhecendo intimamente as muitas mentiras de Ivan. Quando Ivan disse a Elena que estava em Genebra para uma reunião com seus banqueiros suíços, Gabriel e Lavon sabiam que estava na verdade em Paris, com Yekatarina. E quando Ivan disse que tinha ido a Düsseldorf encontrar um industrial alemão, Gabriel e Lavon sabiam que ele estava em Frankfurt ajudando Tatyana a passar o tempo de uma parada prolongada de viagem, num quarto de hotel perto do

aeroporto. A repugnância de Lavon por ele foi crescendo a cada hora que passava.

— Há muitas mulheres que fazem acordos com o diabo – disse ele. – Mas a pobre Elena foi idiota a ponto de se casar mesmo com ele.

Uma hora antes do nascer do sol, Gabriel lia um telegrama extremamente enfadonho do chefe da base da CIA em Angola quando Lavon enfiou a cabeça pela porta.

— Acho que devia vir aqui ouvir uma coisa.

Gabriel largou o telegrama e seguiu Lavon até a sala de estar. A suíte de aspeto anônimo parecia agora a sala de universitários em véspera prova final. Lavon sentou-se em frente a um computador portátil e, com um clique no mouse, reproduziu catorze interceptações, cada uma delas com a voz de Elena Kharkov em realce. Nenhuma precisava ser traduzida porque ela falava inglês fluente em todas as conversas sempre com o mesmo homem. A última interceptação só tinha dois meses. Gabriel ouviu-a três vezes e a seguir olhou para Lavon e sorriu.

— O que acha? — perguntou Lavon.

— Acho que você descobriu a maneira de falarmos com a mulher de Ivan.

CAPÍTULO 25

GEORGETOWN

- Ela é obcecada por Mary Cassatt.
- Uma das namoradas de Ivan?
- É uma pintora, Adrian. Uma pintora impressionista. E bem boa, por sinal.
- Perdoe, Gabriel. Tenho andado um tanto ocupado desde o 11 de Setembro. Consigo falar literalmente tudo sobre os cem terroristas mais perigosos do mundo, mas não posso dizer o nome do último filme que vi.

- Precisa sair mais vezes, Adrian.
- Diga isso à Al-Qaeda.

Seguiam por um caminho de terra batida e cascalho, no fundo do Parque Nacional Chesapeake e do Ohio Canal. Era de manhã cedo, mas o sol ainda não tinha conseguido romper a leve camada de nuvens cinzentas que se instalara durante a noite sobre Washington. À esquerda deles, o rio Potomac corria com indiferença em direção a Georgetown, enquanto, à direita, ao longo da Canal Road, motoristas em guerra avançavam a toda a velocidade para o mesmo destino. Gabriel usava jeans desbotadas e pulôver branco; Carter, moletom e tênis novos em folha.

- Suponho que a Mary Cassatt era francesa?
- Americana, na verdade. Mudou-se para Paris em 1865 e deixou-se enfeitiçar pelos impressionistas. A especialidade dela era retratos ternos de mulheres e crianças. Intrigante, já que ela mesma não era casada nem tinha filhos. O trabalho dela é um pouco sentimental demais para o meu gosto, mas é muito popular com certo tipo de colecionador.
- Como Elena Kharkov?

Gabriel acenou com a cabeça.

— Tendo em conta o que ouvimos nas interceptações da NSA, ela já tem pelo menos seis Cassatt e está no mercado para comprar mais. Ela chama de você todos os negociantes de arte importantes de Paris, Londres e Nova Iorque. E também tem contatos excelentes nas grandes casas de leilões, incluindo o diretor do Departamento de Arte Impressionista e Moderna da Christie's de Londres.

— Você o conhece?

— Numa outra vida.

— Planeja renovar a relação?

— Um passo de cada vez, Adrian.

Carter caminhou em silêncio durante um momento, com as mãos entrelaçadas atrás das costas e os olhos virados para baixo.

— Eu tive a oportunidade de ler o arquivo dela com atenção. Elena é uma mulher interessante, para não dizer mais. É de Leningrado. Já tinha reparado nisso, Gabriel?

— Sim, Adrian, realmente já tinha reparado nisso.

— O pai dela era um membro muito importante do Partido. Trabalhava para a Gosplan, a burocracia do planejamento central da geringonça digna de um Rube Goldberg* que chamavam de economia soviética. Ela foi para a Universidade Estatal de Leningrado e esperava-se que viesse a ser economista como o pai. Mas, ao que parece, mudou de ideia e, em vez disso, resolveu ir estudar línguas e arte. Parece que trabalhava no Museu Hermitage quando conheceu Ivan. O que ela viu nele é um mistério.

** Cartunista americano (1883-1970) que desenhava diagramas intrincados de mecanismos complicados e nada práticos. (N. do T.)*

— Vinham de meios culturais semelhantes. Eram ambos filhos da elite.

— Há uma grande diferença entre a Gosplan e o KGB.

Gabriel ouviu o som de passos, olhou para cima e viu um corredor, de cabelo desarrumado, vindo em direção a eles com receptores nos ouvidos. Ele invejava essas almas inocentes que eram capazes de andar em público privados de um sentido vital. Quando ficaram novamente sozinhos, Carter perguntou:

— Como vai fazer isso?

— Depois de ouvir as interceptações, estou convencido de que se um quadro de Mary Cassatt aparecer discretamente no mercado, Elena Kharkov vai agarrar logo a oportunidade de dar uma olhada.

— E você estaria ao lado dele quando ela fizesse isso?

— Ou um de meus parceiros. Uma pessoa de comportamento agradável e forte paixão pelos quadros de Mary Cassatt. Uma pessoa que não deixe nervosos os guarda-costas de Elena.

Distraidamente, Carter tocou de leve no bolso direito, como se procurasse o cachimbo.

— E devo partir do princípio de que esse encontro aconteceria em solo britânico?

— Deve.

— Isso quer dizer que terá de abrir o jogo com os ingleses. Ivan e o séquito dele estão sob vigilância do MI5 o tempo inteiro, sempre que estão em Londres. Eu suspeito que os nossos primos britânicos estarão mais do que dispostos a cooperar. Há anos que os britânicos nos pressionam para fazermos alguma coisa em relação a Ivan.

Uns vinte metros mais à frente, uma moça era puxada por um arfante husky siberiano. Gabriel, cujo medo de cães era lendário entre os profissionais do ofício, trocou destramente de lado com Carter e observou, com certa satisfação, o cão enfiando o focinho pingando na calça de Carter.

— Esse agente de comportamento agradável e forte paixão por Mary Cassatt — disse Carter enquanto limpava a saliva do cão —,

já tem alguém em mente para o trabalho?

— Estou inclinado a usar uma mulher. Ela precisaria se fazer passar por americana ou britânica. Temos várias candidatas adequadas, mas nenhuma com conhecimento verdadeiro de arte. O que quer dizer que eu teria de começar do zero para prepará-las.

— Isso é uma pena. O tempo está passando.

— Sim, Adrian, já me dei conta disso.

— Como deve lembrar, temos uma pessoa que pode servir.

Tem doutorado em História da Arte em Harvard e já fez um trabalho assim. Até já participou em operações do Mossad, o que significa que compreende seu léxico baseado em hebraico e bem arcaico.

— Pode ser complicado, Adrian.

— Porque ela está secretamente apaixonada por você.

Carter olhou para Gabriel para ver a reação dele e, em resposta, recebeu apenas um olhar fixo e inexpressivo. — Ela é uma moça crescida, Gabriel. E, graças a você, agora é uma verdadeira profissional.

— Onde ela está?

— Continua no Centro de Contraterrorismo em Langley, o que quer dizer que está tecnicamente sob meu controle. Se quiser, é sua.

— Uma fraca escolha de palavras, Adrian.

— Eu estava falando em termos profissionais, claro.

Gabriel caminhou em silêncio por um momento.

— Obviamente, ela é perfeita para o trabalho. Mas tem certeza de que está preparada para voltar às operações de campo?

— Ela trabalhou com você no caso Halton.

— Mas só como agente de ligação. Para esta operação, seria necessário voltar a trabalhar sob disfarce.

— Sou atualizado regularmente quanto aos progressos dela. O psiquiatra da CIA diz que ela está evoluindo muito bem. Na seção de Pessoal, dizem que ela não tem tido problema em se adaptar à

nova identidade e os superiores dela no Contraterrorismo têm dado a ela notas muito altas.

— Não me surpreende, Adrian. Ela é uma estrela. E só Deus sabe por que seus recrutadores a rejeitaram em primeiro lugar.

— Eles acharam que ela era independente demais e um pouquinho inteligente demais. Nós não somos como vocês, Gabriel. Gostamos que nossos agentes responsáveis por casos pensem segundo as normas.

— E depois se perguntam por que seus agentes mais talentosos estão trabalhando para particulares.

Não me amole com críticas, Gabriel. Quer usá-la ou não?

— Vou saber depois de falar com ela.

— Ela entra ao meio-dia.

— Langley?

Gabriel abanou a cabeça.

— Eu quero vê-la num lugar em que a CIA não esteja escutando.

— Isso limita nossas opções consideravelmente.

Carter fez questão de mostrar que ponderava muito a questão. — Que tal Dumbarton Oaks*? Nos jardins, ao meio-dia.

— Não esqueça que é de fazer com que ela venha sozinha.

Carter sorriu de forma triste.

— Graças a você, Gabriel, ela nunca vai a lugar algum sozinha. Provavelmente nunca irá.

**Mansão de 1800 em Georgetown, Washington, conhecida por seus famosos jardins. (N. do T.)*

CAPÍTULO 26

DUMBARTON OAKS, GEORGETOWN

O sol acabou por romper o véu de neblina no meio da manhã e, na hora em que Gabriel se apresentou à porta de Dumbarton Oaks, já estava um calor terrível. Comprou um bilhete de entrada numa pequena cabine e deram-lhe uma brochura em papel brilhante. Consultou-a com frequência, enquanto passeava pelas árvores intrincadas, latadas e fontes ornamentais. Poucos minutos depois do meio-dia, dirigiu-se para um canto distante dos jardins, onde encontrou uma mulher atraente, dos seus trinta e poucos anos, sentada formalmente num banco de madeira, com um livro de bolso aberto no colo e lírios do vale aos pés. Vestia de alças liso de algodão e sandálias. O cabelo louro estava mais comprido desde a última vez que a vira; a pele de alabastro estava a começar a ficar vermelha devido ao sol intenso. Olhou para cima de repente, quando Gabriel se aproximou, mas a cara manteve-se estranhamente inexpressiva, como se tivesse sido pintada pela mão de Mary Cassatt.

— Conseguiu descobrir os vigias de Adrian? — perguntou Sarah Bancroft.

Ele beijou o rosto dela e levou-a para a sombra.

— Um estagiário míope, acabado de sair da academia, conseguiria descobrir os vigias de Adrian.

— Então diga.

— Mulher com chapéu de sol, homem de bermuda xadrez, casal com camisetas iguais com dizeres I Love New York.

— Muito bem. Mas deixou passar os dois rapazes naquele carro escuro na R Street.

— Não deixei. Aliás, eles podiam ter simplesmente acenado quando entrei.

Sentaram-se ao lado um do outro mas, mesmo à sombra, não havia grande alívio em relação ao calor forte e úmido. Sarah puxou os óculos de sol para a cabeça e limpou um pinga de transpiração da face. Gabriel contemplou o seu perfil, enquanto os olhos dela

tremeluziam incessantemente de um lado para o outro dos jardins. Filha de um abastado administrador do Citibank, Sarah Bancroft tinha passado grande parte da infância na Europa, onde adquirira uma educação europeia, juntamente com uma mão-cheia de línguas europeias e maneiras europeias irrepreensíveis. Tinha regressado à América para ir para a Universidade de Massachusetts-Dartmouth e, mais tarde, após passar um ano a estudar no prestigiado Courtauld Institute of Art de Londres, tornou-se a mulher mais jovem de sempre a tirar um doutoramento em História de Arte em Harvard. Enquanto terminava a dissertação, começou a namorar com um jovem advogado chamado Ben Callahan, que teve a infelicidade de embarcar no Voo 175 da United Airlines na manhã de 11 de Setembro de 2001. Ele conseguiu fazer um telefonema antes de o avião mergulhar de encontro à Torre Sul do World Trade Center. A chamada foi para Sarah. Gabriel tinha-lhe dado a oportunidade que em Langley lhe tinham negado: ripostar contra os assassinos. Com a bênção de Carter, e com a ajuda de um Van Gogh perdido, ele tinha-a introduzido no séquito de um bilionário saudita chamado Zizi al-Sakari e instruído no sentido de descobrir o dirigente terrorista escondido no seu interior. Tivera a sorte de sobreviver. A sua vida nunca mais foi a mesma.

— Temia que não fosse aparecer — disse ele.

— E por quê? Porque no meio de uma operação muito tensa cometi o deslize terrível e nada profissional de confessar meus verdadeiros sentimentos por você?

— Isso foi uma razão.

— Não tem que se preocupar com isso, Gabriel. Eu já não estou caidinha por você. — Olhou para ele e sorriu. — É impressão minha ou ficou um pouquinho desapontado?

— Não, Sarah, não estou desapontado.

— É claro que está. A questão é saber se me quer realmente em outra operação.

— E por que não haveria de querer?

— Porque sua nova e encantadora noiva italiana pode não aprovar.

Ajustou as alças finas do vestido, colado aos seios de uma forma que até os olhos mais fiéis se distraíssem.

— Sabe, para um homem com tantos talentos, seus conhecimentos sobre as mulheres são chocantemente deficientes.

— Compenso de outras maneiras.

— Com seu comportamento infalivelmente agradável?

— Para começar.

Ela olhou-o fixamente durante um momento, como se ele fosse um estudante enfadonho.

— A última pessoa que Chiara quer ver outra vez no terreno sou eu.

— Você foi convidada para nosso casamento.

— Um dos piores dias da minha vida. E isso quer dizer alguma coisa, porque eu já tive dias bem terríveis.

— Mas se já não é caidinha por mim...

— Não há sequer uma pontinha de interesse.

Dois turistas japoneses aproximaram-se e, numa combinação de inglês macarrônico com gestos hesitantes, pediram a Sarah que lhes tirasse uma foto. Ela concordou, para grande descontentamento de Gabriel.

— Ficou louca?

— O que eu fiz agora?

— E se houvesse uma bomba naquela máquina?

— Quem poria uma bomba numa máquina?

— Nós.

— Se era assim tão perigoso, por que me deixou fazer?

— Porque era óbvio que eram turistas japoneses inofensivos.

— E como sabia isso?

— Eu consigo perceber.

— Só olhando para eles?

— Sim, eu consigo perceber só olhando para eles.

Ela riu.

— É melhor ter cuidado, Gabriel. Senão, pode fazer com que eu me apaixone outra vez por você.

— E nós não queremos que isso aconteça.

— Não, não queremos.

Gabriel lançou o olhar pelos jardins e perguntou o que Carter tinha contado.

— Só que você ia atrás de Ivan Kharkov.

— Sabe muita coisa acerca dele?

— Em termos formais, ele não está no raio de ação do CTC, mas provavelmente deveria. Fomos para a guerra no Iraque, em parte, porque temíamos que Saddam fornecesse aos terroristas armamento sofisticado ou armas de destruição em massa. Mas os terroristas não precisam de nenhum Estado, basta procurar alguém como Ivan. Pela quantia certa de dinheiro, ele vende o que quiserem e entrega na África ou na América Latina.

— É evidente que aprendeu bem o ofício.

— Fui bem treinada.

Cruzou as pernas e alisou o vestido.

— O que precisa que eu faça desta vez?

— Que memorize os arquivos da CIA sobre Ivan e a rede dele e leia tudo o que puder sobre Mary Cassatt. Adrian dirá o resto.

— Kharkov e Cassatt? Só uma operação de Gabriel Allon poderia incluir uma combinação dessas.

Baixou os óculos de sol.

— E devo partir do pressuposto de que precisa que eu volte a trabalhar sob disfarce?

— Sim, deve.

Abateu-se um silêncio entre ambos, pesado como o calor do meio-dia.

— Se não quiser fazer isso, Sarah, é só dizer. Deus sabe que você já fez mais do que o necessário.

Olhou para ele e sorriu. Era um sorriso corajoso, pensou Gabriel. Do tipo que não se estendia realmente ao resto do rosto.

— E perder o divertimento todo?

Serviu-se teatralmente do livro como leque.

— Além disso, eu seria capaz de fazer praticamente tudo para sair daqui por uns dias. Não suporto Washington no verão.

CAPÍTULO 27

LONDRES

O número 7 do Mornington Terrace era um prédio de apartamentos do pós-guerra, cheio de fuligem, com vista para os carris da Euston Station. Quando Gabriel tocou à campainha do apartamento 5C, a porta abriu uns centímetros e dois olhos cinzentos observaram-no com frieza por cima da corrente. Não pareciam satisfeitos por vê-lo. Isso raramente acontecia.

Já sem a corrente a prendê-la, a porta abriu um pouco mais e ficou a uma distância mais hospitaleira. Gabriel entrou no apartamento e registrou o que havia à sua volta: uma desoladora e minúscula divisão com uma cama, um chão de linóleo cheio de buracos e mobílias de feira da ladra. O homem que estava à espera lá dentro tinha o aspeto de quem fora parar ao apartamento por engano. Usava terno riscado, capa Burberry e abotoaduras do tamanho de xelins. O cabelo já tinha sido louro, em tempos; agora tinha um tom cinza-azulado. Dava-lhe o ar de modelo de anúncio de conhaque de grande qualidade, ou ator de telenovela, do tipo do milionário mais velho que se rodeia de mulheres mais novas.

Mas Graham Seymour não tinha tempo para andar atrás de mulheres.

Sendo diretor interino do M15, os serviços de segurança britânicos, tinha trabalho mais do que suficiente para se manter ocupado. Naquele momento, o seu país albergava vários milhares de extremistas islâmicos com conhecidas ligações terroristas. E só para as coisas interessantes, as atividades de espionagem russas em Londres tinham atingido níveis que não eram vistos desde o final da Guerra Fria. Essas atividades incluíram o assassinato, em 2006, de Aleksandr Litvinenko, um antigo agente do FSB e um crítico do Kremlin, que tinha sido envenenado com uma dose de polônio-210 altamente radioativo, um ato de terrorismo nuclear levado a cabo pelo FSB no coração da capital britânica.

Seymour devia ter chegado logo antes de Gabriel, já que ainda tinha os ombros cobertos de gotas de chuva. Com ar fatigado, atirou a capa nas costas de uma cadeira e estendeu a mão.

Tinha a palma virada para cima.

— Não vamos fazer isso outra vez, Graham.

— Passe para cá.

Gabriel soltou um suspiro profundo e entregou o passaporte. Seymour abriu-o e franziu o cenho.

— Martin Stonehill. Local de nascimento: Hamburgo, Alemanha.

— Naturalizei-me cidadão americano.

— Então isso explica o sotaque.

Seymour devolveu o passaporte a Gabriel.

— Presente de seu amigo presidente ou obra do seu bando de falsificadores no Boulevard King Saul?

— Adrian teve a gentileza de me emprestar. Hoje em dia, já é bem difícil viajar sem um passaporte israelense com o nome Gabriel Allon.

Guardou o passaporte no bolso e olhou em volta.

— Vocês usam isso para todas as reuniões de alto nível com os agentes de ligação, Graham, ou este palácio é reservado para

visitas israelenses?

— Não fique todo eriçado, Gabriel. Sinto, mas foi tudo o que conseguimos tão em cima da hora. Além disso, você é que não quis ir à Thames House.

Thames House era o quartel-general do MI5 em frente ao rio, perto da Lambeth Bridge.

— Gosto mesmo da maneira como vocês arranjaram este, Graham.

— Já pertence à família há anos. Usamos principalmente para dormir umas horas e interrogar as nossas fontes e agentes de penetração.

— Que tipo de agentes de penetração?

— Do tipo que introduzimos em potenciais células terroristas.

— Nesse caso, fico surpreso por terem conseguido arranjar espaço para mim.

— Sim, receio bem que ele seja realmente muito usado.

— Suas fontes ouviram algum zunzum sobre armas russas a caminho daqui?

— Eu fiz essa pergunta ao Joint Terrorism Analysis Centre ontem à noite, depois de falar com Adrian. Os americanos não são os únicos que têm ouvido conversas sobre as flechas de Alá. Nós também interceptamos referências a elas.

Na cozinha exígua, uma chaleira elétrica começou a cuspir vapor. Gabriel foi até a janela e pôs-se a olhar para um trem da West Coast Main Line que passava, enquanto Seymour tratava do chá. Voltou com duas xícaras, chá simples para Gabriel e com leite e açúcar para ele.

— As governantas não se deram ao trabalho de apetrechar a despensa com biscoitos — disse ele, taciturno. — Já é ruim esse leite de pacote em vez de fresco, mas não deixar uma embalagem de McVitie's é motivo para demissão, na minha humilde opinião.

— Eu posso dar um pulo na mercearia da esquina se quiser, Graham.

— Eu sobrevivo.

Depois de um momento de indecisão, Seymour sentou-se no sofá e pousou a xícara em cima de uma mesa. — Adrian contou o essencial do que você conseguiu em Moscou. Que tal me contar o resto?

Gabriel contou a Seymour tudo, começando pelo assassinato Boris Ostrovsky em Roma e terminando com o seu interrogatório e deportação da Rússia. Seymour, que o que fazia de mais perigoso naqueles tempos já era apenas mudar os seus próprios tinteiros' ficou bastante impressionado.

— Minha nossa, como sua vida é mesmo movimentada. E pensar que conseguiu fazer isso tudo deixando só três cadáveres no caminho. Isso é um feito para você.

Seymour soprou o chá, pensativo.

— Então o que propõe? Quer pegar Elena Kharkov e ter uma conversinha privada com ela sobre as operações do marido? Lamento, mas isso é mais fácil de dizer do que de fazer. Elena não põe o pé fora da mansão dela em Knightsbridge sem escolta completa de guarda-costas muito pouco simpáticos. Ninguém fala com Elena sem falar primeiro com Ivan.

— Por acaso, isso não é exatamente verdade. Há uma pessoa em Londres com quem ela fala com grande regularidade, uma pessoa que pode estar disposta a ajudar, tendo em conta a gravidade da situação.

— É um cidadão britânico, suponho?

— Sem dúvida.

— E tem um emprego honesto?

— Suponho que isso dependa do ponto de vista. É negociante de arte.

— E onde é trabalha?

Gabriel contou-lhe.

— Oh, minha nossa. Isto pode ser um pouquinho delicado.

— Por isso estou aqui, Graham. Nunca me passaria pela cabeça fazer uma operação em Londres sem consultá-lo primeiro.

— Poupe-me.

— Acho que nós deveríamos dar uma olhada debaixo das unhas dele antes de qualquer abordagem. O mundo da arte está cheio de personagens duvidosos. Nunca se é cuidadoso demais.

— Nós? Não, Gabriel, nós não vamos nos aproximar dele. A segurança vai tratar deste assunto com a máxima discrição e um mandado apropriado do Ministério do Interior.

— E quando podem começar?

— Setenta e duas horas devem ser suficientes. Já vou terei um homem a segui-lo na hora do almoço — respondeu Seymour. — Proponho que nos encontremos uma vez por dia para analisar os relatórios de vigilância.

— Combinado.

— Podemos fazer isso aqui, se quiser.

— Está brincando, claro.

— Então escolha.

— St. James's Park. Seis da tarde. Nos bancos do lado norte da Ilha dos Patos.

Graham Seymour franziu o sobrolho.

— Eu levo as migalhas de pão.

CAPÍTULO 28

LONDRES

No rescaldo de tudo aquilo, quando os arquivistas e analistas de uma dúzia de serviços e agências diferentes estivessem a examinar os ossos chamuscados daquele caso, todos se

interrogariam com o fato de, naqueles primeiros dias de pouca atividade da operação, o principal alvo de Gabriel não ter sido Ivan Kharkov, nem a sua linda mulher, Elena, mas sim Alistair Leach, diretor do departamento de Arte Impressionista e Moderna da Christie's, a vetusta casa de leilões no número 8 da King Street, em St. James's, Londres. Mas eles não tiveram qualquer prazer nisso; era um homem bom e decente que tinha ficado enredado no caso sem qualquer culpa própria, apenas por uma casual proximidade com o mal. Adrian Carter referir-ia a ele mais tarde como a nossa própria liçãozinha de vida. Poucas vidas são vividas sem vestígios de pecado e menos ainda conseguem suportar o escrutínio de um telefone sob escuta do MI5 e uma escolta a tempo inteiro de vigias do MI5. Se não fosse pela graça de Deus, diria Carter, isso poderia acontecer a qualquer um. Qualquer agente com um mínimo de consciência sabe que remexer nas gavetas da vida de um homem pode ser uma experiência desconcertante, mas Seymour, que tinha mais escrúpulos do que a maioria, assegurou que isso fosse feito com o máximo de suavidade possível. Os seus homens responsáveis pelas escutas ouviam as conversas telefônicas de Teach com condescendência, os seus vigias seguiam a presa a uma distância considerável e os seus vasculhadores revolviam os registros telefônicos, os extratos bancários e as faturas de cartão de crédito de Leach com a mais completa sensibilidade. Só as escutas colocadas no quarto dele os faziam sentir-se embaraçados escutas que, perante a insistência de Gabriel, tinham sido escondidas na residência de Leach, em Kentish Town. E não demorou muito tempo até que os microfones revelassem porque passava Leach tão pouco tempo lá. Os homens responsáveis pelas escutas começaram a referir à mulher dele, Abigail, simplesmente como a Fera.

Sem que Graham Seymour e o MI5 soubessem, Gabriel tinha-se instalado discretamente, durante essa fase do caso, num apartamento seguro do Escritório, na Bayswater Road. Aproveitou o

momento de acalmia na operação para descansar tudo o que lhe faltava e para curar os ferimentos que tinha no corpo. Dormia até tarde, normalmente até as nove ou dez horas, e a seguir passava o resto das manhãs a demorar-se a beber o café e a ler os jornais. Depois do almoço, saía do apartamento e ia dar longas passeatas pelo centro de Londres. Embora tivesse o cuidado de alterar os seus percursos, visitava todos os dias os mesmos três locais: a embaixada israelense, na Old Court Road, a embaixada americana, na Grosvenor Square, e a Ilha dos Patos, em St. James's Park. Graham Seymour apareceu às seis da tarde em ponto nos primeiros dois dias mas, no terceiro, chegou quarenta e cinco minutos atrasado, a resmungar qualquer coisa sobre um ataque de mau gênio do seu diretor-geral. Abriu de imediato a pasta de diplomata de aço inoxidável e entregou uma fotografia a Gabriel. Mostrava Alistair Leach a passear pelas calçadas de Piccadilly com uma mulher com aspeto de solteirona ao lado. Quem é ela?

— A Rosemary Gibbons. É administradora do Departamento de Pinturas dos Velhos Mestres da Sotheby's. Por razões óbvias, tanto pessoais como profissionais, eles mantêm uma relação altamente secreta. Tanto quanto nós conseguimos perceber, é estritamente platônica. Para dizer a verdade, os meus vigias até estão torcendo para que o pobre do Alistair a leve ao nível seguinte. Abigail é um autêntico demônio e os dois filhos nem sequer conseguem olhar para ele.

— E onde estão agora?

— A mulher e os filhos?

— Leach e Rosemary — respondeu Gabriel com impaciência.

— Num barzinho na Jermyn Street. Numa mesa sossegada no canto mais afastado. Muito aconchegados.

— Vai me arranjar uma foto, não vai, Graham? Uma coisinha qualquer que eu possa guardar no bolso de trás para o caso de ele bancar o difícil?

Seymour passou a mão pelo cabelo grisalho e, a seguir, acenou com a cabeça.

— Eu gostaria de abordá-lo amanhã — afirmou Gabriel. — Como é o horário dele?

— Tem reuniões marcadas durante toda a manhã, na Christie's, e depois vai a uma sessão de uma coisa chamada Raphael Club. Temos um investigador pesquisando o que é isso.

— Pode dizer ao investigador para parar, Graham. Posso garantir que os membros do Raphael Club não são ameaça a não ser a eles mesmos.

— E o que é isso?

— Uma reunião mensal de negociantes de arte, leiloeiros e curadores. Não fazem nada mais sedicioso do que beber muito mais vinho do que deviam e lamentar as inconstâncias de seu negócio.

— E devíamos fazer isso antes da reunião ou depois?

— Depois, Graham. Sem dúvida, depois.

— Por acaso sabe onde e quando esses cavalheiros se reúnem?

— No Green's Restaurant. À uma da tarde.

CAPÍTULO 29

ST. JAMES'S, LONDRES

Os membros do pouco conhecido mas muito caluniado Raphael Club começaram a surgir a conta-gotas nas instalações encantadas do Green's Restaurant and Oyster Bar, na Duke Street, St. James's, pouco antes da uma da tarde do dia seguinte. Oliver Dimbleby, um lascivo negociante independente da Bury Street, chegou cedo, mas a verdade é que Oliver sempre gostara de beber um ou dois gins sozinho no bar, só para ficar no estado de espírito certo. Roddy Hutchinson, um homem sem escrúpulos, apareceu

logo depois, seguido de Jeremy Crabbe, o diretor, sempre vestido de tweed, do Departamento de Pinturas dos Velhos Mestres da leiloeira Bonhams. Alguns minutos mais tarde, chegaram dois curadores, um da Tate e outro da National. Depois, à uma da tarde em ponto, surgiu Julian Isherwood, o fundador do Raphael Club e o coração que lhe dava vida, a subir os degraus da entrada de uma forma hesitante, parecendo estar de ressaca como era habitual.

Às 13h20, o convidado de honra, pelo menos na opinião de Gabriel e de Seymour — sentados do outro lado da rua em frente ao Green's, na parte de trás de uma van de vigilância do M15 — ainda não tinha chegado. Seymour telefonou aos agentes do M15 responsáveis pelas escutas e perguntou se tinha havido alguma atividade recente no telefone de trabalho de Leach ou no celular.

— É a fera — explicou um dos agentes. — Ela está dando uma lista de coisas para fazer quando estiver a caminho de casa, depois do trabalho.

Às 13h32, o mesmo agente ligou outra vez para dizer que a linha telefônica de Leach já estava inativa e, às 13h34, uma equipe de vigilância instalada na King Street informou que ele tinha acabado de sair da Christie's num estado altamente agitado. Gabriel avistou-o quando ele virou a esquina, uma figura esguia e muito direita, com as faces ligeiramente rosadas e dois tufo de cabelo espessos, por cima das orelhas, que batiam como asas cinzentas enquanto caminhava. Uma equipe no interior do Green's informou que Leach se tinha juntado à reunião e que o vinho branco Borgonha já escorria. O almoço formal teve três horas e quinze minutos de duração, ligeiramente maior do que era habitual, mas a verdade é que estávamos em Junho e Junho era uma época do ano bastante parada para todos eles. A contagem final do vinho chegou às quatro garrafas de Sancerre, quatro garrafas de um rosé da Provença e ainda mais três garrafas de um Vitrinechet excelente. A conta, quando chegou por fim, causou um certo alvoroço, mas também isso

fazia parte do ritual do Raphael Club. Calculado como sendo qualquer coisa acima das mil e quinhentas libras pela equipe que se encontrava dentro do restaurante, o dinheiro da conta foi sendo recolhido através de um prato que ia circulando entre todos, com Oliver Dimbleby, o mais gorducho dos membros do clube, a chefiar as operações com mão de ferro. Como de costume, Jeremy Crabbe não tinha dinheiro que chegasse e Julian Isherwood concedeu-lhe um empréstimo temporário. Alistair Leach atirou umas duzentas libras para dentro do prato quando este lhe passou por baixo do nariz e acabou de beber o seu último copo de vinho. Mais tarde, a equipe no interior do restaurante informaria que ele tinha o ar de um homem que parecia saber que o seu mundo estava prestes a mudar e não necessariamente para melhor.

Por breves instantes, juntaram-se todos lá fora, na Duke Street, antes de cada um seguir o seu caminho. Alistair Leach deixou-se ficar mais um pouco com Julian Isherwood e, a seguir, deu meia-volta e pôs-se a caminho da Christie's novamente. Não iria passar da esquina da Duke Street com a King Street, já que tinha sido aí que Graham Seymour escolhera fazer a recolha. A tarefa foi efetuada por um jovem agente chamado Nigel Whitcombe, que tinha uma cara de pastor de igreja e a força de mãos de um ferreiro. Ao ser levado pelo cotovelo em direção a um Rover do MB que os esperava, Leach não ofereceu mais do que uma resistência simbólica.

— Importa-se de me dizer do que tudo isto se trata? — perguntou submissamente enquanto o carro arrancava, afastando-se do meio-fio.

— Gostaria grandemente de poder dizer mais alguma coisa, Alistair, mas lamento informá-lo de que sou apenas o moço de entrega.

— Não vai ser uma viagem longa, não? Receio que tenham me apanhado num momento delicado. Um vinho a mais no almoço.

Aquele maldito Oliver Dimbleby. É uma fonte de encrencas, o Oliver. Sempre foi. E sempre será. Ele é que vocês deviam pegar.

— Talvez numa outra ocasião.

O sorriso de Whitcombe foi como um bálsamo.

— Por favor, tente descontraír, Alistair. Não está metido em encrenca. Nós só precisamos pedir emprestados alguns contatos e conhecimentos.

— E faz ideia de quanto tempo vamos demorar?

— Suponho que isso dependa de você.

— Eu vou precisar ligar para Abigail, se vamos demorar. Ela se preocupa muito, sabe?

— Sim, pensou Whitcombe. Nós sabemos tudo sobre Abigail.

Tinham discutido para onde o levariam. Graham Seymour recomendara o formalismo imponente de Thames House, mas Gabriel, que tinha aversão típica de agente de campo a tudo o que tivesse a ver com quartéis-generais, conseguira convencê-lo a optar por algo mais acolhedor e menos oficial. E foi assim que, vinte minutos após ter sido arrancado da King Street, Alistair Leach foi conduzido à sala de estar de uma casa recuperada a partir de um antigo estábulo e alugada às pressas, não muito longe da Sloane Square. Era uma sala aprazível, com livros bons nas prateleiras e uísque bom no carrinho das bebidas. As persianas estavam parcialmente abertas e a luz agradável do final da tarde ia entrando por entre as frestas e cobrindo o chão de madeira de padrões às riscas. Graham Seymour ia percorrendo a sala vagarosamente, de maneira a dar mais ênfase à sua postura inglesa, à sua beleza inglesa e ao seu fato inglês impecavelmente feito. Gabriel, que ainda não tinha sido convidado a juntar-se aos procedimentos, estava instalado diante de um ecrã de televisão, num quarto do andar de cima. Tinha dois técnicos do MI5 a fazerem-lhe companhia, um chamado Marlowe e outro chamado Mapes. Dentro do MI5, eram mais conhecidos como M&M Audio and Video.

Whitcombe ordenou a Leach que se sentasse no sofá e, a seguir, sentou-se ao seu lado. Em cima da mesa de café, havia uma única folha de papel. Graham Seymour tirou uma caneta do bolso e apontou-a na direção de Leach, como se fosse uma arma carregada.

— Seja bonzinho, Alistair, e assine isso. É uma cópia do Official Secret acts. Desnecessário se dar ao trabalho de ler, já que a redação não é extremamente importante. Mas pode crer que, a nós, isso dá o direito de trancá-lo na Torre de Londres e lhe cortar a cabeça se revelar uma palavra do que ocorrer aqui. Não pode falar disso com ninguém. Isto se aplica a seus colegas, a Abigail e a seus filhos. E a qualquer outro amigo ou conhecido com quem possa trocar confidências esporádicas.

Leach olhou para cima bruscamente e, por um instante, Gabriel temeu que Seymour tivesse lançado o seu ás quando um valete teria feito o serviço. A seguir, Leach olhou para Whitcombe, que acenou com a cabeça solenemente.

— O que eu fiz? — perguntou Leach, com a caneta encostada ao documento. — Enganei o fisco em algum trocado? Me portei mal no metrô? Disse alguma coisa desagradável sobre o atual ocupante do Número Dez?

— Tem sorte de ter nascido num país livre — respondeu Seymour. — Pode dizer o que quiser... em determinados limites, claro. Está aqui não devido às suas próprias ações, mas por estar ligado a um homem que é uma ameaça para a segurança nacional britânica. Uma ameaça bem grave, na verdade.

— E onde é que é *aqui*?

Leach olhou em redor da sala e, a seguir, para Seymour. — E quem são *nós*?

— O aqui não é importante. Isso é tudo temporário. Quanto aos *nós*, isso já é um pouco mais permanente. Nós somos a Segurança Interna Britânica, que por vezes chamam de MI5. Eu sou Charles.

Apontou com a cabeça para Whitcombe.

— E este é meu colega Gerald.

— E essa minha ligação com um homem que é uma ameaça? Quem é ele, posso saber? O homem que me vende os jornais? O que nos traz o café no escritório?

— Por acaso, é um de seus clientes.

— Lamento dizer, mas a verdade é que, num negócio como o meu, encontramos todo tipo de pessoas e nem todas são candidatas a santo.

— O cliente de quem falo não precisa sequer tentar se candidatar ao reino sagrado de Deus, Alistair. Não estamos falando de um empresário desleal nem de um ladrão de fundos de investimento. Ele anda há anos despejando armas nos recantos mais voláteis do Terceiro Mundo. E agora tudo aponta para que esteja prestes a concluir uma transação que poderá fazer com que os atentados a bomba em Londres pareçam brincadeira de criança.

— Ele é negociante de armas? É isso que está dizendo?

— É exatamente isso. Por definição, uma cambada sem escrúpulos. Este homem é o pior dos piores.

— E ele tem nome?

— Ainda não tem o direito de saber o nome dele, não sem primeiro concordar em nos ajudar.

— Mas o que eu posso fazer? Eu vendo quadros.

— Estamos pedindo para dar um telefonema, Alistair. Nada mais. E por esse telefonema, será muito bem recompensado. Mais importante ainda, daremos a oportunidade de ajudar a defender seu país e todos os cidadãos do mundo em relação a um inimigo a quem não custa nada chacinar inocentes.

Seymour parou de andar. Tinha os olhos escondidos pelas sombras.

— Quer que eu continue ou quer que nós o levemos para casa, para Abigail, e façamos de conta que este encontro nunca

aconteceu?

Leach, à segunda menção do nome da mulher, mexeu-se no sofá, sentindo-se pouco à vontade. Olhou para Whitcombe, como uma testemunha que olha para o advogado, à procura de aconselhamento. Whitcombe deixou escapar um aceno quase imperceptível da cabeça, como se estivesse a implorar a Leach para se juntar à cruzada deles.

— Continue — disse Leach, sem se dirigir a ninguém em particular.

Seymour recomeçou a percorrer a sala vagarosamente. — Uma vez que a ameaça é internacional, os nossos esforços para contrariá-la também são internacionais. Está prestes a conhecer um agente secreto de outro país, um país aliado do nosso na luta contra o terrorismo e o extremismo islâmico global. É bem possível que até reconheça esse cavalheiro em virtude de sua vida profissional. O documento que assinou oculta seu contato com esse homem e também conosco.

— Por favor, digam-me que ele não é um americano.

— Pior ainda, receio.

— A única coisa pior do que um americano é um israelense.

Whitcombe deu uma palmadinha no joelho de Leach, em sinal de repreensão.

— Acabei de pôr o pé na poça? — perguntou Leach.

— Temo que sim — respondeu Seymour.

— Não vão contar nada, certo? É que eles têm mesmo tendência a ficar muito irritados ao mínimo insulto.

Seymour sorriu tenuemente. — Vai ser o nosso pequeno segredo.

CAPÍTULO 30

CHELSEA, LONDRES

Gabriel entrou na sala de estar e, sem uma palavra, sentou-se na poltrona em frente a Leach.

— Deus do Céu, você é...

— Eu não sou ninguém — interrompeu Gabriel, terminando a frase por ele. — Você não me conhece. Nunca me viu na vida. Nunca ouviu o meu nome. Nunca viu a minha cara. Estamos entendidos, Alistair?

Leach olhou para Seymour, apelando para que o ajudasse. — Vai ficar aí parado sem fazer nada? Pelo amor de Deus! O homem acabou de me ameaçar.

— Ele não fez nada disso — respondeu Seymour. — Agora, responda ao que ele lhe perguntou.

— Mas eu sei o nome dele. Eu sei os dois nomes dele. É Mario Delvecchio. Costumava limpar quadros para o sedutor do Julian Isherwood. Era o melhor. Pintava como um anjo e era capaz de autenticar uma obra passando simplesmente os dedos em cima das pinceladas. E depois partiu nossos corações. No tempo todo em que estava restaurando para Julian, estava matando em nome do serviço secreto israelense.

— Receio que esteja me confundindo com outra pessoa, Alistair.

— Não é isso que o Times diz. Segundo o Times, você era um dos atiradores que mataram aqueles pobres sujeitos em frente à Abadia de Westminster na manhã do dia de Natal.

— Aqueles pobres sujeitos, como diz, eram terroristas empedernidos que estavam prestes a cometer um assassinato em massa. E quanto ao grupo a que pertenciam, segundo os registros oficiais, eram ligados da divisão S019 da Polícia Metropolitana.

— Mas o Times publicou sua foto, não foi?

— Até um jornal com a reputação do Times se engana de vez em quando — interrompeu Graham Seymour.

Em silêncio, Gabriel entregou uma folha de papel a Leach.

— Leia isto.

— O que é?

— Uma transcrição de uma conversa telefônica.

— Uma conversa telefônica de quem?

— Leia isso, Alistair.

Leach fez o que lhe ordenaram e, a seguir, olhou furioso para Gabriel.

— Onde conseguiram isso?

— Não é importante.

— Diga onde conseguiram isso ou esta conversa acabou.

Gabriel cedeu. No recrutamento, dizia Shamron, por vezes é necessário aceitar pequenas derrotas para assegurar a vitória final.

— Os americanos nos deram.

— Os americanos? Por que cargas d'água os americanos poriam meus telefones sob escuta?

— Não banque o importante — interrompeu Seymour novamente. — Não eram os seus, mas os dela.

— Estão dizendo que Elena Kharkov é traficante de armas?

— Ivan Kharkov é que é o traficante de armas — respondeu Gabriel em tom pedante. — Elena só entra quando liga de um dos telefones que monitoram. Nesse dia, ela ligou de casa, em Knightsbridge. Olhe a transcrição, Alistair. Refresque a memória, se precisar.

— Eu não preciso refrescar nada. Lembro-me muito bem da conversa. Os americanos não têm nenhum direito de gravar estas chamadas e guardá-las nos computadores deles. É como abrir a correspondência de outra pessoa. É indecoroso.

— Se o faz sentir-se melhor, ninguém se deu ao trabalho de ler até eu aparecer. Mas vamos deixar isso de lado e tratar do que é importante. Nesse dia, ela lhe falou de um quadro, um quadro de Mary Cassatt, para ser preciso.

— Elena tem um fraco pela Cassatt. Uma obsessão, melhor dizendo. Compre tudo o que aparece no mercado. Eu achava que tinha conseguido arrancar de um colecionador pouco importante um quadro intitulado Duas Crianças numa Praia, que Cassatt pintou em 1884, enquanto convalescia de uma bronquite. O colecionador deixou-nos em suspenso durante várias semanas, até que me disse por fim que não estava preparado para vender. Telefonei à Elena. Ela retornou a chamada e eu dei a má notícia.

— Já o viu?

— O quadro? Sim, é bem bonito, na verdade.

— E chegou a dizer a Elena o nome do proprietário?

— Já devia saber que essa pergunta é desnecessária, Signore Delvecchio.

Gabriel olhou para Graham Seymour, que estava afastado examinando livros nas estantes.

— Quem ele é, Alistair? E não tente se esconder atrás de informação confidencial entre negociante e cliente.

— Não posso dizer — repetiu Leach de forma obstinada. — O proprietário deseja manter o anonimato.

Nigel Whitcombe juntou as pontas dos dedos e encostou-as aos lábios, pensativamente, como se ponderasse a moralidade da recusa de Leach em responder.

— E se o proprietário soubesse o que está em jogo? Suspeito que ele ou ela, se for o caso, até visse com satisfação a chance de nos

ajudar. Suspeito que o proprietário seja um patriota, Alistair. — Uma pausa. — Como você.

A gravação oficial do interrogatório não incluiria o que se passou a seguir, já que não haveria qualquer som para os microfones captarem. Foi uma mão. A mão que Whitcombe pousou gentilmente no ombro de Leach, como se rogasse que recuperasse a fé perdida.

— Boothby — soltou Leach, como se o nome lhe surgisse na cabeça de repente. — Sir John Boothby. Mora numa enorme mansão eduardiana no meio de um terreno com mais de oitocentos mil metros quadrados, em Cotswolds. Não trabalhou um único dia na vida, pelo que sei. O pai trabalhava por ele. Diz-se que fez uma guerra fantástica.

Seymour virou a cabeça subitamente. — Não está falando de Basil Boothby, está?

— É esse mesmo. Um sacana implacável, pelo que ouço dizer.

— Basil Boothby era uma das lendas do MI5. Estava em nosso programa de contrainformação na Segunda Guerra Mundial. Pegava os espiões alemães capturados e devolvia-os aos chefes deles em Berlim. E, sim, ele era um sacana implacável. Mas há hora em que precisamos ser. E estamos numa dessas horas, Alistair.

Interrogo-me se não haverá alguma hipótese de Sir John poder ter mudado de opinião afirmou Gabriel. Interrogo-me se não poderá estar na hora de lhe fazer uma nova abordagem.

— Ele não vai vender esse quadro... pelo menos, não a Elena Kharkov.

— E por que não?

— Porque, num momento de indiscrição profissional, posso ter mencionado que o potencial comprador era a mulher de um oligarca russo. O pai de Boothby passou os últimos anos da carreira combatendo espiões do KGB. O velho não gostava muito dos russos. E Sir John também não.

— Parece-me um patriota — disse Graham Seymour.

— Eu usaria outra palavra para descrevê-lo — resmungou Leach entre dentes. Elena Kharkov estava disposta a pagar uma nota preta por esse quadro. Dois milhões de libras, de repente um pouquinho mais. Aceitar o negócio teria sido inteligente. Pelo que ouço dizer, Sir John não está propriamente transbordando de fundos neste momento.

— Talvez nós possamos convencê-lo a ver o erro que está cometendo.

— Boa sorte. Mas não se esqueçam, se o Cassatt mudar de mãos, eu recebo a minha parte.

— E quanto recebe nos dias atuais, Alistair? — perguntou Gabriel.

Leach sorriu. — Você tem seus segredos, Signore Delvecchio. Eu tenho os meus.

CAPÍTULO 31

GLOUCESTERSHIRE, INGLATERRA

Havermore, a ancestral casa do clã Boothby, ficava a oito quilômetros para noroeste de Chipping Camden, uma cidadezinha pitoresca com muitas feiras e mercados, em Cotswold Hills. No seu zênite, a quinta estendera-se por mais de três mil quilômetros quadrados de pastos ondulantes e colinas cobertas de árvores e fornecera emprego a várias dúzias de homens e mulheres das aldeias circundantes. A sua prosperidade tinha diminuído nos tempos mais recentes, como a da família que a mantinha. Já só restavam pouco mais de quatrocentos mil metros quadrados, ainda por vender, e a casa senhorial, uma monstruosidade em pedra calcária e cor de mel, tinha caído num estado de deterioração bastante alarmante. Quanto ao pessoal, já consistia apenas num trabalhador agrícola a quem

chamavam Old George Merrywood e numa governanta roliça, a senhora Lillian Devlin de seu nome.

Foi ela que recebeu Gabriel e Graham Seymour no início da tarde seguinte e os informou de que Sir John os esperava ansiosamente. Foram encontrá-lo diante de um cavalete, numa pequena

Porção de terreno, coberta de vegetação densa, chamada East Meadow, a atirar-se energicamente a um quadro medonho de uma paisagem natural. Boothby e Graham Seymour apertaram a mão com grande cordialidade e ficaram a olhar um para o outro, em silêncio, durante um momento. Tinham altura e figura semelhantes, embora John Boothby fosse vários anos mais velho e vários Centímetros mais largo na cintura. Trazia umas botas Wellington e um guarda-pó castanho-claro. O cabelo espesso e grisalho e as sobranceiras emaranhadas faziam-no parecer uma escova para limpar garrafas, em forma humana.

— Este senhor é um colega meu — disse Seymour, com a mão pousada no ombro de Gabriel. — É um companheiro de viagem, Sir John. Trabalha para um serviço secreto no Oriente Médio cujos interesses se cruzam com os nossos ocasionalmente.

— Então o senhor é israelense — disse Boothby, apertando a mão de Gabriel.

— Receio que sim — respondeu Gabriel, contrito.

— Não é preciso pedir desculpas aqui, meu caro amigo. — Eu não tenho nenhum problema com os israelenses..., ou com os judeus, aliás. Nós, europeus, atiramos vocês num pântano, não foi? E agora os condenamos por se atreverem a fazer valer seus direitos.

Soltou a mão de Gabriel.

— Tenho direito de saber o seu nome ou nomes estão fora de questão?

— Ele é Gabriel Allon, Sir John. Gabriel Allon.

Boothby fez um sorriso forçado.

— Bem me parecia que devia ser o senhor. Uma honra, senhor Allon.

Voltou para o cavalete e olhou para o quadro, melancólico. — Absolutamente horroroso, não é? Parece que nunca há meio de conseguir acertar as árvores.

— Posso? — perguntou Gabriel.

— Também pinta?

— Quando tenho oportunidade.

Boothby passou-lhe o pincel. Gabriel deu uns retoques no quadro durante trinta segundos e, a seguir, afastou-se.

— Deus do Céu! Mas isso é absolutamente maravilhoso. É óbvio que o senhor é um homem de grande talento.

Agarrou o braço de Gabriel.

— Vamos subir até a casa, sim? A senhora Devlin preparou um assado.

Comeram ao ar livre, no terraço, debaixo de um chapéu que lhes dava às caras o tom sépia de uma fotografia antiga. Durante a refeição, Gabriel permaneceu a maior parte do tempo calado, enquanto Graham Seymour não parou de falar do pai de Boothby e do trabalho que ele fizera no decurso da Segunda Guerra Mundial. Gabriel ficou com a impressão de que o Boothby mais novo não gostava necessariamente de ouvir falar do pai que tinha passado a vida a viver na sombra das façanhas de Basil Boothby durante a guerra e que queria que o levassem a sério por direito próprio. Gabriel só podia imaginar como seria ser filho de um grande homem. O seu pai tinha sido morto na Guerra dos Seis Dias e as recordações que Gabriel tinha dele eram, na melhor das hipóteses, apenas fragmentadas: uns olhos castanhos inteligentes, uma voz agradável que nunca subia de tom por estar zangada, umas mãos fortes que nunca lhe batiam. A última vez que vira o pai tinha sido na noite anterior ao início da guerra, uma figura vestida com um uniforme verde-azeitona, a apressar-se para se juntar à sua unidade

do exército. Gabriel várias vezes se interrogara se não seria essa recordação a causa do poder que Shamron exercia sobre si, a recordação de um pai a responder ao apelo de defesa do seu país e do seu povo. Um pai que ele nunca mais tinha voltado a ver.

Gabriel ficou com mais uma ideia formada em relação a Boothby durante a refeição: que tinha a paciência nata de um bom espião. Foi só quando a senhora Devlin serviu o café que ele perguntou por fim porque tinham feito Seymour e seu amigo israelense toda aquela viagem até Havermore para o ver. Mas quando Seymour começou a dar uma explicação algo sinuosa, a paciência de Boothby terminou. Então, então, Graham? Nós aqui somos todos homens sofisticados e eu sou praticamente um membro da família. Se querem que eu assine o Officio Secrets Act, eu próprio arranjo a caneta. Mas, Por favor, poupem-me às tretas.

Olhou para Gabriel.

Vocês, israelenses, são conhecidos pela sua franqueza. Seja franco, por amor de Deus.

— Nós obtivemos informações de que um negociante de armas russo chamado Ivan Kharkov pode estar prestes a vender algumas armas muito perigosas aos terroristas da Al-Qaeda. Isso é suficientemente franco para você, Sir John?

— Bastante.

Coçou a cabeça grisalha e fez questão de mostrar que estava a pensar bem no que tinha acabado de ser dito. Kharkov? Porque eu conheço esse nome?

— Porque a mulher dele quer comprar-lhe o quadro Duas Crianças numa Praia da Mary Cassatt.

— Ah, sim. Agora já me estou a lembrar. A mulher chama-se Elena, não é? O representante dela é o Alistair Leach da Christie's. Fez uma careta.

— Um nome apropriado para um negociante de arte, não acham? Leach*. Especialmente quando vemos as comissões dele.

Deus do céu, são absolutamente criminosas.

**Trocadilho com os vários sentidos da palavra leach, que em inglês pode também ser sanguessuga. (N. do T.)*

— É verdade que disse a Alistair que não venderia o quadro a Elena por ela ser russa?

— É claro que é verdade!

— E pode nos explicar por quê?

— Porque eles são monstros, não são? Vejam só o que eles fizeram àquele pobre tipo na Basílica de São Pedro, umas semanas atrás. Vejam como eles intimidam e chantageiam os vizinhos. Se os russos querem uma nova Guerra Fria, eu digo que lhes devíamos dar uma. — Recostou-se na cadeira. — Ouçam, senhores, posso não ser tão astuto como meu velho pai, mas o que estão me pedindo concretamente para fazer?

— Eu preciso combinar um encontro com Elena Kharkov.

Gabriel parou uns segundos e olhou ao redor da paisagem.

— E gostaria de fazer isso aqui, em Havermore.

— E por que precisa encontrar Elena Kharkov?

Graham Seymour aclarou a voz prudentemente.

— Lamento, mas não podemos discutir isso com você, sir John.

— Então, lamento, mas não posso ajudar, Graham.

Seymour olhou para Gabriel e acenou com a cabeça.

— Temos forte razão para acreditar que a Sra. Kharkov está ciente dos planos do marido e que não os aprova — afirmou Gabriel.

— E também acreditamos que ela poderá ser receptiva a uma abordagem discreta.

— Um recrutamento? É isso que sugere? Quer pedir a Elena Kharkov que traia o marido..., aqui, na minha casa?

— É perfeito, na verdade.

— Devo dizer que fiquei intrigado com a ideia. E quem vai fazer a abordagem?

— A sua sobrinha americana.

— Mas eu não tenho nenhuma sobrinha americana.

— Agora passou a ter.

— E eu?

— Suponho que possamos arranjar um substituto — avançou Seymour. — Um dos nossos agentes mais antigos ou mesmo alguém que já esteja aposentado. Deus sabe que temos muitos agentes de categoria que aproveitariam de imediato a oportunidade de suspender o retiro e participar de uma operação original como esta.

— Seymour calou-se de repente. — Suponho que haja uma outra alternativa, Sir John. Podia ser o senhor a desempenhar o papel. Seu pai era um dos maiores embusteiros da história. Ajudou a enganar os alemães e a levá-los a Pensar que íamos desembarcar em Calais e não na Normandia. O senhor tem a astúcia nos genes.

— E o que acontece se Ivan Kharkov descobrir? Acabo como aquele pobre sujeito, o Litvinenko, agonizando no University College Hospital, o cabelo caindo...

— Asseguramos que Ivan nunca chegará perto de você. E o fato de nunca ter se casado nem tido filhos facilita muito o trabalho.

— E Old George e a Sra. Devlin?

— Vamos ter de enganá-los, claro. Ou despedi-los.

— Não posso fazer isso. Old George trabalhou para meu pai. E a senhora Devlin já está comigo há quase trinta anos. Vamos ter de arranjar simplesmente uma maneira de fazer as coisas contornando-os.

— Então aceita fazer, é isso?

Boothby assentiu com a cabeça.

— Se os senhores acreditam que eu esteja à altura, então será uma honra juntar-me à operação.

— Excelente — soltou Seymour. — Isso só nos deixa com a pequena questão do próprio quadro por tratar. Se Elena Kharkov quer comprá-lo, então não temos outra escolha a não ser vender.

Boothby bateu com a mão na mesa com tanta força que até as porcelanas e os cristais chacoalharam.

— Em nenhuma circunstância vendo esse quadro à mulher de um traficante de armas russo.

Gabriel passou o guardanapo de leve pelos lábios.

— Há outra solução... algo de que seu pai teria gostado.

— E qual é?

— Uma fraude, claro.

Subiram pela escadaria principal, passando por baixo de retratos amarelados dos Boothby já desaparecidos. O quarto para as crianças estava numa semiescuridão quando entraram; Boothby abriu os cortinados pesados, deixando que a luz dourada típica de Cotswold entrasse pelas janelas altas e divididas por colunas. Foi incidir sobre duas camas de criança iguais, duas cômodas de criança iguais, duas arcas de brinquedos iguais e pintadas à mão e sobre o Duas Crianças numa Praia de Mary Cassatt.

— Meu pai comprou-o em Paris entre as duas guerras. Não pagou muito por ele, se bem me lembro. Nessa época, Madame Cassatt tinha passado de moda. A minha mãe e as minhas irmãs adoravam-no, mas, para ser honesto, eu nunca gostei muito dele.

Gabriel aproximou-se do quadro e ficou parado em silêncio diante dele, com a mão direita encostada ao queixo e a cabeça ligeiramente inclinada para o lado. A seguir, lambeu três dedos da mão direita e esfregou a sujeira que havia à superfície, no joelho rechonchudo de uma das crianças. Boothby franziu o sobrolho. — Deixe que lhe diga, Gabriel, espero que o senhor saiba o que está fazendo.

Gabriel recuou dois passos calculou as dimensões.

— Parece que tem noventa e cinco por setenta e três centímetros e meio.

— Por acaso, se a memória não me falha, tem noventa e oito por setenta e quatro centímetros. É óbvio que o senhor tem um bom

olho.

Gabriel não deu indicação de ter ouvido o elogio. — Vou precisar de um lugar para trabalhar durante uns dias. Um lugar sossegado. Um lugar onde ninguém vá me incomodar.

— Há uma antiga casa de caseiro na ponta norte da propriedade. Fiz algumas reformas uns anos atrás. Normalmente, costuma estar alugada nesta época do ano, mas estará livre nas próximas semanas. O segundo andar foi todo convertido em estúdio. Acho que vai gostar.

— Por favor, diga à senhora Devlin que eu mesmo trato da limpeza. E diga a Old George para não meter o nariz lá.

Gabriel retomou a avaliação do Cassatt com uma mão no queixo e a cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

— Não gosto de pessoas me observando enquanto trabalho.

CAPÍTULO 32

GLOUCESTERSHIRE, INGLATERRA

Na manhã seguinte, Gabriel apresentou ao MI5 uma lista de compras necessárias para a operação como eles nunca tinham visto. Whitcombe, que tinha desenvolvido uma espécie de fascínio profissional pelo lendário agente israelense, ofereceu-se para tratar dela. O seu primeiro ponto de parada foi na L. Cornelissen & Son, na Great Russell Street, onde levantou uma encomenda grande de pincéis, pigmentos, dissolvente de tintas, subcapa para a primeira demão e verniz. A seguir, foi até Camden Town, em busca de um par de cavaletes, e depois até Earl's Court, para ir buscar três lâmpadas de halogêneo de nível comercial. As duas últimas paradas foram mesmo ao pé uma da outra, na Bury Street: na Arnold Wiggins & Sons, onde encomendou uma moldura cinzelada com grande requinte, ao estilo francês, e na Dimbleby Fine Arts, onde

comprou uma obra de um pintor paisagista francês muito pouco conhecido. Pintado nos arredores de Paris, em 1884, as dimensões do quadro eram de noventa e cinco por setenta e três centímetros e meio. À tarde, o quadro e o material já estavam em Havermore e Gabriel não demorou muito até começar a trabalhar no estúdio no segundo andar da antiga casa do caseiro. Embora os avanços na tecnologia moderna lhe trouxessem vantagens consideráveis em relação aos grandes copistas do passado, cingia-se maioritariamente aos métodos mais do que comprovados dos Velhos Mestres. Após submeter o Cassatt a um exame superficial, tirou mais de uma centena de fotos pormenorizadas e colou-as nas paredes do estúdio.

A seguir, tapou o quadro com um papel translúcido e decalcou com enorme cuidado a imagem que estava por baixo. Quando terminou o esboço, tirou-o de cima do quadro e fez vários milhares de pequenas perfurações ao longo das linhas que acabara de desenhar. Depois transferiu o decalque para a segunda tela que não tinha mais nada a não ser uma primeira demão, acabada de aplicar, a cobri-la e polvilhou a superfície cuidadosamente com pó de carvão. Passado um momento, quando tirou o papel, uma imagem fantasma de Duas Crianças numa Praia materializou-se na superfície. Um copista de menor talento talvez tivesse de produzir dois ou três esboços do quadro antes de tentar a versão final, mas Gabriel não sentiu qualquer necessidade de praticar, nem tinha muito tempo. Colocou os cavaletes lado a lado, com o original de Cassatt à esquerda, e preparou de imediato a primeira paleta. Trabalhou lentamente durante os primeiros dias mas, à medida que se ia acostumando mais ao estilo de Cassatt, foi sendo capaz de aplicar a tinta na tela com uma confiança e uma rapidez cada vez maiores. Por vezes, tinha a sensação de que ela estava ali ao lado dele, a guiar-lhe a mão com todo o cuidado. Normalmente, ela surgia-lhe sozinha, com um vestido até os pés e um chapéu de senhora, mas de vez em quando trazia também os seus mentores

Degas, Renoir e Pissarro para o instruírem nos pormenores mais subtis no que dizia respeito à paleta e à técnica de aplicação de tinta com pincel.

Apesar de o quadro consumir a maior parte da atenção de Gabriel,

Ivan e Elena Kharkov nunca se encontravam longe dos seus Pensamentos. A NSA redobrou os esforços no sentido de interceptar todas as comunicações eletrônicas de Ivan e Adrian Carter tratou de conseguir que um homem da estação de Londres fizesse visitas regulares a Havermore para relatar as informações recebidas. Sendo um filho do KGB, Ivan sempre tivera cuidado ao telefone e assim continuava. Nesses dias, passou a maior parte do tempo fechado na sua mansão cercada por muros, em Zhukovka, a cidade secreta e restrita dos oligarcas a ocidente de Moscou. Apenas uma vez se aventurou para fora do país: uma viagem de um dia a Paris, Para passar algumas horas com Yekatarina, a supermodelo sua amante. Telefonou três vezes a Elena, da cama de Yekatarina, Para dizer que as reuniões de negócios estavam a correr esplendidamente. Uma das chamadas foi feita quando ela estava a jantar, com duas amigas, no elitista Café Pushkin, e o momento foi captado por um vigia do Escritório munido de uma máquina fotográfica de miniatura. Gabriel não pôde deixar de ficar impressionado com a expressão melancólica da cara dela, especialmente quando comparada com a boa disposição visível das duas amigas. Prendeu a fotografia na parede do seu estúdio improvisado e chamou-lhe Três Senhoras num Café de Moscou.

Um fato operacional pertinente teimava em escapar a Gabriel: a data precisa em que Ivan e Elena planejavam sair de Moscou e regressar a Knightsbridge. Enquanto trabalhava sozinho diante da tela, sentiu-se dominado por um medo de estar prestes a dar uma festa cuidadosamente preparada e à qual ninguém iria comparecer. Era uma ideia irracional; Ivan Kharkov apenas tolerava o seu país de

origem em doses diminutas e seria apenas uma questão de tempo até que um impulso irresistível no sentido de o abandonar se apoderasse uma vez mais dele. Por fim, uma equipe do MI5 que monitorava a mansão de Kharkov em Rutland Gate testemunhou a entrega de um grande carregamento de vodca, champanhe e vinho francês um forte indício, argumentaram, de que o regresso de Ivan estaria para breve. No dia seguinte, a NSA interceptou um telefonema de Ivan para Arkady Medvedev, o chefe dos seus serviços secretos e de segurança. Soterrada no meio de uma conversa demorada sobre as atividades de um rival russo, estava a pepita de ouro de informação pela qual Gabriel tinha esperado tão ansiosamente: dentro de uma semana, Ivan estaria em Londres para aquilo que descreveu como sendo uma ronda de importantes reuniões de negócios. Depois de se ir embora de Londres, viajaria para o Sul de França para se instalar em Villa Soleil, o seu sumptuoso palácio de Verão com vista para o mar Mediterrâneo, perto de Saint-Tropez. Nessa noite, Gabriel jantou em frente à tela. Pouco tempo depois das nove, ouviu o som dos pneus de um carro a avançar vigorosamente pelo caminho de cascalho e um barulho de motor que lhe era desconhecido. Foi até a janela, espreitou para baixo e viu uma mulher alta, de cabelo louro-claro, a sair do carro e carregando uma única mala ao ombro. Subiu ao estúdio e pôs-se ao seu lado enquanto ele trabalhava.

— Pode me dizer por que está falsificando um Cassatt? — perguntou Sarah Bancroft.

— O dono não quer me vender o original.

— E quando terminar?

— Você o vende a Elena Kharkov.

— Faz-se uma pergunta idiota...

Ela inclinou-se para a frente e examinou a tela atentamente.

— Preste atenção nas pinceladas nas mãos, Gabriel. Está ficando um pouquinho emplastrado.

— Minhas pinceladas, como de costume, são impecáveis.

— Que idiotice de minha parte sugerir o contrário. —

Reprimiu um grande bocejo. — Estou morrendo de sono.

— Pode dormir aqui hoje à noite, mas amanhã vá para a casa principal. Tio John está a sua espera.

— Como ele é?

— Não quero estragar a surpresa.

— Se precisar de mais algum conselho, não hesite em me acordar.

— Acho que consigo dar conta do recado sozinho.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

Sara beijou-o no rosto e desapareceu silenciosamente pela porta. Gabriel apertou a tecla de PLAY de um stereo portátil e ficou imóvel enquanto as primeiras notas de *La Bohème* enchiam o estúdio. A seguir, molhou o pincel na paleta e pintou sozinho até meia-noite.

Sir John Boothby foi apresentado à sobrinha americana, jovem atraente que tinha passado a usar o nome Sarah Crawford na manhã seguinte, ao pequeno-almoço. Gabriel traçou rapidamente os capítulos que faltavam preencher na longa e calorosa relação entre ambos. Embora a mãe de Sarah, já falecida, tivesse cometido a tolice de casar com um banqueiro da Wall Street, tinha assegurado que a filha mantivesse fortes ligações a Inglaterra, e era por isso que Sarah passara os Verões em Havermore e a razão pela qual ainda continuava a fazer a peregrinação anual até a quinta, mesmo já estando nos seus trinta anos. Quando era apenas uma menina, tinha ficado a dormir no quarto para as crianças e estabelecera um laço profundo com o quadro Duas Crianças numa Praia. Por isso, seria natural que fosse Sarah a mostrá-lo Elena Kharkov, em vez do tio, que nunca se tinha interessado verdadeiramente por ele. O Cassatt seria visto *in situ*, o que significava que Sarah teria de acompanhar Elena até o andar de cima para ver, dando-lhe desse modo tempo

suficiente para uma abordagem discreta mas inequívoca. A tarefa do tio John consistiria em ajudar a afastar Elena dos guarda-costas. Gabriel calculou que tivessem dez minutos. Mais do que isso, concluiu, e os guarda-costas começariam a ficar nervosos. E guarda-costas russos nervosos era a última coisa de que precisavam.

Com a chegada de Sarah, o ritmo das preparações aumentou exponencialmente.

A dupla da M&M Audio and Video apareceu em Havermore disfarçada de eletricitistas da região e instalou câmaras e microfones à volta da casa e dos terrenos. Criaram também um posto de comando improvisado na área do palheiro no celeiro, onde os sinais de transmissão podiam ser monitorados e gravados. Sarah passou as manhãs habituando-se novamente à casa que conhecia tão bem e amava tanto. Passou muitas horas agradáveis com o tio, familiarizando-se com a extensa e antiga mansão, e fez longas caminhadas pela propriedade, com Punch e Judy, os corgis galeses malcomportados de Boothby, que corriam colados a ela. Old George Merrywood parava-a constantemente para uma conversa. Seu sotaque local, típico de Gloucestershire, era tão forte que até Sarah, que tinha passado muito tempo na Inglaterra, não conseguia compreender uma palavra do que ele dizia.

A senhora Devlin declarou que ela era simplesmente a americana mais encantadora que já conhecera. Não fazia a menor ideia da suposta relação sanguínea de Sarah com o patrão... aliás, Sir John dissera que Sarah era a filha de um amigo americano e acabara de passar por um divórcio muito desagradável. Pobre cordeirinho, pensou a senhora Devlin uma tarde, ao observar Sarah saindo da luz matizada da North Wood, com os cães seguindo-a de perto.

Que idiota deixaria uma moça assim escapar por entre os dedos?

À noite, Sarah ia à casa do caseiro para falar sobre o verdadeiro propósito da estada em Havermore, e que era o

recrutamento de Elena Kharkov. Gabriel ia-lhe explicando a missão sem sair defronte do cavalete. De início, falou-lhe do ofício em termos gerais, mas, à medida que a data da chegada de Elena se ia aproximando cada vez mais, as suas instruções foram adquirindo um cariz marcadamente mais incisivo.

— Não te esqueças, Sarah, já morreram duas pessoas por causa dela. Não podes insistir em demasia. Não podes forçar o assunto. Limita-te a abrir a porta e a deixar que ela entre. Se ela o fizer, saca-lhe o máximo de informações possível sobre o negócio de Ivan e tenta combinar um segundo encontro. Mas, faças o que fizeres, não deixes que o primeiro encontro se prolongue por mais de dez minutos. Podes ter certeza de que os guarda-costas vão estar atentos ao relógio. E eles informam Ivan de tudo.

Na manhã seguinte, Graham Seymour ligou de Thames House para avisar que o avião de Kharkov um Boeing comercial, número de cauda N7287IK tinha acabado de enviar um plano de voo e estava previsto que aterrasse no Aeroporto de Stansted, a norte de Londres, às 16h30. Depois de desligar o telefone, Gabriel aplicou os últimos retoques de tinta na sua versão substituta do Duas Crianças numa Praia de Mary Cassatt. Três horas mais tarde, tirou a tela da grade e levou-a ao andar de baixo, para a cozinha, onde num forno a 350 graus. Sarah encontrou-o lá, vinte minutos depois, encostado ao balcão com um ar de indiferença, caneca de café na mão.

— Que cheiro é este?

Gabriel olhou de lado para o forno. Sarah espreitou pelo vidro e olhou para cima alarmada. — Por que está assando o Cassatt?

Foi então que o relógio do forno tocou suavemente. Gabriel tirou de lá a tela, deixou-a esfriar ligeiramente e depois deitou-a, virada para cima, sobre a mesa. Com Sarah a observar, pegou a tela pela parte de cima e de baixo e arrastou-a com força pela borda da mesa, em direção ao chão. A seguir, virou-a de lado e arrastou-a vigorosamente pela borda da mesa uma segunda vez. Examinou a

superfície por um momento e depois, satisfeito, levantou-a para que Sarah pudesse ver. Horas antes, de manhã, a tinta ainda estava lisa e fresca. Mas, naquele preciso momento, a combinação de calor e pressão tinham deixado a superfície coberta por uma camada fina de rachaduras e falhas.

— Espantoso — murmurou ela.

— Não é espantoso — respondeu ele. — É craquelê.

Assobiando baixinho e desafinadamente, pegou a tela e levou-a para o estúdio, colocando-a outra vez na grade original e revestindo a pintura com uma camada delicada de verniz tintado de amarelo. Quando o verniz secou, chamou Sarah e John Boothby ao estúdio e pediu para decidirem qual das telas era a original. Depois de vários minutos de comparações e consultas, concordaram ambos que o quadro da direita era o original e que o da esquerda o falsificado.

— Têm certeza absoluta? perguntou Gabriel.

Após mais uma ronda de consultas, as duas cabeças acenaram juntas. Gabriel tirou o quadro da direita do cavalete e colocou-o em cima da moldura nova que tinha acabado de chegar da Arnold Wiggins & Sons. Sarah e John Boothby, sentindo-se humilhados por terem sido enganados, levaram a falsificação à casa principal e a penduraram no quarto para as crianças. Gabriel entrou no banco de trás de um carro do MI5 e, com Nigel Whitcombe a seu lado, seguiu novamente para Londres. Naquele momento, a operação estava nas mãos de Alistair Leach. Mas a verdade é que sempre estivera.

CAPÍTULO 33

THAMES HOUSE, LONDRES

Gabriel sabia que a discrição era algo que era natural para aqueles que trabalhavam nas altas esferas do mercado da arte, mas até mesmo ele ficou surpreso ao ver até que ponto Alistair Leach tinha sido capaz de se manter fiel ao seu voto de silêncio. Na verdade, após mais de uma semana passada a vasculhar e a observar incessantemente, o M15 não tinha descoberto qualquer indício que sugerisse que ele tivesse quebrado, de alguma forma, a sua disciplina nada nos seus telefonemas, nada nos e-mails ou faxes e nada nos seus contatos pessoais. Até tinha deixado que as coisas acalmassem com Rosemary Gibbons, a senhora da Sotheby's sua amiga. Whitcombe, que tinha sido nomeado guardião e confessor de Leach, explicou porquê durante um dos últimos jantares pré-operação. Não é que o Alistair já não goste dela disse. É um cavalheiro, o nosso Alistair. Sabe que nós o andamos a vigiar e está a tentar protegê-la. É bem possível que ele seja o último homem decente que reste em toda a Londres com a exceção dos presentes, claro.

Gabriel entregou a Whitcombe um cheque de cem mil libras e um pequeno guião.

— Diz-lhe para ele não se enganar nas falas, Nigel. Diz-lhe que as expetativas não podiam ser mais elevadas.

O desempenho de Leach como protagonista iria ocorrer durante uma sessão de matiné mas não passava a ser menos importante por causa disso. Para essa fase da operação, Graham Seymour fez questão de utilizar Thames House como posto de comando e Gabriel, não tendo outra escolha, concordou com relutância. A sala de operações era uma divisão silenciosa, com monitores a piscar e luzes a cintilar e ocupada por rapazes e moças de ar zeloso, cujos rostos refletiam a tapeçaria racial de todas as cores da Grã-Bretanha moderna. Gabriel trazia um cartão de acesso de visita que dizia BLACKBURN: USA. Não enganava ninguém. Às 14h17, foi informado por Graham Seymour de que o palco estava

montado e de que a atuação estava prestes a começar. Gabriel verificou uma última vez os monitores de vídeo e, com vários agentes do MI5 a observarem expectantes, acenou com a cabeça. Seymour debruçou-se sobre um microfone e deu ordens para que a cortina subisse.

Estava vestido de forma conservadora e possuía o sorriso clemente de um padre. O cartão identificava-o como Jonathan Owens, assistente editorial de algo intitulado *Cambridge Online Journal of Contemporany Art*. Afirmava que tinha uma reunião marcada. Por mais que tentasse, a recepcionista no hall de entrada da Christie's não conseguia encontrar qualquer registro disso na agenda.

— Seria um grande incômodo ligar assim mesmo? — perguntou o bonito jovem, com um sorriso de quem acabou de dar a bênção. — Tenho certeza de que ele esqueceu simplesmente de avisar.

— Tenho certeza de que o senhor tem razão — respondeu a recepcionista. Dê-me só um momento, por favor.

Levantou o receptor de seu telefone multilinhas e teclou uma extensão de quatro números. — Owens — disse, repetindo o nome pela terceira vez. — Jonathan Owens... Cambridge Online Journal of Contemporany Art. Um rapaz jovem... Sim, é ele mesmo, senhor Leach... Modos verdadeiramente encantadores.

Desligou o telefone e entregou ao jovem visitante um crachá que o identificava como convidado temporário e que ele prendeu à lapela do paletó.

Terceiro andar, meu querido. Vire à esquerda quando sair do elevador.

Afastou-se da mesa da recepcionista e, depois de passar por um posto de segurança, entrou num elevador que o aguardava. Alistair Leach estava à espera à porta do gabinete. Olhou atentamente para o visitante, com uma expressão um pouco

agoirenta, como se ele fosse um cobrador de dívidas, o que, até certo ponto, até era verdade.

— Em que o posso ajudar, senhor Owens?

Nigel Whitcombe fechou a porta e entregou o guião a Leach. Acha que pode o fazer logo a frio, Alistair, ou quer que ensaiemos isso uma ou duas vezes?

— Isto é o meu ganha-pão. Acho que consigo me safar sozinho. Tem certeza, Alistair? Nós temos imenso tempo e dinheiro investidos nisto. É importante que não se engane ao dizer as suas deixas.

Leach levantou o receptor do telefone e marcou um número que já sabia de cor. Dez segundos mais tarde, segundo a opinião do jovem Nigel Whitcombe, a operação de Gabriel teve início verdadeiramente.

— Elena, minha querida. É Alistair Leach da Christie's. Estou ligando numa hora perfeitamente terrível?

Não estava, claro. Aliás, no momento em que o celular tocou, Elena Kharkov tomava chá com os seus gêmeos de sete anos, Anna e Nikolai, no café no alto da Harrod's. Tinha chegado lá depois de levar as crianças a um passeio de barco no lago Serpentine, no Hyde Park, cenário idílico que poderia ter sido pintado pela própria Mary Cassatt, não fosse o fato de a Sra. Kharkov e os filhos terem sido seguidos de perto o tempo todo por dois barcos cheios de guarda-costas russos. Naquele momento, estavam colados nela, sentados numa mesa muito próxima, ao lado de várias sauditas com o rosto tapado por véus e dos seus criados africanos. Quanto ao celular, estava dentro de uma bolsa em couro italiana muito chique; ao tirá-lo, pareceu reconhecer o número na tela que mostrava quem lhe estava a ligar e já estava a sorrir assim que levou o celular ao ouvido. A conversa que se seguiu teve a duração de quarenta e cinco segundos e foi interceptada em múltiplos pontos de transmissão e por múltiplos serviços, incluindo a americana NSA, o britânico

GCHQ e os serviços de escuta russos, que não lhe deram importância alguma. Gabriel e Graham Seymour ouviram em tempo real, por uma escuta colocada na linha de Leach na Christie's. Quando a ligação terminou, Gabriel olhou para um dos técnicos Marlowe ou Mapes, nunca sabia ao certo, e pediu para passar outra vez.

— Elena, minha querida. É Alistair Leach da Christie's. Estou ligando numa hora perfeitamente terrível?

— Claro que não, Alistair. Em que posso ajudar?

— Na verdade, minha querida, eu é que posso ajudá-la. Tenho o prazer de informar que tenho novidades extremamente interessantes sobre a nossa amiga comum, Madame Cassatt.

— Que espécie de novidades?

— Parece que o nosso homem pode ter mudado de ideia. Ligou hoje de manhã dizendo que está interessado em discutir uma venda. Prefere que eu ligue mais tarde ou quer ouvir o resto agora?

— Não seja provocador, Alistair! Conte-me tudo.

— Ele disse que teve a oportunidade de reconsiderar. Disse que, pelo preço certo, está disposto a abrir mão dele.

— E quanto ele quer por ele?

— Por volta de dois milhões e meio, mas pode conseguir negociar. Aqui entre nós, Elena, as finanças dele já não são o que eram.

— Eu não vou me aproveitar dele.

— É claro que vai, minha querida. Elena é que tem o dinheiro.

— Tem certeza da autoria e da proveniência?

— Assinado, datado e sem margem para dúvidas.

— E quando posso ver?

— Isso depende absolutamente de você.

— Amanhã, Alistair. Sem dúvida, amanhã.

— Vou ter de confirmar se ele está disponível, mas suspeito que arranjará um tempinho para você. Os fundos dele não são ilimitados, mas tempo é coisa que ele tem em grande quantidade.

Consegue encontrá-lo agora?

— Vou tentar, minha querida. Quer que eu volte a ligar esta tarde ou prefere que isso fique para amanhã de manhã?

— Ligue-me logo! Ciao, Alistair!

O técnico apertou PAUSA. Graham Seymour olhou para Gabriel e sorriu.

— Parabéns, Gabriel. Parece que conseguiu cravar as garras nela.

— Quanto tempo ela demora para ir de Knightsbridge a Havermore?

— Da maneira como esses russos dirigem? Não mais do que duas horas, de porta a porta.

— E tem certeza em relação à agenda de Ivan?

— Você ouviu as interceptações.

— Faça minha vontade, Graham.

— Ele vai receber uma delegação de banqueiros de investimento da City, em Rutland Gate, para um almoço à uma da tarde. E depois tem uma teleconferência com Zurique marcada para as quatro. Vai estar a tarde toda ocupado.

Ouviu-se uma voz crepitando nos monitores. Era um dos vigias no Harrods. Elena tinha acabado de pedir a conta. Os guarda-costas montavam um perímetro. Partida iminente

— Liguem outra vez — disse Gabriel. — Digam-lhe para vir às quatro da tarde. Digam para não chegar atrasada.

— E fazemos isso já ou é melhor deixá-la esperando?

— Ela já tem estresse que chegue na vida dela, não acha?

Seymour pegou o telefone e marcou o número.

O celular de Whitcombe começou a vibrar. Ficou uns instantes ouvindo em silêncio e, a seguir, olhou para Alistair Leach.

Já saíram as críticas, Alistair. Parece que temos um sucesso estrondoso.

E agora?

Whitcombe respondeu. Leach apertou o botão de REDIAL e ficou à espera de que a voz de Elena surgisse outra vez em linha. Eram 17h30 desse mesmo dia quando a senhora Devlin entrou na biblioteca de Havermore, trazendo uma bandeja de prata Com um copo de uísque colocado no centro. SirJohn estava a ler o Telegraph. Lia sempre o Telegraph àquela hora do dia; como a maior parte dos homens desocupados, mantinha uma rotina rigorosa. Bebeu apenas um gole do uísque e observou a senhora Devlin a começar a arrumar os livros e os papéis que tinha em cima da mesa. Deixe estar ordenou. Sempre que me limpa a biblioteca, eu passo a semana seguinte à procura das minhas coisas.

— Se não precisa de mim para mais nada, Sir John, vou para casa.

— O que temos para o jantar?

Costeleta de borrego assada.

Divinal murmurou.

A senhora Devlin deu-lhe boa noite e começou a dirigir-se para a porta. Boothby baixou o jornal.

— Ah, Lillian?

— Sim, Sir John?

— Nós vamos ter uma visita amanhã à tarde.

— Mais visitas, SirJohn?

— Receio bem que sim. Mas ela não vai ficar muito tempo.

Vai só dar uma olhadela no quadro que está no quarto das crianças.

— O quadro que está no quarto das crianças...

O quadro que passou uma semana na casa do caseiro, na posse do homem cuja presença ali lhe tinham dito para ela manter em segredo.

— Entendi — respondeu. — E quer que eu faça alguns scones?

— Ela não é bem uma pessoa de scones, se você me entende.

— Não tenho certeza, Sir John.

— Ela é russa, Lillian. Uma russa abastada. Duvido que ela fique para tomar chá. Com um pouquinho de sorte, dá uma olhada muito rápida e segue o caminho dela.

A senhora Devlin continuou pedra e cal junto à porta.

— Está preocupada com alguma coisa, Lillian?

— Posso falar francamente, Sir John?

— Costuma fazê-lo.

— Está acontecendo alguma coisa em Havermore que o senhor não esteja me dizendo?

— Muitas coisas, suponho. Vai ter de ser um pouquinho mais específica.

— O homem estranho na casa do caseiro. A moça encantadora que diz ser filha de um seu amigo americano. Os homens que fazem serviços elétricos por toda a casa. Old George está convencido de que não andam fazendo nada de bom lá no celeiro!

— Old George vê conspirações em toda parte, Lillian.

— E agora o senhor pensa em vender aquele quadro lindo a uma russa? Isso faria seu pobre pai, que Deus o tenha, dar voltas no túmulo.

— Eu preciso do dinheiro, Lillian. Nós precisamos do dinheiro.

Ela puxou o avental, em sinal de dúvida. — Não sei bem se acredito nisso, Sir John. Acho que alguma coisa importante está ocorrendo nesta casa. Alguma coisa que tem a ver com segredos, como quando o pai do senhor estava vivo.

Boothby lançou-lhe um olhar conspiratório, por cima do copo de uísque.

— Os russos vão chegar às quatro em ponto, Lillian.

Fez uma pausa.

— Se preferir não estar aqui...

- Estarei aqui, Sir John — interrompeu ela muito depressa.
- E Old George?
- De repente, devíamos dar-lhe uma tarde de folga, senhor.
- De repente, devíamos.

CAPÍTULO 34

HAVERMORE, GLOUCESTERSHIRE

As limusines passaram pelo posto de controle dissimulado na Station Road às 15h45: dois Mercedes-Benz S65 feitos por encomenda, blindados e com vidros fumados e à prova de bala. Desceram a High Street de Chipping Camden, uma rua ladeada de casas, num ápice, passando pelas lojas pitorescas e a já antiga Igreja St. James, construída em pedra calcária, e saíram da terra à mesma velocidade estonteante, seguindo pela Dyers Lane. Um dos lojistas cronometrou a passagem em dezesseis segundos, a visita mais curta a Chipping Camden de que havia registro.

Na anteriormente grandiosa quinta conhecida como Havermore, não havia qualquer indício visível que sugerisse que alguém estivesse ciente da rápida aproximação dos carros. A senhora Devlin estava na cozinha, onde, violando as ordens diretas de Sir John, se encontrava a dar os últimos retoques numa bandeja de scones acabados de fazer, compota de morango e nata azeda. Sir John não tinha conhecimento da rebelião dela, pois estava fechado na biblioteca a meditar sobre assuntos sérios e importantes. Quanto à jovem atraente que eles conheciam como Sarah Crawford, estava a subir pelo caminho que vinha da East Meadow, com um par de botas verdes Wellington calçadas e Punch e Judy a seguirem-na de perto, vigiando-a como minúsculos guarda-costas castanho-claros.

Apenas na área do palheiro, no interior do celeiro em ruínas, havia sinais de que alguma coisa verdadeiramente fora do comum se

estava prestes a passar. Estavam lá quatro homens, sentados defronte de uma pilha de monitores de vídeo e áudio. Dois dos homens eram técnicos jovens e de aspeto desmazelado. O terceiro era uma figura alta, de grande autoridade, que parecia ter saído de um anúncio numa revista. O quarto tinha cabelo curto escuro, com têmporas grisalhas. Tinha os olhos fixados numa imagem de vídeo da moça, que estava a tirar as botas Wellington, numa pequena divisão da casa, e a calçar um par de sapatos rasos pretos e práticos. Entrou na cozinha e, por brincadeira, mergulhou um dedo na nata acabada de bater da senhora Devlin, passando a seguir por um par de portas duplas e dirigindo-se para o hall de entrada. Lá, em frente a um espelho grande, alisou a parte da frente da blusa branca e da calça amarelas claras, que lhe terminavam na barriga das pernas, e ajustou a camisola que levava atada à volta dos ombros com fingida indiferença. Tinha apenas um pouco de blush nas faces de alabastro e usava óculos em vez de lentes de contato. A tua beleza não pode desafiar a da Elena, dissera-lhe o homem das têmporas grisalhas. Elena não está habituada a ficar em segundo lugar em nenhuma coisa.

Às 16h04 em ponto, o par de limusines Mercedes blindadas atravessou os portões de Havermore e iniciou o percurso pelo longo caminho de entrada. Os homens que estavam no palheiro viram-nas primeiro, seguindo-se Sir John, cujas janelas da biblioteca lhe serviam como um soberbo posto avançado para poder acompanhar a chegada dos carros. Sarah, da posição onde se encontrava, no hall de entrada, não conseguia ver os carros, mas ouviu-os, uns segundos mais tarde, quando apareceram sorrateiramente no pátio de entrada de cascalho. Dois motores poderosos desligaram-se; várias portas abriram e seis jovens guarda-costas, com rostos de mármore cinzelado, surgiram. Os homens do palheiro sabiam-lhes os nomes. Três deles chamavam-se Oleg, Yuri e Gennady: o serviço de segurança permanente de Elena Kharkov. Os outros três chamavam-

se Vadim, Vasily e Viktor: os três Vs, como eram conhecidos pelos vigias de Kharkov espalhados pelo mundo inteiro. A presença deles em Havermore era curiosa, já que serviam quase exclusivamente como guarda pretoriana de Ivan.

Depois de formarem um perímetro alargado em redor do Mercedes da frente, dois dos guardas abriram as portas de trás. Elena Kharkov saiu do carro pelo lado do condutor, um clarão esfuziante de cabelo escuro lustroso e seda verde. Do lado do passageiro, saiu uma figura robusta, bem vestida, com cabelo da cor do aço. Durante alguns segundos, os homens do palheiro tomaram-no por um sétimo segurança. Depois, quando virou a cara na direção das câmaras, perceberam que não era nenhum guarda-costas. Era o homem que devia estar numa teleconferência com Zurique. O homem que não devia estar ali.

Os homens do palheiro tentaram avisar Sarah tinham escondido um microfone de áudio minúsculo no hall de entrada precisamente para uma contingência dessas, mas ela já tinha aberto a impressionante porta de Havermore e entrava no pátio. Punch e Judy passaram a correr junto aos tornozelos dela e saíram disparados pelo cascalho afora, como um par de torpedos cor de mel. Por algum instinto natural, avançaram direto ao integrante do séquito com ar mais autoritário. Os três Vs formaram um muro à frente do alvo dos animais: Ivan Kharkov. Ele estava parado atrás deles, calmamente, com uma expressão de leve espanto no rosto de feições pesadas. Sarah serviu-se de um momento de zanga fingida com os cães para ajudar a esconder o choque de ver o monstro cara a cara pela primeira vez. Agarrou os cães pelas coleiras e empurrou-os com vigor pelas patas traseiras, em direção à casa. Quando se virou novamente, tinha-se aberto uma pequena fenda entre Vadim e Viktor. Esticou a mão através dela, em direção a Ivan, e conseguiu dar um sorriso.

— Peço desculpas, mas os instintos de pastor deles sobem quando veem um grupo grande de pessoas — ouviu-se a si própria dizendo. Meu nome é Sarah Crawford.

A mão direita de Ivan ergueu-se da bainha da calça. Parecia, pensou Sarah, uma marreta que tivesse feito manicura. Testou a mão dela, apertando-a, e soltou-a rapidamente.

— É americana — apontou ele.

E o senhor esqueceu de me dizer seu nome, pensou ela.

— Na verdade, só meio americana.

— E qual metade?

— A metade egocêntrica, segundo meu tio. Esta casa é dele. só estou de visita.

— Da América?

— Sim.

— E onde mora na América?

— Em Washington, D.C. E o senhor?

— Eu gosto de pensar em mim mesmo como um cidadão do mundo, Sra. Crawford.

Um cidadão do mundo, talvez, mas a exposição ao Ocidente ainda não lhe tinha feito desaparecer os últimos vestígios de inglês do KGB. Era surpreendentemente fluente, mas ainda manchado com a entoação de um propagandista da Rádio Moscou. Ele tinha orgulho no seu inglês, pensou Sarah, como tinha orgulho nas limusines blindadas, nos guarda-costas, no fato feito à mão, na gravata de três mil dólares e na colônia intensa que pairava em volta dele como nuvem vaporosa. No entanto, não havia roupas nem águas de colônia ocidentais que chegassem para ocultar sua natureza russa. Estava gravada na testa robusta, nos olhos em forma de amêndoa e nas maçãs angulares. Como não conseguiam esconder o fato de ele ser um bandido do KGB que tinha esbarrado com uma montanha de dinheiro.

Quase como se fosse um reflexo tardio, levantou a mão esquerda e, com os olhos ainda fixos em Sarah, disse: — A minha mulher.

Estava parada a vários metros de distância, rodeada pela própria guarda palaciana. Era mais alta do que Ivan uns quantos centímetros e apresentava o porte erguido de uma bailarina. A pele era clara, os olhos de um verde líquido, o cabelo preto. Usava-o comprido e a cair-lhe pelos ombros. Quanto à possibilidade da beleza de Sarah constituir um desafio à de Elena, havia pouca chance de isso acontecer, já que, aos quarenta e seis anos, sete meses e dezenove dias, ela continuava a ser uma mulher espantosamente atraente. Deu um passo em frente e estendeu a mão. — É um prazer conhecê-la, Sarah. Sou Elena Kharkov. — O sotaque dela, ao contrário do de Ivan, era autêntico, carregado e completamente fascinante.

— Creio que Alistair lhe terá dito que eu viria sozinha. Meu marido resolveu me acompanhar na última da hora.

Um marido que continua a não ter nome, pensou Sarah.

— Na verdade, Alistair disse que viria uma mulher sozinha. Não me deu nenhum nome. Foi muito discreto, Sra. Kharkov.

— E nós confiamos em que a senhora também seja discreta — interrompeu Ivan. — Para as pessoas como nós, é importante tratarmos de nossas aquisições com certa dose de privacidade.

— Podem ficar tranquilos que meu tio pensa precisamente da mesma maneira, Sr. Kharkov.

Como se tivesse acabado de receber o sinal para uma deixa, Boothby apareceu, com Punch e Judy rodopiando em volta de seus pés ruidosamente.

— Meus ouvidos me enganaram — bradou — ou será verdade que o grande Ivan Kharkov veio a Havermore? Aquele pateta da Christie's disse-me para eu esperar um VIP, mas ninguém da sua estatura.

Pegou a mão de Ivan e sacudiu-a vigorosamente.

— É, sem dúvida, uma honra tê-lo aqui, Sr. Kharkov. Admiro imenso os seus feitos. Eu sabia que era um homem de muitos interesses, mas nunca imaginei que a arte fosse um deles.

Por breves instantes, surgiu no rosto de pedra de Ivan qualquer coisa próxima de um verdadeiro sorriso. Ivan, sabiam-no eles, era vulnerável à lisonja de moças novas e bonitas e até mesmo da aristocracia inglesa esfarrapada, mas com terras. Na verdade, a minha mulher é que é a perita no que toca à arte respondeu. A mim, só me apeteceu sair de Londres por umas horas.

Oh, sim, claro. Eu já não consigo suportar Londres, com todo aquele trânsito e o terrorismo. Agora, vou lá de vez em quando ver uma ou outra peça ou um pouquinho de música em Covent Garden, mas prefiro Cotswold Hills a Kensington em qualquer momento. Londres está cara demais, nos dias de hoje. Pessoas demais, como o senhor, comprando tudo desenfreadamente. Sem ofensa, claro.

— Não ofendeu.

— Já tem uma propriedade no campo ou apenas sua residência de Londres?

— No momento, só a casa em Knightsbridge.

Boothby apontou para a fachada de Havermore.

— Isto já está na nossa família há cinco gerações. Gostaria muito de lhe proporcionar uma visita guiada enquanto nossas duas peritas em arte dão uma olhada no quadro.

Ivan e Elena trocaram um olhar rápido: codificado, protegido, inescrutável para qualquer estranho. Ela murmurou umas quantas palavras em russo; Ivan respondeu olhando para Boothby e acenando uma só vez com a cabeça robusta.

— Eu gostaria muito de uma visita — afirmou. — Mas tem de ser curta. Receio que a minha mulher tenha tendência para tomar decisões muito depressa.

— Fantástico! — exclamou Boothby. Permita-me que lhe mostre os terrenos.

Levantou a mão e começou a dirigir-se para East Meadow. Ivan, após uma hesitação momentânea, foi atrás dele, com os três seguranças a segui-lo em formação cerrada. Boothby olhou para os guarda-costas e protestou com delicadeza: — Acha que isso é mesmo necessário? Posso garantir, Sr. Kharkov, que aqui não tem inimigos. As coisas mais perigosas em Havermore são os cães e meus martinis.

Ivan lançou um olhar rápido a Elena novamente e, a seguir, disse algumas palavras em russo aos guarda-costas. Quando começou a se dirigir uma segunda vez para o prado, os guardas mantiveram-se imóveis. Elena observou, em silêncio, o marido afastar-se e depois olhou para Sarah. — Peço desculpas pelos seguranças, Sra. Crawford. Eu seria capaz de quase tudo para me ver livre deles, mas Ivan insiste em que eles não saiam do meu lado aonde quer que eu vá. Imagino que deva ser muito excitante estar rodeada de homens de terno escuro. Posso assegurar-lhe que não é.

Por uns instantes, Sarah ficou surpresa com a intimidade das palavras dela. Constituíam uma traição. Pequena, pensou Sarah, mas ainda assim uma traição.

— Não pode haver cautela a mais para uma mulher na sua posição — respondeu-lhe. — Mas eu posso garantir que aqui está entre amigos.

Boothby e Ivan desapareceram ao virarem à esquina da casa. Sarah pousou suavemente a mão no braço de Elena.

— Gostaria de ver o Cassatt do meu tio, Sra. Kharkov?

— Eu adoraria ver o Cassatt do seu tio, Miss Crawford.

Quando começaram a se dirigir para o hall, os guarda-costas mantiveram-se imóveis.

— Sabe, Sra. Kharkov, acho que realmente é melhor irmos ver o quadro sozinhas. Sempre considerei a Cassatt uma pintora de

mulheres para mulheres. A maior parte dos homens não a compreende.

— Eu não poderia concordar mais. E vou revelar-lhe um pequeno segredo.

— Qual é?

— Ivan a detesta.

No celeiro, os quatro homens parados em frente aos monitores mexeram-se pela primeira vez em três minutos.

— Parece que o tio John acabou de nos salvar a pele — disse Graham Seymour.

— O pai dele ficaria orgulhoso.

— Ivan não é o homem mais paciente do mundo. Eu suspeito que vão ter, no máximo, cinco minutos com a Elena.

— Eu mataria por cinco minutos.

— Esperemos que não haja mortes hoje, Gabriel.

— É Ivan que tem as armas todas.

As duas mulheres subiram a escadaria central e pararam no patamar para admirar uma Madonna com o Menino. — Isto é mesmo um Veronese? — perguntou Elena.

— Depende da pessoa a quem perguntar. Os antepassados do meu tio fizeram todo o circuito cultural de Itália no século XIX e voltaram para casa com uma batelada de quadros. Alguns eram realmente belos. Outros eram simplesmente cópias feitas por artistas menores. Eu sempre achei que este era um dos melhores.

— É lindo.

— O Cassatt ainda está no quarto das crianças. O meu tio achou que a senhora ia gostar de ver no seu cenário original.

Sarah pegou o braço de Elena com cuidado e levou-a pelo corredor. A chave estava na parte de madeira por cima da porta. Colocando-se nas pontas dos pés, Sarah tirou-a e, a seguir, levou o dedo aos lábios, num gesto de conspiração simulada.

— Não conte a ninguém onde eu guardo a chave.

Elena sorriu. — Vai ser o nosso pequeno segredo.

— Ivan começa a ficar impaciente.

— Eu já percebi isso, Graham.

— Ela já queimou três minutos.

— Sim, eu também já percebi isso.

— Ela devia ter feito isso na escadaria.

— Ela sabe o que está fazendo.

— Eu só peço a Deus que tenha razão.

Eu também, pensou Gabriel.

Elena foi a primeira a entrar no quarto. Sarah fechou a porta até meio e, a seguir, foi até a janela e abriu os cortinados. A luz dourada incidiu sobre duas camas iguais, duas cômodas iguais, duas arcas de brinquedos iguais e pintadas à mão e sobre o Duas Crianças numa Praia de Gabriel Allon. Elena tapou a boca com as mãos e soltou um suspiro de espanto.

— É magnífico afirmou. Eu tenho de o ter.

Sarah deixou que um momento de silêncio se interpusesse entre elas. Sentou-se na ponta da cama que se encontrava mais perto da janela e, com os olhos virados para o chão, passou a mão distraidamente pela colcha com o Ursinho Puff. Ao ver a reação dela, Elena disse: — Oh, meu Deus, peço grandes desculpas. Deve achar que sou horivelmente mimada.

— Não, de todo, Sra. Kharkov.

Sarah fez questão de deixar bem claro que estava a olhar em redor do quarto para as crianças.

— Quando eu era criança, passava todos os verões neste quarto. Esse quadro era a primeira coisa que via de manhã e a última coisa que via à noite, antes de minha mãe apagar as luzes.

Simplesmente, a casa não vai parecer a mesma sem ele.

— Então não posso tirá-lo.

— Tem de fazê-lo — respondeu Sarah. — Meu tio tem de vendê-lo. Acredite em mim, Sra. Kharkov, se a senhora não comprar,

alguém vai. E eu quero que ele vá para alguém que o ame tanto como eu. — E acrescentou: — Alguém como a senhora.

Elena tirou os olhos de Sarah e olhou mais uma vez para o quadro.

— Gostaria de olhar mais de perto antes de tomar uma decisão final. Pode me ajudar a tirá-lo da parede, por favor?

— Claro.

Sarah pôs-se de pé e, ao passar pela janela, olhou de soslaio para o prado. Boothby e Ivan continuavam lá, Boothby com o braço estendido, em direção a alguma coisa importante no horizonte, Ivan com a paciência claramente a chegar ao fim. Ela dirigiu-se até junto do quadro e, com a ajuda de Elena, levantou-o dos ganchos e pousou-o em cima da segunda cama. Foi então que Elena retirou da bolsa uma lupa e uma pequena lanterna Maglite. Primeiro, serviu-se da lupa para examinar a assinatura no canto inferior esquerdo do quadro. A seguir, acendeu a Maglite e fez incidir o feixe de luz ao longo da superfície, movendo a lanterna de um lado para o outro. O exame demorou três minutos. Depois de terminado, desligou a Maglite e enfiou-a novamente na bolsa.

— Este quadro é uma falsificação evidente — decretou.

Olhou com atenção para o rosto de Sarah durante um momento, como se tivesse notado que também ela era uma falsificação.

— Por favor, diga quem a senhora é, Sra. Crawford.

Sarah abriu a boca para responder, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, a porta se abriu de repente e Ivan apareceu na entrada, com Boothby a seu lado. Ivan olhou fixamente para Elena durante um momento e a seguir centrou o olhar em Sarah.

— Algum problema? — perguntou.

Foi Elena quem respondeu: — Nenhum problema, Ivan. A Sra. Crawford estava explicando o quanto este quadro significa para ela e acabou por ficar compreensivelmente emocionada.

— De repente, mudaram de opinião.

— Não, Sr. Kharkov — respondeu Sarah. — Receio que não tenhamos outra escolha a não ser nos separarmos dele. Agora o quadro pertence a sua mulher, se ela o quiser, claro.

— E então, Elena? — perguntou Ivan com impaciência. — Quer o quadro ou não?

Elena passou os dedos no rosto das crianças e depois olhou para Sarah.

— É um dos Cassatt mais extraordinários que já vi.

Voltou-se e olhou para Ivan.

— Eu tenho de tê-lo, meu amor. Por favor, pague o que quer que eles pedirem.

CAPÍTULO 35

LONDRES

Precisamente como Ivan Kharkov conseguiu escapar sem ser notado aos tão arrogantes vigias do M15 nunca foi esclarecido de forma minimamente satisfatória. Foram feitas recriminações e análises subsequentes aos fatos. Foram inseridas cartas lamentáveis nos arquivos do pessoal. Foram distribuídos deméritos. Mas Gabriel prestou pouca atenção a todos esses efeitos secundários, pois nessa altura já debatia questões bem mais importantes. Ao pagar dois milhões e meio de dólares por um quadro que sabia ser uma falsificação sem valor, Elena mostrara-se claramente receptiva a uma segunda abordagem. E por isso que Adrian Carter viajara em seu Gulfstream até Londres.

— Dá ideia de ter passado uma tarde interessante em Cotswolds, Gabriel. Eu só tenho pena de não ter estado lá para ver isso. Como Sarah se portou quando se viu confrontada com o monstro em carne e osso?

— Como se podia esperar. Sarah é muito talentosa.

Estavam sentados ao lado um do outro, no banco de Gabriel no St. James's Park. Carter estava roupas de viagens típicas do homem de negócios americano: blazer azul, camisa de colarinho, calça bege, mocassim marrom de aspeto mortiço por falta de graxa. Precisava fazer a barba.

— Como acha que Elena percebeu que o quadro não era verdadeiro?

— Ela tem vários Cassatt, o que quer dizer que passa muito tempo com eles. Sabe qual é o seu aspecto e, talvez mais importante ainda, qual é o seu toque. Passado algum tempo, uma pessoa desenvolve um instinto sobre essas coisas, um certo sentido do tato.

Os instintos da Elena devem ter-lhe dito que o quadro era uma falsificação. E também foram os instintos dela que lhe disseram que a Sarah Crawford também era uma falsificação?

— Sem dúvida.

— E onde está o quadro agora?

— Continua em Havermore. Os carregadores ao serviço de Elena vão passar por lá para o levar. Ela contou a Alistair Leach que tenciona pendurá-lo no quarto das crianças, na Villa Soleil.

Um grupo de alunas croatas aproximou-se do banco e, num inglês hesitante, pediram indicações para chegar ao Palácio de Buckingham. Carter apontou para oeste distraidamente. Quando as moças foram embora, Gabriel e ele levantaram-se ao mesmo tempo e seguiram pela Horse Guards Road.

— Imagino que agora Saint-Tropez também esteja em seus planos de viagem...

— Já não é como era antes, Adrian, mas ainda é o único lugar para se estar em agosto.

— Você não pode se instalar lá de armas e bagagens sem que o serviço secreto francês pique seu bilhete primeiro. E, conhecendo os franceses, eles vão querer participar da brincadeira. Estão furiosos com Ivan, o que é compreensível. As armas dele já espalharam uma grande quantidade de destruição e morte em partes da África onde a bandeira Tricolor costumava esvoaçar e onde os franceses continuam a ter influência considerável.

— Eles não podem participar, Adrian. Nesta operação, o círculo de conhecimento já é amplo demais para meu conforto. E se se alargar novamente, as probabilidades de ela chegar aos ouvidos de Ivan e do FSB aumentam substancialmente.

— Já estamos falando outra vez com os franceses e seu amigo, o presidente, gostaria que isso continuasse. O que quer dizer que você não pode avançar com nenhuma ação em território francês que nos faça cair mais uma tempestade de merda europeia na

cabeça. Temos que abrir o jogo com os franceses, como fizemos com Graham Seymour e os britânicos. E quem sabe? De repente pode sair alguma coisa boa daqui. Uma nova época de ouro nas relações franco-israelenses.

— Não nos entusiasmemos outra vez — respondeu Gabriel. — Não acho que os franceses ficariam satisfeitos com as minhas condições.

— Vamos lá ouvi-las.

— Ao contrário dos britânicos, os franceses não vão receber nenhum papel formal. Aliás, eu não quero que eles façam mais nada a não ser ficar fora do meu caminho. E isso significa acabarem com operações de vigilância do Ivan que eles possam ter em curso. Saint-Tropez é uma cidade pequena, o que quer dizer que vamos trabalhar bem perto de Ivan e seus gorilas da segurança. Se eles virem um monte de agentes franceses, os alarmes vão disparar.

— De que precisa?

— Uma cobertura contínua de todas as comunicações de Ivan. Certifiquem-se de que há sempre alguém preparado para enviar um relatório, vinte e quatro horas por dia alguém que saiba falar russo, aliás. Se Ivan telefonar ao Arkady Medvedev e lhe disser para pôr alguém a seguir a Elena, é óbvio que eu ia precisar de saber. E se Elena fizer uma reserva para almoçar ou jantar, eu também ia precisar de saber disso.

— Mensagem recebida. E que mais?

— Ando a pensar em dar à Sarah Crawford um namorado russo-americano. Eu consigo arranjar um russo-israelense em cima da hora, mas um russo-americano não.

Gabriel entregou um envelope a Carter.

— Ele vai precisar de todo um conjunto de dados de identificação, claro, mas também vai precisar de uma história que lhe sirva de disfarce e que possa resistir ao escrutínio de Ivan e dos seus serviços de segurança.

Chegaram à Great George Street. Carter parou em frente a um quiosque e franziu o sobrolho ao ver os jornais dessa manhã. Osama Bin Laden tinha divulgado um novo vídeo, um aviso de uma onda próxima de ataques contra os cruzados e os judeus. O comunicado poderia ter sido considerado pelos profissionais dos serviços secretos ocidentais apenas como mais uma ameaça vazia, se não incluísse quatro palavras cruciais: as espadas de Alá. Ele está a prometer que o Outono vai ser sangrento afirmou Carter. O fato de ele ter indicado especificamente qual o momento escolhido já é, só por si, digno de nota. É quase como se ele nos estivesse a dizer que não há nada que nós possamos fazer para impedir isso. Nas informações que estamos a passar aos media, andamos a dizer-lhes que não vemos nada de novo ou de anormal no vídeo. Em privado, andamos mortinhos de medo. A luzinha vermelha do sistema está outra vez a piscar, Gabriel. Já há muito tempo que se espera que eles façam outro ataque contra um alvo americano, e nós sabemos que eles nos querem atacar novamente antes de o presidente abandonar o cargo. A opinião dos peritos é firme no sentido de poder ser este o plano. E tudo isto significa que tu tens um período de tempo limitado.

— Limitado até que ponto?

— Final de agosto, diria eu. A seguir, subimos o alerta contra o terrorismo para vermelho e entramos em estado de guerra. Assim que o fizerem, perdemos qualquer hipótese de chegar até Elena.

— É melhor perder Elena do que ultrapassar outro 11 de Setembro. Ou pior.

Iam em direção ao rio, ao longo da Great George Street. Gabriel olhou para a direita e viu a Torre Norte da Abadia de Westminster a brilhar à luz do sol intensa. A imagem digna de Caravaggio surgiu-lhe à cabeça outra vez: um homem com uma arma na mão atirando no rosto de um terrorista caído. Carter tinha estado a poucos metros de distância dele nessa manhã mas, naquele

momento, tinha os pensamentos claramente concentrados no encontro desagradável que estava prestes a realizar do outro lado do Canal da Mancha. Sabes, Gabriel, tu ficas com o trabalho fácil. Tudo o que tu tens de fazer é convencer Elena a trair o marido. Eu tenho de ir ter com os franciús, de chapéu na mão, e implorar-lhes que te concedam, a você e à tua equipe, o controle da Riviera.

— Sê encantador, Adrian. Ouvi dizer que os franceses gostam disso

— Apetece-te acompanhar-me nas negociações?

— Não me parece que isso seja uma ideia muito sensata. Eu tenho uma relação um pouco sensível com eles.

— Já ouvi dizer.

Carter ficou calado durante um momento.

— Há alguma hipótese de reveres as tuas exigências e permitires que os franceses desempenhem algum tipo de função na operação?

— Nenhuma.

— Tu tens de lhes oferecer alguma coisa, Gabriel. Eles não vão aceitar se não for assim.

— Diz-lhes que eles podem cozinhar para nós. É a única coisa que fazem bem.

— Sê razoável.

Gabriel parou de andar.

— Diz-lhes que se nós conseguirmos impedir a venda de Ivan, teremos todo o gosto em assegurar que os louros vão todos para o presidente francês e para os seus serviços secretos. Sabes uma coisa? respondeu Carter. Isso até pode funcionar.

A conferência teve lugar em Paris dois dias mais tarde, numa casa de hóspedes governamental, com um gradeamento, à saída da - Avenue Victor Hugo. Carter tinha implorado aos franceses para optarem por uma lista de convidados curta. Não o fizeram. O chefe DST, os serviços de segurança internos franceses, estava lá, tal

como o seu homólogo do mais elegante DGSE, os serviços secretos externos franceses. Estava lá um membro importante da Police Nationale e o seu suserano do Ministério do Interior. Estava lá uma figura misteriosa dos serviços secretos militares e, num sinal preocupante de que a questão política poderia ter um papel a desempenhar na tomada de decisões francesas, estava lá o conselheiro do presidente para a segurança nacional, que tivera de ser arrastado, contra a vontade, do seu château no vale do Loire. E depois também lá estavam os anônimos burocratas, funcionários, factótuns, anotadores e provadores de comida que entravam e saíam com um à-vontade calmo. Cada um deles, Carter sabia-o bem, representava uma potencial fuga de informação. Recordou-se dos avisos de Gabriel acerca de um círculo de conhecimento cada vez mais alargado e perguntou a si próprio quanto tempo teriam até que Ivan ficasse a saber do plano que tinham contra ele.

A atmosfera era intensamente formal e a mobília absurdamente francesa. Quanto às negociações propriamente ditas, foram levadas a cabo numa ampla sala de jantar com espelhos, numa mesa do tamanho de um porta-aviões. Carter ficou sentado sozinho num dos flancos, atrás de uma tabuleta de identificação de latão que dizia THOMAS APPLEBY, FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION, mera formalidade, já que os franceses o conheciam e tinham por ele uma estima considerável, apesar dos muitos pecados da sua agência. As palavras de abertura foram cordiais, como Carter antecipara que fossem. Ergueu um copo de um vinho francês bastante bom para brindar ao retomar da cooperação franco-americana. Teve de suportar um relatório bastante entediante sobre o que Paris sabia sobre as atividades de Ivan nas antigas colônias francesas da África subsariana. E teve ainda de aguentar um sermão bastante execrável, da autoria do conselheiro para a segurança nacional, sobre a incapacidade de Washington em fazer alguma coisa quanto a Ivan até essa data. Sentiu-se tentado a

repreender seus novos aliados por despejarem armas nos cantos mais combustíveis do planeta, mas sabia que a prudência era preferível à valentia impetuosa. E, por isso, acenou com a cabeça nas horas apropriadas e concedeu nos pontos apropriados, tudo isso enquanto esperava pela oportunidade da iniciativa.

Essa ocasião chegou depois do jantar, quando se deslocaram para o espaço fresco do jardim, para um café e o inevitável cigarro. Em todas as reuniões daquele gênero, havia momentos em que os participantes deixavam de ser cidadãos da sua própria terra e, em vez disso, se juntavam todos como apenas os irmãos do mundo dos serviços secretos o podiam fazer. Aquele, Carter sabia-o bem, era um desses momentos. E assim, apenas com o tênue murmúrio do trânsito longínquo a perturbar o silêncio imponente, apresentou-lhes as exigências de Gabriel calmamente embora o nome de Gabriel, como os de Ivan e de Elena, não tivesse sido proferido na insegurança de um espaço aberto. Os franceses sentiram-se horrorizados, claro, e insultados, sendo esse o papel que os franceses desempenham melhor. Carter persuadiu e Carter suplicou. Carter lisonjeou e Carter apelou aos melhores sentimentos deles. E, por fim, Carter lançou o trunfo na manga de Gabriel. Funcionou, como Gabriel sabia que iria acontecer, e, ao amanhecer, tinham um acordo esboçado e pronto para ser assinado. Chamaram-lhe o Tratado de Paris. Mais tarde, Adrian Carter iria pensar nele como sendo uma das suas horas de maior glória.

CAPÍTULO 36

SAINT-TROPEZ, FRANÇA

A cidade de Saint-Tropez fica na extremidade mais ocidental da Côte d'Azur, na parte inferior do département¹ francês conhecido como Var. Não passava de um porto de pesca sem movimento quando, em 1956, foi escolhida como cenário de um filme chamado *E Deus Criou a Mulher*, protagonizado por Brigitte Bardot. Quase da noite para o dia, Saint-Tropez transformou-se numa das estâncias mais populares do mundo, um pátio de recreio de luxo para quem está na moda, para a elite e para vários outros milionários europeus. E embora tivesse caído em desgraça nos anos oitenta e noventa, conhecera um renascimento não há muito tempo. Os atores e as estrelas de rock tinham regressado, bem como as modelos e os playboys ricos que andavam atrás delas. Até mesmo a própria Bardot começara a voltar lá. Para grande horror dos franceses e dos habitués de longa data, também tinha sido descoberta por invasores novos-ricos vindos do Leste: os russos.

A cidade propriamente dita era surpreendentemente pequena. As suas duas particularidades principais eram o Velho Porto, que, durante o verão, está cheio de iates de luxo, em vez de barcos de pesca, e a Place Carnot, uma grande e poeirenta marginal que, uma vez por semana, recebe um movimentado mercado ao ar livre e onde os homens da área continuam a passar os dias de verão a jogar petanca e a beber pastis¹. As ruas entre o porto e a praça são pouco mais do que passagens medievais. No auge do verão, estão entupidas de turistas e pedestres, o que faz com que seja praticamente impossível dirigir na centre vie de Saint-Tropez. Logo à saída do centro da cidade, fica um labirinto de sebes imponentes e vias estreitas, que leva a algumas das praias mais populares e das casas mais caras do mundo.

Nas colinas por cima da costa, ficam algumas *villages perchés*, onde é quase possível imaginar que Saint-Tropez não existe. Uma dessas aldeias é Gassin. Pequena e pitoresca, é conhecida maioritariamente pelos seus antigos moinhos de vento, os Moulins

de Paillas, e pelos panoramas estarrecedores do mar longínquo. Cerca de um quilômetro e meio depois dos moinhos, fica uma velha casa de quinta construída em pedra, com persianas azuis-claras e uma grande piscina. A agência imobiliária local descreveu-a como uma pechincha, custando trinta mil euros por semana; um homem com passaporte alemão e dinheiro para gastar arrendou-a para o que restava do Verão. A seguir, informou o agente imobiliário de que não queria cozinheiros nenhuns, empregadas, jardineiros ou interrupções de qualquer tipo. Afirmou que era um cineasta a trabalhar num projeto importante. Quando o agente perguntou ao homem que tipo de filme seria, ele murmurou qualquer coisa sobre um filme de época e pediu-lhe para se ir embora.

Os outros membros da equipe do realizador foram chegando à aldeia a conta-gotas, como batedores que regressam à base depois de um longo período de tempo passado atrás das linhas do inimigo. Viajaram com nomes falsos e com passaportes falsos nos bolsos, mas todos tinham uma coisa em comum. Já tinham navegado sob O comando de Gabriel e agarraram com as duas mãos a oportunidade de o voltar a fazer mesmo tendo em conta que a viagem teria lugar em Agosto, quando muitos prefeririam estar a passar férias com as famílias.

NOTA 1 Bebida alcoólica aromatizada com anis, feita com álcool destilado, ao qual são adicionadas ervas e flores. (N do T.)

Primeiro chegaram os dois homens de Gabriel que sabiam falar russo, Eli Lavon e Mikhail Abramov. A seguir, veio um homem, com cabelo preto curto e faces bexigasas, chamado Yaakov Rossman, um agente responsável por casos experimentado e administrador de agentes vindo do Departamento de Assuntos Árabes do Shin Bet. E depois Yossi Gavish, um intelectual alto e com pouco cabelo da divisão de Investigação do Escritório, que tinha lido os clássicos em Oxford e ainda falava hebraico com um sotaque britânico pronunciado.

Por fim, esse grupo só de homens e bastante heterogêneo foi agraciado com a presença de duas mulheres. A primeira tinha cabelo cor de arenito e ancas de quem já tivera filhos: Rimona Stern, uma major do exército que desempenhava funções no serviço secreto militares israelenses, de grande categoria, e que por acaso também era sobrinha de Shamron por afinidade. A segunda tinha cabelo escuro e comportava-se com a atitude serena de uma viúva antes do tempo: Dina Sarid, uma autêntica enciclopédia de terrorismo, vinda da divisão de História do Escritório e capaz de enumerar o momento, o local e a contagem das baixas de todos os atos de violência já cometidos contra o Estado de Israel. Dina conhecia pessoalmente os horrores do terrorismo. Estava na Praça Dizengoff em Tel Aviv, em Outubro de 1994, quando um terrorista do Hamas fez explodir o seu cinto suicida a bordo de um ônibus número 5. Morreram vinte e uma pessoas, incluindo a mãe de Dina e uma das suas irmãs. A própria Dina tinha ficado gravemente ferida e ainda coxeava ligeiramente. Durante vários dias, as vidas de Gabriel e da sua equipe contrastaram fortemente com as do homem e da mulher que eles andavam a seguir de perto. Enquanto Ivan e Elena Kharkov não pararam de receber pessoas no seu palácio, na Baie de Cavalaire, Gabriel e a sua equipe alugaram três carros e várias motoretas de várias marcas e cores. E enquanto Ivan e Elena Kharkov almoçaram com grande elegância no Velho Porto, Gabriel e a sua equipe receberam um grande carregamento de armas, aparelhos de escuta, câmaras e equipamento para comunicações protegidas. E enquanto Elena e Ivan Kharkov percorreram as águas do Golfo de Saint-Tropez a bordo do *October*, o iate a motor de Ivan com mais de 80 metros, Gabriel e a sua equipe esconderam câmeras miniatura com transmissores protegidos junto dos portões da Vila Soleil. E enquanto Ivan e Elena jantaram abundantemente no Villa Romana, um restaurante hedonista e escandalosamente caro, adorado pelos

russos, Gabriel e equipe jantaram em casa e planejaram um encontro que esperavam poder realizar o mais cedo possível.

O primeiro passo dado para criar as circunstâncias desse encontro ocorreu quando Mikhail se enfiou num Audi vermelho descapotável, com um passaporte americano novo no bolso, e se dirigiu ao Aeroporto Internacional Côte d'Azur em Nice. Lá, encontrou-se com uma jovem americana atraente que tinha chegado de um voo vindo do Aeroporto de Heathrow, em Londres: Sarah Crawford, de Washington, D.C., nos últimos tempos da quinta de Havermore, em Gloucestershire, na Inglaterra. Duas horas mais tarde, deram entrada na sua suíte no Château de la Messardière, um hotel luxuoso de cinco estrelas a poucos minutos do centre ville. O empregado que conduziu o jovem casal a um quarto com vista para o oceano relatou aos colegas que eles mal conseguiam tirar as mãos de cima um do outro. Na manhã seguinte, enquanto os hóspedes tomavam um pequeno-almoço de bufete, as empregadas de quarto depararam com a cama de casal, king-size, toda desfeita.

Foram divagando pelo mesmo mundo, mas em planos distintamente paralelos. Quando Elena e os filhos decidiam permanecer enclausurados na Vila Soleil, Sarah e o amante passavam o dia à beira da piscina, no Messardière ou no Mess, como se referiam ao hotel em privado. E quando Elena e os filhos decidiam passar o dia a brincar junto à suave rebentação da praia Tahiti, Sarah e o amante Preferiam estar estendidos na areia da praia de Pampelonne. E se

Elena decidia fazer algumas compras ao final da tarde, na Rue Gambetta, Sarah e o amante podiam ser encontrados a passear à frente das lojas da Rue Georges Clemenceau ou a tomar uma bebida tranquilamente num dos bares da Place Carnot. E, à noite, quando Elena e Ivan jantavam no Villa Romana ou num dos outros redutos

russos, Sarah e o amante jantavam com grande tranquilidade no Mess bastante próximos do quarto, não fosse o desejo de se de.

vastarem um ao outro tornar-se demasiado forte para resistirem. Tudo continuou dessa forma, sem um rumo aparente, até o final da manhã do quarto dia, quando Elena resolveu que tinha chegado finalmente o momento de almoçar no Grand Joseph, o restaurante preferido dela em Saint-Tropez. Reservou uma mesa bastante cedo uma necessidade em Agosto, até mesmo para a mulher de um oligarca e, embora não o soubesse, o telefonema foi interceptado por um satélite espião da NSA que pairava lá no alto. Devido a um pequeno acidente de trânsito na estrada D61, ela e os filhos chegaram ao restaurante com um atraso de dezessete minutos e acompanhados, como de costume, por uma equipe de quatro guarda-costas. Jean-Luc, o maître d'hotel, cumprimentou Elena efusivamente, beijando-a em ambas as faces, conduzindo depois o grupo até as suas mesas, ao longo do banco corrido forrado num tecido cor de creme. Elena sentou-se com as costas voltadas discretamente para a sala, enquanto os guarda-costas se instalaram em cada uma das pontas da mesa. Repararam apenas vagamente no postal que veio com a garrafa de rosé dela, embora ele tivesse causado Elena um arrepio que lhe percorreu o corpo inteiro. Escondeu-o com uma expressão de ligeiro desagrado e, a seguir, pegou o cartão e leu o bilhete na parte de trás:

Elena,

Espero que esteja a aproveitando o Cassatt. Podemos fazer-lhe companhia?

Sarah

CAPÍTULO 37

SAINT-TROPEZ, FRANÇA

De copo de vinho na mão e com Mikhail ao seu lado, Sarah olhou tranquilamente para o outro lado da sala de jantar a abarrotar,

na direção das esbeltas costas de Elena. O postal continuava nas mãos de Elena. Ela olhava fixamente para ele, com um ar de ligeira curiosidade, como Oleg, o seu guarda-costas principal. Pousou o postal em cima da toalha da mesa e virou-se devagar para examinar a sala. Por duas vezes, passou os olhos por Sarah sem qualquer indício visível de reconhecimento. Elena Kharkov era uma filha de Leningrado, pensou Sarah. Uma filha do Partido. Sabia sondar uma sala, à procura de vigias, antes de ir falar com alguém. Sabia jogar o jogo segundo as Regras de Moscou.

Da terceira vez que examinou a sala, os seus olhos pararam finalmente no rosto de Sarah. Levantou o postal de forma teatral e abriu bem a boca, fingindo-se surpresa. O sorriso foi forçado e iluminado por luz artificial, mas os guarda-costas não o conseguiram ver. A seguir, antes que eles pudessem reagir, ela estava subitamente em pé e a deslizar pela sala de jantar, com as ancas a girar, à medida que ia manobrando por entre as mesas completamente apinhadas, e a saia branca a rodopiar à volta das coxas bronzeadas. Sarah levantou-se para a cumprimentar; Elena beijou-a em ambas as faces, de um modo formal, e encostou a boca ao ouvido de Sarah. O ouvido direito, reparou Sarah. Aquele que os guarda-costas não Conseguiam ver.

— Mal posso acreditar que seja mesmo a Sarah! Que surpresa maravilhosa!

Depois, numa voz mais baixa que provocou um calafrio intenso na barriga de Sarah:

— Vai ter cuidado, não vai? Meu marido é um homem muito perigoso.

Elena largou finalmente Sarah e olhou para Mikhail, que se tinha posto de pé e estava parado, em silêncio, ao lado da cadeira. Apreciou-o com atenção, como se ele fosse um quadro colocado num cavalete para observação, e a seguir estendeu-lhe a mão, coberta de joias, enquanto Sarah se ocupava das apresentações. Este é o meu

grande amigo Michael Danilov. O Michael e eu trabalhamos no mesmo departamento em Washington. Se algum dos nossos colegas descobrisse que nós estávamos aqui juntos, ia haver um escândalo terrível.

— Então nós partilhamos mais um segredo? Como o lugar onde esconde a chave do quarto para as crianças?

Ainda estava agarrada à mão de Mikhail.

— É um prazer conhecê-lo, Michael.

— O prazer é meu, Sra. Kharkov. Há já algum tempo que sou um admirador do sucesso do seu marido. Quando Sarah me contou que a tinha conhecido, fiquei extremamente invejoso.

Ao ouvir o sotaque de Mikhail, o rosto de Elena assumiu uma expressão de surpresa. Era forçada, pensou Sarah, como o sorriso um momento antes.

— O senhor é russo — disse ela, — não era uma pergunta, mas uma constatação.

— Na verdade, agora sou cidadão americano, mas, sim, nasci em Moscou. A minha família mudou-se para os Estados Unidos pouco depois da queda do comunismo.

— Que fascinante.

Elena olhou para Sarah.

— Nunca me contou que tinha um namorado russo.

— Não é exatamente uma informação que se revele numa transação comercial. Além disso, Michael é o meu namorado russo secreto. Não existe realmente.

— Eu adoro conspirações — respondeu Elena. — Por favor, têm de almoçar comigo.

— Tem certeza de que não incomodamos?

— E vocês têm certeza de que querem almoçar com os meus filhos?

— Nós adorariamos almoçar com seus filhos.

— Então está decidido.

Elena chamou Jean-Luc com um aceno imperioso e, em francês pediu-lhe para pôr mais uma mesa, de forma que os seus amigos se pudessem juntar a ela. Seguiram-se muitos franzires de sobrolhos e beicinhos, e depois uma explicação prolongada de como as mesas já estavam alinhadas demasiado perto umas das outras para que fosse possível juntar mais uma. A única solução, arriscou ele com cautela, seria os dois amigos da Sra. Kharkov trocarem de lugar com dois dos acompanhantes da Sra. Kharkov. E dessa vez foi Oleg, o chefe do serviço de segurança dela, quem foi chamado. Como Jean-Luc já o fizera, ofereceu resistência. Que foi ultrapassada graças a umas quantas palavras mais ríspidas que, se não tivessem sido ditas num russo coloquial, teriam escandalizado a sala inteira. A troca de lugares foi executada com rapidez. Passado pouco tempo, dois dos guarda-costas estavam sentados amuados na ponta mais distante da mesa, um deles com um celular encostado ao ouvido. Sarah tentou não pensar para quem estaria ele a ligar. Em vez disso, manteve o olhar focado nas crianças. Eram versões em miniatura dos pais: Nikolai, louro e compacto; Anna, alta e magra de cabelo preto.

— Devia ver nossas fotos quando tínhamos a idade deles — disse Elena, como se lesse os pensamentos de Sarah. — Ainda é mais impressionante. É como se tivessem produzido duplicatas exatas. E foi o que fizemos, em tudo, até mesmo na forma dos dedos dos pés.

— E o temperamento deles?

— Anna é muito mais independente do que eu era em criança. Eu estava sempre agarrada na saia da minha mãe. A vive em seu próprio mundo. Minha Anna gosta de ter tempo para ela própria.

— E Nikolai?

Elena ficou calada durante um momento, como se estivesse a decidir se devia responder à pergunta fugindo dela ou de uma forma honesta. Escolheu a segunda opção.

— Meu querido Nikolai é muito mais doce do que o pai. Ivan me acusa de paparicá-lo demais. O pai de Ivan era distante e autoritário e eu receio que Ivan também o seja. Os homens russos nem sempre dão os melhores pais. Infelizmente, é um traço cultural que passam aos filhos.

Olhou para Mikhail e, em russo, perguntou-lhe: — Não concorda, Michael?

— Meu pai era matemático — respondeu ele, também em russo. — Tinha a cabeça cheia de números para pensar muito no filho. Mas era gentil como um cordeirinho e nunca tocava em álcool.

— Então devia considerar-se extremamente sortudo. Fraqueza pelo álcool é outro traço que nossos homens tendem a passar aos filhos.

Ergueu o copo de vinho e falou novamente em inglês:

— Embora eu deva confessar que tenho certa fraqueza por um rosé bem frio num dia quente de verão, em especial o rosé que vem das vinhas em torno de Saint-Tropez.

— Uma fraqueza que eu compartilho — respondeu Sarah, erguendo igualmente o copo.

— Estão hospedados aqui em Saint-Tropez?

— Bem na saída — respondeu Sarah. — No Château de la Messardière.

— Ouvi dizer que é muito popular entre os russos.

— Digamos que ninguém lá mostrou surpresa com meu sotaque — respondeu Mikhail.

— Espero que os nossos compatriotas se portem bem.

— No geral. Infelizmente houve um incidente de pequena importância na piscina, envolvendo um empresário moscovita de meia-idade e a namorada extremamente nova dele.

— Que espécie de incidente?

Mikhail fez questão de mostrar que pensava numa resposta.
— Eu suponho que um desejo incontrollável seria a melhor maneira

de descrever na companhia de pessoas educadas.

— Ouço dizer que há muito disso — respondeu Elena. — Nós, russos, adoramos estar aqui na França, mas não tenho bem certeza de que os franceses retribuam esse amor. Alguns dos meus compatriotas ainda não sabem como se comportar na companhia de pessoas educadas. Gostam de beber vodca em vez de vinho. E gostam de exhibir as amantes novas e bonitas.

— Os franceses gostam de qualquer pessoa com dinheiro e poder — respondeu Mikhail. — E, neste momento, os russos têm ambos.

— Agora, só nos falta mesmo aprender a ter maneiras. Elena desviou o olhar de Mikhail para Sarah.

— Por falar nisso, a resposta a sua pergunta é sim.

Sarah ficou momentaneamente confusa. Elena bateu no postal de leve com a ponta do dedo.

— Cassatt — disse ela. — Estou aproveitando. Na verdade, muito. Não sei se sabe, Sarah, mas tenho mais seis quadros de Madame Cassatt. Conheço a obra dela extremamente bem. Acho que este até seria mesmo meu preferido.

— Fico contente por achar isso. Faz com que a dor por o ter Perdido desapareça um pouco.

Tem sido duro para você?

A primeira noite foi dura. E a primeira manhã ainda foi pior. Então têm de o ir ver outra vez. Ele está cá, não sei se sabem. Nós não nos queremos estar a impor.

De maneira nenhuma. Aliás, eu insisto que apareçam amanhã.

Almoçam e dão uns mergulhos.

A seguir, quase como se fosse uma ideia que acabasse de ter, acrescentou:

— E podem ver o quadro, claro.

Um empregado apareceu e pousou um prato de *steak haché avec pommes frites* à frente de cada criança. Elena disse a Sarah e Mikhail para darem uma olhada no cardápio e abria o dela quando o celular começou a tocar. Tirou-o da bolsa e olhou para a tela antes de levantar a tampa. A conversa que se seguiu foi curta, em russo. Quando terminou, ela fechou o celular bruscamente e o pôs na mesa, a sua frente. Olhou para Sarah com outro sorriso cheio de luz falsa.

— Ivan pretendia sair com o iate para o mar esta tarde, mas resolveu vir almoçar conosco. Ele está agora mesmo no porto. Chega em um minuto ou dois.

— Mas que agradável — respondeu Sarah.

Elena fechou o cardápio e lançou um olhar rápido e fulminante aos guarda-costas.

— Sim — respondeu —, Ivan consegue ser muito atencioso quando quer.

CAPÍTULO 38

SAINT-TROPEZ, FRANÇA

A “chegada”, como ficaria conhecida no léxico da operação, ocorreu precisamente quarenta e cinco segundos depois. Embora Ivan estivesse a trezentos metros de distância, chegou de Mercedes blindado, e não a pé, para o caso de haver algum inimigo à espreita no meio do mar de gente que se ia arrastando apaticamente ao longo do cais do Velho Porto. O carro entrou ruidosamente na Place de l’Hôtel de Ville, a toda a velocidade, e parou abruptamente a pouquíssimos metros da entrada do Grand Joseph. Ivan esperou, sentado no banco de trás, mais uns quinze segundos antes de sair, tempo suficiente para desencadear um murmúrio de intensa especulação no restaurante sobre sua identidade, nacionalidade e profissão. A seguir, apareceu fora do carro num borrão agressivo,

como um pugilista que se precipita do seu canto para acabar com um adversário infeliz. Já dentro do restaurante, parou novamente na entrada para examinar a sala e permitir que a sala também o examinasse. Usava calça larga de linho preto e uma camisa de algodão branco luminoso. O cabelo forte brilhava, com uma camada recente de gel oleoso, e tinha à volta do seu pulso esquerdo grosso um relógio de ouro do tamanho de um relógio de sol. Ia reluzindo como um tesouro pilhado à medida que se aproximava da mesa.

Não se sentou de imediato; em vez disso, deixou-se ficar paralisado por um momento, atrás de Elena e colocou-lhe as mãos enormes à volta do pescoço, como se ela fosse propriedade sua. Os rostos de Nikolai e de Anna iluminaram-se perante a aparição inesperada do pai; e, em resposta, a cara de Ivan perdeu um pouco da sua dureza por momentos. Disse-lhes qualquer coisa em russo que fez com que as duas crianças desatassem às gargalhadas e levou Mikhail a sorrir. Ivan pareceu tomar nota disso mentalmente. A seguir, os seus olhos perscrutaram de uma só penada a mesa, como uma lanterna a incidir em campo aberto, até pousarem em Sarah. Da última vez que Ivan a vira, ela estava encoberta pelas roupas pouco elegantes que Gabriel escolhera. Mas, naquele momento, trazia um vestido sem mangas, fino e cor de pêssego, que se lhe colava ao corpo, criando a impressão de uma nudez dissimulada. Ivan admirou-a descaradamente, como se estivesse a contemplar a hipótese de a adicionar à sua coleção. Sarah estendeu-lhe a mão, mais como um mecanismo de defesa do que um sinal de amizade, mas Ivan ignorou-a e, em vez disso, beijou-a na face. A sua pele de lixa cheirava a manteiga de coco e a outra mulher.

É óbvio que Saint-Tropez combina bem com você, Sarah. É a primeira vez que vem cá?

- Na verdade, já venho a Saint-Tropez desde pequena.
- Também tem cá um tio?
- Ivan! disparou Elena.

— Nada de tios respondeu Sarah, sorrindo. Só uma paixão de longa data pelo Sul de França.

Ivan franziu o sobrolho. Não gostava de ser recordado do fato de alguém, em especial uma moça do Ocidente, que já tivesse estado em algum lugar ou feito qualquer coisa primeiro do que ele. Porque não mencionou que vinha para cá no mês passado?

Nós podíamos ter combinado um encontro.

— Não me dei conta que costumavam vir cá.

— A sério? Veio em todos os jornais. O proprietário anterior da minha casa pertencia à família real britânica. Quando eu a adquiri, os jornais londrinos entraram numa espécie de frenesim.

— Por alguma razão, isso deve ter-me escapado.

Uma vez mais, Sarah ficou impressionada com a qualidade monocórdica do inglês de Ivan. Era como se estivesse a falar com um locutor da programação em língua inglesa da Rádio Moscou. Ele olhou de relance para Mikhail e, a seguir, olhou outra vez para Sarah:

— Não me vai apresentar o seu amigo? perguntou.

Mikhail levantou-se e estendeu a mão.

O meu nome é Michael Danilov. A Sarah e eu trabalhamos juntos em Washington.

Ivan agarrou na mão que lhe tinha sido oferecida e apertou-a com toda a força.

— Michael? Mas que tipo de nome é esse para um russo? É do tipo que me faz parecer menos um rapaz de Moscou e mais um americano.

— Os americanos que vão para o diabo declarou Ivan.

— Tenho pena, mas está na presença de um.

— Talvez nós possamos fazer alguma coisa para alterar isso.

Parto do princípio de que o seu nome verdadeiro seja Mikhail?

Sim, claro.

Então é Mikhail que será, pelo menos durante o que resta da tarde.

Agarrou pelo braço um criado que ia a passar. Mais vinho para as senhoras, por favor. E uma garrafa de vodca para mim e para o meu novo amigo, Mikhail. Atribuiu-se a si mesmo o lugar mais importante com Sarah à direita e Mikhail do lado contrário. Com a mão esquerda, ia despejando vodca gelada no copo de Mikhail como se ela fosse o soro da verdade. O braço direito estava esticado ao longo das costas do banco forrado. O algodão fino da camisa estava a roçar nos ombros nus de Sarah.

— Então você e a Sarah são amigos? — perguntou a Mikhail.

— Sim, somos.

— Que tipo de amigos?

Uma vez mais, Elena protestou contra o atrevimento de Ivan. Uma vez mais, Ivan ignorou-a. Estoicamente, Mikhail bebeu o copo de vodca até a última gota e, com um aceno de cabeça velhaco e tipicamente russo, insinuou que ele e Sarah eram realmente muito bons amigos.

— Vieram juntos para Saint-Tropez? — perguntou Ivan, voltando a encher o copo vazio.

— Sim.

— Estão hospedados juntos?

— Estamos — respondeu Mikhail.

A seguir, Elena deu uma ajuda e acrescentou: — No Château de la Messardière.

— E gostam de lá estar? O pessoal está a tratar bem de vocês?

— É encantador.

— Deviam mudar-se para a Villa Soleil e ficar lá conosco. Nós temos uma casa de visitas. Na verdade, temos três casas de visitas, mas quem está contando?

Você está a contar, pensou Sarah, mas, em vez disso, disse educadamente: — É muito amável da sua parte fazer-nos uma

proposta tão generosa, Sr. Kharkov, mas nós não nos podíamos nunca estar a impor. Além disso, já pagamos o nosso quarto antecipadamente. É só dinheiro respondeu Ivan, num tom desdenhoso próprio de um homem que tem mais do que demasiado.

Tentou despejar mais vodca no copo de Mikhail, mas este tapou-o com a mão.

— Eu já bebi mais do que o suficiente, obrigado. O meu limite são dois.

Ivan agiu como se não o tivesse ouvido e presenteou-o com um terceiro. O interrogatório recomeçou.

— Suponho que também viva em Washington?

— A poucos quarteirões do Capitólio.

— Você e a Sarah vivem juntos?

— Ivan!

— Não, Sr. Kharkov. Nós só trabalhamos juntos.

— E onde é que isso é?

— No Centro Dillard para a Democracia. É um grupo sem fios lucrativos que tenta promover a democracia pelo mundo inteiro.

A Sarah dirige a nossa iniciativa para a África subsariana. Eu trato dos computadores.

— Eu acho que já ouvi falar dessa organização. Vocês já meteram o nariz nos assuntos da Rússia há uns anos. Nós temos um programa muito ativo na Europa do leste. respondeu Sarah. Mas a nossa iniciativa para a Rússia foi encerrada pelo seu presidente. Ele não gostava lá muito de nós Ele teve razão em os encerrar as operações. Porque vocês, americanos, sentem a necessidade de enfiar a democracia pela garganta abaixo do resto do mundo? Não acredita na democracia, Sr. Kharkov? A democracia é ótima para aqueles que querem ser democráticos, Sarah. Mas há alguns países que não querem simplesmente a democracia. E há outros onde o terreno ainda não foi suficientemente fertilizado para que a democracia ganhe raízes. O Iraque é um ótimo exemplo. Vocês entraram no

Iraque em nome do estabelecimento de uma democracia no coração do mundo muçulmano, um objetivo nobre, mas o povo não estava preparado para isso.

— E a Rússia? perguntou ela.

— Nós somos uma democracia, Sarah. O nosso parlamento é eleito. E o nosso presidente também.

O seu sistema não permite que haja uma oposição viável; sem uma oposição viável, não pode haver uma democracia. De repente, não é o seu tipo de democracia. Mas é uma democracia que funciona para a Rússia. E a Rússia tem de poder tratar dos seus próprios assuntos sem que o resto do mundo esteja a olhar por cima do nosso ombro e a criticar-nos a cada passo. Ou preferiam que nós regressássemos ao caos dos anos noventa, quando Yeltsin depositou o nosso futuro nas mãos dos conselheiros económicos e políticos americanos? É isso que vocês e os seus amigos nos querem impor?

Cautelosamente, Elena sugeriu que mudassem de assunto.

Ivan tem muitos amigos no governo russo – explicou.

Ele leva muito a peito quando eles são criticados. Eu não pretendia faltar ao respeito a ninguém, senhor Krakov. E acho que o senhor levanta questões importantes.

— Mas que não são válidas?

— A minha esperança, e a esperança do Centro Dillard, é que um dia a Rússia seja uma verdadeira democracia em vez de uma democracia musculada.

Os tempos da democracia russa já chegaram, Sarah. Mas a minha mulher tem razão, como de costume. Nós devíamos mudar de assunto.

Olhou para Mikhail.

Porque a sua família se foi embora da Rússia? O meu pai achou que ia ter mais oportunidades na América do que em Moscovo.

O seu pai era um dissidente?

— Por acaso, era membro do Partido. Era professor.

— E ele encontrou as suas oportunidades?

— Ensinou matemática do secundário, em Nova Iorque. Foi lá que eu cresci.

Um professor do secundário? Ele fez a viagem toda até a América para passar a ser um professor do secundário? Que tipo de homem é que abandona o próprio país para ir ensinar numa escola noutro país? Você devia desfazer a loucura do seu pai e voltar para a Rússia. Não ia reconhecer Moscou. Nós precisamos de pessoas talentosas como você para ajudar a construir o futuro do nosso país. Talvez eu conseguisse arranjar-lhe um posto na minha própria organização.

— Eu estou bastante contente onde me encontro, mas obrigado pela proposta. Mas ainda não a ouviu.

Ivan sorriu. De forma tão agradável como uma fenda repentina num lago gelado. Uma vez mais, Elena pediu desculpas. Vão ter de perdoar ao meu marido a reação dele. Não está habituado a que as pessoas lhe digam não.

E depois para Ivan:

— Podes tentar outra vez amanhã, querido. A Sarah e o Michael vão passar a tarde na vila.

— Esplêndido respondeu ele. Vou enviar um carro para os ir buscar ao seu hotel.

— Nós temos um carro ripostou Mikhail. Tenho certeza de que conseguimos descobrir o caminho.

— Não seja tonto. Vou enviar um carro como deve ser para os ir buscar.

Ivan abriu o cardápio e insistiu que toda a gente fizesse o mesmo. A seguir, aproximou-se bastante de Sarah, a tal ponto que o peito lhe ficou encostado ao ombro nu dela.

— Coma os crepes de lagosta e manga como entrada disse ele. Prometo-lhe que a sua vida nunca mais será a mesma.

CAPÍTULO 39

GASSIN, FRANÇA

Na villa antiga de pedra à saída de Gassin, o jantar dessa noite tinha sido uma refeição apressada: baguetes e queijo, salada verde e frango assado da charcutaria da área. Os seus ossos rapados estavam espalhados em cima da mesa, lá fora, como se fossem despojos, tendo ao seu lado um pedaço de pão e três garrafas de água mineral vazia. Numa das pontas da mesa, encontrava-se uma brochura turística que fazia propaganda a pescarias em alto-mar, num mar onde já não havia peixes. Poderia ter passado por um bocado de lixo comum, se não fosse pela mensagem curta, escrevinhada às pressas por cima de uma fotografia de um rapaz a segurar um atum duas vezes maior do que ele. Tinha sido escrita por Mikhail e entregue a Yaakov, numa manobra digna dos livros, na Place Carnot. Naquele momento, Gabriel estava a olhar para ela fixamente, como se a tentasse reescrever pelo simples poder da sua força de vontade. E Eli Lavon estava a olhar fixamente para Gabriel, com o queixo apoiado na palma da mão como um grande mestre de xadrez a implorar a um adversário menor que faça a sua jogada ou desista.

— De repente, a forma como eles combinaram ir até lá é o que me incomoda mais disse Lavon por fim, numa tentativa de espicaçar alguma reação por parte de Gabriel. De repente, eu não me

sinto muito confortável com o fato de Ivan não os querer deixar ir lá ter no carro deles.

— De repente, ele é só um maníaco do controle.

, O tom de Gabriel era ambivalente, como se estivesse a exprimir uma explicação possível, em vez de uma opinião firme. De repente, não quer carros estranhos na propriedade dele. Os carros estranhos podem conter equipamento eletrônico estranho.

As vezes, os carros estranhos até podem conter bombas. Ou, de repente, quer que eles façam primeiro uma viagem que lhe permita detectar se estão ou não sob vigilância, antes de os deixar entrar na propriedade dele. Ou, de repente, vai simplesmente passar por cima das delicadezas profissionais e matá-los de imediato.

— Ele não os vai matar, Eli.

— É claro que não respondeu Lavon sarcasticamente. Ivan nunca seria capaz de pôr um dedo em cima deles. Afinal de contas, não é que ele tenha matado um repórter metediço em plena luz do dia na Basílica de São Pedro, nem nada.

Levantou uma folha de papel para que Gabriel a visse, uma cópia impressa de uma interceptação da NSA.

— Cinco minutos depois de ter saído daquele restaurante, Ivan estava ao telefone com o Arkady Medvedev, o chefe do seu serviço de segurança, a dizer-lhe para investigar o pai do Mikhail e o Centro Dillard.

— E quando ele o fizer, vai descobrir que o pai do Mikhail era de fato um professor que emigrou para a América no início dos anos noventa. E vai descobrir que o Centro Dillard ocupa um pequeno bloco de escritórios na Massachusetts Avenue, em Washington. Ivan sabe tudo sobre histórias de cobertura, e não há dúvida de que sabe tudo sobre organizações de fachada da CIA. O KGB era bem melhor nisso do que alguma vez o foram em Langley. Os russos tinham uma rede de fachadas pelo mundo inteiro, algumas delas dirigidas pelo pai de Ivan, sem dúvida. Ivan bebia as artes do ofício da KGB com o

leite da mãe. Está no DNA dele. Se Ivan tivesse dúvida sobre Sarah e Mikhail, não teria deixado se aproximarem dele. Teria afastado os dois. E tinha feito Elena entender bem que qualquer contato com eles era estritamente proibido.

— Não, não teria. Ivan é da KGB. Se suspeitasse que Sarah e Mikhail não eram autênticos, faria a jogada dele exatamente assim. Poria uma equipe de vigias em cima deles. Colocaria o quarto de hotel sob escuta, para ter certeza de que eram mesmo quem dizem ser. E ia convidá-los para almoçar, para descobrir o que sabem ao certo sobre a rede dele.

Gabriel, com seu silêncio, reconheceu que ele tinha razão.

— Cancele o almoço pediu Lavon. Arranja outro encontro inesperado.

— Se nós cancelarmos, Ivan vai perceber que há qualquer coisa que não está bem. E não vai haver nenhuma hipótese de ele acreditar que mais outro encontro accidental seja apenas uma coincidência. Já andamos a namoriscar o tempo suficiente. Elena está claramente interessada. Está na hora de começarmos a falar sobre a consumação da relação. E a única maneira de podermos falar é indo almoçar à casa de Ivan.

Lavon pegou num osso de frango e vasculhou-o à procura de um resto de carne.

— Eu preciso te relembrar para Quem a Sarah trabalha? E também preciso te relembrar que o Adrian Carter pode não concordar com a tua decisão de a enviá-la lá amanhã? A Sarah pode trabalhar para Langley, mas ela pertence-nos. E quanto a uma decisão em relação ao que fazer, eu ainda não tomei nenhuma.

— E o que vais fazer, Gabriel?

— Vou ficar aqui sentado durante um tempo e pensar nisso. Lavon atirou o osso para a pilha e encostou o queixo à palma da mão.

— Eu ajudo.

CAPÍTULO 40

SAINT-TROPEZ, FRANÇA

No dia seguinte chegou o calor. Veio do sul, transportado por um vento escaldante, feroz, seco e cheio de poeira. As pessoas que se aventuravam até o centre ville agarravam-se à falsa frescura das sombras, ao passo que, ao longo da costa, da Baie de Pampelonne até Cap Cartaya, quem estava na praia amontoava-se, sem se mexer, debaixo dos guarda-sóis, ou permanecia sentado, a ferver lentamente, nos bancos de areia. Umas quantas almas tresloucadas estavam deitadas, estendidas na areia cada vez mais quente; ao final da manhã, pareciam já vítimas de uma batalha no deserto. Ao meio-dia, a rádio local informou que aquele era oficialmente o dia mais quente já registrado em Saint-Tropez. Todos concordavam em dizer que a culpa era dos americanos.

Vila Soleil, a propriedade de Ivan Kharkov na Baie de Cavalaire, parecia ter sido poupada ao auge da fúria do calor. Logo atrás dos seus muros com mais de três metros e meio, ficava um extenso caminho circular, onde ninfas brincavam em fontes vistosas e flores surgiam em catadupa, em jardins arrançados com uma perfeição ao nível de uma brochura de hotel. A villa propriamente dita surgia imponente, recortada na linha costeira rochosa e fazendo valer a sua beleza sobre a formidável paisagem. Era mais palácio do que casa, uma série interminável de áreas cobertas, corredores de mármore, halls repletos de estátuas e salas de estar cavernosas, onde

cortinas brancas ondeavam e estalavam como velas mestras ao sabor de uma brisa constante. Cada ala da casa parecia ter a sua própria e incomparável vista para o mar. E cada vista, pensou Sarah, era mais arrebatadora do que a anterior.

Acabaram por encontrar Elena no final de uma longa e fresca colunata, com um chão de mármore ao estilo de um tabuleiro de damas. Ela trazia um top sem alças e um xaile que chegava até o chão e cintilava a cada baforada de vento. Ivan estava parado ao lado dela, com um copo de vinho a suar-lhe nas mãos. Uma vez mais, estava vestido de preto e branco, como que para ilustrar o fato de ser um homem de contradições. Dessa vez, no entanto, as cores da sua indumentária tinham sido invertidas: camisa preta, calças brancas. Ao cumprimentarem-se com a descontração própria de uma velha e renovada amizade, o relógio enorme de Ivan atraiu os raios do sol e refletiu-os nos olhos de Sarah. Antes de a presentear Com um beijo úmido e uma descarga de sua colônia intensa, pousou o copo de vinho com indiferença no pedestal de uma estátua. Era um nu feminino grego. Naquele momento, pensou Sarah maldosamente, era a base para copos mais cara do mundo.

Tornou-se de imediato evidente que o convite de Elena para um almoço tranquilo tinha sido transformado por Ivan num acontecimento mais extravagante. No terraço por baixo da colunata, tinha sido posta uma mesa para vinte e quatro pessoas. Várias moças bonitas já se estavam a divertir numa piscina do tamanho de uma pequena baía, observadas por uma dúzia de russos de meia-idade, esticados em espreguiçadeiras e divãs. Ivan apresentou os convidados como se fossem simplesmente mais alguns dos seus bens. Havia um homem que fazia qualquer coisa relacionada com níquel, outro que comercializava madeira, e um, com cara de raposa, que dirigia uma empresa de segurança pessoal e empresarial em Genebra. Quanto às moças da piscina, apresentou-as coletivamente, como se não tivessem nomes, apenas um propósito. Uma delas era

Yekaterina, a supermodelo amante de Ivan, uma criança de dezenove anos, esquelética e a fazer beicinho, toda ela braços, pernas e seios, com um tom de caramelo perfeito. Olhou fixamente para Sarah, como se ela fosse uma potencial rival, depois mergulhou para dentro da piscina como um golfinho e desapareceu sob a superfície.

Sarah e Mikhail instalaram-se entre a mulher do magnata do níquel' que tinha um ar de estar profundamente aborrecida, e o negociante 255

de madeira, que era simpático mas enfadonho. Ivan e Elena voltaram para a colunata, onde havia mais convidados a chegar, em grupos barulhentos. Desciam os degraus em descargas súbitas, como revolucionários a tomarem de assalto o Palácio de Inverno, e, a cada novo grupo, o volume e a intensidade da festa parecia ir aumentando mais um pouco. Apareceram várias garrafas geladas de vodca; começou a pulsar música de dança, saída de altifalantes invisíveis. No terraço, foi posta uma segunda mesa para o almoço e, a seguir, uma terceira. Passado pouco tempo, a ampla piscina já parecia simplesmente mais uma das fontes de Ivan, à medida que núbeis ninfas eram apalpadas e atiradas de um lado para o outro por milionários gordos e guarda-costas musculados. Com toda a facilidade, Elena ia-se deslocando de um grupo para outro, distribuindo beijos na face e reabastecendo bebidas, mas Ivan mantinha-se afastado, a contemplar toda aquela alegria como se ela fosse uma atuação organizada para seu divertimento exclusivo.

Eram quase três da tarde quando os chamou a todos para o almoço. Pelas contas de Sarah, ao todo, os convidados já iam nos setenta, mas, miraculosamente, das cozinhas de Ivan saiu comida mais do que suficiente para abastecer um grupo duas vezes maior. Ficou sentada ao lado de Mikhail, na ponta da mesa onde estava Ivan, ficando ambos bem dentro da esfera de influência dele e do cheiro da sua água-de-colônia. Foi uma refeição voraz; Ivan comeu imenso mas sem prazer, espetando o garfo na comida como se a

estivesse a castigar, com os pensamentos bem distantes. No final do almoço, a disposição dele melhorou quando Anna e Nikolai apareceram, acompanhados por Sonia, a ama russa. As duas crianças sentaram-se ao colo dele, presas nos seus braços enormes. Estes dois são o meu mundo disse ele diretamente para Sarah. Se alguma coisa lhes acontecesse...

A voz foi-lhe sumindo, como se de repente lhe faltassem as palavras.

Depois, acrescentou de forma ameaçadora:

Que Deus ajude o homem que magoar os meus filhos. Foi uma nota estranhamente sombria para se terminar o almoço, ainda que o resto dos convidados de Ivan pareceu não achar nada de especial nisso, levantando-se todos da mesa e descendo os degraus até a piscina em fila indiana, para um último mergulho. Ivan largou as crianças e agarrou no pulso de Mikhail quando ele se levantou.

Não se vá embora assim tão depressa disse. Prometeu que me dava uma hipótese de o convencer a voltar para a Rússia e trabalhar para mim.

— Eu não me recordo ao certo dessa promessa.

— Mas recordo-me eu bastante bem e isso é tudo o que interessa. Pôs-se em pé e sorriu de forma agradável para Sarah. Eu consigo ser bastante persuasivo. Se eu fosse a si, começava a fazer planos para uma mudança para Moscou.

Levou Mikhail até a um canto do terraço bem distante e sentou-se com ele à sombra de um zimbório. Sarah olhou para Elena. As crianças já estavam sentadas ao colo dela, numa pose tão terna quanto a de Ivan era feroz.

— Parecem um quadro da Mary Cassatt.

— Vou considerar isso como um elogio.

Elena deu um beijo na face de Anna e segredou qualquer coisa à criança que a fez sorrir e acenar com a cabeça. A seguir, segredou qualquer coisa a Nikolai, com o mesmo resultado. Estão a

dizer coisas marotas de mim? perguntou Sarah, em tom de brincadeira.

As crianças acham-na muito bonita.

Por favor, diga às crianças que elas também são muito bonitas.

E elas também queriam saber se gostava de ver o quarto delas.

Tem um novo quadro, e elas querem muito que o veja. Por favor, diga às crianças que não há nada de que eu gostasse mais.

— Venha, então — respondeu Elena. — As crianças vão nos levar até lá.

As crianças esvoaçaram para dentro e para fora da colunata, como estorninhos, e andaram ao pé-coxinho pelos quadrados do chão de mármore. Ao subirem pela extensa escadaria principal, Nikolai fingiu ser um urso russo feroz e, em resposta, Sarah fingiu estar terrivelmente assustada. No alto das escadas, Anna pegou a mão de Sarah e puxou-a por um corredor glorioso cheio de luzes ornamentais. Terminava no quarto das crianças, que não era quarto nenhum, mas sim uma suíte requintada. O quadro *Duas Crianças numa Praia* estava pendurado no hall de entrada, ao lado do quadro de uma jovem bailarina, de tamanho semelhante e da autoria de Degas. Elena Kharkov, estudante de história de arte e antiga empregada do Museu Hermitage, em Leningrado, passou, sem qualquer esforço, para o modo de guia turística.

— Eles conheciam-se bastante bem, a Cassatt e o Degas. Aliás, o Degas teve uma profunda influência no trabalho dela. Achei que era apropriado ficarem juntos. Olhou para Sarah e sorriu tenuemente.

— Até há duas semanas, eu tinha a certeza que o Degas tinha sido mesmo pintado pelo Degas. Agora, já não estou tão segura. Elena disse às crianças para irem brincar lá fora. Na ausência delas, instalou-se um silêncio pesado no hall. As duas mulheres ficaram

paradas a alguns metros de distância uma da outra, Elena diante do Degas, Sarah diante do Cassatt. Por cima delas, uma câmara espreitava-as como uma gárgula.

— Quem você é? perguntou Elena, sem tirar os olhos do quadro. E porque está na minha casa?

Sarah olhou de relance para a câmara.

Não se assuste disse Elena. Ivan está a ver mas não a ouvir. Eu disse-lhe há já muito tempo que não ia viver nunca numa casa cheia de microfones. E ele jurou-me que não os ia instalar nunca. E confia nele?

Nesta questão, sim. Não se esqueça, os microfones iam pegar a voz de todos, incluindo a de Ivan. E os sinais que eles emitem também podem ser interceptados pela polícia e pelos serviços secretos.

Fez uma pausa.

— Achei que teria consciência disso. Quem é você? E para quem trabalha?

Sarah não tirou os olhos das pinceladas perfeitas de Gabriel.

Em circunstância nenhuma deve dizer seu verdadeiro nome e ocupação, quando estiver em território hostil, tinha dito ele. Seu disfarce é tudo. Use como armadura para o corpo, especialmente quando estiver no território de Ivan.

Meu nome é Sarah Crawford. Trabalho para o Centro Dillarc para a Democracia, em Washington. Nós nos encontramos pela primeira vez em Cotswolds, quando comprou este quadro da Maria Cassatt ao meu tio.

— Depressa, Sarah. Nós não temos muito tempo. Sou uma amiga, Elena. Uma amiga muito boa. Estou aqui para a ajudar a terminar o que começou. Tem uma coisa que nos quer contar sobre o seu marido. E eu estou aqui para ouvir.

Elena ficou calada durante um momento.

— Ele gosta muito de você, Sarah. Sua intenção foi sempre seduzir o meu marido?

— Eu asseguro, Elena, que seu marido não tem qualquer interesse em mim.

— E como pode ter tanta certeza?

— Porque ele trouxe a amante para sua casa.

A cabeça de Elena virou-se para Sarah repentinamente.

— Quem é ela?

— Yekatarina.

— Não é possível. Ela é uma criança.

— Essa criança está instalada numa suíte no Hotel Carlton. Ivan paga as contas.

— Como sabe isso?

— Nós sabemos, Elena. Nós sabemos tudo.

— Está mentindo. Tenta...

— Nós não estamos tentando nada a não ser ajudá-la. E as únicas mentiras que dizemos são as que são necessárias para enganar Ivan. Nós não mentimos para você, Elena, e não vamos nunca.

— Como sabem que ele a vê?

— Porque nós o seguimos. E o ouvimos. Reparou naquelas pérolas que ela usava hoje?

Elena acenou com a cabeça de forma quase imperceptível.

— Ele ofereceu-lhe essas pérolas em junho, quando foi a Paris. Lembra-se da viagem dele a Paris, não se lembra, Elena? Você estava em Moscou. Ivan disse que precisava ir lá a negócios. Era mentira, claro. Ele foi lá para ver Yekatarina. Telefonou-lhe três vezes, enquanto estava no apartamento dela. Você atendeu a terceira chamada, enquanto almoçava com amigas no Café Pushkin. Nós temos uma foto, se a quiser ver.

Elena foi forçada a absorver a notícia da infidelidade do marido com um sorriso pacífico as câmaras de Ivan estavam a

observar. Sarah sentiu-se tentada a poupá-la ao resto. Não o fez, mais por aversão a Ivan do que por qualquer outra razão.

— A Yekatarina acha que é a única, mas não é. Há uma assistente de bordo chamada Tatyana. E havia uma moça em Londres chamada Ludmila. Infelizmente, Ivan tratou-a muito mal. Ele acaba por as tratar a todas mal.

Os olhos de Elena encheram-se de lágrimas.

— Não deve chorar, Elena. Ivan pode estar a observar-nos.

Tem de sorrir enquanto eu lhe conto estas coisas horrorosas.

Elena pôs-se ao lado de Sarah e os ombros de ambas tocaram-se. Sarah conseguiu senti-la a tremer. Se era devido à dor ou antes ao medo, não conseguiu dizer.

— Há quanto tempo me vigiam?

— Não é importante, Elena. A única coisa que é importante é que você termine o que começou.

Elena riu suavemente, para si mesma, como se tivesse achado o comentário de Sarah ligeiramente divertido. Passou os olhos pela superfície do quadro, enquanto explorava com a ponta dos dedos a textura do craquelê falso.

— Vocês não tinham nenhum direito de meter o nariz na minha Vida privada.

— Não tivemos escolha.

Elena ficou em silêncio. Nos instantes que se seguiram, Sarah estava a ouvir outra voz.

Apresenta-lhe o contrato de venda com cuidado e pousa-lhe a caneta ao lado dele. Mas não a pressiona para assinar. Ela tem de chegar a essa decisão por ela própria. Caso contrário, não nos vai servir para nada.

— Ele não foi sempre assim disse Elena por fim. Mesmo quando trabalhava para o KGB. Pode ter dificuldade em acreditar nisso, Sarah, mas Ivan era realmente bastante encantador quando o conheci.

— Eu não tenho dificuldade em acreditar nisso. Ele continua a ser bastante encantador.

Quando quer ser.

Ela ainda estava a tocar no craquelê.

— Quando eu conheci Ivan, ele disse-me que trabalhava num monótono departamento agrícola soviético. Umas semanas depois, quando já nos tínhamos apaixonado, contou-me a verdade. Eu quase que não acreditei nele. Não conseguia imaginar que aquele rapaz atencioso, e de certa forma tímido, andasse na realidade a encerrar dissidentes em hospitais psiquiátricos e nos gulags.

— O que aconteceu?

— Aconteceu o dinheiro. O dinheiro mudou tudo. E também mudou a Rússia. O dinheiro é o novo KGB na Rússia. O dinheiro controla as nossas vidas. E a procura do dinheiro impede-nos de questionar as ações do nosso suposto governo democrático. Elena esticou o braço na direção do rosto de uma das crianças, o rapazinho, e afagou-lhe as falhas que tinha na face.

Quem quer que tenha feito isto é bastante bom disse ela.

— Suponho que o conheça?

— Muito bem, por acaso.

Um silêncio e depois:

— Gostaria de conhecê-lo?

— Quem é ele?

— Não é importante. A única coisa que é importante é que concorde em encontrar-se com ele. Ele está tentando salvar vidas inocentes. E precisa da sua ajuda.

O dedo de Elena passou para o rosto da outra criança.

— E como vamos fazer isso? Ivan vê tudo.

— Infelizmente, vamos ter de dizer uma mentirinha.

— Que tipo de mentirinha?

— Eu quero que passe o resto da tarde flertando com Mikhail
— respondeu Sarah. — Ele vai explicar tudo o que precisa saber.

O BlackBerry de Sarah tinha uma característica não disponível nos modelos à venda: a capacidade de codificar e reenviar mensagens de dados para um receptor que se encontrasse próximo, em menos de um milésimo de segundo. A mensagem que enviou no início da noite foi recebida com grande celebração na vila à saída de Gassin. Gabriel passou de imediato a informação a Operações no Boulevard King Saul e ao Centro de Operações Globais da CIA, em Langley. A seguir, reuniu a equipe e começou a dar os últimos retoques na fase seguinte da operação. A mentirinha que diriam a Ivan. A mentirinha que esconderia outra muito maior.

CAPÍTULO 41

SAINT-TROPEZ, FRANÇA

As tempestades tinham chegado dos Alpes Marítimos depois da meia-noite e cercado a fortaleza de Ivan Kharkov na Baie de Cavalaire.

Elena Kharkov não tinha sido acordada pelo tempo violento. Tendo suportado já duas noites sem conseguir dormir, tinha tomado o dobro da sua dose normal de calmante. Naquele momento, acordou relutante e por etapas, como um mergulhador a subir de uma grande profundidade até a superfície. Deixou-se ficar sem se mexer durante algum tempo, de olhos fechados, com a cabeça a latejar e incapaz de se recordar dos sonhos. Por fim, esticou o braço, sem olhar, para o lado da cama de Ivan e a mão acariciou a figura quente e macia de uma moça. Por um instante, temeu que Ivan tivesse tido a ousadia de trazer Yekatarina para a cama deles. A seguir, abriu os olhos e viu que era apenas Anna. A criança tinha os óculos para ler de Ivan, de armações de ouro, postos e estava a escrever, com a caneta de tinta permanente, de ouro, de Ivan, nas

costas de alguns documentos de trabalho importantes. Elena sorriu, apesar da dor de cabeça.

— Diz a Maria para me trazer um café au lait. Um café au lait muito grande.

— Estou muito ocupada. Estou trabalhando, como o papai.

— Traz um café para mim, Anna, ou te bato com força.

— Você nunca me bate, mamãe.

— Nunca é tarde demais para começar.

Anna continuou a escrever teimosamente.

— Por favor, Anna, estou implorando. A mamãe não se está se sentindo bem.

A criança soltou um forte suspiro; depois, num gesto que imitou o pai à perfeição, jogou os papéis e a caneta na mesinha de cabeceira, num ataque de fúria fingido, e afastou o cobertor. Quando se preparava para sair da cama, Elena esticou o braço subitamente e apertou-a com força.

— Eu pensei que você queria café.

— E quero. Mas primeiro quero abraçar você um pouquinho.

— O que há, mamãe? Parece triste.

— Eu gosto muito de você, é só isso.

— E isso faz com que fique triste?

— Às vezes.

Elena beijou Anna no rosto.

— Agora, vai. E não volte sem café.

Voltou a fechar os olhos e ficou a ouvir o som dos pés descalços de Anna a afastarem-se. Uma rajada de vento fresco empurrou as cortinas para dentro e criou sombras dançando para ela nas paredes do quarto. Como todas as divisões da casa, era demasiado grande para uma intimidade familiar ou conjugal, e, naquele momento, sozinha num espaço cavernoso, Elena sentiu-se uma prisioneira da sua vastidão. Puxou os cobertores para o queixo, criando um pequeno espaço para si, e pensou em Leningrado antes

da queda. Sendo filha de um funcionário importante do Partido Comunista, tinha vivido uma vida de privilégios soviéticos uma vida de lojas especiais, comida e roupa em abundância, e viagens ao estrangeiro, a outros países do Pato de Varsóvia. No entanto, não havia nada na sua educação cheia de encantos que a pudesse ter preparado para a extravagância da vida com Ivan. Casas como aquela não existiam, disseram-lhe quando ela era criança, não só pelo sistema soviético mas também por um pai ortodoxo que Manteve sempre a fé no comunismo, mesmo quando já era evidente que o rei ia realmente nu. Naquele momento, Elena apercebeu-se de que lhe tinham mentido durante toda a sua vida, primeiro o pai e depois o marido. Ivan gostava de fazer crer que aquele palácio imponente à beira-mar era uma recompensa pelo seu engenho capitalista e pelo trabalho árduo. Na verdade, tinha sido adquirido através da corrupção e das ligações à velha ordem. E estava inundado de sangue. Em algumas noites, nos seus sonhos, ela via o sangue. Jorrava, em torrentes, ao longo dos intermináveis corredores de mármore e caía, como cascatas, pelas imponentes escadarias abaixo.

O sangue derramado por homens manejando as armas de Ivan.

O sangue de crianças forçadas a combater nas guerras de Ivan. Anna reapareceu, com uma bandeja com o pequeno-almoço equilibrada precariamente nas mãos. Pousou-a na cama, ao lado de Elena, e indicou o que continha com grande prazer: uma xícara de café au lait, duas fatias de pão de baguete torrado, manteiga, compota de morango acabada de fazer e exemplares do Financial Times e do Herald Tribune. A seguir, beijou Elena na face e foi-se embora. Elena bebeu metade do café rapidamente, esperando que a cafeína funcionasse como um antídoto contra a dor de cabeça, e devorou a primeira fatia de pão. Por alguma razão, estava

invulgarmente esfomeada. Uma olhada ao relógio na mesinha de cabeceira explicou-lhe porquê. Já era praticamente meio-dia.

Bebeu o resto do café devagar, à medida que a dor de cabeça ia diminuindo gradualmente. Com o desaparecimento desta, teve uma clareza de visão repentina. Pensou na mulher que conhecia como Sarah Crawford. E em Mikhail. E no homem que pintara uma falsificação tão bela do Duas Crianças numa Praia de Mary Cassatt. Ela não sabia ao certo quem eles eram; apenas sabia que não tinha outra escolha a não ser juntar-se a eles. Pelos inocentes que podiam morrer, disse a si mesma naquele instante. Pela Rússia. Por ela própria. Pelas crianças...

Uma nova rajada de vento abanou as cortinas compridas. Dessa vez, trouxe o som da voz de Ivan. Elena tapou-se com um roupão de seda e foi até o terraço, com vista para a piscina e para o mar. Ivan estava a supervisionar a limpeza dos danos provocados pela tempestade, a vociferar ordens aos caseiros como um capataz de um grupo de condenados presos uns aos outros por correntes.

Elena voltou discretamente para dentro, antes que ele a pudesse ver, e entrou rapidamente na divisão, banhada pelo sol, que ele utilizava como escritório informal no andar de cima. Embora as regras do casamento deles fossem na sua maioria tácitas, aquela divisão, como todos os escritórios de Ivan, era uma área proibida tanto para Elena como para as crianças. Ele já lá tinha estado nessa manhã; era evidente pelo fedor a água-de-colônia que pairava no ar e nos cabeçalhos de jornais matinais que se deslocavam pela tela do computador. Dois celulares idênticos estavam pousados em cima do mata-borrão de couro, com as luzes a piscarem. Violando todas as regras conjugais, expressas e tácitas, ela pegou num dos celulares e carregou no botão para o diretório dos dez últimos números a serem ligados. Um deles apareceu três vezes: 3 064 006. Carregando noutro botão, voltou a ligar para o número. Dez segundos depois, uma voz feminina atendeu em francês:

— Bom dia. Hotel Carlton. Com quem deseja falar?

— Yekatarina Mazurov.

— Só um momento, por favor.

A seguir, dois toques depois, outra voz feminina: mais nova do que a primeira e russa em vez de francesa.

— Ivan, querido, és tu? Pensei que nunca mais fosses ligar. Posso ir com você ao passeio, ou Elena vai estar com você? Ivan... O que se passa... Responde-me, Ivan...

Elena terminou a chamada calmamente. A seguir, vinda de trás de si, veio outra voz: russa, masculina, tensa de fúria silenciosa.

— O que estás a fazer aqui dentro?

Ela deu meia-volta, com o celular ainda na mão, e viu Ivan parado à entrada.

— Eu disse à minha mãe que lhe ia ligar hoje de manhã. Ele aproximou-se dela, tirou-lhe o celular e depois enfiou a mão dentro do bolso da calça e entregou-lhe outro.

— Usa este ordenou, sem qualquer explicação.

— Que diferença é que faz qual é o celular que eu uso?

Ignorando a pergunta, ele inspecionou o tampo da mesa para ver se mais alguma coisa tinha sido retirada. Dormiste até tarde disse, como se estivesse a chamar a atenção para algo de que Elena ainda não se tivesse dado conta. Eu não sei como tu conseguiste dormir com todos aqueles trovões e relâmpagos.

— Eu não me sentia bem.

— Mas esta manhã parece bem.

— Estou um pouco melhor, obrigado.

— E então não vai ligar?

— Para quem?

— Para sua mãe.

Ivan era um veterano desse gênero de jogos e demasiado rápido para ela. Elena sentiu uma necessidade súbita de tempo e espaço.

Passou por ele e voltou para a cama, levando o celular.

— O que está fazendo?

Levantou o celular.

— Telefonando para minha mãe.

— Mas você devia estar se vestindo. Vão todos ao Velho Porto, ao meio-dia e meia.

— Para quê? — respondeu ela, fingindo que não sabia de nada.

— Vamos passar a tarde no barco. Eu te disse isso ontem.

— Desculpe, Ivan. Devo ter esquecido.

— Então e o que está fazendo enfiada outra vez na cama? Temos de sair em poucos minutos.

— Quem você convidou?

Ele disparou uns quantos nomes, todos russos, todos de homens. Eu não sei se estou em condições de ir, Ivan. Se não te importares, eu fico cá com as crianças. Além disso, tu e os teus amigos vão divertir-se muito mais se eu não estiver lá. Ele não se deu ao trabalho de protestar. Em vez disso, consultou o relógio de ouro, como se estivesse a verificar se ainda havia tempo para falar com Yekatarina. Elena resistiu ao impulso de o informar de que ela estava à espera do telefonema dele ansiosamente. E o que vais andar a fazer o dia todo? perguntou com indiferença, como se a resposta dela não lhe interessasse muito. Vou ficar deitada na cama a ler os jornais. E, a seguir, se me estiver a sentir suficientemente bem, vou com as crianças até a cidade. É dia de mercado, Ivan. Tu sabes como as crianças adoram o mercado.

O mercado: para Ivan, a visão do inferno na terra. Fez uma última tentativa, desinteressada, para a convencer a mudar de opinião, antes de se retirar para o banheiro de sua suíte, para fazer a barba e tomar um duche. Dez minutos depois, acabado de se vestir e perfumar, dirigiu-se para o andar de baixo. Elena, ainda na cama, ligou a televisão e foi passando pelos vários canais até chegar à

imagem, em circuito fechado, que vinha das câmaras de segurança do portão da frente. Ivan devia ter antecipado um dia perigoso nas águas ao longo da Côte d'Azur, já que ia acompanhado por toda a sua equipe de segurança: um motorista e dois guarda-costas no carro onde seguia, mais um segundo carro bem apetrechado com outros quatro homens. Estava a falar ao celular, com o sorriso que reservava para Yekatarina.

Ela desligou a televisão e, servindo-se da sua última e pérfida visão como motivação, pousou os pés no chão. Não pares agora, disse a si mesma. Se parar, nunca mais vai arranjar coragem para recomeçar. E, faças o que fizeres, não olhes para trás. Nunca estás sozinha. Essas últimas palavras não eram dela. Tinham sido ditas pelo homem que ela conhecia como Mikhail. O homem que, dali a pouco tempo, se tornaria seu amante.

Naquele momento, Elena estava a ouvir as instruções dele, suaves mas firmes, enquanto dava os passos finais e banais em direção à traição. Tomou banho no seu jacúzi do tamanho de uma piscina, cantando para si própria suavemente, algo que não costumava fazer. Aplicou a maquilhagem com grande cuidado e pareceu sentir dificuldades em encontrar um penteado que considerasse apropriado. A indumentária que iria vestir também pareceu estar na origem de uma hesitação semelhante, pois experimentou e descartou uma meia dúzia de vestimentas, antes de se decidir por um vestido Dior simples e cor de creme que Ivan lhe tinha comprado, movido pela culpa, na sua última viagem a Paris. Atirou a roupa rejeitada para cima da cama, como Michael lhe tinha dito para fazer. Um indício de indecisão romântica, como ele lhe chamara. Uma prova visível do desejo dela de se pôr bonita para o amante.

Por fim, à uma da tarde, Elena informou Sonia e as crianças de que iria passar algumas horas à cidade. A seguir, ordenou a Oleg que Preparasse um carro e uma equipe de segurança. Como de

costume, o trânsito a caminho de Saint-Tropez estava deplorável; ela ocupou o tempo telefonando para a mãe, em Moscou. Oleg, que ia sentado ao lado dela no banco de trás, não tentou sequer esconder o fato de estar ouvindo a conversa, e Elena também não se preocupou minimamente em reduzir o volume da voz. Depois de terminar a chamada, desligou o celular e largou-o na bolsa. Ao sair do carro, na Avenue du Marechal, enfiou a mala no ombro esquerdo, como lhe tinham dito para fazer. No ombro direito significava que tinha mudado de ideias. No ombro esquerdo significava que estava preparada para se juntar a eles. Entrou na Place Carnot pela esquina sudeste e, com Oleg e Gennady a seguirem-na a alguns passos de distância, enfiou-se no apinhado mercado ao ar livre. Na seção da roupa, comprou duas camisolas iguais de caxemira para Ivan e Nikolai e umas sandálias para Anna, para substituir as que ela tinha deixado ficar para trás na última visita que tinham feito à praia de Pampelonne. Entregou os embrulhos a Oleg para que ele os levasse e, a seguir, dirigiu-se para as bancas de comida, no centro da praça, onde parou para observar um homem com barba grisalha a preparar um ratatouille¹ na maior panela que já tinha visto. Uma moça de cabelo escuro materializou-se, por breves instantes, ao lado dela; murmurou umas quantas palavras em inglês e depois desvaneceu-se uma vez mais no meio da multidão.

Elena comprou meio quilo do ratatouille, passou o recipiente a Gennady e, a seguir, continuou a atravessar a praça na diagonal, em direção ao Boulevard Louis Blanc. Um Audi descapotável, vermelho-vivo, estava estacionado na esquina. Michael estava ao volante, com a cara inclinada para o sol e música americana pavorosa a sair em altos berros da aparelhagem. Elena atirou a mala para cima do banco do passageiro e entrou no carro rapidamente. Quando este arrancou disparado, ela nem por um momento deixou de olhar em frente. Se tivesse olhado por cima do ombro, teria visto

Oleg, todo vermelho, a gritar para o celular e Gennady, o mais novo dos dois, a correr atrás deles, com o ratatouille ainda nas mãos.

CAPÍTULO 42

SAINT-TROPEZ, FRANÇA

— Quem é você?

— Sou Michael Danilov. O amigo da Sarah de Washington. Seu marido me trata de Mikhail. Também pode me chamar de Mikhail.

— Eu quero saber seu nome verdadeiro.

— É o meu nome verdadeiro.

— E onde trabalha?

— Já sabe onde eu trabalho. Trabalho com Sarah, no Centro Dillard para a Democracia.

— E para onde está me levando?

— Para um lugar onde estaremos sozinhos. Não temos muito tempo. Pode ter certeza de que Ivan já anda a nossa procura.

— Tente não pensar no Ivan. Por agora, só existimos nós. Os guarda-costas viram você. Eles vão dizer a Ivan que era você e Ivan não vai descansar enquanto não o vir morto.

— Seu marido não vai me matar, Elena.

— Você não conhece o meu marido. Ele mata pessoas a toda a hora.

— Eu conheço o seu marido muito bem. E ele nunca mata por amor. Apenas por dinheiro.

CAPÍTULO 43

MACIÇO DE MAURES, FRANÇA

Seguiram em direção ao interior, subindo por uma estrada tortuosa, a caminho dos terrenos montanhosos do Maciço de Maures. Ele conduzia depressa, mas sem ansiedade nem esforço visível. Tinha a mão esquerda pousada levemente no volante, ao passo que a direita ia mexendo na caixa das mudanças com uma suavidade graciosa. Não era nenhum técnico de computadores, pensou Elena. Já tinha passado tempo suficiente na companhia de soldados de elite para perceber quando se encontrava na presença de um companheiro de ofício. Sentiu-se reconfortada por isso. Percebeu que tinha simplesmente trocado um conjunto de guarda-costas por outro.

O terreno foi ficando mais irregular a cada quilômetro que passava. À direita, havia uma densa floresta de pinheiros e eucaliptos; à esquerda, um desfiladeiro verde sem fundo. Passaram em grande velocidade por aldeias com nomes que ela não reconhecia. E pensou como era horrível nunca ter estado ali antes. E prometeu a si mesma que, um dia, quando tudo aquilo tivesse terminado, iria trazer as crianças ali, sem os guarda-costas, para um piquenique.

As crianças...

Tinha sido um erro pensar nelas naquele momento. Queria telefonar a Sonia para ter certeza de que estavam em segurança.

Queria gritar àquele desconhecido chamado Mikhail que desse meia-volta com o carro. Em vez disso, concentrou-se no vento que lhe soprava no cabelo e na luz do sol quente que lhe batia na pele. Uma mulher casada que esteja prestes a se entregar a outro homem não vai destruir a ânsia do entusiasmo sexual telefonando aos filhos.

Vai pensar apenas no momento, e que se danem as consequências. Entraram noutra aldeia, com uma rua apenas, protegida da luz Por plátanos. Uma moça saída de um quadro de Rubens estava escarranchada em cima de uma moto vermelha, à

porta de uma tabacaria, com a cara tapada por um capacete e um visor escuro. Piscou-lhes o farol dianteiro duas vezes, à medida que se aproximavam, e entrou na estrada que estava à frente deles. Seguiram-na por mais um quilômetro e meio e, a seguir, viraram ambos para um caminho de terra batida bordejado por oliveiras contorcidas, à maneira de um Van Gogh, com as folhas de um verde cor de prata a cintilarem como moedas ao sabor da brisa suave. No final do caminho, havia um portão de madeira aberto, e, depois dele, o pátio de uma villa minúscula e estucada. Mikhail desligou o motor. Lembre-se de como é este lugar, Elena. É importante que seja capaz de se lembrar dos pormenores. Ivan vai estar à espera disso quando a interrogar. Onde é que nós estamos?

Nas montanhas. Você não sabe ao certo. Nós sentimo-nos atraídos um pelo outro desde que nos conhecemos no Grand Joseph. Ivan não deu conta disso porque estava a pensar na Yekatarina. Você sentia-se vulnerável; eu apercebi-me disso. Eu apenas tive de pensar numa maneira de conseguir ficar a sós com você. Sabia que um hotel não ia servir e, por isso, tomei a liberdade de arrendar este lugar por uma semana a um agente imobiliário da área.

Tirou as chaves da ignição.

— Fez tudo como pedimos? Ligou para o quarto da Yekatarina no Carlton? Deixou roupas espalhadas por todo lado no quarto para Ivan e as empregadas verem?

— Fiz tudo.

— Então não tem nada com que se preocupar. Vai dizer a Ivan que há anos que já suspeitava que ele lhe anda a ser infiel. Vai dizer-lhe que há muito tempo que já suspeitava da Yekatarina e que essas suspeitas foram confirmadas pelos números que descobriu no celular dele. Vai dizer-lhe que eu me atirei sobre você na tarde em que nós fomos à vila. Que se sentia tão furiosa e magoada que não foi capaz de resistir. Vai dizer que o queria castigar e que a única maneira era dar o seu corpo a outro homem. Ele vai ficar furioso, é

claro, mas não vai ter nenhuma razão para duvidar da veracidade da sua história, já que sabe que é culpado dos pecados que o está a acusar de cometer. Dormir comigo foi um crime motivado pela paixão e pela raiva, uma coisa que Ivan entende mais do que bem. A seu tempo, ele vai perdoar.

— Ele talvez venha a me perdoar, mas a você não.

— Não tem de se preocupar comigo. Aliás, não vai tardar muito até que me odeie pelos problemas que eu lhe causei. No que lhe diz respeito, eu sei tomar conta de mim mesmo.

— Sabe?

— Bastante bem, por acaso. Abriu a porta. Está na hora de irmos lá para dentro, Elena. Está lá uma pessoa muito desejosa de a conhecer.

Era a antítese da Villa Soleil, um espaço pequeno e arrumado, com paredes caiadas, soalhos em terracota e mobílias rústicas da Provença. Sentado a uma mesa de madeira tosca, estava um homem de idade e nacionalidade incertas, com um nariz comprido que parecia ter sido esculpido com um cinzel e os olhos mais verdes que Elena já tinha visto. Levantou-se lentamente quando ela se aproximou e estendeu-lhe a mão sem dizer nada. Mikhail encarregou-se das apresentações.

— Tenho o prazer de lhe apresentar o homem que pintou o seu Cassatt, Elena. Eu estou prestes a cometer o grave pecado profissional de lhe revelar o nome verdadeiro dele, que é Gabriel Allon. Ele quer que o saiba porque a admira profundamente e não lhe quer mentir. Está na presença de realeza, Elena... pelo menos, no que diz respeito aos habitantes do nosso mundo. Vou deixar-vos tratar dos seus assuntos.

Mikhail retirou-se. Gabriel olhou para Elena, em silêncio, durante um momento, e depois, com um olhar de relance, convidou-a a sentar-se. Voltou a ocupar o seu lugar do outro lado da mesa e entrelaçou as mãos à sua frente. Eram escuras e suaves, com dedos

esguios e de articulações finas. As mãos de um músico, pensou Elena.

As mãos de um artista.

— Eu gostava de começar por lhe agradecer disse ele.

O quê?

— Ter tido a coragem de agir.

— Do que está a falar?

— Nós estamos aqui por sua causa, Elena. Nós estamos aqui porque você nos convocou.

— Mas eu não os convoquei. Eu não convoquei ninguém.

— É claro que convocou. Convocou-nos com a Olga Sukhova. E com o Aleksandr Lubin. E com o Boris Ostrovsky. Quer se tenha apercebido ou não disso, Elena, você enviou-os até nós. Mas só lhes deu uma parte da história. Agora, tem de nos contar o resto. Havia qualquer coisa no sotaque dele que ela não conseguia identificar ao certo. Era um poliglota, decidiu ela. Um homem sem raízes. Um homem que tinha vivido em muitos lugares. Um homem com muitos nomes. Para Quem você trabalha?

— Eu estou ao serviço de uma pequena agência que responde apenas perante o primeiro-ministro do Estado de Israel. Mas também há outros países envolvidos. As ações do seu marido provocaram uma crise internacional. E a resposta a essa crise também tem sido internacional.

— A Sarah também é israelense?

— Só em espírito. A Sarah é americana. Ela trabalha para a CIA.

E o Mikhail?

— Como provavelmente dá para perceber pelo russo perfeito de Mikhail, ele nasceu em Moscou. Saiu de lá quando era um rapazinho e mudou-se para Israel. Ele saiu da Rússia por causa de homens como o seu marido. E agora o seu marido anda a planejar vender armas muito perigosas a pessoas que juraram destruir-nos.

— O que vocês sabem?

— Muito pouco, infelizmente. Caso contrário, nós não lhe tínhamos posto a vida de pernas para o ar trazendo-a aqui hoje. Só sabemos que o seu marido fez um pato com o Diabo. E já matou duas pessoas para manter esse pato em segredo. E outras também vão morrer com certeza, a não ser que você nos ajude.

Esticou o braço e pegou-lhe na mão.

— Vai ajudar-nos, Elena?

— O que quer de mim?

— Quero que termine o que começou quando se combinou encontrar com a sua velha amiga Olga Sukhova. Quero que me conte o resto da história.

Oito quilômetros a leste de Saint-Tropez, o promontório rochoso conhecido como Pointe de l’Ay projeta-se desafiador para o Mediterrâneo. Na base do promontório, encontra-se uma pequena praia de areia fina, que passa frequentemente despercebida por não ter quaisquer boutiques, bares ou restaurantes. A moça com cabelo escuro até os ombros e cicatrizes na perna tinha escolhido com grande cuidado o lugar onde estava sentada, optando por uma pequena área de areia junto às rochas, com uma vista desimpedida para o mar. Tinha passado ali, protegida do sol por uma sombrinha, uma tarde agradável ainda que solitária, ora dando goles numa garrafa de plástico de água mineral, ora embrenhando-se nas páginas de um livro de bolso já gasto, ora espreitando para o mar através de uns binóculos Zeiss em miniatura, na direção do enorme iate a motor chamado October, que deambulava pelas águas calmas a uns cinco quilômetros da costa.

Às 15h15, ela reparou em qualquer coisa, nos movimentos do iate, que a fez sentar-se um pouquinho mais direita. Ficou a observá-lo durante mais um momento, para ter certeza de que a sua impressão inicial estava correta, e a seguir pousou os binóculos e tirou um PDA BlackBerry do seu saco de praia de lona. A mensagem

foi curta; o envio, rápido como um relâmpago. Dois minutos depois, guardou o aparelho no saco de praia outra vez e voltou a espreitar para o mar. O iate tinha terminado o seu passeio e estava naquele momento a dirigir-se para Saint-Tropez como uma fragata a avançar para a batalha a todo o vapor. A festa acabou um pouquinho cedo, pensou a moça, ao mesmo tempo que trocava os binóculos pelo livro de bolso. E logo num dia tão bonito.

CAPÍTULO 44

MACIÇO DE MAURES, FRANÇA

Elena começou por contextualizar o assunto, não só para benefício de Gabriel como também para o dela. Era Outono, disse. Novembro. Meados de Novembro, acrescentou, por uma questão de clareza. Ela e Ivan estavam a passar uns dias na dacha que tinham no campo, a norte de Moscou, um palácio feito de pinheiros e vidro, construído sobre os vestígios de uma dacha mais pequena, que tinha sido oferecida ao pai de Ivan pelo líder soviético Leonid Brejnev. Estava a nevar com grande intensidade. Uma neve russa forte, como o cair das cinzas de uma erupção vulcânica.

— Ivan recebeu um telefonema à noite, já tarde. Depois de desligar, disse-me que uns parceiros de negócios iam lá ter a casa dentro de poucas horas para uma reunião importante. Não identificou quem eram esses parceiros de negócios e eu sabia muito bem que não lhe devia perguntar. Durante o resto da noite, esteve

sempre nervoso. Ansioso. A andar de um lado para o outro. A amaldiçoar o tempo russo. Eu conhecia os sinais. Já tinha visto o meu marido assim, em estados de espírito desse gênero. Ivan fica sempre muito excitado antes de um grande baile.

— Baile?

— Peço desculpa, senhor Allon. Baile é uma das palavras de código que ele e os seus homens usam quando estão a falar de transações de armamento. “Temos de fazer os preparativos finais para o baile.” “Temos de reservar um salão para o baile.” “Temos de contratar uma banda para o baile.” “De quantas cadeiras vamos precisar para o baile?” “De quantas garrafas de vodka?” “De quanto caviar?” “De quantos pães escuros?” Não sei bem Quem pensam que enganam com essas parvoíces, mas a mim não é com certeza.

— E as visitas de Ivan chegaram a aparecer nessa noite? Tecnicamente, foi na madrugada seguinte. Às duas e meia da madrugada, para ser exata.

— E viu?

— Sim, vi.

Descreva-me a cena. Cuidadosamente, Elena. Os pormenores mais insignificantes podem ser importantes. Eram oito, ao todo, mais uma equipe de guarda-costas Ivan. O Arkady Medvedev também lá estava. O Arkady é o chefe do serviço de segurança do meu marido. Os guarda-costas costumam contar uma piada sobre o Arkady. Eles dizem que o Arkady é Ivan no seu pior dia.

E de onde é que era a delegação?

— Eles eram de África. Da África subsariana.

Ela conseguiu fazer um sorriso.

A área de especialidade da Sarah.

— De que país?

— Não sei dizer.

E esteve com eles?

— Nunca me é permitido estar com eles.

— E já tinha visto algum deles antes?

Não, só versões diferentes deles. Na verdade, eles são todos iguais. Falam línguas diferentes. Empunham bandeiras diferentes. Lutam por causas diferentes. Mas, no final de contas, são todos iguais.

E onde é que você estava enquanto eles estavam na dacha?

No andar de cima, no nosso quarto.

— E chegou a conseguir ouvir as vozes deles?

— Às vezes. O líder era um autêntico gigante. Era um barítono. A voz dele fazia vibrar as paredes. E tinha uma gargalhada que parecia um trovão.

— Elena é linguista. Se eles estavam a falar noutra língua europeia, qual é que diria que era?

— Francês. Sem dúvida, francês. Tinha aquele ritmo melodioso e cadenciado, sabe?

Primeiro, beberam, disse ela. Havia sempre bebidas pelo meio quando Ivan estava a planejar um baile. Quando as duras negociações começaram, os convidados já estavam bem lubrificados e Ivan não fez qualquer tentativa para controlar o volume das vozes deles, em especial, da voz do líder barítono. Elena começou a ouvir palavras e termos que reconhecia: AKs. RPCs. Morteiros. Tipos específicos de munição. Helicópteros de combate. Tanques. Passado pouco tempo, já estavam a discutir sobre o dinheiro. Preços de armas e sistemas específicos. Comissões. Subornos. Embalagem e transporte das mercadorias. Eu sabia o suficiente sobre as negociatas do meu marido para perceber que eles estavam a discutir um negócio de armas importantíssimo mais do que provavelmente, com uma nação africana que estava sob embargo internacional. Sabe, senhor Allon, são esses os homens que vão ter com o meu marido, homens que não podem comprar armas de forma legal, no mercado livre. É por isso que Ivan é tão bem-sucedido. Ele preenche uma necessidade muito específica. E é por isso que as nações mais pobres

da terra pagam preços amplamente inflacionados pelo armamento que utilizam para se chacinarem umas às outras.

— E estamos a falar de um negócio grande até que ponto?

— É daqueles que se medem em centenas de milhões de dólares.

Ela fez uma pausa e a seguir perguntou:

— Porque acha que Ivan nem pestanejou quando eu lhe pedi para ele me dar dois milhões e meio de dólares pelo seu Cassatt sem valor nenhum?

E quanto tempo é que esses homens ficaram na sua casa? Até ao início da manhã seguinte. Quando se foram finalmente embora, Ivan subiu até o nosso quarto. Sentia-se nos píncaros. Eu também já o tinha visto assim, em estados de espírito desses.

Era como uma sede de sangue. Ele enfiou-se na cama e violou-me Praticamente. Precisava de um corpo para saquear. De um corpo qualquer. Satisfez-se com o meu.

— E quando é que percebeu que esse negócio era diferente?

— Duas noites depois.

— O que aconteceu?

— Eu atendi um telefonema que não deveria ter atendido. E fiquei ouvindo muito tempo. Simples assim.

— Ainda estavam na dacha?

— Não, já tínhamos voltado a Zhukovka.

— E quem estava no outro lado da linha?

— Arkady Medvedev.

— E por que ele telefonou?

— Havia um problema com os preparativos finais para o grande baile.

— Que tipo de problema?

— Um problema grande. Um problema com mercadorias extraviadas.

Ivan tinha uma tradição que cumpria após grandes transações. A festança, como ele chamava. Uma noite na cidade oferecida aos clientes, com todas as despesas pagas, e quanto maior fosse o negócio, maior era a festa. Bebidas nos bares mais da moda. Jantar nos restaurantes mais na berra. Um último copo da noite com as moças mais bonitas que Moscou tinha para oferecer. E uma equipe de guarda-costas de Ivan a servir de acompanhantes, para garantir que não havia nenhum problema. A festança com a delegação africana foi uma coisa frenética. Começou às seis da tarde e prolongou-se, sem parar, até as nove da noite seguinte, quando se voltaram a enfiar por fim nas suas camas, no Hotel Ukraina, e ali caíram redondos.

— É uma das razões para Ivan ter tantos clientes que voltam a fazer negócio com ele. Trata-os sempre bem. Nada de atrasos, nada de perdas de estoque, nada de balas enferrujadas. Ditadores e senhores da guerra detestam balas enferrujadas. Eles dizem que o estoque de Ivan é sempre da mais alta qualidade, como as festas dele.

As festanças pós-transação serviam a outro propósito, além do estímulo à fidelidade do cliente. Permitiam que Ivan e seu serviço de segurança recolhessem informações sobre os clientes em momentos em que tinham as defesas comprometidas pelo álcool e outras ocupações recreativas. Dada a amplitude do negócio com a delegação africana, o próprio Arkady Medvedev juntou-se às celebrações. Cinco minutos depois de ter largado os africanos na Ucrânia, já estava ao telefone com Ivan.

— Arkady é um antigo homem do KGB. Como Ivan. Costuma ser calmo. Mas não naquela noite. Estava agitado. Era óbvio que tinha ouvido algo que não o tinha deixado satisfeito. Eu devia ter desligado, mas não consegui afastar o telefone do ouvido. Por isso, tapei o bocal e sustive a respiração. Acho que não respirei

sequer uma vez durante cinco minutos. Pensei que o coração arrebentaria meu peito.

— Como Ivan não percebeu que você também estava na linha?

— Suponho que tenhamos pegado extensões diferentes ao mesmo tempo. Foi sorte. Uma sorte estúpida e idiota. Se isso não tivesse acontecido, eu não estaria aqui agora. E você também não.

— E o que Arkady disse a Ivan?

— Disse que os africanos planejavam revender a terceiros parte da mercadoria do grande baile, com margem de lucro substancial. E que esses terceiros não eram o tipo habitual da ralé rebelde africana.

Baixou a voz e franziu o cenho para tentar dar uma expressão masculina à face.

— São os piores dos piores, Ivan — disse ela, imitando a voz de Arkady. — São aqueles que jogam aviões em prédios e explodem mochilas nos metrô da Europa, Ivan. Os que matam mulheres e crianças, Ivan. Os que cortam cabeças. Os que rasgam gargantas.

— A Al-Qaeda?

— Ele nunca usou esse nome, mas eu sabia de quem estava falando. Disse que era essencial que cancelassem essa parte do negócio porque a mercadoria em questão era demasiado perigosa para ser posta simplesmente nas mãos de qualquer pessoa. Podia haver um ricochete, disse ele. Um ricochete para a Rússia. Um ricochete para Ivan e a rede dele. E como Ivan reagiu?

— O meu marido não se sentiu impressionado por nenhuma das inquietações do Arkady. Bem pelo contrário. A mercadoria em questão era a parte mais lucrativa do negócio na sua globalidade. Em vez de tirar essa parte do negócio de cima da mesa, Ivan insistiu que, tendo em conta as novas informações, eles tinham de renegociar o acordo todo. Se os africanos planejavam uma revenda com lucro substancial, então Ivan queria a parte dele. Além disso, havia a

possibilidade de ganhar mais dinheiro com embalagem e transporte das mercadorias. Por que deixar que os africanos entreguem as armas?, perguntou ele. Nós mesmos podemos entregá-las e fazer centenas de milhares de dólares com isso. É assim que Ivan ganha grande parte do dinheiro dele. Tem a sua própria frota de carga. Pode depositar as armas em qualquer parte do mundo. Ele só precisa de uma pista mínima de aviação.

— Ivan suspeitou que você tivesse escutado o telefonema?

— Nunca fez nem disse nada que me fizesse pensar que sim.

— E houve mais algum encontro com os africanos?

— Eles foram à nossa casa em Zhukovka na manhã seguinte, depois de ficarem sóbrios. Não foi tão cordial como o primeiro encontro. Houve muita gritaria, principalmente por parte de Ivan. Meu marido não gosta de negociatas pelas costas. Provocam o pior dele. Disse aos africanos que sabia tudo sobre os planos deles. Disse-lhes que, a não ser que aceitassem dar-lhe a parte do negócio a que ele tinha direito, a mercadoria deixava de estar em cima da mesa. O gigante barítono ainda ripostou, aos berros, durante um bocado, mas acabou por ceder às exigências de mais dinheiro por parte de Ivan.

Na noite seguinte, antes de se enfiarem no avião para casa, houve mais uma festança, para celebrar o novo acordo. Os pecados tinham sido todos perdoados.

— A mercadoria em questão, como eles se referiram a ela?

— Chamaram de agulhas. Em russo, a palavra agulha diz-se igla. Penso que a designação no Ocidente para esse sistema de armamento seja SA-18. É uma arma antiaérea que se lança do ombro. Embora eu não seja uma especialista nessas matérias, pelo que sei a SA-18 é altamente preciso e extremamente eficaz. É uma das armas antiaéreas mais perigosas do mundo. Mas tem a certeza, Elena? Tem certeza de que eles utilizaram a palavra igla?

— Absoluta. E também tenho a certeza de que o meu marido não queria saber se centenas, ou talvez até mesmo milhares, de

peessoas inocentes podiam ou não morrer por causa dessas armas. Só estava preocupado em receber a sua parte do bolo. O que eu devia ter feito com informações deste tipo? Como eu podia ficar sentada em silêncio e não fazer nada?

— Então o que fez?

— O que eu podia fazer? Podia ir à polícia? Nós, russos, não vamos à polícia. Nós, russos, evitamos a polícia. Ir ao FSB? O meu marido é o FSB. A rede dele funciona sob a proteção e com a bênção do FSB. Se eu tivesse ido ao FSB, Ivan tinha sabido logo disso cinco minutos depois. E os meus filhos tinham crescido sem mãe.

As palavras dela ficaram ali a pairar por uns instantes, um lembrete desnecessário das consequências do jogo que eles estavam a jogar.

— Já que me era impossível ir às autoridades russas, eu tinha de descobrir outra maneira de dizer ao mundo o que meu marido estava a planejar fazer. Eu precisava de alguém em quem confiar. Alguém que pudesse expor os segredos dele sem revelar o fato de ser eu a fonte das informações. Eu conhecia uma pessoa assim; tinha estudado línguas com ela na Universidade Estatal de Leningrado. Depois da queda do comunismo, ela tinha-se tornado Uma jornalista famosa em Moscou. Penso que conhece o trabalho dela. Embora Gabriel se tivesse comprometido a ser leal com Elena, não tinha sido completamente sincero em relação a um aspeto do relatório que ela estava a fazer: não era o único a ouvir. Graças a um par de microfones, pequenos e ocultos, e a uma ligação por satélite protegida, a conversa deles estava a ser transmitida em direto para quatro pontos do globo: a Boulevard King Saul, em Tel Aviv, os quartéis-generais do MI5 e do MI6, em Londres, e o Centro de Operações Globais da CIA, em Langley, na Virgínia. Adrian Carter estava sentado no lugar habitual, o que estava reservado para o diretor do serviço clandestino nacional. Conhecido pelo seu comportamento tranquilo e indiferente em tempos de crise, Carter

parecia um pouco aborrecido com a emissão, como se estivesse a ouvir um programa entediante na rádio. No entanto, isso mudou quando Elena proferiu a palavra igla. Sendo alguém que falava russo, Carter não precisou de esperar pela tradução de Elena para compreender o significado da palavra. Como não se deu ao trabalho de ouvir o resto da explicação dela antes de pegar no telefone de uma linha de crise que apenas tocava na mesa do diretor.

— As flechas de Alá são verdadeiras — disse Carter. — É preciso que alguém avise a Casa Branca. Imediatamente.

CAPÍTULO 45

MACIÇO DE MAURES, FRANÇA

Mudaram de lugar e foram para o terraço. Era pequeno, atulhado de ervas e plantas em vasos e protegido do sol por um par de pinheiros mansos. Uma mata de oliveiras antiga desembocava num pequeno desfiladeiro e, do lado oposto da encosta, ficavam duas villas minúsculas que pareciam ter sido desenhadas pela mão de Cézanne. Algures, ao longe, uma criança estava a chorar pela mãe histericamente. Elena fez os possíveis por o ignorar, enquanto contava o resto da história a Gabriel. O almoço discreto com Olga Sukhova. O pesadelo do assassinato de Aleksandr Lubin em Courchevel. O esgotamento nervoso que quase tinha sofrido depois da morte de Boris Ostrovsky na Basílica de São Pedro.

— Desliguei-me do mundo lá fora. Deixei de ver televisão. Deixei de ler o jornal. Tinha medo, medo de ficar a saber que um avião tinha sido abatido, ou que mais um jornalista tinha morrido por causa de mim. À medida que o tempo foi passando, acabei por ser capaz de me convencer a mim própria de que aquilo nunca tinha acontecido realmente. Não havia nenhuns mísseis, disse a mim própria. Não havia nenhuma delegação de senhores da guerra que tivesse ido a minha casa comprar armas ao meu marido. Não havia nenhum plano secreto para desviar uma parte do carregamento para

os terroristas da Al-Qaeda. Aliás, não havia sequer nenhuns terroristas.

Tinha sido tudo um pesadelo. Uma confusão qualquer. Um embuste. Foi então que eu recebi um telefonema do meu amigo Alistair Leach acerca de um quadro da Mary Cassatt. E aqui estou eu.

Do outro lado da ravina, a criança continuava a berrar.

— Não há ninguém que seja capaz de ajudar aquela pobre criatura?

Olhou para Gabriel.

— Tem filhos, senhor Allon?

Ele hesitou, mas depois respondeu com sinceridade. Tinha um filho disse em voz baixa. Um terrorista pôs uma bomba no meu carro. Estava furioso comigo porque eu matei o irmão dele. A bomba explodiu quando a minha mulher e o meu filho estavam lá dentro.

— E a sua mulher?

— Sobreviveu.

Olhou, em silêncio, para o outro lado do desfiladeiro durante um momento.

De repente, tinha sido melhor que isso não tivesse acontecido. Demorei uns quantos segundos a tirá-la do carro. Sofreu queimaduras muito graves com a explosão.

Meu Deus, peço grande desculpa. Eu não devia...

Não faz mal, Elena. Já foi há muito tempo.

— Aconteceu em Israel?

— Não, não em Israel. Foi em Viena. Não muito longe da Catedral. Do outro lado da ravina, a criança calou-se de repente. Gabriel pareceu não se dar conta, já que todo o seu notável poder de concentração estava naquele momento focado numa determinada tarefa, a abertura de uma garrafa de rosé. Encheu um copo e entregou-o a Elena.

Beba um pouco. É importante que tenha um cheiro a vinho no hálito quando for para casa. Ivan vai estar à espera disso. Ela levou o copo aos lábios e ficou a ver os pinheiros a moverem-se ao sabor da brisa ligeira.

Como isto aconteceu? Como acabamos os dois juntos aqui neste lugar, você e eu?

— Você foi trazida até aqui por um telefone que não devia ter atendido. E eu fui trazido até aqui pelo Boris Ostrovsky. Eu era a razão pela qual ele foi até Roma. Estava a tentar avisar-me em relação a Ivan. Morreu nos meus braços antes de poder entregar a mensagem. Foi por isso que eu tive de ir até Moscou para me encontrar com a Olga.

— Estava com ela quando os assassinos a tentaram matar?

Ele assentiu com a cabeça.

— E como conseguiu escapar naquela escada sem ser morto?

— Talvez numa outra ocasião, Elena. Beba um pouco do vinho.

Precisa se sentir um pouquinho tocada quando for para casa.

Ela obedeceu e, a seguir, perguntou:

— Então, nas palavras de Lênin, agente glorioso da Revolução e pai da União Soviética, o que se há-de fazer? O que vamos fazer em relação aos mísseis que o meu marido colocou nas mãos de assassinos? Você deu-nos uma quantidade tremenda de informações. Se tivermos sorte muita sorte —, talvez sejamos capazes de os encontrar antes que os terroristas consigam levar a cabo o atentado.

Vai ser difícil, mas nós vamos tentar.

Tentar? O que quer dizer com isso? Vocês têm de os impedir.

— Não é assim tão fácil, Elena. Há tanta coisa que nós não sabemos.

Com que país africano é que o seu marido estava a negociar?

Os mísseis já foram enviados? Já chegaram às mãos dos terroristas?

Já é demasiado tarde?

As perguntas tinham sido retóricas, mas Elena reagiu como se tivessem sido dirigidas a ela.

— Peço desculpa afirmou. Eu sinto-me mesmo uma parva.

— Mas que razão é que pode haver para isso?

— Pensei que, ao informar-vos simplesmente do negócio, vocês fossem ter dados suficientes para encontrar as armas antes que elas Pudessem ser utilizadas. Mas o que eu consegui? Duas pessoas estão mortas. A minha amiga é uma prisioneira no próprio apartamento dela em Moscou. E os mísseis do meu marido continuam algum lugar por aí.

— Eu não disse que era impossível, Elena. Apenas que ia ser difícil. Do que mais precisam?

— Um rastro de documentos ia ajudar.

— O que isso quer dizer?

— Certificados com os destinatários finais dos artigos.

Faturas. Registros de envios. Documentos de trânsito. Registros bancários. Transferências de dinheiro. Qualquer coisa a que nós possamos deitar as mãos para seguir a pista da venda ou o curso da mercadoria. Ela ficou calada durante um momento. Quando finalmente falou, a sua voz praticamente não se ouvia devido ao som do vento a soprar pelo meio das copas das árvores.

— Acho que sei onde é que essas informações poderão estar disse.

Gabriel olhou para ela.

— Onde, Elena? Em Moscou.

— E está em algum lugar a que nós possamos chegar? Você não. Eu ia ter de o fazer por si. E ia ter de o fazer sozinha.

— O meu marido é um estalinista devoto. Não é coisa que, regra geral, ele reconheça, mesmo na Rússia.

Elena bebeu mais um pouco do rosé e, a seguir, levantou o copo bem alto, para o Sol que ia desaparecendo, para examinar a cor do vinho.

— O amor dele pelo Stalin influenciou as suas compras de imobiliário. Zhukovka, a área à saída de Moscou onde agora vivemos, foi em tempos uma aldeia restrita de dachas, reservada apenas para os membros mais importantes do Partido e para uns quantos cientistas e músicos especiais. O pai de Ivan nunca teve uma posição suficientemente alta para ter direito a uma dacha em Zhukovka e Ivan sempre guardou imenso rancor disso. Depois da queda da União Soviética, quando passou a ser possível que qualquer pessoa com dinheiro suficiente adquirisse lá propriedades, comprou um terreno que tinha sido da filha de Stalin. Também comprou um apartamento na Casa no Cais. Utiliza-o como pied-à-terre e tem lá um escritório. Também suponho que o utilize como um lugar para levar as amantes. Só lá fui umas quantas vezes. Está cheio de fantasmas, esse prédio. Os moradores dizem que, se escutarmos com atenção à noite, ainda conseguimos ouvir os gritos. Olhou, em silêncio, para Gabriel durante um momento. Conhece o prédio de que estou a falar, senhor Allon? A Casa no Cais?

— O prédio grande na Rua Serafimovicha com a estrela da Mercedes-Benz no topo do telhado. Foi construído para os membros mais importantes da nomenklatura, no início dos anos trinta. Durante o Grande Terror, o Stalin transformou-o numa casa de terror.

— É óbvio que fez o seu trabalho de casa.

Espreitou para dentro do copo.

— O Stalin assassinou praticamente oitocentos moradores desse prédio, incluindo o homem que vivia no apartamento do meu marido. Era um funcionário importante do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Os capangas do Stalin suspeitavam que ele era um espião ao serviço dos alemães e, por causa disso, foi levado para os

campos da morte em Butovo e assassinado a tiro. Ninguém sabe ao certo quantas das vítimas do Stalin estão lá enterradas. Há poucos anos, o governo entregou a propriedade à Igreja Ortodoxa e desde então têm andado a vasculhar os destroços cuidadosamente. Não há nenhum lugar mais triste na Rússia do que Butovo, senhor Allon. Viúvas e órfãos desfilam pelas valas, interrogando-se onde os maridos e pais poderão estar enterrados. Nós choramos as vítimas do Stalin em Butovo, enquanto homens como o meu marido pagam milhões pelos apartamentos deles na Casa no Cais. Só na Rússia.

— Onde é o apartamento?

— No nono andar, com vista para o Kremlin. Ele e o Arkady têm lá um guarda de serviço vinte e quatro horas por dia. As portas que dão para o escritório de Ivan têm uma camada exterior de madeira, mas por baixo são de aço à prova de bombas. A entrada faz-se através de um teclado na parede, com um scanner biométrico de impressões digitais. Só três pessoas é que têm o código e a autorização concedida pela impressão digital: Ivan, o Arkady e eu. Dentro do escritório, há um computador protegido por uma password. Ainda há mais uma caixa-forte, com um teclado e um scanner biométrico iguais, e com uma password e um mecanismo iguais. Os segredos todos do meu marido estão dentro dessa caixa-forte. Estão guardados em CDs com um software de codificação do KGB.

E deixam-na entrar no escritório?

— Em circunstâncias normais, só quando eu estou com Ivan. Mas, numa emergência, eu posso entrar sozinha.

Que tipo de emergência?

— Do tipo que podia acontecer se Ivan caísse em desgraça com os homens que se sentam do outro lado do rio, no Kremlin. Num cenário desses, sempre partiu do princípio de que ele e o Arkady seriam presos juntos. E caber-me-ia então a mim, disse ele,

garantir que os arquivos escondidos nessa caixa-forte nunca caíssem nas mãos erradas.

— E espera-se que os tire de lá?

Ela abanou a cabeça.

— O interior da caixa-forte está cheio de explosivos. Ivan mostrou-me onde é que o detonador estava escondido e ensinou-me a ativá-lo e a fazê-lo disparar. Assegurou-me que os explosivos tinham sido calibrados com todo o cuidado: apenas o suficiente para destruir o que está dentro da caixa-forte, sem causar mais nenhum dano.

— Qual é a password?

Ele utiliza a versão numérica do dia de anos do Stalin 21 de Dezembro de 1879. Mas a password só por si não serve para nada. Também precisa do meu polegar. E não pense em tentar criar alguma coisa que vá enganar o scanner. O guarda nunca vai abrir a porta a uma pessoa que não reconheça. Eu sou a única pessoa que pode entrar naquele apartamento e sou a única pessoa que pode entrar na caixa-forte.

Gabriel pôs-se em pé e foi até o parapeito baixo de pedra, na ponta do terraço.

— Não tem nenhuma forma de levar esses CDs sem que Ivan descubra. E, se ele o fizer, mata-a, como matou Aleksandr Lubin e o Boris Ostrovsky.

— Ele não vai poder matar-me se não conseguir encontrar-me. E não vai poder encontrar-me se você e os seus amigos me esconderem como deve ser.

Parou um instante para permitir que as palavras tivessem o seu impacto por inteiro.

— E as crianças, claro. Teriam de pensar numa maneira de pôr OS meus filhos bem longe de Ivan.

Gabriel virou-se devagar.

— Compreende o que está a dizer?

— Creio que durante a Guerra Fria nós nos referíamos a operações assim como deserções.

A sua vida, como a conhece, vai acabar, Elena. Vai perder as casas. Vai perder o dinheiro. Vai perder os seus Cassatt. Acabam-se os Invernos em Courchevel. Acabam-se os Verões em

Saint-Tropez. Acabam-se os passeios intermináveis para fazer compras em Knightsbridge. Nunca mais vai poder voltar a pôr os pés na Rússia. E vai passar o resto da vida a esconder-se de Ivan. Pense bem, Elena. Está mesmo disposta a desistir de tudo de maneira a poder-nos ajudar?

E do que eu estou a desistir exatamente? Sou casada com um homem que vendeu um punhado de mísseis à Al-Qaeda e que matou dois jornalistas de forma a manter isso em segredo. Um homem que me despreza tanto que não tem qualquer problema em trazer a amante para dentro da minha casa. A minha vida é uma mentira. Tudo o que eu tenho são os meus filhos. Eu vou arranjar-vos esses CDs e desertar para o Ocidente. Tudo o que vocês têm de fazer é pôr os meus filhos bem longe de Ivan. Prometa-me apenas que não lhes vai acontecer nada.

Estendeu o braço e agarrou-lhe o pulso. A pele dele ficou a arder, como se estivesse com febre.

— Com certeza que um homem que consegue falsificar um quadro da Mary Cassatt, ou organizar um encontro destes, consegue Pensar numa maneira de pôr os meus filhos bem longe do pai.

— Você foi capaz de perceber que era uma falsificação.

— Isso é porque sou boa.

— Vai ter de ser melhor do que boa para enganar Ivan. Vai ter de ser perfeita. E se não for, pode acabar morta.

— Sou de Leningrado. Eu cresci numa família do Partido. Eu sei como vencê-los no próprio jogo deles. Eu conheço as regras.

Apertou-lhe o pulso e olhou diretamente para os olhos dele.

— Você só tem de pensar numa maneira de me pôr outra vez em Moscou que não faça com que Ivan suspeite de alguma coisa.

— E depois temos de tirá-la de lá de novo. E tirar as crianças.

— Sim, isso, também.

Ele acrescentou mais vinho ao copo dela e sentou-se a seu lado.

— Soube que sua mãe não tem estado bem.

— Como soube disso?

— Temos escutado suas conversas telefônicas. Todas elas.

— Ela teve tonturas na semana passada. Tem implorado para ir lá.

— E talvez devesse ir. Afinal, uma mulher na sua posição talvez até quisesse passar algum tempo com a mãe, tendo em conta tudo o que o seu marido a fez passar.

— Sim, talvez até queira.

— E podemos confiar na sua mãe?

Ela despreza completamente Ivan. Nada a deixaria mais feliz do que eu deixá-lo.

— E ela agora está em Moscou?

Elena acenou com a cabeça.

— Nós a levamos para lá depois de meu pai morrer. Ivan comprou-lhe um apartamento lindo, num prédio novo na Kutuzovsky Prospekt, uma coisa de que ela guarda um imenso rancor.

Pensativo, Gabriel inclinou a cabeça ligeiramente para o lado.

— Eu vou precisar de uma carta. Vai ter de ser escrita pela sua própria mão. E também vai ter de incluir informações pessoais suficientes, sobre você e sua família, para fazer com que a sua mãe tenha certeza de que foi você que escreveu.

— E depois?

— Mikhail vai levá-la a casa, para seu marido. E você vai fazer o possível para esquecer que esta conversa aconteceu.

Nesse mesmo instante, numa escura sala de operações do Boulevard King Saul, em Tel Aviv, Ari Shamron tirou os fones da cabeça e lançou um olhar mortífero a Uzi Navot.

— Diga uma coisa, Uzi. Quando eu autorizei uma deserção?

— Não tenho certeza de que o tenha feito, chefe.

— Envie uma mensagem ao rapaz. Diga para estar em Paris amanhã à noite. Diga que eu gostaria de lhe dar uma palavrinha.

CAPÍTULO 46

MACIÇO DE MAURES, FRANÇA

— O que achou dele?

A voz falara-lhe em russo. Elena virou-se rapidamente e viu Mikhail parado junto às portas envidraçadas, de mãos nos bolsos e óculos de sol apoiados na testa.

É extraordinário respondeu ela. Para onde é que ele foi?

Mikhail fingiu que não tinha ouvido a pergunta.

— Pode confiar nele, Elena. Pode confiar-lhe a vida. E as vidas dos seus filhos.

Estendeu a mão.

— Preciso lhe mostrar umas quantas coisas antes de nos irmos embora.

Elena seguiu-o até a villa. Durante a sua ausência, tinham colocado na mesa de madeira rústica um banquete digno de dois amantes. A voz de Mikhail, quando ele falou, tinha um tom de intimidade de quarto de cama:

— Nós almoçamos, Elena. A comida estava à nossa espera na mesa, exatamente assim, quando chegamos. Lembre-se disso, Elena. Lembre-se do aspeto exato disso.

— E quando comemos? Antes ou depois?

— Antes respondeu ele, com um ligeiro sorriso de admiração. No início, você estava nervosa. Não tinha a certeza se queria ou não ir para a frente com isto. Descontraímos. Comemos comida boa, bebemos vinho bom. O rosé foi o toque final.

Ele tirou a garrafa do balde de gelo.

— É de Bandol. Muito frio. Como você gosta.

Serviu-lhe um copo e estendeu-o.

— Beba um pouquinho mais, Elena. É importante que tenha um hálito a vinho quando for para casa.

Ela aceitou o copo e levou-o aos lábios.

— Há mais uma coisa que precisa ver — disse Mikhail. — Venha comigo, por favor.

Conduziu-a até o maior quarto da villa e disse-lhe para se sentar na cama por fazer. Por ordem dele, tirou uma fotografia mental do conteúdo do quarto. A cômoda lascada. A cadeira de baloiço de verga. Os cortinados finos cobrindo a única janela. As duas reproduções de Monet pregadas em ambos os lados da porta do banheiro.

— Eu fui um perfeito cavalheiro. Fui tudo o que podia esperar e mais ainda. Não fui egoísta. Satisfiz todas as suas necessidades. Fizemos amor duas vezes. Eu quis fazer amor uma terceira vez, mas estava ficando tarde e você estava cansada.

— Espero não ter desapontado.

— Bem pelo contrário.

Ele entrou no banheiro, acendeu a luz e depois fez sinal para ela se aproximar. Quase não havia espaço para os dois. Os ombros deles roçaram um no outro enquanto ele falava: — Você tomou uma ducha quando terminamos. É por isso que não cheira como quem esteve fazendo sexo. Por favor, faça isso agora, Elena. Precisamos levá-la para casa, para perto do seu marido.

— Faço o que agora?

— Tome um banho, claro.

— Um banho de verdade?
— Sim.
— Mas nós não fizemos amor de verdade.
— É claro que fizemos. Duas vezes, na verdade. Eu queria fazê-lo uma terceira vez, mas estava ficando tarde. Entre no chuveiro, Elena. Molhe o cabelo um pouquinho. Borre a maquiagem. Esfregue o rosto com força para parecer que a beijaram. E use sabonete. É importante que vá para casa cheirando a um sabonete estranho.

Mikhail abriu as torneiras e saiu do banheiro discretamente. Elena tirou a roupa e enfiou-se na água.

CAPÍTULO 47

SAINT-TROPEZ, FRANÇA

Era a parte do dia de que Jean-Luc mais gostava: as tréguas entre o almoço e o jantar, quando se dava ao luxo de beber um pastis e preparava calmamente o plano de batalha para a noite. Ao percorrer a folha de reservas com os olhos, pôde logo perceber que iria ser uma noite árdua: um rapper americano com um séquito de dez pessoas, um político francês caído em desgraça e a sua nova noiva infantil, um xeque do petróleo de um dos emirados Dubai ou Abu Dhabi, Jean-Luc nunca se conseguia lembrar e um homem de negócios italiano, de reputação duvidosa, que se tinha escondido em Saint-Tropez por estar sob acusação em Milão. Mas naquele momento, pensou, a sala de jantar do Grand Joseph era um mar tranquilo de linho, cristais e pratas, imperturbado, não fossem os dois vagabundos espanhóis que estavam a beber sossegadamente ao fundo do bar. E o Audi vermelho descapotável estacionado em

frente à porta do restaurante, em violação de um decreto municipal muito antigo, já para não mencionar inúmeros editais divulgados publicamente pelo próprio Joseph.

Jean-Luc deu um gole no seu copo de pastis e olhou com mais atenção para os dois ocupantes do carro. O homem ao volante andava pelos trinta e poucos anos e trazia os obrigatórios óculos escuros italianos. Era atraente, de um modo vagamente eslavo, e parecia bastante satisfeito consigo próprio. Ao lado dele, estava uma mulher, vários anos mais velha, mas nem por isso menos atraente.

Tinha o cabelo escuro pesteadado de forma descuidada. E parecia que tinha dormido com o vestido. Amantes, concluiu Jean-Luc. Sem dúvida nenhuma. E, mais ainda, tinha a certeza de os ter visto no restaurante há bem pouco tempo. Os nomes iriam acabar por lhe vir à cabeça. Vinham sempre. Jean-Luc tinha esse gênero de memória. O casal falou mais um pouco, antes de se beijarem por fim e terminarem com qualquer dúvida que ainda persistisse sobre a maneira como tinham passado a tarde. Foi o beijo final, aparentemente, já que, passado um momento, a mulher estava sozinha na praça de pedras redondas, iluminadas pelo sol, e o Audi ia embora a toda a velocidade, como um carro de fuga a abandonar a cena de Um crime. A mulher ficou a vê-lo a desaparecer ao virar da esquina, depois deu meia-volta e dirigiu-se para a entrada do Grand Joseph. Foi então que Jean-Luc se apercebeu de que ela era, nem mais nem menos, Elena Kharkov, a mulher de Ivan Kharkov, o oligarca e folião russo. Mas onde estavam os guarda-costas dela? E por que razão tinha ela o cabelo mal-arranjado e o vestido amarrotado? E, em nome de Deus, por que razão estaria ela a beijar outro homem, num Audi vermelho no meio da Place de l'Hôtel de Ville?

Entrou no restaurante um instante depois, com as ancas a baloiçar com um pouco mais de vivacidade do que o habitual e a mala pendurada no ombro esquerdo. Bonsoir, Jean-Luc, cantarolou,

como se não houvesse nada fora do normal, e Jean-Luc retribuiu cantarolando Bonsoir como se não a tivesse visto a fazer respiração boca a boca ao rapazinho louro ainda nem trinta segundos antes. Pousou a mala em cima do balcão, abriu o fecho e, a seguir, tirou de lá o telemóvel e marcou um número com relutância. Após murmurar umas quantas palavras em russo, fechou a tampa do celular com um acesso de fúria repentino.

— Posso oferecer-lhe alguma coisa, Elena? — perguntou Jean-Luc

— Um pouco de Sancerre seria bom. E um cigarro, se tiver um.

— Posso arranjar o Sancerre, mas não o cigarro. É a nova lei. Acabaram-se os cigarros na França.

— Aonde o mundo vai parar, Jean-Luc?

— É difícil dizer.

Examinou-a enquanto bebia o pastis.

— Elena, você está bem?

— Nunca estive melhor. Mas esse vinho veio mesmo a calhar.

Jean-Luc serviu-lhe uma dose generosa de Sancerre num copo, o dobro da normal, e o pôs frente dela, no balcão. Ela estava a levar o copo aos lábios quando dois Mercedes pretos pararam abruptamente na praça, com os pneus a guinchar. Olhou por cima do ombro, franziu o sobrolho e largou uma nota de vinte em cima do balcão.

— Obrigado à mesma, Jean-Luc.

— É por conta da casa, Elena.

Pôs-se em pé, atirou a mala para o ombro e depois soprou-lhe um beijo e dirigiu-se para a porta de forma desafiadora, como um combatente pela liberdade a subir para uma guilhotina. Ao sair lá para fora, em direção à luz do sol, a porta de trás do primeiro carro foi subitamente aberta por uma qualquer força grande vinda do interior do automóvel e um braço grosso puxou-a rudemente para

dentro. A seguir, os carros avançaram aos solavancos, em uníssono, e desapareceram numa névoa escura. Jean-Luc ficou a observá-los a irem-se embora e depois olhou para o balcão e viu que Elena se tinha esquecido de levar o dinheiro. Enfiou-o no bolso e ergueu o copo, num brinde silencioso à coragem dela. Às mulheres, pensou.

A última esperança da Rússia.

A ausência prolongada e inexplicada do hóspede conhecido como Michael Danilov provocara a crise mais aguda que o Château de la Messardière tinha vivido durante todo o Verão. As equipas de busca tinham sido chamadas, os arbustos tinham sido remexidos e as autoridades tinham sido notificadas. E no entanto, no momento em que entrou com o carro na área de estacionamento do hotel, era evidente, pela expressão dele, que não fazia qualquer ideia da aflição que tinha causado. Entregou as chaves do carro ao empregado e avançou a passos largos para o hall de entrada, em mármore, onde a namorada, Sarah Crawford, bastante angustiada, o esperava ansiosamente. Quem testemunhou o soco confirmaria mais tarde a pureza do seu som. Foi dado pela mão direita dela e acertou-lhe em cheio na face esquerda. Por ter sido executado sem qualquer aviso ou preâmbulo verbal, apanhou o destinatário e as testemunhas completamente desprevenidos todos menos os dois homens da segurança, russos e empregados de um tal Ivan Kharkov, que estavam a beber vodka no canto mais distante do bar do hall. O homem louro não fez qualquer tentativa para pedir desculpas ou experimentar uma reconciliação. Em vez disso, enfiou-se novamente no Audi vermelho e seguiu em grande velocidade para o seu bar ao ar livre preferido no Velho Porto, onde ponderou a situação complicada em que se encontrava, com a ajuda de várias garrafas geladas de cerveja Kronenbourg. Nunca chegou a ver os russos a aproximarem-se; e mesmo que tivesse visto, nessa altura já não estava em condições de fazer alguma coisa. O ataque deles, como o de Sarah, iniciou-se sem aviso ou preâmbulo, embora os danos

infligidos tenham sido bem mais graves. Quando terminou, um empregado ajudou-o a levantar-se e preparou-lhe um saco com gelo para as feridas. Um gendarme aproximou-se para ver que confusão era aquela; recolheu um depoimento e quis saber se a vítima desejava apresentar queixa.

— O que lhes podem fazer? respondeu o homem louro.
Eles são russos.

Passou mais uma hora no bar, a beber bastante, por conta da casa, e depois voltou a enfiar-se no Audi vermelho e regressou ao hotel. Ao entrar no quarto, deu com as roupas espalhadas pelo chão e um epitáfio garatujado, em batom, de um lado ao outro do espelho da casa de banho. Deixou-se ficar no hotel durante mais um dia, a lambar as numerosas feridas, e a seguir entrou no carro à meia-noite e partiu a toda a velocidade para um destino desconhecido.

A gerência ficou bastante satisfeita por o ver ir-se embora.

TERCEIRA PARTE

A deserção

CAPÍTULO 48

PARIS

O TGV das 19h28, vindo de Marselha, entrou na Gare de Lyon, abrandando progressivamente a velocidade, dez minutos antes da hora prevista. Gabriel não achou isso surpreendente; os maquinistas franceses sindicalizados conseguiam sempre encurtar um pouquinho a viagem quando queriam chegar cedo a casa. Ao atravessar o hall deserto das chegadas com a sua mala pequena na mão, olhou para os tetos altos e abobadados da estação. Três anos antes, esse marco histórico de Paris tinha sido gravemente danificado por um bombista suicida. Poderia ter ficado reduzida a escombros se Gabriel não tivesse conseguido matar dois outros terroristas antes de eles poderem detonar os seus explosivos, um ato de heroísmo que tinha feito dele, por breves momentos, o homem mais procurado em toda a França.

Uma dúzia de táxis esperava na rua circular logo à saída da estação; Gabriel preferiu ir a pé até o Boulevard Diderot e apanhar lá um. A morada que deu ao taxista ficava a vários quarteirões de distância do seu verdadeiro destino, que era um pequeno prédio de apartamentos numa rua sossegada, perto do Bois de Boulogne. Seguro de não ter sido seguido, apresentou-se à porta e tocou à campainha do apartamento 4B. As fechaduras abriram de imediato;

Gabriel subiu as escadas e foi por ali fora velozmente, com os mocassins de camurça a não fazerem nenhum barulho ao pisarem a alcatifa já gasta. Ao chegar ao patamar do quarto andar, deu com a porta do apartamento entreaberta e o cheiro inconfundível a tabaco turco a pairar no ar. Encostou a ponta do dedo na porta e empurrou-a suavemente, mas o suficiente para a fazer deslizar para dentro nas suas dobradiças oleadas.

Tinham passado dois anos desde a última vez em que pusera pés naquele apartamento seguro e, no entanto, nada mudara: a mesma mobília monótona, a mesma alcatifa manchada, as mesmas cortinas completamente corridas, a tapar as janelas. Adrian Carter e Uzi Navot estavam a olhar para ele com curiosidade, sentados no recanto das refeições, como se tivessem acabado de partilhar uma piada privada que não queriam que ouvisse. Uns segundos depois, Ari Shamron entrou pela cozinha dentro, em passo decidido, com uma xícara e um pires equilibrados na mão e os seus óculos horríveis apoiados na careca, como os de um aviador. Trazia o uniforme habitual, calças cor de caqui e uma camisa clássica branca, com mangas arregaçadas até os cotovelos. Havia qualquer coisa no regresso ao terreno que nunca deixava de fazer maravilhas ao aspeto de Shamron mesmo que o terreno fosse um confortável apartamento no décimo sexto arrondissement de Paris e há algum tempo que não parecia tão em forma.

Parou por um momento, para olhar ferozmente para Gabriel e depois continuou a avançar para a sala de estar, onde havia um cigarro a arder num cinzeiro, em cima da mesa de café. Gabriel chegou lá uns segundos antes de Shamron e apagou-o apressadamente.

— O que pensas que estás a fazer? perguntou Shamron.
Tu não devias estar a fumar.

— Como eu posso deixar de fumar quando o meu agente mais eficiente anda a planejar entrar em guerra com a Rússia? Pousou a xícara e o pires na mesa de café e pôs-se a passear pela sala, furioso.

— Tinha autorização para combinar um encontro com Elena Kharkov e, se possível, recolher um depoimento sobre o que ela sabia sobre os negócios de armas ilícitas do marido. E desempenhaste essa tarefa de uma forma admirável. Na verdade, a tua operação esteve de acordo com as melhores tradições dos teus

serviços. Mas, já no fim, excedeste largamente a tua autoridade. Não tinha nenhum direito de discutir uma operação de arrombamento no coração de Moscou. Nem estavas autorizado a chegar a um acordo de modo a garantir a deserção da Elena Kharkov. Aliás, não tinhas nenhum direito de discutir sequer um assunto como o da deserção com ela.

— E o que eu devia ter feito, Ari? Dizer-lhe obrigado mas não, obrigado? Dizer-lhe que afinal de contas nós não estávamos realmente interessados em pôr as mãos nos segredos mais valiosos do marido?

— Não, Gabriel, mas ao menos podias ter consultado primeiro os teus superiores.

— Não havia tempo para consultar os meus superiores. Ivan estava a revirar Saint-Tropez inteira à procura dela. E o que achas que ele vai fazer se lhe tirares Elena e as crianças? Desfraldar a bandeira branca, render-se e desmantelar as redes dele?

Shamron respondeu à sua própria pergunta abanando a careca lentamente.

Ivan Kharkov é um homem poderoso com amigos poderosos. Mesmo que tu, de alguma forma, consigas ficar com Elena e com esses CDs e, na minha humilde opinião, isso continua a ser uma questão em aberto —, Ivan vai retaliar e retaliar com força. Os diplomatas vão ser expulsos em massa. As relações políticas já sensíveis entre Rússia e Ocidente vão ficar mais do que congeladas. E poderá haver também repercussões financeiras, repercussões de que o Ocidente não precisa numa hora de incerteza econômica global.

Sanções diplomáticas? Quando é que o grande Ari Shamron alguma vez deixou que a ameaça de sanções diplomáticas o impedissem de fazer o que estava certo?

— Mais vezes do que alguma vez vais saber. Mas eu não estou só preocupado com as consequências diplomáticas. Ivan

Kharkov já provou ser um homem de violência e vai ripostar contra nós de forma violenta se lhe roubares a mulher e os filhos. Ele tem acesso aos sistemas de armamento mais perigosos do mundo, além de agentes nucleares, biológicos e químicos. Não é preciso uma mente muito tortuosa para imaginar um cenário em que Ivan e os seus capangas ex-KGB pudessem colocar essas armas nas mãos dos nossos inimigos.

— Elas já estão respondeu Gabriel. Caso contrário, nós não estávamos aqui.

— E se eles espalharem uns quantos frascos de polônio por Tel Aviv? E se uns quantos milhares de inocentes morrerem em resultado disso? O que tu dirias então?

— Eu diria que o nosso trabalho é garantir que isso nunca aconteça. E lembrar-te-ia das tuas próprias palavras: que as nossas decisões nunca devem ser baseadas no medo, mas naquilo que corresponde aos interesses da segurança, a longo prazo, do Estado de Israel. E certamente que não estás a sugerir que não seja do nosso interesse eliminar Ivan Kharkov? Ele tem mais sangue nas mãos do que o Hezbollah, o Hamas e a Al-Qaeda juntos. E tem andado a comandar a lojinha dos horrores dele com a bênção, cooperação e proteção totais do Kremlin. Eu digo que devíamos deixar que os russos impusessem as sanções diplomáticas deles. E depois contra-atacamos, com força suficiente para os fazer sofrer.

Shamron espetou um cigarro no canto da boca e acendeu-o com o seu velho zippo. Gabriel olhou de relance para Navot e Carter. Estavam a olhar para outro lado, como se fossem testemunhas acidentais de uma discussão conjugal em público.

A tua intenção é reacenderes sozinho a Guerra Fria?

Shamron soprou um penacho de fumo para o teto.

— Porque é exatamente isso que estás a pedir que aconteça. Os russos já fizeram isso. E se Ivan Kharkov quiser fazer panelinha

com o resto dos psicopatas que nos querem fazer mal, então deixá-lo.

— Ivan não vai perseguir apenas Israel. Ivan vai perseguir-te a você e tudo o que te é importante.

Para que Adrian Carter não se perdesse, tinham estado a falar em inglês. Mas foi então que Shamron passou para hebraico e baixou o tom da voz em alguns decibéis.

— É mesmo isso que queres nesta fase da tua vida, meu filho? Outro inimigo determinado que te quer ver morto?

— Eu sei tomar conta de mim.

— Então e a tua nova mulher? Também sabes tomar conta dela?

A cada segundo de cada dia?

Shamron olhou em redor da sala, de um modo teatral. Não foi para aqui que trouxeste a Leah depois da bomba que rebentou na Gare de Lyon?

Recebendo o silêncio de Gabriel como resposta, Shamron insistiu: Os palestinos conseguiram chegar até a tua mulher não uma, mas duas vezes, Gabriel primeiro, em Viena, depois, quinze anos mais tarde, no hospital psiquiátrico onde a tinhas escondido na Inglaterra. Eram bons, os palestinos, mas são crianças comparados com os russos. Sugiro que tenhas isso presente antes de declarares uma guerra aberta contra Ivan Kharkov. Shamron pousou o cigarro no cinzeiro, convicto de que tinha triunfado, e pegou a xícara e no pires. Nas suas mãos, grandes I com manchas de fígado, pareciam peças de um conjunto de chá de brincar para crianças.

— Então e o Eichmann? perguntou Gabriel calmamente. Falara em hebraico, mas ainda assim, à menção do nome do assassino, a cabeça de Adrian Carter levantara-se um pouco, como um aluno que acorda depois de ter estado a dormir durante uma palestra enfadonha.

Então e o Eichmann o quê? respondeu Shamron teimosamente. Vocês consideraram as consequências diplomáticas antes de o arrancarem daquela parada de ônibus na Argentina? Claro que sim. Na verdade, nós debatemos imenso, e durante muito tempo, sobre se o devíamos ou não apanhar. Tínhamos medo que o mundo nos condenasse como sendo criminosos e raptos. Tínhamos medo que houvesse consequências graves às quais o nosso estado jovem e vulnerável não estivesse preparado para resistir.

— Mas lá acabaram por dar cabo desse sacana. E fizeram-no porque era a coisa mais correta a fazer, Ari. Porque era a coisa justa a fazer.

— Não tínhamos outra saída, Gabriel. Se tivéssemos pedido a extradição, os argentinos recusariam e avisariam Eichmann. E o perderíamos para sempre.

— Porque a polícia e os serviços de segurança o protegiam?

— Sim.

— Como o FSB e o Kremlin protegem Ivan. Ivan Kharkov não é Adolf Eichmann. Não pensei que fosse preciso explicar a diferença. Perdi grande parte da minha família nas mãos de Eichmann e dos nazistas. E você também. Sua mãe passou a guerra em Birkenau e carregou as cicatrizes até o dia em que morreu. E as carrega agora.

— Diga isso aos milhares que morreram nas guerras alimentadas pelas armas de Ivan.

— Vou revelar um pequeno segredo, Gabriel. Se Ivan parasse de vender armas aos senhores da guerra hoje, outra pessoa qualquer o faria amanhã.

Shamron levantou a mão na direção de Carter. — Quem sabe? Talvez até seu bom amigo Adrian. Ele e o governo dele despejaram armas no Terceiro Mundo sempre que isso convinha aos seus interesses. E nós também somos conhecidos por já ter vendido armas a alguns clientes bem atroz.

— Parabéns, Ari.

— Pelo quê?

— Por ter descido mais baixo do que nunca — respondeu Gabriel. — Acabou de comparar seu país ao pior homem do mundo para ganhar uma discussão.

Gabriel percebeu que a resistência de Shamron começava a enfraquecer. Decidiu aproveitar a vantagem antes que o velho guerreiro pudesse reforçar as defesas.

— Vou fazer isso, Ari, mas não posso fazer sem seu apoio.

Parou por um instante e depois acrescentou: — E sua ajuda.

— E agora quem está descendo mais baixo do que nunca?

— Aprendi com o mestre.

Shamron apagou o cigarro, calcando-o, e olhou para Gabriel por entre o que restava da fumaça.

— Já pensou ao menos onde vai instalá-la?

— Estava pensando em levá-la para o apartamento da Rua Narkiss para morar comigo e Chiara, mas a verdade é que não temos mesmo espaço para ela e as crianças.

Pela expressão severa, Shamron deixou bem claro que não tinha achado o comentário minimamente engraçado.

— Instalar Elena Kharkov em Israel está completamente fora de questão. Quando a Rússia permitiu enfim que seus judeus emigrassem para Israel, um grande número de russos não judeus entrou sorrateiramente no país com eles, incluindo várias figuras importantes do crime organizado. Pode ter certeza de que qualquer um deles estaria mais do que disposto a matar Elena, às ordens de Ivan.

— Nunca me passou pela cabeça fazê-la ficar em Israel, Ari. Ela teria de ir para a América.

— Largá-la no colo de Adrian? Sua solução é essa? Não estamos falando em instalar algum coronel do KGB, que está habituado a viver com o salário do governo. Elena Kharkov é uma

mulher extremamente rica. Ela se acostumou a um estilo de vida que poucos de nós conseguimos sequer imaginar. Vai tornar-se um problema. A maior parte dos desertores acaba por se tornar.

Shamron olhou para Adrian Carter, à procura de confirmação, mas Carter sabia muito bem que não devia se meter em disputa de família e manteve um silêncio digno de mandarim. Shamron tirou os óculos e limpou-os distraidamente na parte da frente da camisa.

— Neste momento, o bem-estar emocional, a longo prazo, de Elena e filhos é o menor dos problemas. A primeira coisa que tem a fazer é engendrar alguma forma de fazê-la voltar à Rússia, sozinha, sem que Ivan desconfie de nada.

Gabriel largou um envelope em cima da mesa de café.

— O que é isso? — perguntou Shamron.

— A passagem de volta de Elena.

Shamron voltou a pôr os óculos e tirou a carta de dentro do envelope. Não sentiu qualquer dificuldade em lê-la; o russo era uma das suas várias línguas. Quando terminou, enfiou novamente a carta no envelope, com cuidado, como se tentasse não deixar impressões digitais.

— Não é um mau começo, Gabriel, mas e em relação ao resto? Como vai conseguir pôr lá dentro desse apartamento sem que o serviço de segurança de Ivan dê o alarme? E como vai conseguir fazê-la sair do país em segurança depois de ela ter roubado esses CDs? E como vai manter Ivan ocupado enquanto sequestra seus filhos?

Gabriel sorriu. — Nós vamos roubar o avião dele.

Shamron largou a carta de Elena na mesa de café. — Continue a falar, meu filho.

Não demorou muito até que Shamron ficasse enfeitiçado por Gabriel. Ficou sentado na cadeira sem se mexer, com os olhos papudos meio fechados e os braços grossos cruzados no peito.

Adrian Carter sentou-se ao lado dele, com a cara ainda uma máscara inexpressiva e inescrutável. Incapaz de se proteger da invasão levada a cabo pelo fumo de Shamron, resolveu encher a sala com o seu e estava naquele momento a dar baforadas ritmadas num cachimbo que tresandava a folhas queimadas e a cão molhado. Gabriel e Navot estavam sentados ao lado um do outro no sofá, como jovens com problemas. Navot ia esfregando a marca viva no nariz, no lugar onde os óculos escolhidos por Bella apertavam.

No final da exposição de Gabriel, foi Carter quem falou primeiro. Fê-lo depois de martelar com o cachimbo na borda do cinzeiro, como um juiz a tentar impor a ordem num tribunal indisciplinado. Eu nunca achei que tivesse quaisquer conhecimentos profundos sobre os franceses, mas, tendo em conta a nossa última reunião, estou convencido de que eles vão entrar no jogo e cooperar com vocês. Lançou um olhar a Shamron, como que a pedir-lhe desculpas, por saber que ele detestava a utilização de metáforas tiradas de esportes americanos quando se discutiam pormenores sensíveis de operações.

— A lei francesa concede uma grande latitude aos serviços de segurança, em especial quando lidam com estrangeiros. E os franceses nunca foram adversos a tornar essas regras um pouquinho mais latas ainda quando isso lhes serve os seus propósitos.

— Eu não gosto de trabalhar com os serviços franceses — respondeu Shamron. — Eles me irritam.

— Eu ofereço-me para ser o principal elo de ligação nesta operação, Ari. Graças ao Gabriel, eu e os franceses temos uma espécie de relação.

Os olhos de Shamron deslocaram-se para Gabriel. Suponho que não tenho de perguntar Quem vai servir de acompanhante da Elena.

— Ela não o vai fazer a não ser que eu vá com ela.

— Como eu sabia que a tua resposta ia ser essa?

Carter estava a recarregar o cachimbo com toda a calma. Ele pode entrar com o passaporte americano dele. Os russos não se iam atrever a tocar-lhe.

— Suponho que isso dependa do tipo de russos de que estás a falar, Adrian. Há de todos os tipos. Primeiro, tens os teus bandidos corriqueiros do FSB, como os que o Gabriel encontrou em Lubyanka. Depois, há os bandidos privados que trabalham para pessoas como Ivan. E duvido muito que eles se sintam intimidados por um passaporte, mesmo sendo americano. O olhar de Shamron deslocou-se de Carter para Gabriel. Preciso te lembrar, Gabriel, que o teu amigo Sergei deixou bastante claro que sabiam exatamente Quem tu eras e o que te ia acontecer se voltasses a pôr os pés na Rússia? Eu só vou aproveitar a boleia. Elena é que é a protagonista. Tudo o que ela tem de fazer é entrar na Casa no Cais, agarrar nos arquivos de Ivan e voltar a sair.

— E o que poderia correr mal num plano como esse? — perguntou Shamron, sardônico, sem se dirigir a ninguém em particular. — Quantos de seus corajosos companheiros pretende levar com você nessa aventura?

Gabriel enumerou uma lista de nomes.

— Podemos fazê-los entrar como integrante da tripulação e comissários de bordo da El Al. E depois saímos todos juntos de Moscou, de avião, quando tudo tiver terminado.

Adrian Carter dava baforadas no cachimbo e acenava com a cabeça lentamente. Shamron tinha retomado a pose de Buda e olhava fixamente para Navot, que retribuía o olhar fixo.

— Vamos precisar da aprovação do primeiro-ministro — disse Shamron.

— O primeiro-ministro vai fazer o que você lhe disser para fazer — respondeu Gabriel. — Faz sempre.

— E que Deus nos ajude a todos se nós lhe criarmos um novo escândalo.

O olhar penetrante de Shamron oscilou entre Navot e Gabriel, mais de uma vez.

— E os meninos gostariam de tratar disso sozinhos ou querem supervisão adulta? É que eu já fiz isso uma ou duas vezes.

— Nós adorariíamos ter sua ajuda — respondeu Navot. — Mas tem certeza de que a Gilah não vai se importar?

— Gilah? — respondeu Shamron, encolhendo os ombros. — Eu acho que a Gilah bem precisa de uns dias de descanso. Vocês podem ter dificuldade em acreditar nisso, mas não é lá muito fácil viver comigo.

Gabriel e Navot começaram imediatamente a rir. Adrian Carter mordeu a haste do cachimbo com força, numa tentativa de sufocar o impulso para se juntar a eles, mas, alguns segundos depois, também já se contorcia de riso.

— Divirtam-se a minha custa — murmurou Shanron. — Um dia, vocês também vão ser velhos.

CAPÍTULO 49

PARIS

O planejamento para valer começou na manhã seguinte quando Adrian Carter regressou à residência para convidados do Estado com gradeamento a toda a volta, junto à Avenue Victor Hugo. Como Carter tinha antecipado, as negociações correram suavemente, e pelo final da tarde, o DST, os serviços de segurança internos franceses, tinha assumido o controle formal da vigilância a Kharkov. As tropas de Gabriel, exaustas depois de quase duas semanas de trabalho constante, partiram imediatamente para Paris todos excepto Dina Sarid, que ficou na villa à saída de Gassin para ser os olhos e os ouvidos de Gabriel no sul.

Rapidamente se tornou evidente, tanto para o DST como para quase toda a gente em Saint-Tropez, que uma atmosfera depressiva se tinha instalado na Vila Soleil. Já não havia mais festas na piscina enorme, já não havia mais viagens diurnas, e regadas a álcool, a bordo do October e o nome Kharkov já não adornava as listas de reservas dos restaurantes de luxo de Saint-Tropez. De fato, nos três primeiros dias de vigilância francesa, Ivan e Elena nem sequer foram vistos. Apenas os filhos, Anna e Nikolai, se aventuraram para lá dos muros da vila, uma vez, para irem a um parque de diversões nos arredores da cidade e, uma segunda vez, para visitarem a praia de Pampelonne, onde passaram duas infelizes horas, na companhia de Sonia e dos guarda-costas russos bronzeados, antes de exigirem que os levassem outra vez para casa.

Como o DST estava a operar em terreno próprio, tinha uma grande facilidade em apanhar os boatos que fervilhavam pelos bares e cafés. De acordo com um rumor, Ivan estava a planejar pôr a vila à venda e depois fazer-se ao mar para curar o orgulho ferido. De acordo com outro, estava a planejar submeter Elena a um divórcio russo e deixá-la a pedir kopeks, como esmola, no metrô de Moscou. Havia um rumor de que ele lhe tinha batido e a tinha deixado cheia de nódoas negras. Um rumor de que ele a tinha drogado e enviado para a Sibéria. Havia até um rumor de que ele a tinha matado com as próprias mãos e largado o corpo dela bem no alto dos Alpes Marítimos.

No entanto, todas essas especulações terminaram quando Elena foi avistada a passear pela Rue Gambetta, ao pôr do Sol, sem quaisquer sinais de traumatismos físicos ou emocionais. Ivan não a acompanhava, mas vários guarda-costas faziam-no. Um vigia do DST descreveu o serviço de segurança como presidencial, tanto em tamanho como em intensidade.

No pequeno apartamento no décimo sexto arrondissement de Paris, os acontecimentos no sul foram tomados como a confirmação

de que a fase da operação conhecida como a pequena mentira para esconder a grande tinha corrido na perfeição. Sem que os vizinhos se apercebessem, o apartamento era nessa época uma colmeia de intensa atividade silenciosa. Havia fotos e relatórios de vigilância colados nas paredes, um mapa de Moscou em escala grande, com bandeiras e alfinetes e percursos marcados a vermelho, e um quadro preenchido com a caligrafia elegante e em hebraico, feita com a mão esquerda, de Gabriel. No início da preparação, Shamron parecia estar satisfeito por desempenhar o papel de eminência parda. Mas à medida que o tempo se ia encurtando e a sua paciência diminuindo, começou a reivindicar protagonismo de uma maneira que poderia ter provocado ressentimentos noutros homens que não Gabriel e Uzi Navot. Eles eram como filhos para Shamron e, portanto, estavam habituados às suas explosões belicosas. Ficaram a ouvir quando outros agentes poderiam ter tapado os ouvidos e aceitaram conselhos que outros poderiam ter descartado apenas por uma questão de orgulho. Mas, acima de tudo, pensou Adrian Carter, eles pareciam prezar a oportunidade de estar uma vez mais no terreno com a lenda.

E o próprio Carter também.

Durante a maior parte do tempo, eram como que prisioneiros do apartamento, mas, uma vez por dia, Gabriel levava Shamron até a rua para passearem pelos trilhos do Bois de Boulogne. Nessa época, o calor mais desumano do verão já tinha passado, e aquelas tardes de agosto em Paris eram suaves e agradáveis. Gabriel implorou a Shamron que não fumasse, mas em vão. E também não o conseguiu convencer a abandonar, nem que fosse por uns instantes apenas, a sua obsessão por saber todos os pormenores da operação. Sozinhos no parque, ele dizia a Gabriel coisas que não se atrevia a dizer em frente de Navot ou dos outros membros da equipe. As preocupações que o atormentavam. As questões não respondidas e as dúvidas não resolvidas. Até mesmo os seus medos. Na última saída juntos,

Shamron estava taciturno e distraído. Nos Jardins Bagatelle, saíram-lhe palavras que Gabriel nunca tinha ouvido na noite anterior a uma operação, palavras que eram um aviso em relação à possibilidade de um falhanço.

— Tem que se preparar para a hipótese de ela não conseguir sair daquele prédio. Estabeleça um tempo, mais um período extra de cinco minutos. Mas se ela não sair, quer dizer que foi apanhada. E se for apanhada, pode ter certeza de que Arkady Medvedev e seus capangas vão sair à procura de cúmplices. Que Deus o impeça, mas se cair nas mãos deles, não há nada que possamos fazer por ela. Nem pense em entrar naquele edifício atrás dela. Sua primeira responsabilidade é para com você mesmo e sua equipe.

Gabriel caminhou em silêncio, com as mãos nos bolsos do jeans e os olhos sempre em movimento. Shamron continuou a falar, com a voz a soar como o bater de tambores distantes: Ivan e os aliados deles do FSB deixaram-te sair vivo da Rússia uma vez, mas podes ter certeza que isso não vai acontecer novamente. Joga segundo as regras de Moscou e não te esqueças do Décimo Primeiro Mandamento. Não deverás ser apanhado, Gabriel, mesmo que isso signifique deixar Elena Kharkov para trás. Se ela não sair daquele prédio a tempo, tem que ir embora. Compreende o que estou dizendo?

— Compreendo.

Shamron parou de andar e segurou com as duas mãos o rosto de Gabriel, com uma força inesperada.

— Eu já destruí sua vida uma vez, Gabriel, e não vou permitir que isso aconteça novamente. Se alguma coisa correr mal, vá para o aeroporto e pegue aquele avião.

Voltaram para o apartamento, em silêncio, à tênue luz do final da tarde. Gabriel espreitou para o relógio. Eram quase cinco horas. A operação estava prestes a começar. E nem mesmo Shamron a podia já parar.

CAPÍTULO 50

MOSCOU

Passavam alguns minutos depois das sete em Moscou quando o telefone do apartamento de Svetlana Federov, na Kutuzovsky Prospekt, tocou suavemente. Na hora, ela estava sentada na sala, vendo outro discurso do presidente russo transmitido pela televisão, e ficou satisfeita com a interrupção. Calou-o com o controle remoto. Meu Deus, se fosse tão fácil, e levantou o receptor, aproximando-o vagarosamente do ouvido. A voz do outro lado da linha foi imediatamente familiar: Pavel, o repugnante porteiro da noite. Parecia que ela tinha uma visita.

— É um cavalheiro — acrescentou Pavel com a voz carregada de significado.

— E tem nome?

— Diz que se chama Feliks.

— Russo?

— Se é, há muito tempo que não mora aqui.

— E o que ele quer?

— Diz que tem uma mensagem. Diz que é um amigo de sua filha.

Eu não tenho nenhuma filha, pensou ela, rancorosa. A mulher a quem eu costumava chamar filha me deixou morrer sozinha em Moscou enquanto anda farreando pela Europa com o marido oligarca. Estava sendo excessivamente dramática, claro, mas, na sua idade, tinha direito.

— Como ele é?

— Parece um monte de roupas velhas. Mas tem flores e chocolates. Chocolates Godiva, Svetlana. Os seus preferidos.

— Ele não é um gângster nem um estuprador, é, Pavel?

— Não me parece que seja.

— Então manda-o subir.

— Já vai.

— Espere, Pavel.

— O quê?

Ela olhou para o roupão velho.

— Peça para esperar cinco minutos. Depois mande subir.

Desligou o telefone. Flores e chocolates... Ele podia parecer um monte de roupa deitada fora, mas pelos vistos ainda era um cavalheiro. Foi até a cozinha e pôs-se à procura de qualquer coisa que fosse apropriada para servir. Não havia doces nem bolos na despensa, apenas uma lata de biscoitos ingleses para o chá, uma lembrança da última viagem medonha a Londres para ir ver Elena. Dispôs uma dúzia de biscoitos num prato, com todo o cuidado, e pousou-o em cima da mesa da sala de estar. No quarto, trocou rapidamente o roupão por um vestido estival. Em frente ao espelho, conseguiu ajeitar minimamente o cabelo cinzento e frágil e olhou com tristeza para a cara. Não havia nada a fazer a esse respeito. Demasiados anos, pensou. Demasiados desgostos.

Estava a sair do quarto quando ouviu o tinido da campainha. Ao abrir a porta, deparou-se com a visão de um homem pequeno e de aspeto estranho, dos seus sessenta e poucos anos, com cabelo fino e os olhos pequenos e rápidos de um terrier. A roupa, como tinha sido anunciado, estava amarrotada, mas parecia ter sido escolhida com considerável cuidado. Havia qualquer coisa de antiquado nele. Qualquer coisa pertencente a uma era já passada. Parecia que podia ter saído de um velho filme a preto-e-branco, pensou ela, ou de um café de São Petersburgo durante os dias da revolução. Os seus modos eram tão datados como o aspeto que tinha. O seu russo,

apesar de fluente, soava como se não tivesse sido usado durante muitos anos. Não era com certeza moscovita; na verdade, ela até duvidava de que ele fosse sequer russo. Se alguém a tivesse posto à prova, teria dito que era judeu. Não que tivesse alguma coisa contra os judeus. Era possível que ela própria fosse um pouco judia.

— Espero que não seja uma hora inconveniente — disse ele.

— Só estava vendo televisão. O presidente fazia um discurso importante.

— Oh, sério? E sobre o quê?

— Não tenho certeza. São todos iguais.

O visitante entregou-lhe as flores e os chocolates.

— Tomei a liberdade. Sei o quanto adora trufas.

— E como sabia isso?

— Elena me contou, claro. Elena contou muita coisa sobre a senhora.

— E como conhece minha filha?

— Sou um amigo, Sra. Federov. Um amigo de confiança.

— Ela mandou-o aqui?

— Correto.

— E por quê?

— Para conversar com a senhora sobre um assunto importante.

Baixou a voz.

— Um assunto que tem a ver com o bem-estar de Elena e das crianças.

— Elas correm algum perigo?

— Seria realmente melhor se falássemos em particular, senhora Federov. É um assunto extremamente delicado.

Ela olhou para ele com desconfiança um longo momento, e por fim desviou-se, dando um passo para o lado. Ele passou por ela sem um som, seus passos silenciosos no chão de azulejos. *Como se*

estivesse flutuando, pensou ela com um arrepio, enquanto fechava a porta com a corrente. Como um fantasma.

CAPÍTULO 51

GENEBRA

Diz-se que os viajantes que se aproximam de Genebra, vindos de comboio de Zurique, ficam frequentemente tão subjugados com a beleza da cidade que atiram os bilhetes de regresso pela janela fora e prometem nunca mais partir. Ao vir de carro de Paris, e ainda por cima chegando a meio de uma noite de Agosto mortíça, Gabriel não sentiu nenhuma compulsão desse gênero. Sempre achara que Genebra era uma cidade fascinante mas tremendamente aborrecida. Em tempos, um lugar de fervor calvinista, as finanças tinham passado a ser a única religião da cidade e os banqueiros e os homens do dinheiro eram os seus novos padres e arcebispos.

O seu hotel, o Métropole, ficava perto do lago, mesmo em frente ao Jardin Anglais, do outro lado da rua. O gerente da parte da noite, um homem minúsculo, de roupa imaculada e feições inexpressivas, entregou-lhe uma chave eletrônica e informou-o de que a mulher dele já se tinha registrado e estava lá em cima à sua espera. Encontrou-a sentada numa poltrona de orelhas junto à janela, com as pernas compridas apoiadas no parapeito e o olhar focado no Jer d'Eau, o imponente jato de água no centro do lago. O uniforme da El Al dela, muito bem engomado, estava pendurado no varão do armário. Luzes de velas refletiam suavemente na superfície prateada das campânulas dos aquecedores de comida dispostos numa mesa de serviço de quarto para dois. Gabriel tirou uma garrafa gelada de Chasselas do balde de gelo e serviu-se de um copo.

— Esperava-te há uma hora.

— O trânsito à saída de Paris estava um horror. O que há para jantar?

Galinha Kiev respondeu ela, sem ponta de ironia na voz. Continuava com os olhos focados no jato de água, que naquela hora já estava vermelho devido às luzes coloridas dos holofotes.

A manteiga provavelmente já está solidificada.

Gabriel colocou a mão em cima de um dos aquecedores de comida.

— Está ótima. Posso servir-te um pouquinho de vinho?

— Eu não devia. Pedi para me acordarem às quatro da manhã. Vou fazer o voo da manhã de Genebra para Ben-Gurion e depois o voo da tarde de Ben-Gurion para Moscou.

Olhou para ele pela primeira vez.

Sabes, acho que é possível que as hospedeiras da El Al acabem por dormir ainda menos do que os agentes do Escritório. Ninguém dorme menos do que um agente do Escritório.

Encheu-lhe um copo de vinho.

— Bebe um pouco. Dizem que é bom para o coração.

Ela aceitou o copo e levantou-o em direção a Gabriel. Feliz aniversário, querido. Hoje fazemos cinco meses de casados.

Deu um gole no vinho.

— Lá se vai a nossa lua de mel na Itália.

— Cinco meses não são um aniversário de verdade, Chiara.

— Claro que são, meu pateta.

Ela olhou outra vez para o jato de água.

— Estás zangada comigo por eu ter chegado tarde para jantar, Chiara, ou há outra coisa qualquer que te esteja a incomodar? Estou zangada com você porque não me apetece ir para Moscou amanhã.

— Então não vá.

Ela atirou-lhe um olhar aborrecido e depois voltou a desviar os olhos para o lago.

— O Ari deu-te várias oportunidades para te desligares deste caso, mas tu resolveste insistir. Normalmente, é ao contrário. Normalmente, o Shamron é que faz a pressão e tu é que teimas em recusar. Porquê agora, Gabriel? Depois de tudo aquilo por que já passaste, depois de todas as lutas e mortes, porque havias de preferir fazer um trabalho deste em vez de ficares escondido do mundo comigo numa villa isolada da Úmbria? Não é justo pões as coisas nesses termos, Chiara. Claro que é. Disseste-me que ia ser um trabalho simples. Ias encontrar-te com um jornalista russo em Roma, ouvir o que ele tinha para dizer, e não ia haver mais nada além disso. E não ia haver mais nada além disso, se ele não tivesse sido assassinado.

Então vais fazer isto pelo Boris Ostrovsky? Estás a arriscar a tua vida, e a da Elena, porque te sentes culpado pela morte dele?

— Vou fazer isso porque temos de encontrar aqueles mísseis.

— Está fazendo isso, Gabriel, porque quer destruir Ivan.

Claro que quero destruir Ivan.

— Bom, pelo menos estás a ser honesto. Vê mas é se não te esqueces de não te destruíres a você mesmo pelo caminho. Se lhe tiras a mulher e os filhos, ele vai persegui-los até os confins da terra. E a nós, também. Se nós tivermos muita sorte, esta operação talvez esteja acabada daqui a quarenta e oito horas. Mas a tua guerra com Ivan vai estar apenas a começar.

— Nós devíamos comer, Chiara. Afinal de contas, é o nosso aniversário.

Ela olhou para o relógio.

— É muito tarde para comer. Essa manteiga ia direitinha às minhas ancas.

— Eu próprio estava a planejar uma manobra semelhante.

— Promessas, promessas.

Bebeu um pouco mais de vinho.

— Gostou de voltar a trabalhar com Sara?

— Não vai começar com isso outra vez, não?

— Que fique registrado no processo, Meritíssimo, que a testemunha se recusou a responder à pergunta.

— Sim, Chiara, eu gostei realmente de voltar a trabalhar com Sara. Ela desempenhou as funções de uma forma admirável e com grande profissionalismo.

— E continua a adorar você?

— Sarah sabe que não estou disponível. E a única pessoa que ela adora ainda mais do que a mim és você.

— Então admite isso?

— Admito o quê?

— Que ela adora você.

— Oh, pelo amor de Deus! Sim, a Sarah sentiu alguma coisa por mim no passado, alguma coisa que veio à tona no meio de uma operação muito perigosa. Acontece que eu não compartilho desses sentimentos porque estou loucamente apaixonado por você. Provei isso, espero, ao me casar com você em grande estilo, posso acrescentar. Se a memória não me falha, Sarah estava lá assistindo.

— Provavelmente, esperava que você me abandonasse embaixo do chuppah.

— Chiara.

Pegou o rosto dela com as mãos e beijou-a na boca. Os lábios dela estavam frios e tinham o sabor do Chasselas.

— Isso vai estar acabado em quarenta e oito horas. Poderemos voltar para a Itália e ninguém, nem sequer Ivan, nos encontrará lá.

— Ninguém a não ser Shamron.

Ela beijou-o de novo.

— Pensei que você estivesse planejando uma manobra que tinha alguma coisa a ver com meus quadris. Você tem um dia muito comprido amanhã.

— Põe a mesa lá fora, no corredor, Gabriel. Não consigo fazer amor num quarto que cheira a Galinha Kiev.

Mais tarde, ela adormeceu nos braços dele, com o corpo em desassossego e a cabeça atormentada por sonhos. Gabriel não dormiu Gabriel nunca dormia na noite anterior a uma operação. As 3h59, ligou para a recepção para avisar que o serviço de despertar já não iria ser necessário e acordou Chiara suavemente, com beijos na parte de trás do pescoço. Ela fez amor com ele uma última vez, implorando-lhe o tempo todo que enviasse outra pessoa a Moscou em vez dele. Às cinco da manhã, saiu do quarto, vestida com o seu uniforme impecavelmente engomado da El Al, e dirigiu-se para o hall de entrada, onde Rimona e Yaakov estavam à espera com o resto da tripulação. Da janela do quarto, Gabriel ficou a vê-los a entrar num ônibus que ia direto até o aeroporto, e ali continuou bastante tempo depois de eles terem partido. Tinha o olhar focado nas nuvens que anunciavam uma tempestade e que se iam juntando por cima dos picos das montanhas ao longe. Estava a pensar numa velha, num apartamento em Moscou, a esticar o braço para pegar num telefone, com Eli Lavou, o homem que ela conhecia apenas como Feliks, a lembrar-lhe as deixas com toda a calma.

CAPÍTULO 52

VILLA SOLEIL, FRANÇA

Tinham conseguido chegar a umas tréguas periclitantes. Tinham sido necessárias setenta e duas horas. Setenta e duas horas de gritaria. Setenta e duas horas de ameaças de divórcio litigioso. Setenta e duas horas de um interrogatório em permanente recomeço. Como todos aqueles que foram traídos, ele exigiu que lhe fossem contados todos os pormenores. Primeiro, ela tinha resistido, mas, face ao ataque fulminante de Ivan, tinha acabado por se render. Foi

cedendo a informação lentamente, aos poucos. A viagem de carro até as colinas. O almoço que estava à espera em cima da mesa. O vinho. O quartinho pequeno, com as reproduções pirosas de Monet. O seu baptismo de ducha. Ivan exigira saber quantas vezes tinham feito amor. Duas confessou ela. Ele quis fazê-lo uma terceira vez, mas eu disse-lhe que tinha de me ir embora.

As previsões de Mikhail tinham-se revelado certas; a fúria de Ivan, apesar de grande, diminuía rapidamente quando percebeu que tinha sido ele próprio o culpado de toda aquela trapalhada. Enviou uma equipe de guarda-costas até Cannes para expulsar Yekatarina da suíte do Hotel Carlton e depois começou a inundar Elena com desculpas, promessas, diamantes e ouro. Elena pareceu aceitar esses atos de contrição e fez ela própria vários. O assunto estava finalmente encerrado, declararam em conjunto, durante um jantar na Vila Romana. A vida podia regressar à normalidade.

Muitos dos gestos de Ivan eram sem dúvida vazios de sentido. Muitos outros não eram. Passou menos tempo a falar ao celular e mais tempo com as crianças. Manteve os amigos russos à distância e cancelou uma festa de anos grandiosa que tinha andado a planejar para um companheiro de negócios de quem Elena não gostava. Trazia-lhe o café todas as manhãs e lia os jornais na cama em vez de ir a correr para o escritório trabalhar. E quando a mãe dela ligou naquela manhã às sete horas, não fez as caretas que costumava fazer, passando antes o telefone Elena com uma expressão de genuína preocupação no rosto. A conversa que se seguiu foi breve. Ela desligou o telefone e olhou para Ivan, angustiada.

— O que se passa? perguntou ele.

Ela está outra vez muito doente, querido. Precisa que eu vá ter com ela imediatamente.

Em Moscovo, Svetlana Federov voltou a pousar o receptor no descanso suavemente e olhou para o homem que conhecia como

Feliks.

— Ela diz que chega mais para o fim da noite.

— E Ivan?

Queria vir com ela, mas Elena convenceu-o a ficar na França com as crianças. Ele teve a gentileza de a deixar vir no avião dele.

— E ela disse por acaso a que horas é que ia partir? Sai do aeroporto de Nice às onze horas, desde que não haja nenhum problema com o avião, claro.

Ele sorriu e tirou um pequeno aparelho do bolso do peito do casaco amarrotado. Tinha tela minúscula e uma série de botões, como uma máquina de escrever em miniatura. Svetlana Federov já tinha visto aparelhos desses. Não sabia como se chamavam, apenas que eram normalmente usados pelo tipo de homens de quem ela não gostava. Ele escreveu qualquer coisa rapidamente com seus polegares ágeis e voltou a enfiar o aparelho no bolso. Em seguida, olhou para o relógio.

— Conhecendo o seu genro, vai pô-la a si e ao prédio sob vigilância no espaço de uma hora. Lembra-se do que tem de dizer se alguém lhe perguntar alguma coisa sobre mim? Tenho de lhes dizer que era um vigarista um ladrão que tinha vindo enganar uma velhota e surripiar-lhe o dinheiro. Realmente, há muita gente sem escrúpulos no mundo. Sim respondeu ela. Nunca se consegue ser demasiado cuidadoso.

No rescaldo dos mais recentes atentados terroristas em Londres, tinham sido feitos vários melhoramentos, em termos de segurança e de capacidades operacionais, na embaixada americana na Grosvenor Square, alguns possíveis de ver pelo público e muitos outros, não. Entre aqueles que caíam na segunda categoria, estava um centro de operações novinho em folha, situado num anexo, parecido com um bunker, debaixo da própria praça. Precisamente às 6h04, hora de Londres, a mensagem de Eli Lavon foi entregue a Adrian Carter, com um silêncio fúnebre, por um jovem factótum da

CIA. Depois de a ler, Carter entregou-a a Shamron, que, por sua vez, a passou a Graham Seymour.

— Parece que já entramos em ação — disse Seymour. — É melhor avisar os franceses.

Carter ativou uma linha segura para Paris, carregando num botão, e encostou o receptor ao ouvido.

— Bonjour, cavalheiros. A bola agora está a seguir para o seu lado do campo. Tentem divertir-se, por favor.

Dessa vez, ela não teve qualquer indecisão ao arranjar-se. Elena tomou banho apressadamente, não despendeu grande esforço a tratar da maquilhagem e do cabelo e vestiu um fato Chanel de calças e casaco bastante simples mas confortável. Colocou mais joias do que as que teria, de outro modo, utilizado numa ocasião daquelas e enfiou mais uma série de peças caras na carteira. Por fim, guardou mais duas mudas de roupa numa pequena mala e tirou um montante equivalente a vários milhares de dólares, em euros e rublos, do cofre da parede. Sabia que Ivan não iria achar isso suspeito; Ivan encorajava-a sempre a levar quantia substancial de dinheiro quando viajava sozinha.

Deitou uma última olhadela ao quarto e começou a descer as escadas com o máximo de desprendimento que conseguiu. Sonia e as crianças estavam à espera para se despedirem dela; abraçou as crianças durante mais tempo do que devia e ordenou-lhes, com severidade fingida, que se portassem bem ao pé do pai. Ivan não testemunhou a despedida deles; estava lá fora, no caminho de entrada, a olhar carrancuda e impacientemente para o relógio. Elena beijou os filhos uma última vez e depois entrou no banco de trás do Mercedes com Ivan. Espreitou uma vez por cima do ombro, no momento em que o carro avançou disparado, e viu as crianças a chorarem histericamente. A seguir, o carro atravessou o portão de segurança e elas deixaram de se ver.

A notícia da saída de Ivan e de Elena Kharkov da Villa Soleil chegou à sala de operações em Londres às 7h13, hora local. Gabriel foi informado desse desenvolvimento cinco minutos mais tarde. Uma hora depois de receber a mensagem, informou a recepção de que ia fazer o check-out e de que a estadia, apesar de demasiado breve, tinha sido encantadora. O seu Renault alugado estava à espera dele quando saiu. Pôs-se ao volante e seguiu para o aeroporto.

CAPÍTULO 53

NICE, FRANÇA

Ivan parecia preocupado durante a viagem e Elena sentiu-se grata por isso. Ele passou a viagem ora a falar ao celular ora a olhar silenciosamente pela janela, com os dedos grossos a tamborilar na consola central. Como estavam a avançar contra o trânsito matinal para as praias, prosseguiram sem demoras: contornando o Golfe de Saint-Tropez, até Saint-Maxime, cortando para o interior pela D25, até a autoroute, e depois seguindo para leste, na autoroute, em direção a Nice. Enquanto aceleravam pelos arredores mais a norte de Cannes, Elena deu por si a pensar em Ivan e Yekatarina a fazerem amor na suíte do Carlton. Ivan devia ter estado a pensar no mesmo porque lhe pegou a mão e disse que lamentava tudo o que tinha acontecido.

Elena ouviu-se a si própria a dizer que também lamentava.

A seguir, olhou pela janela, para as colinas que se erguiam em direção aos Alpes, e começou a contar os minutos que faltavam para se ver livre dele.

A saída para o Aeroporto Internacional Côte d'Azur apareceu quinze minutos depois. Nessa hora, Ivan já tinha recebido outro telefonema e estava envolvido numa acesa conversa com um homem com quem tinha negócios em Londres. Continuava ao telefone cinco minutos mais tarde, quando entraram no escritório com ar-condicionado da Riviera Flight Services, o operador responsável pela coordenação dos voos saídos do aeroporto. Atrás do balcão imaculadamente branco, estava um homem dos seus trinta e tal anos, com cabelo louro já com entradas. Trazia uma calça azul-marinho

e uma camisa branca de manga curta, com dragonas. Ivan fê-lo esperar mais dois minutos enquanto terminava a chamada para Londres, Kharkov disse ele por fim. Vou partir para Moscou às onze.

O jovem esboçou um atrapalhado sorriso burocrático. Isso não vai ser possível, Monsieur Kharkov. Infelizmente, há um problema bastante sério com o seu avião.

Elena cravou uma unha na palma da mão e olhou para os sapatos.

— Que tipo de problema? perguntou Ivan.

Um problema de documentação respondeu o jovem. A sua tripulação não foi capaz de apresentar dois documentos muito importantes; uma carta de autorização RVSM e um certificado de Nível Três. A DGAC não deixa partir o seu avião sem eles.

A DGAC era a Direction Générale de l'Aviation Civile, o equivalente francês ao Instituto Nacional de Aviação Civil. Isto é escandaloso! disparou Ivan. Eu já levantei voo deste aeroporto dúzias de vezes, nesse mesmo avião, e até agora nunca me tinham pedido para apresentar esses documentos.

— Eu compreendo a sua frustração, Monsieur Kharkov, mas, infelizmente, normas são normas. A não ser que a sua tripulação consiga apresentar uma autorização RVSM e um certificado de Nível Três, o avião não vai a lado nenhum.

- E há alguma espécie de multa que eu possa pagar?
- Talvez acabe por ter de o fazer, mas não agora.
- Quero falar com o seu superior.

Sou o funcionário mais graduado de serviço. Então pegue no telefone e deixe-me falar com alguém da DGAC.

— A DGAC já deixou bem claro qual era a sua posição neste assunto. Não têm mais nada a dizer enquanto não virem esses documentos. Nós temos uma emergência em Moscou. A mãe da minha mulher está muito doente. Ela tem de ir já para lá.

Então eu sugeria que a sua tripulação fizesse todos os possíveis por encontrar esses documentos. Enquanto isso, talvez a sua mulher queira pensar na hipótese de viajar num avião comercial. Num avião comercial? vociferou Ivan, batendo com a mão no balcão. A minha mulher não pode voar num avião comercial. Nós temos questões de segurança a considerar. Não é possível, simplesmente. Então duvido muito que ela vá viajar para Moscou hoje, Monsieur.

Elena aproximou-se do balcão com cautela.

— A minha mãe está à minha espera, Ivan. Eu não a posso desapontar.

Vou apanhar um avião comercial e pronto.

O funcionário apontou para o computador.

— Eu posso fazer uma pesquisa dos horários de partida e da disponibilidade de lugares, se quiser.

Ivan franziu o sobrolho e depois acenou com a cabeça. O funcionário sentou-se ao computador e carregou numas quantas teclas. Um momento depois, puxou os lábios para baixo, fez uma careta e abanou a cabeça lentamente.

— Infelizmente, já não há lugares vagos para hoje, nos voos diretos entre Nice e Moscou. Como provavelmente sabe, Monsieur Kharkov, nós temos muitos visitantes russos nesta época do ano.

Apertou mais algumas teclas.

— Mas há uma outra opção.

— E qual é?

— Há um voo da Swiss International Air Lines que parte para Genebra dentro de uma hora. Partindo do princípio de que chegue a horas, a Madame Kharkov pode apanhar a seguir o voo das duas da tarde, da Swissair, de Genebra para Moscou. Está previsto que chegue a Sheremetyevo às oito da noite.

Ivan olhou para Elena.

— É um dia de viagens muito longo. Porque não esperas até que eu resolva a questão da documentação?

— Eu já disse à minha mãe que chegava hoje à noite. Não quero desapontá-la, querido. Tu ouviste a voz dela.

Ivan olhou para o funcionário.

— Preciso de três bilhetes de primeira classe: um para a minha mulher e dois para os guarda-costas dela.

Mais alguns toques no teclado. Mais um lento abanar da cabeça. Só há um bilhete de primeira classe disponível em cada um dos voos e nenhum na classe turística. Mas posso assegurar-lhe que a Sra. Kharkov estará perfeitamente segura. Se preferir, posso pedir à segurança do aeroporto uma escolta VIP.

— De que terminal é que parte a Swissair?

— Terminal Um.

O funcionário pegou o telefone.

— Eu vou avisá-los de que vão a caminho.

O rapaz que estava ao balcão não trabalhava para a Riviera Flight Services, sendo na verdade um agente estagiário responsável por casos, ao serviço dos serviços de segurança internos franceses. E quanto ao telefonema que fez a seguir a Ivan e Elena se terem ido embora, não foi para os escritórios da Swissair, mas para o seu superior, que estava sentado na parte de trás de uma suposta van da companhia estacionada logo à saída do aeroporto. Depois de receber a chamada, o agente que estava na van alertou a sede regional em Nice, a qual, por sua vez, passou a informação para a sala de

operações em Londres. As notícias chegaram ao PDA de Gabriel enquanto ele fingia estar a olhar para os relógios Rolex numa loja do aeroporto. Saiu da loja de mãos vazias e seguiu lentamente em direção à porta de embarque.

Elena tentou deixá-lo quando chegaram à área dos passageiros, mas Ivan, num inesperado rasgo de galanteria, nem sequer quis ouvir falar disso. Ficou com ela na interminável fila do balcão dos bilhetes e discutiu com o pobre agente todos os pormenores do itinerário dela. Comprou um pequeno presente para a mãe dela e obrigou Elena a jurar que lhe telefonava mal aterrasse em Moscou. E, por fim, quando Elena se estava a preparar para passar pela segurança, pediu-lhe uma vez mais desculpas por todo o mal que tinha causado ao casamento deles. Ela beijou-o uma última vez e, depois de chegar ao outro lado, voltou-se para lhe dizer adeus. Ivan já se estava a afastar, com os guarda-costas a seu lado e o celular encostado ao ouvido.

Durante a meia hora seguinte, ela deleitou-se com as pequenas coisas triviais. Descobriu onde era a porta de embarque. Bebeu um café crême num bar apinhado. Comprou um monte de jornais e revistas. Mas, acima de tudo, limitou-se a andar. Pela primeira vez em muitos anos, Elena estava sozinha. Não propriamente sozinha, pensou, pois com certeza que havia alguém a observá-la, mas livre da presença enjoativa dos guarda-costas de Ivan, pelo menos por umas quantas horas. Não tardaria muito a estar livre deles para sempre. Apenas tinha de fazer primeiro um pequeno recado em Moscou. Não conseguiu deixar de sorrir perante a ironia de tudo aquilo. Tinha de ir à Rússia para se libertar. Não estava afazer isso apenas por ela, pensou, mas também pelo seu país. Era a consciência da Rússia. Era a salvadora da Rússia.

Nervosa com a possibilidade de perder o voo, apresentou-se na porta de embarque dez minutos mais cedo do que o necessário e aguardou a ordem de embarque pacientemente. O companheiro de

viagem era um gnomo suíço muito bronzado, que passou o curto voo a franzir o sobrolho para uma série de números. O almoço foi uma sanduíche murcha e uma garrafa de água mineral morna; Elena comeu tudo o que havia no tabuleiro e agradeceu profusamente à desconcertada hospedeira pelo amável serviço.

Eram quase 13h30 quando o avião aterrou em Genebra. Ao sair do corredor de ligação ao aeroporto, ouviu anunciar a última chamada de embarque para o voo 1338 da Swissair para Moscou. Chegou à próxima porta de embarque seguinte com cinco minutos para gastar e aceitou uma taça de champanhe do chefe de cabine enquanto se instalava no seu lugar na primeira classe. Dessa vez, o companheiro de viagem era um homem dos seus cinquenta e tais anos, com cabelo grisalho espesso e uns óculos com lentes esfumadas, próprios de quem sofre de sensibilidade à luz. Estava a escrever numa pasta de couro quando ela se sentou e pareceu não dar conta dela. Enquanto o avião subia rapidamente por cima dos Alpes, arrancou uma folha da pasta e pousou-a no colo dela. Era uma cópia minúscula, desenhada com uma caneta, do Duas Crianças numa Praia de Mary Cassatt. Elena virou-se e olhou para ele, incrédula.

— Boa tarde, Elena — disse Gabriel. — É tão bom vê-la outra vez.

CAPÍTULO 54

MOSCOU

A história de Arkady Medvedev era singularmente russa. Em tempos, um racha-cabeças de dissidentes, no Quinto Direktoratado do KGB, tinha entrado em decadência, juntamente com os restos destruídos dos seus antigos serviços, quando, em 1994, recebeu um telefonema de um ex-subordinado chamado Ivan Kharkov. Ivan

tinha uma proposta: queria que Medvedev montasse e superintendesse um serviço de segurança privado que lhe protegesse a família e o florescente império financeiro global. Medvedev aceitou a oferta sem se preocupar em perguntar pelo salário. Sabia o suficiente sobre os negócios na Rússia recém-capitalista para perceber que um salário pelo menos, o que vinha referido num contrato de trabalho não interessava muito.

Durante quinze anos, Arkady Medvedev tinha servido Ivan habilmente e, em contrapartida, Ivan tinha sido mais do que generoso. Os salários de base de Arkady Medvedev situavam-se já em mais de um milhão de dólares por ano, nada mau para um antigo Polícia secreto que não tivera sequer dois rublos para esfregar um no outro depois da queda do comunismo. Mas o dinheiro era apenas uma parte do seu pacote de retribuição. Havia uma generosa conta de despesas e ajudas de custo para a roupa. Havia um automóvel Bentley, apartamentos em Londres, no Sul de França e na restrita Sparrow Hills de Moscou. E depois havia as mulheres mulheres como Oxana, uma beldade de vinte e três anos, vinda das províncias, e que Medvedev tinha arrancado de um sushi bar duas semanas antes. Ela tinha vivido no apartamento dele desde então, em estados variados de nudez.

Se havia um senão em trabalhar com Ivan, era o dom que ele tinha para telefonar nos piores momentos possíveis. Para não destoar, a chamada chegou exatamente quando Medvedev e Oxana estavam prestes a escalar um pico de prazer em simultâneo. Banhado em suor, Medvedev esticou-se para atender o telefone e levou o receptor ao ouvido, com relutância. A conversa que se seguiu, embora curta, estragou completamente o ambiente. Quando a chamada terminou, Oxana recomeçou onde tinha ficado, mas para Medvedev já não valia a pena. Ela acabou por se deixar cair em cima do peito dele e, num gesto de frustração, enterrou os dentes na orelha.

- Já se fartou de mim?
- Claro que não.
- Então qual é o problema, Arkady?

O problema, pensou ele, era Elena Kharkov. Iria chegar a Moscou nessa noite, para uma visita de emergência. Ivan desconfiava dos motivos dela. Ivan queria-a sob vigilância a tempo inteiro. Ivan não queria mais gracinhas como a que tinha acontecido em Saint-Tropez. E Arkady Medvedev também não. Olhou para Oxana e disse para se vestir. Cinco minutos depois, enquanto ela se esgueirava para fora do apartamento, agarrou outra vez no telefone e começou a posicionar as suas equipas.

Elena pediu vinho branco; Gabriel, café simples. E resolveram ambos experimentar os raviolis com cogumelos selvagens que estavam em promoção. Elena deu uma pequena dentada e, depois disso, preferiu morder apenas o pão.

- Não gosta da comida? perguntou Gabriel.
- Não é muito boa.
- Por acaso, até é bastante melhor que do que a comida habitual.

Quando é que foi a última vez que andou num avião comercial?

- Já lá vai algum tempo.

Olhou fixamente pela janela.

— Eu suponho que sou um pouco como a própria Rússia. De um momento para o outro, deixei de não ter quase nada e passei a ter quase tudo. Nós, russos, oscilamos de um extremo ao outro. Parece que nunca conseguimos acertar.

Voltou-se e olhou para ele.

- Posso falar honestamente sem ferir os seus sentimentos?
- Se acha que precisa.
- Você fica ridículo com esse disfarce. Gosto muito mais de você com o cabelo curto. E esses óculos...

Abanou a cabeça.

— São atrozes. Não devia usar lentes escuras. Escondem a cor de seus olhos.

— Lamento, mas é esse o objetivo, Elena.

Ela afastou uma madeixa de cabelo do rosto e perguntou onde a iriam esconder depois da deserção. O tom de voz era indiferente, como se estivesse a ter uma conversa de circunstância com um perfeito estranho. Gabriel respondeu do mesmo modo: No domingo à noite, em vez de pegar o voo de regresso a Genebra, seguindo depois para Nice, vai pegar um avião para Tel Aviv. Sua estada em Israel vai ser curta, um dia ou dois, no máximo.

— E depois?

— Os americanos assumiram a responsabilidade de reinstalar você. É um país maior, com muito mais lugares para uma pessoa se esconder do que Israel. O homem que está encarregado do caso é meu amigo. Eu confiaria minha vida a ele, Elena, e sei que ele vai tomar muito bem conta de você e das crianças. Mas receio que não vá ser nada parecido com o estilo de vida a que se habituou.

— Graças a Deus por isso.

— Pode pensar assim agora, mas vai ser uma surpresa bem desagradável. Deve contar com que Ivan peça divórcio num tribunal russo. Como não vai poder comparecer para contestar o caso, ele tem a possibilidade de se divorciar de você *in absentia* e deixá-la e às crianças sem um tostão.

Parou de falar por um momento.

— A não ser que nós consigamos pôr as mãos em algum do dinheiro dele nos próximos dois dias.

— Não quero nenhum dinheiro de Ivan. É dinheiro manchado de sangue.

— Então faça isso por seus filhos, Elena.

Ela olhou para o desenho que ele lhe tinha dado, as duas crianças numa praia.

— Eu tenho acesso a contas conjuntas em Londres e Moscou — disse ela suavemente. — Mas se eu fizer retiradas grandes, Ivan vai notar.

— E ele não guardou fundos na Suíça para o dia em que precisasse?

— Há um cofre-forte em Zurique, onde ele costuma ter alguns milhões em dinheiro vivo. Você teria de esvaziá-lo por mim antes que Ivan tivesse oportunidade de congelá-lo.

— Sabe número e senha?

Ela acenou com a cabeça.

— Me dê, Elena... pelas crianças.

Ela recitou-as lentamente, e depois olhou para ele com curiosidade.

— Não vai anotar?

— Não é necessário.

— Memória de espião, como Ivan.

Ela foi picando a comida sem apetite.

Devo dizer que o seu desempenho de hoje foi realmente extraordinário. Devia ter visto a cara de Ivan quando o informaram de que o avião não podia levantar voo.

Olhou para ele.

— Presumo que também tenham o próximo ato bem coreografado? Temos, mas nem toda a coreografia do mundo serve para alguma coisa se o intérprete não a conseguir concretizar.

Um instante de pausa.

— É a última chance para desistir, Elena. E não há ressentimentos, se o fizer.

— Vou acabar o que comecei — respondeu. — Por Aleksandr Lubin. Por Boris Ostrovsky. E por Olga.

Gabriel chamou a comissária com um gesto e pediu-lhe para lhe levar a comida. A seguir, colocou a pasta em cima do tabuleiro e abriu as combinações dos cadeados. Tirou quatro artigos: uma

pequena embalagem de plástico de spray, um aparelho que parecia um leitor de MP3 normal, um segundo aparelho retangular, com um pequeno cabo de ligação USB, e um cartão de embarque para o Voo 1612 da El Al, com saída de Moscou para Tel Aviv às 18h15 de domingo.

— Como provavelmente já pôde perceber, Elena, a sincronização é tudo. Preparamos um esquema para as suas últimas horas em Moscou e é importante que o siga rigorosamente. Tome muita atenção a tudo aquilo que eu lhe vou dizer. Nós ainda temos de tratar de muita coisa e temos muito pouco tempo.

O avião aterrisou em Sheremetyevo às 20h05 em ponto. Elena saiu do avião primeiro e avançou alguns passos pelo terminal, com a sua bolsa no ombro esquerdo e o saco de fim-de-semana a rolar ao seu lado pelo chão rachado. Chegados à área de controle de passaportes, Gabriel juntou-se a uma fila para estrangeiros indesejáveis e quando o deixaram entrar finalmente no país, Elena já tinha desaparecido. Já depois de sair do terminal, juntou-se a uma outra fila interminável, dessa vez para apanhar um táxi. Lá acabou por entrar para o banco de trás de um Lada a chocalhar por todos os lados, conduzido por um garoto de óculos escuros espelhados. Uzi F Navot entrou no carro que estava atrás dele na fila.

- Para onde é que quer ir? perguntou o taxista de Gabriel.
- Para o Hotel Ritz-Carlton.
- É a sua primeira vez em Moscou?
- Sim.
- Um pouco de música?
- Não, estou com uma dor de cabeça terrível.
- Então e que tal uma moça?
- O hotel chega perfeitamente, obrigado.
- Como queira.
- Que idade é que tens?
- Quinze.

- Tem certeza de que podes guiar?
- Não há problema.
- E este carro vai mesmo conseguir chegar ao Ritz?
- Não há problema.
- Está a ficar escuro lá fora. Tem certeza de que precisas desses óculos de sol?
- Dão-me um ar endinheirado. Em Moscovo, toda a gente que tem dinheiro usa óculos escuros à noite.
- Vou tentar lembrar-me disso.
- É verdade.
- E este carro não consegue ir mais depressa? Eu gostava de chegar ao Ritz ainda esta noite.
- Não há problema.

As notícias da chegada de Gabriel e Elena a Moscovo foram conhecidas no centro de operações na Grosvenor Square às 18h19, hora local. Graham Seymour levantou-se da cadeira e esfregou os músculos contraídos do fundo das costas com força. Não há mais nada a fazer aqui hoje à noite. O que me dizem a passarmos para o Gral Room do Hotel Dorchester, para uma ceia de celebração? Os meus serviços é que pagam.

— Eu não acredito em celebrações em meio das operações — respondeu Shamron. — Especialmente, quando tenho três dos meus melhores agentes em Moscovo, no terreno, e mais três a caminho.

Carter pôs a mão no ombro de Shamron.

— Vá lá, Ari. Agora já não pode fazer mais nada a não ser ficar aí sentado a noite inteira, a morrer de preocupação.

— Que é exatamente o que eu tenciono fazer.

Carter franziu o sobrolho e olhou para Graham Seymour. Não podemos deixá-lo aqui sozinho. Ainda mal lhe ensinamos as regras da casa.

— O que achas de virem cá entregar comida indiana?

— Digam-lhes para não abusarem dos picantes. O meu estômago já não é o que era.

CAPÍTULO 55

MOSCOU

Quando já só faltava uma semana para o dia das eleições, não havia como escapar à cara do presidente russo. Estava pendurada em todos os sinais e edifícios do governo no centro da cidade. Olhava fixamente para quem visse as primeiras páginas de todos os jornais pró-Kremlin e aparecia em todos os noticiários transmitidos pelas estações de televisão controladas pelo Kremlin. Era transportada ao alto por grupos da Juventude do Partido Unidade, que percorriam toda a cidade, e pairava, divina, sobre Moscou, colada de lado num balão de ar quente. O próprio presidente comportava-se como se disputasse uma verdadeira campanha eleitoral e não uma comédia ridícula, com um argumento já cuidadosamente escrito. Passou a parte matinal da campanha numa aldeia de Potyomkin*, no campo, antes de regressar a Moscou para um gigantesco comício à tarde, no Dinamo Stadion. Era, segundo a Rádio Moscou, o maior comício político da história moderna da Rússia.

** Termo usado para descrever algo encenado, cuja base histórica eram as falsas aldeias montadas em 1787 pelo ministro russo Grigori Potyomkin para enganar a Imperatriz Catarina II em visita à Crimeia. (N. do T.)*

O Kremlin tinha permitido a dois outros candidatos o privilégio de disputarem as eleições, mas a maioria dos russos não se conseguia lembrar dos nomes deles, e até mesmo a imprensa estrangeira já tinha parado há muito de cobrir as suas campanhas. A Coligação para uma Rússia Livre, a única força da oposição verdadeira e organizada no país inteiro, não tinha nenhum candidato, mas sobrava-lhe grande coragem. Enquanto o presidente

se dirigia à multidão no Dinamo Stadion, os seus membros reuniram-se na Praça Arbat para um contracomício. Quando a polícia e os seus ajudantes à paisana acabaram de tratar deles, cem membros da Rússia Livre tinham sido presos e outros cem estavam no hospital. Os vestígios da escaramuça sangrenta continuavam espalhados pela praça ao final da tarde, quando Gabriel, com um boné de bombazina escuro e uma gabardine da Barbour, seguiu pelo Boulevard Ring, em direção ao rio. A Catedral de Cristo Salvador erguia-se à frente dele, com as suas cinco cúpulas douradas, em forma de cebola, com o brilho esbatido pelo céu pesado e cinzento. A catedral original tinha sido dinamitada por Kaganovich, em 1931, por ordem de Stalin, supostamente por tapar a vista das janelas do seu apartamento no Kremlin. No lugar dela, os bolcheviques tentaram erigir um gigantesco arranha-céus governamental, chamado o Palácio dos Sovietes, mas o solo à beira-rio revelou-se inapropriado para um edifício assim e o local das obras inundou repetidas vezes. Por fim, Stalin e os seus engenheiros acabaram por se render ao inevitável e transformaram o terreno numa piscina pública a maior do mundo, claro.

Reconstruída após a queda do comunismo, à custa de uma enorme despesa pública, a catedral era naquele momento uma das atrações turísticas mais populares de Moscou. Gabriel decidiu não a visitar e, em vez disso, seguiu diretamente para o rio. Estavam três homens parados ao longo do cais, separados e a olhar para a outra margem, na direção de um amplo prédio de apartamentos, com uma estrela da Mercedes-Benz a girar lentamente no alto do telhado. Gabriel passou por eles sem uma palavra. Um a um, os homens viraram-se e foram atrás dele.

Olhando mais de perto, não se tratava de um só prédio mas de três: um trapézio gigantesco que dava para o rio, com dois apêndices, em forma de L, que se prolongavam para o interior em várias centenas de metros. Do lado oposto da rua Serafimovicha,

havia um pedaço melancólico de erva castanha e árvores murchas, conhecido como Praça Bolotnaya. Gabriel estava sentado num banco ali perto, ao lado de uma fonte, quando Uzi Navot, Yaakov Rossman e Eli Lavon atravessaram a ponte e vieram ter com ele. Navot sentou-se ao seu lado, ao passo que Lavon e Yaakov seguiram até a borda da fonte. Lavon não parava de tagarelar em russo, como um figurante numa cena de cocktail de um filme. Yaakov ia a olhar para o chão e a fumar um cigarro.

Quando é que o Yaakov começou a fumar outra vez?
perguntou Gabriel. Ontem à noite. Anda nervoso.

— Passou a carreira toda em operações na Faixa Ocidental e em Gaza e anda nervoso por estar em Moscou?

— Podes crer que ele anda nervoso por estar em Moscou. E tu também andavas, se tivesses algum juízo. E como anda o nosso chefe da base? Parece um pouquinho melhor do que o Yaakov, mas não muito. Digamos apenas que ele vai ficar bastante contente quando nós nos enfiarmos naquele avião amanhã à noite e sairmos daqui para fora.

— Quantos carros é que ele conseguiu arranjar? Quatro, como tu querias, três Ladas antigos e um Volga.

— Por favor, diz-me que eles funcionam, Uzi. A última coisa de que precisamos é que os carros empanem amanhã.

— Não te preocupes, Gabriel. Eles funcionam lindamente. E onde é que ele os foi desencantar?

— A base comprou uma pequena frota de velhos carros e caminhões soviéticos por tuta-e-meia, depois da queda do comunismo, e deixou-os guardados. Os documentos estão todos em ordem.

— E os condutores?

— Quatro pares de mãos experimentadas saídos da Base de Moscou. Falam todos russo.

— E a que horas é que começamos a sair do hotel?

— Eu saio primeiro, às duas e meia. O Eli sai cinco minutos depois. A seguir, o Yaakov, outros cinco minutos depois. Tu és o último a ir embora.

— Não é muito tempo, Uzi.

— É tempo mais do que suficiente. Se chegarmos cedo demais, podemos atrair coisas indesejados. E isso é a última coisa que queremos.

Gabriel não discutiu. Em vez disso, foi metralhando Navot com uma série de perguntas sobre bloqueadores de celulares, turnos de vigia e, por fim, sobre a situação no prédio de apartamentos na Kutuzovsky Prospekt, onde Elena já estava instalada com a mãe. A resposta de Navot não o surpreendeu.

— Arkady Medvedev pôs o prédio sob vigilância ininterrupta.

— E como ele fez isso?

— Nada técnico demais. Só um homem num carro, na porta do prédio.

— E com que frequência ele troca de guarda?

— De quatro em quatro horas.

— E ele também muda de carro ou só de homem?

— Só de homem. O carro fica no lugar.

Gabriel ajustou os óculos de lentes escuras. A peruca grisalha dava uma coceira terrível. Quanto a Navot, esfregava uma área dolorida acima do cotovelo. Parecia desenvolver sempre um probleminha físico qualquer quando estava ansioso com uma operação.

— Arkady deu ordens aos homens para vigiarem Elena aonde quer que ela vá, incluindo amanhã à tarde, quando ela for para o aeroporto. Se fizer sem aviso prévio um desvio para a Casa no Cais, o vigia vai contar a Arkady. E o Arkady com certeza ficará desconfiado. Está vendo aonde quero chegar, Gabriel?

— Sim, Uzi — respondeu Gabriel pedantemente. — Acredito que sim. Temos de garantir que o vigia não a siga amanhã, ou todo o nosso trabalho pode ir por água abaixo num minuto moscovita.

— Podíamos matá-lo.

— Um acidente de trânsito sem importância deve ser suficiente.

— Então avisamos ao chefe da base que precisamos de mais um Lada?

— Que carro os vigias usam?

— Um Mercedes Classe S.

— Não é uma luta lá muito justa, não?

— Não mesmo.

— Então é melhor um carro oficial, capaz de aguentar umas batidas. Diga ao chefe da base que nós queremos emprestada a limusine do embaixador. Aliás, pensando melhor, diga que também queremos o embaixador. É que, não sei se você sabe, ele é muito bom.

Nesse dia, Elena Kharkov acabara de sair do apartamento da mãe, fato que Arkady Medvedev e seus vigias não consideraram alarmante ou minimamente digno de registro. A saída tinha sido curta: rápida viagem de carro com dois guarda-costas até um mercado gourmet novo, recém-inaugurado no alto da rua, onde tinha comprado os ingredientes para um borscht de verão. Tinha passado o resto da tarde na cozinha com a mãe, discutindo, em tom de brincadeira, sobre receitas, como sempre tinham feito quando Elena era mais nova. À noite, a sopa já tinha esfriado o suficiente. Mãe e filha sentaram-se à mesa da sala de jantar à luz de vela, e uma cesta de pão preto entre as duas e as imagens do comício do presidente no Dinamo Stadion passando, sem som, na televisão da sala do lado. Haviam transcorrido quase vinte e quatro horas desde a chegada de Elena a Moscou, mas, ainda assim, a mãe tinha evitado, com grande aplicação, qualquer discussão sobre a razão por trás da

pouco ortodoxa visita. Naquele momento, abordou o assunto pela primeira vez, não com palavras, mas pousando antes a carta de Elena na mesa suavemente. Elena olhou para ela durante um momento e, a seguir, recomeçou a comer.

— Está metida em encrenca, meu amor.

— Não, mamãe.

— Quem era o homem que enviou aqui para me entregar essa carta?

— É um amigo. Uma pessoa que está me ajudando.

— E está a ajudando em quê?

Elena ficou calada.

— Vai deixar o teu marido?

— Sim, mamãe, vou deixar o meu marido.

— Ele feriu você?

— Muito.

— Bateu?

— Não, nunca.

— Há outra mulher?

Elena acenou com a cabeça, de olhos postos na comida. Ela é apenas uma criança de dezenove anos. Tenho certeza de que um dia Ivan também a vai magoar.

— Nunca devia ter se casado com ele. Eu implorei que não casasse com ele, mas não me ouviu.

— Eu sei.

— Ele é um monstro. O pai dele era um monstro e ele é um monstro.

— Eu sei.

Elena tentou comer um pouco da sopa mas tinha perdido o apetite.

— Peço desculpas por eu e as crianças não termos passado mais tempo com você nestes últimos anos. Ivan não deixava. Mas isso não é desculpa. Eu devia ter feito frente a ele.

— Não tens de pedir desculpa, Elena. Eu sei mais do que tu julgas. Uma lágrima escorreu pela face de Elena. Limpou-a antes que a mãe a conseguisse ver.

— Peço-te grande desculpa pela maneira como me comportei com você. Espero que me possas perdoar.

— Eu perdoo, Elena. Mas não entendo por que veio a Moscou desta maneira.

— Tenho de tratar de um assunto antes de deixar Ivan. Tenho de me proteger e às crianças.

— Não estás a pensando em ficar com o dinheiro dele?

— Isto não tem nada a ver com dinheiro.

A mãe não quis insistir no assunto. Era uma mulher do Partido. Sabia da existência de segredos e muros.

— E quando é que estás a pensar dizer-lhe?

Amanhã à noite.

Elena parou de falar por um instante e, a seguir, acrescentou com contundência: Quando eu voltar para França.

— O teu marido não é o tipo de homem que aceite bem as más notícias.

— Ninguém sabe isso melhor do que eu.

E para onde é que estás a pensar ir?

Ainda não decidi.

— Vais ficar na Europa ou vais voltar para casa, para a Rússia?

A Rússia pode já não ser um lugar seguro para mim.

— Do que estás a falar?

— Sou capaz de ter de levar as crianças para algum lugar onde Ivan não as consiga encontrar. Percebes o que eu te estou a dizer?

A mulher do Partido percebeu perfeitamente.

— E eu alguma vez os vou voltar a ver, Elena? Alguma vez vou voltar a ver os meus netos?

— Pode demorar algum tempo. Mas, sim, vais poder voltar a vê-los.

— Tempo? Quanto tempo? Olha para mim, Elena. Tempo não é uma coisa que eu tenha em grande abundância.

— Eu deixei-te algum dinheiro na gaveta de baixo da tua cômoda.

É o dinheiro todo que tenho no mundo neste preciso momento.

— Então não o posso aceitar.

— Confia em mim, mamãe. Tens de aceitar esse dinheiro.

A mãe olhou para baixo e tentou comer, mas também ela já tinha perdido o apetite. E, por isso, ficaram as duas ali sentadas durante muito tempo, com os braços esticados em cima da mesa e agarrando as mãos uma à outra com toda a força, as suas caras cobertas de lágrimas.

Por fim, a mãe pegou a carta e encostou-a à chama da vela. Elena olhou de relance para a televisão e viu o novo czar da Rússia a aceitar a adulação das massas. Não conseguimos viver como um povo normal, pensou. E nunca o vamos conseguir.

Contra todo o seu discernimento ponderado e violando toda a doutrina operacional escrita e não escrita, Gabriel não regressou logo ao quarto do Hotel Ritz-Carlton. Em vez disso, foi deambulando mais para sul, até a colônia de prédios de apartamentos que se erguiam sobre a October Square, e seguiu para o edifício conhecido pelos habitantes da área como a Casa dos Cães. Não tinha qualquer vista para o rio Moscou ou para o Kremlin apenas para o seu gêmeo idêntico, para um estacionamento cheio de carros pequenos em mau estado e para o Garden Ring, um eufemismo, para dizer o mínimo, por onde os carros passavam depressa e com grande estrondo, dia e noite, no lado norte do prédio. Um vento cortante soprava vindo do norte, servindo para lembrar que o Verão russo já tinha passado e que, dentro de pouco

tempo, voltaria a ser Inverno. O poeta que havia nele achou isso apropriado. Talvez nem tivesse havido sequer um Verão, pensou. Talvez tivesse sido uma ilusão, como o sonho da democracia russa.

No pequeno pátio junto à Entrada C, parecia que as babushkas e os rufias de skate tinham declarado um cessar de hostilidades. Seis rapazes magricelas da Milícia se reuniram na entrada propriamente dita, observados por dois brutamontes do FSB à paisana, com casacos de couro. Os jornalistas ocidentais na porta do prédio, depois do atentado contra Olga Sukhova, já tinham desistido da vigília, ou, o mais provável, tinham-nos afugentado. De fato, não havia sinal de apoio à causa de Olga, tirando três palavras desesperadas, escritas em tinta spray vermelha, na parte lateral do prédio: LIBERTEM OLGA! Um espertinho tinha riscado a palavra LIBERTEM, substituindo-a por FODAM. Quem disse que os russos não tinham senso de humor?

Gabriel deu a volta ao enorme prédio e, como esperado, deparou com seguranças a vigiarem igualmente as outras cinco entradas. Seguindo para norte, pela Leninsky Prospekt, passou a operação em revista uma última vez. Era perfeita, pensou. Com uma única e gritante exceção. Quando Ivan Kharkov descobrisse que a família e os documentos secretos tinham sido roubados, iria se vingar em alguém. E o mais provável era que esse alguém fosse Olga Sukhova.

CAPÍTULO 56

SAINT-TROPEZ MOSCOU

A destruição de Ivan Borisovich Kharkov, agente imobiliário, investidor de capital de risco e traficante de armas internacional, começou com um telefonema. Foi feito para a sua residência em

Saint-Tropez, por um tal François Boisson, diretor regional da Direction Générale de l'Aviation Civile, a autoridade francesa para a aviação. Segundo parecia, disse Monsieur Boisson, havia problemas muito graves no que dizia respeito aos voos recentes efetuados pelo avião de Monsieur Kharkov problemas, disse o diretor em tom ominoso, que não podiam ser discutidos ao telefone. A seguir, deu ordens a Monsieur Kharkov para ir ter ao aeroporto de Nice à uma hora da tarde, para responder a umas quantas perguntas simples. Se Monsieur Kharkov decidisse não aparecer, o avião ser-lhe-ia confiscado e ficaria apreendido por um período mínimo de noventa dias. Após uma diatribe antifrancesa que durou precisamente um minuto e trinta e sete segundos, Ivan prometeu aparecer à hora marcada. Monsieur Boisson respondeu que ficaria a aguardar a reunião e desligou.

Elena Kharkov ficou a saber do apuro em que se encontrava o marido quando telefonou para a Villa Soleil para desejar uma boa manhã a Ivan e aos filhos. Confrontada com a fúria de Ivan, fez alguns comentários apaziguadores e assegurou-lhe que tudo aquilo só podia ser um mal-entendido qualquer. A seguir, teve uma conversa curta com Sonia, durante a qual deu ordens à ama para levar as crianças à praia. Quando Sonia lhe perguntou se precisava falar outra vez com Ivan, Elena hesitou e depois respondeu que sim, precisava realmente de falar com ele outra vez. Quando Ivan voltou a estar em linha, disse-lhe que o amava muito e que estava ansiosa por o ver à noite. Mas Ivan continuava a barafustar sobre o avião e da incompetência dos franceses. Elena murmurou “Dos vidanya, Ivan” e desligou o telefone.

Gabriel era um homem com uma paciência invulgar, mas, durante aquelas últimas e entediantes horas antes do assalto à caixa-forte de segredos de Ivan, a paciência abandonou-o. Era o medo, pensou. O tipo de medo que apenas Moscou consegue produzir. O medo de haver sempre alguém a observar. A ouvir. O medo de dar

por si outra vez em Lubyanka e de poder não sair de lá vivo dessa vez. O medo de outros se poderem juntar a ele lá e sofrer o mesmo destino. Tentou reprimir o medo mantendo-se ativo. Andou por ruas que detestou, pediu um prato elaborado ao almoço, no qual mal tocou, e, no reluzente centro comercial GUM, junto à Praça Vermelha, comprou lembranças que iria deixar para trás. Desempenhou essas tarefas sozinho; aparentemente, o FSB não tinha qualquer interesse em Martin Stonehill, cidadão americano naturalizado, nascido em Hamburgo, na Alemanha.

Por fim, às 14h30, voltou para o quarto no Ritz-Carlton e vestiu-se para a operação. As suas únicas armas eram um mini-rádio e um PDA. Às 15h03 em ponto, apanhou um elevador e desceu até o hall de entrada. Parou por breves instantes junto ao balcão da recepção para recolher uma mão-cheia de brochuras e mapas, e depois saiu pela porta giratória, em direção à rua Tverskaya. Após andar cerca de meio quarteirão, parou e esticou a mão para a rua, como se estivesse a mandar parar um táxi. De imediato, um Volga prateado encostou ao passeio. Gabriel entrou nele e fechou a porta.

— Shalom — disse o homem ao volante.

— Esperemos que sim.

Gabriel olhou para o relógio, no momento em que o carro avançou disparado: 15h06...

Está na hora do último adeus, Elena. Está na hora de entrar no carro.

Elena Kharkov entrou no quarto das visitas discretamente e começou a fazer a mala. O simples ato de dobrar a roupa e de a guardar na mala ajudou-a em muito a acalmar os nervos em franja, e por isso executou essa tarefa com muito mais cuidado do que era necessário. Às 15h20, marcou o número do celular de Sonia. Quando ninguém atendeu, sentiu-se praticamente dominada por uma onda de pânico. Marcou o número uma segunda vez devagar e com grande atenção e dessa vez Sonia atendeu ao terceiro toque. Na voz

mais serena que Elena foi capaz de convocar, informou Sonia de que as crianças já tinham apanhado sol suficiente e de que estava na hora de saírem da praia. Sonia tentou encetar um leve protesto as crianças, disse ela, já não estavam assim tão felizes há vários dias —, mas Elena insistiu. Quando a chamada terminou, ligou o aparelho que parecia um leitor de MP3 normal e colocou-o no bolso de fora do saco de fim-de-semana. A seguir, marcou novamente o número de Sonia. Dessa vez, nem sequer foi possível fazer a ligação.

Acabou de fazer a mala e entrou no quarto da mãe sorrateiramente. O dinheiro estava onde ela o tinha deixado, no fundo da cômoda, escondido por baixo de uma pesada camisola de lã. Fechou a gaveta sem fazer barulho e foi para a sala de estar. A mãe olhou para Elena e tentou sorrir. Não tinham mais nada a dizer uma à outra já tinham dito tudo na noite anterior e já não havia mais lágrimas para derramar.

— Toma um pouquinho de chá antes de ir embora?

— Não, mamãe. Não há tempo.

— Então, vai — disse ela. — E que o anjo do Senhor te proteja.

Um guarda-costas chamado Luka Osipov, antigo agente do Alpha Group, o contraterrorismo russo, estava à espera de Elena lá fora, no corredor. Levou-lhe a mala até em baixo e enfiou-a no porta-bagagens de uma limusine que estava estacionada. Quando o carro arrancou, afastando-se do passeio, Elena anunciou com toda a calma que precisava fazer curta parada na Casa no Cais para buscar alguns documentos no escritório do marido.

— Só demoro um minuto ou dois — disse. — Ainda temo tempo de sobra para chegar a Sheremetyevo na hora do meu voo.

Enquanto a limusine de Elena Kharkov ia avançando em grande velocidade pela Kutuzovsky Prospekt, um segundo carro seguia-a com todo o cuidado. Ao volante, ia um homem chamado Anton Ulyanov. Um antigo especialista em vigilância ao serviço do

governo, tinha passado a trabalhar para Arkady Medvedev, o chefe do serviço de segurança de Ivan Kharkov. Ulyanov realizara inúmeros serviços para Medvedev, a maior parte de ética questionável, mas nunca lhe tinham ordenado que vigiasse a mulher do homem que lhe pagava o salário. Não sabia por que razão lhe tinham dado esse trabalho, apenas que era importante. Segue-a o caminho todo até o aeroporto, dissera-lhe Medvedev. E não a percas de vista. Se o fizeres, vais desejar nunca ter nascido.

Ulyanov manteve-se uns quarenta e cinco metros atrás da limusine e ligou o rádio. Não havia mais nada a fazer a não ser pôr-se confortável e dar um passeio de carro longo e chato até Sheremetyevo. Era desse tipo de trabalhos que ele gostava mais: os trabalhos chatos. A emoção que fique para os heróis, gostava de dizer. Uma pessoa tinha tendência a viver mais tempo dessa maneira. Mas, afinal, o passeio acabaria por não ser nem longo, nem chato. Na verdade, terminaria no Hotel Ukraina. O carro em transgressão apareceu-lhe vindo da direita, embora, mais tarde, Ulyanov tivesse sido forçado a admitir que nunca o chegara a ver. Mas conseguiu recordar-se do momento do impacto: uma colisão violenta de aço deformado e vidros estilhaçados, que fez com que o air bag lhe explodisse na face. Nunca chegou a perceber quanto tempo esteve inconsciente. Calculou que tivessem sido apenas alguns segundos, pois a sua primeira recordação pós-acidente foi a visão de um homem bem vestido a gritar por uma janela rebentada, numa língua que ele não compreendia.

Anton Ulyanov não tentou comunicar com o homem. Em vez disso, iniciou uma busca desesperada pelo celular. Descobriu-o um momento depois, entalado entre o banco do passageiro e a porta amassada. A primeira chamada que fez foi para o apartamento de Arkady Medvedev em Sparrow Hills.

Ao chegar ao Aeroporto Internacional Côte d'Azur, Ivan Kharkov foi escoltado até uma sala de conferências sem janelas, com

uma mesa retangular e fotos de aviões construídos na França penduradas na parede. Não havia qualquer sinal do homem que o convocara, François Boisson; com efeito, passaram uns bons trinta minutos até que Boisson aparecesse por fim. Um homem alto e magro, dos seus cinquenta anos, com óculos pequenos e careca, ostentava, como todos os burocratas franceses, um ar de autoridade condescendente. Sem oferecer qualquer explicação nem desculpa para o atraso, pousou um arquivo volumoso na cabeceira da mesa de conferências, instalando-se aí. Deixou-se ficar ali sentado durante um período de tempo desconfortavelmente longo, com as pontas dos dedos encostadas umas às outras, pensativamente, antes de dar por fim início à reunião.

Há dois dias, depois de ter sido recusada permissão ao seu avião para levantar voo deste aeroporto, iniciamos uma análise cuidada dos seus registos de voo e manifestos de passageiros. Infelizmente, no decurso dessa análise, descobrimos algumas discrepâncias graves.

Que tipo de discrepâncias?

A nossa conclusão, Monsieur Kharkov, é a de que o senhor tem andado a utilizar o seu avião como um serviço charter ilegal.

A não ser que nos consiga provar que não é esse o caso, e devo salientar que, na França, o ónus da culpa em questões deste género lhe cabe inteiramente a si, receio bem que o avião será confiscado de imediato.

— A sua acusação é um disparate completo ripostou Ivan.

Boisson soltou um suspiro e abriu o seu impressionante arquivo devagar. O primeiro objeto que de lá tirou foi uma fotografia de um Boeing Business Jet.

— Para que conste, Monsieur Kharkov, é este o seu avião? Apontou para o número de registo na cauda do avião.

— N7287IK?

— É claro que é o meu avião.

Boisson tocou com o dedo na primeira letra: o N.

— O seu avião tem matrícula americana — salientou.

— Quando é que foi a última vez que ele esteve nos Estados Unidos?

— Não sei dizer com toda a certeza. Há três anos, pelo menos.

— E não acha isso estranho, Monsieur Kharkov?

— Não, eu não acho isso nada estranho. Como muito bem sabe, Monsieur Boisson, os proprietários de aviões optam por uma matrícula americana porque uma matrícula americana garante um valor de revenda alto.

— Mas, de acordo com os seus próprios registros, Monsieur, o senhor não é o proprietário do N7287IK.

— Do que está a falar?

— Os próprios registros do seu avião dão como proprietário do N7287IK uma empresa com sede em Delaware chamada, curiosamente, N7287 LLC. É óbvio que a N7287 LLC é uma empresa fachada mantida apenas e tão-só para dar ao seu avião a ilusão de ser propriedade americana. Tecnicamente, o senhor não tem qualquer ligação com essa empresa. O presidente da N7287 LLC é um homem chamado Charles Hamilton. O Monsieur Hamilton é um advogado de Wilmington, no estado do Delaware. E é também o proprietário por procuração do avião que o senhor afirma ser seu. Na verdade, o Monsieur Hamilton empresta-lhe o avião. Não é assim, Monsieur Kharkov?

— Tecnicamente disparou Ivan é assim, mas estes tipos de combinações são comuns na aviação privada. Comuns, talvez, mas não inteiramente honestos. Antes de prosseguirmos com este inquérito, tenho de insistir que prove que é o verdadeiro proprietário do Boeing Business Jet com o número de registro N7287IK. Talvez a maneira mais fácil de o senhor fazer isso seja telefonar ao seu advogado e pô-lo em contato comigo?

- Mas na América, neste momento, é domingo de manhã.
- Então eu suspeito que ele esteja em casa.

Ivan praguejou em russo e pegou o celular. Não conseguiu fazer a ligação. Após mais duas tentativas inúteis, olhou para Boisson com uma expressão de frustração.

— Eu próprio tenho por vezes dificuldades nesta parte do prédio disse o francês em tom de desculpa.

Apontou para o telefone que se encontrava na outra ponta da mesa de conferências.

Esteja à vontade para utilizar o nosso telefone. Tenho certeza de que está a funcionar perfeitamente.

Arkady Medvedev recebeu a chamada de um Anton Ulyanov manifestamente aturdido, enquanto estava a relaxar no escritório do seu apartamento em Sparrow Hills. Depois de desligar, ligou de imediato para o número do motorista de Elena e não obteve resposta. Após uma segunda tentativa sem sucesso, tentou apanhar por duas vezes Luka Osipov, o chefe da pequena equipe a cargo da segurança de Elena, mas com o mesmo resultado. Desligou o telefone, batendo com o receptor com toda a força, em sinal de frustração, e pôs-se a olhar, fixamente e de modo carrancudo, pela janela, na direção do centro de Moscou. Uma convocatória para comparecer no aeroporto de Nice... uma colisão na Kutuzovsky Prospekt... e agora os guarda-costas da Elena não estavam a atender os celulares... Não era uma coincidência. Passava-se alguma coisa. Mas, no momento, não havia absolutamente nada que ele pudesse fazer em relação a isso.

A saída dos filhos dos Kharkov da praia de Pampelonne não decorreu conforme planejado, o que não seria certamente nenhuma surpresa para qualquer pai de crianças pequenas. Primeiro, foram as exigências de um último banho. Depois, foi a luta para conseguir que duas crianças de sete anos, cobertas de areia, se enfiassem em roupa seca e adequada à viagem de regresso a casa. E, por fim,

foram os histrionismos obrigatórios durante a longa caminhada até os carros. Para Sonia Cherkasov, a paciente ama dos Kharkov, a tarefa não foi facilitada. em nada pelo fato de estar acompanhada por quatro guarda-costas armados. A experiência tinha ensinado que guarda-costas costumavam dar mais trabalho do que as próprias crianças.

Em resultado de todas a demora, já eram 13h45 quando o grupo dos Kharkov entrou nos seus carros. Seguiram o percurso habitual: para o interior, pela Route des Tamaris, e depois para sul, ao longo da D93, em direção à Baie de Cavalaire. Após saírem da rotunda a leste de Ramatuelle, um gendarme atravessou-se no meio da estrada repentinamente, à frente deles, e levantou a mão calçada com uma luva branca. O condutor do carro da frente pôs, por breves instantes, a hipótese de ignorar a ordem, mas, quando o gendarme deu duas apitadelas sonoras, pensou melhor e encostou à berma da estrada, seguido pelo segundo carro.

O gendarme, um veterano do posto de Saint-Tropez, sabia que era escusado dirigir-se aos russos em francês. Num inglês de sotaque carregado, informou o condutor de que tinha vindo a andar bem acima do limite de velocidade sinalizado. A resposta do condutor -que, no Verão, toda a gente acelera no Sul de França -não caiu bem ao gendarme, que lhe exigiu de imediato ver a carta de condução, bem como os passaportes de todos os ocupantes dos dois veículos.

- Nós não trouxemos os passaportes.
- E porque não?
- Porque estávamos na praia.
- Enquanto turistas na França, exige-se que tenham sempre seus passaportes em qualquer hora.

Por que não nos segue até em casa? Podemos mostrar os passaportes e acabarmos com esta tolice.

O gendarme espiou o banco de trás.

— São seus filhos, Monsieur?

— Não. São filhos de Ivan Kharkov.

O gendarme fez uma careta, para indicar que o nome não lhe era familiar.

— E quem é o senhor?

— Eu trabalho para o Sr. Kharkov. Como os colegas no segundo carro.

— Em que função?

— Segurança.

— Então devo partir do pressuposto de que estão armados?

O condutor russo acenou com a cabeça.

— Posso ver suas licenças, por favor?

— Nós não temos as licenças conosco. Estão com os passaportes, na villa do Sr. Kharkov.

— E onde é essa villa?

O gendarme, após ouvir a resposta, voltou para o carro e levou o intercomunicador do rádio aos lábios. Um segundo veículo, uma pequena van da Renault, já tinha chegado ao local e, passado pouco tempo, tinha também a companhia do que parecia ser a maior parte da força policial de Saint-Tropez. Ao observar toda essa cena a desenrolar-se pelo espelho retrovisor, o condutor russo percebeu que a situação se estava a deteriorar rapidamente. Sacou de um celular que tinha no bolso e tentou ligar ao chefe da equipe de segurança responsável por Ivan, mas não conseguiu obter ligação. Após mais três tentativas, desistiu e olhou pela janela com uma expressão de frustração. Naquele momento, o gendarme já estava ali parado, com a aba do coldre desabotoada e a mão a apertar a coronha da arma que tinha à cintura.

— Onde está a sua arma, Monsieur?

O condutor bateu de leve na anca.

— Por favor, tire-a e coloque-a em cima do painel com cuidado.

Olhou para o guarda-costas que estava no banco do passageiro. Faça o mesmo, Monsieur. Arma em cima do painel. A seguir, gostaria que saíssem ambos do carro muito lentamente e colocassem as mãos em cima da capota. Mas qual é a razão disto tudo?

— Lamento, mas nós não temos outra opção a não ser colocá-los sob detenção até podermos esclarecer a questão dos passaportes e licenças de uso e porte de armas. As crianças e a ama podem viajar juntas no mesmo carro. O senhor e os seus três colegas vão ser levados à parte. Podemos fazer isto de uma forma civilizada, ou, se preferirem, podemos fazê-lo com as algemas postas. A escolha é sua, Messieurs.

CAPÍTULO 57

MOSCOU

Do lado ocidental da Casa no Cais, havia um pequeno parque com uma igreja vermelha e bonita no centro. Em circunstâncias normais, não costumava ter muita gente, e, naquela hora, com as nuvens baixas e carregadas de chuva, estava em grande parte deserto. A poucos metros da igreja, havia um pequeno bosque, e, no meio das árvores, um banco com muitos palavrões em russo gravados na madeira. Gabriel sentou-se numa ponta; Shmuel Peled, motorista da embaixada e agente clandestino dos serviços secretos israelenses, sentou-se na outra. Shmuel ia tagarelando num russo fluente. Gabriel não estava a ouvir. Em vez disso, estava concentrado nas vozes que lhe saíam do minirreceptor que tinha ao ouvido.

A voz de Yaakov Rossman, que o informou de que o carro de Elena estava naquele momento livre da vigilância da oposição. A voz de Eli Lavon, que o informou de que o carro de

Elena Kharkov se estava naquele momento a aproximar da Casa no Cais em grande velocidade. A voz de Uzi Navot, que o informou de que Elena Kharkov estava naquele momento a sair do carro e a preparar-se para entrar no prédio, com Luka Osipov logo atrás dela. Gabriel marcou a hora no relógio: 15h54... Já estavam nove minutos atrasados.

É melhor despachar-se, Elena. Nós temos todos um avião para apanhar.

As notícias da chegada de Elena Kharkov foram conhecidas em Londres dez segundos depois, não por voz mas sim por uma curta mensagem que surgiu na tela de vídeo, com o tamanho de um painel publicitário, que se encontrava na parte da frente da sala. Adrian Carter tinha estado ansiosamente à espera do alerta e tinha o microfone de uma linha exclusiva para Langley bem encostado ao ouvido.

Ela está prestes a entrar no prédio disse ele calmamente. Acabem com os telefones. Tudo o que houver a partir do rio Moscou, para sul e até o Garden Ring.

Ela atravessou o hall de entrada, com Luka Osipov a segui-la bem de perto, e entrou num pequeno favor, só com um elevador. Ele tentou segui-la para dentro da cabine do elevador mas ela fê-lo parar com um gesto da mão.

— Espera aqui ordenou-lhe, introduzindo um cartão de segurança na ranhura correspondente.

Retirou o cartão e carregou no botão para o nono andar. Luka Osipov ficou ali parado, sem se mexer, durante vários segundos, a ver as luzes vermelhas do painel de controle a darem conta da subida do elevador. A seguir, abriu a tampa do celular e tentou ligar para o motorista que os esperava lá fora. Ao não ouvir qualquer som, fechou a tampa do telefone com um estalo repentino e praguejou baixinho. A rede inteira de Moscou deve ter ido abaixo, pensou. Nós, russos, não conseguimos fazer nada bem.

Quando as portas do elevador se abriram no nono andar, havia outro guarda-costas no vestíbulo. O nome dele era Pyotr Luzhkov e, como Luka Osipov, era um antigo membro da unidade de elite que era o Alpha Group. A expressão que tinha na face pálida e enfadonha era de surpresa. Devido ao bloqueador de celulares escondido na bagagem de Elena, a equipe responsável pela segurança dela não conseguia avisar de que ela passaria por lá. Elena cumprimentou-o num tom distraído e passou por ele sem parar, em direção ao corredor da entrada e sem dar qualquer explicação para a sua presença. Quando o segurança, por reflexo, pôs a mão em seu braço, Elena deu meia-volta, rodopiando, com os olhos bem abertos de fúria.

— O que está fazendo? Como se atreve a me tocar? Quem você pensa que é?

Luzhkov tirou a mão.

— Peço desculpas.

— Pede desculpas o quê?

— Peço desculpas, Sra. Kharkov. Eu não deveria ter posto a mão em seu braço.

— Não mesmo, Pyotr, não devia. Espere só até que Ivan saiba disso!

Ela começou a avançar pelo corredor, em direção ao escritório.

O guarda-costas seguiu-a.

— Peço desculpas, Sra. Kharkov, mas infelizmente não posso deixá-la entrar no escritório a não ser que seu marido esteja presente.

— Exceto em caso de emergência.

— Sim, correto.

— E eu estou dizendo que isso é uma emergência. Volte para seu posto, palerma. Não posso teclar o código com você me olhando por cima do ombro.

— Mas se há uma emergência, Sra. Kharkov, por que Arkady Medvedev não me avisou?

— Você pode não acreditar, Pyotr, mas meu marido não conta tudo a Arkady. Ele me pediu para pegar uns documentos importantes para levar para a França. Por isso, tem que perguntar-se uma coisa, Pyotr: como acha que Ivan vai reagir se eu perder meu avião por sua causa?

O guarda-costas não cedeu.

— Só estou fazendo meu trabalho, Sra. Kharkov. E minhas ordens são muito simples. Ninguém entra nesse escritório sem autorização do Sr. Kharkov ou de Arkady Medvedev. E isso inclui a senhora.

Elena olhou para o teto e lançou um suspiro de exasperação.
— Então suponho que você tenha simplesmente que ligar para Arkady e dizer que estou aqui.

Apontou para o telefone em cima de uma pequena mesa.

— Ligue, Pyotr. Mas faça isso depressa. Se eu perder meu voo vou dizer a Ivan para te cortar a língua.

O guarda ficou de costas para Elena e pegou o receptor. Alguns segundos depois, inclinou-se, franzindo o sobrolho, e apertou várias vezes a tecla de ligação do telefone.

— Algum problema, Pyotr?

— O telefone não está funcionando.

— Que esquisito. Experimente com meu celular.

O guarda colocou o receptor outra vez no descanso e virou-se, deparando-se com Elena de braço esticado e spray na mão.

O spray que Gabriel lhe tinha dado no avião. Pressionou uma vez, jogando-lhe uma nuvem de líquido diretamente no rosto. O guarda tentou desesperadamente manter o equilíbrio por vários segundos e, por um instante, Elena temeu que o sedativo não tivesse funcionado. Mas então ele caiu no chão com um baque forte, derrubando a mesa pelo caminho. Elena ficou olhando fixa e

ansiosamente para ele, esparramado no chão. Borrifou o spray uma segunda vez.

É isso que leva por me tocar, pensou. Porco. Nove andares abaixo dela, um homem gordo com chapéu de feltro entrou no hall dos elevadores privados, praguejando baixinho com o celular. Olhou para Luka Osipov com expressão de ligeira frustração e encolheu os ombros corpulentos.

— O raio da coisa funcionava há um minuto, mas, quando me aproximei do prédio, foi-se. Vai ver é o fantasma de Stalin. Meu vizinho jura de pés juntos que já o viu andando pelos corredores à noite. Eu nunca tive o azar de encontrar.

As portas do elevador abriram; o russo barrigudo desapareceu lá dentro. Luka Osipov foi até as janelas do hall e olhou a rua. Havia pelo menos duas pessoas, uma mulher na calçada e um taxista parado junto ao carro com problemas evidentes nos celulares. Embora o Camarada Stalin tivesse sido um homem de grande poder, Luka Osipov duvidava que o fantasma dele tivesse alguma coisa a ver com a súbita interrupção nas comunicações celulares. Suspeitava que fosse uma coisa bem mais tangível. Uma coisa como um bloqueador de sinal.

Experimentou uma vez mais o celular, sem sucesso, e foi até a mesa do porteiro e pediu para usar o telefone fixo. Após certificar-se de que Osipov pretendia fazer apenas uma chamada local, o porteiro virou o aparelho para o guarda-costas e disse que fosse rápido. A advertência não era necessária. O telefone não funcionava.

— Não dá sinal nenhum — disse Osipov.

— Estava funcionando há um minuto.

— Já recebeu queixa de alguém do prédio?

— Não, nada.

Luka afastou-se da mesa do porteiro e saiu para a rua. Quando chegou à limusine, o motorista tinha baixado a janela. Luka enfiou a cabeça pela abertura e disse ao homem sentado no banco do

passageiro para ficar de guarda no hall. Depois, virou-se para o Kremlin e começou a andar. Quando chegou em meio à ponte Bolshoy Kamenny, o celular já funcionava outra vez. A primeira chamada que fez foi para Sparrow Hills.

CAPÍTULO 58

MOSCOU

O chão era de madeira e tinha sido encerado recentemente. Mesmo assim, Elena precisou de toda a sua força para arrastar o corpo inconsciente, de noventa quilos, de Pyotr Luzhkov para dentro do banheiro da suíte principal. Fechou a porta por dentro e, a seguir, voltou para a entrada do escritório de Ivan. O teclado estava montado na parede, ao nível dos olhos e do lado esquerdo. Depois de premir os oito dígitos do código de acesso, encostou o polegar ao scanner. Um alarme chilreou três vezes e a porta blindada abriu lentamente. Elena entrou no escritório e abriu a carteira. A mesa, como o homem que trabalhava nela, era pesada e sinistra, sem a menor graciosidade. E, por sinal, era também um dos bens mais estimados de Ivan, pois tinha pertencido, em tempos, a Yuri Andropov, o antigo diretor do KGB que sucedera a Leonid Brejnev como líder soviético, em 1982. O monitor e o teclado do computador encontravam-se ao lado de uma fotografia, com uma moldura prateada, do pai de Ivan, com o seu uniforme de general do KGB. A CPU estava escondida por baixo da mesa, no chão. Elena pôs-se de cócoras e carregou no botão POWER, abrindo depois uma pequena porta na parte da frente da unidade, à qual ligou o dispositivo USB que Gabriel lhe tinha dado no avião. Alguns segundos depois, a drive ativou-se e o computador começou a zunir. Elena olhou para o monitor: uns quantos caracteres em hebraico e uma barra de tempo a

indicar que a tarefa de cópia dos arquivos de dados iria demorar dois minutos.

Olhou o relógio e, a seguir, foi até as estantes de livros requintadas que se encontravam do outro lado da sala. O botão estava escondido por trás da primeira edição de Ivan de Anna Karenina o segundo volume, mais concretamente. Quando Elena carregou nele, o botão fez com que as estantes se separassem, revelando a porta da caixa-forte de Ivan. Premiu os mesmos oito dígitos do código de acesso no teclado e voltou a encostar o polegar ao scanner. Ouviram-se três chilreios, seguidos dessa vez pelo ruído surdo das fechaduras a abrirem.

A luz interior ligou-se automaticamente quando ela abriu a porta pesada com um empurrão. Os CDs secretos de Ivan, a matéria cinzenta da sua rede de morte, estavam numa prateleira, numa fila muito bem arrumada. Uma prateleira abaixo, encontravam-se alguns dos proveitos dessa rede: rublos, dólares, euros, francos suíços. Começou a esticar o braço para tirar o dinheiro mas parou quando se lembrou do sangue. O sangue derramado por homens a manejar as armas de Ivan. O sangue de crianças forçadas a combater nas guerras de Ivan. Deixou o dinheiro na prateleira e pegou apenas os CDs. Os CDs que ajudariam Gabriel a encontrar os mísseis. Os CDs que Gabriel usaria para destruir o marido dela.

Na extremidade da Rua Serafimovicha, havia uma ampla placa de estacionamento. Como a maior parte em Moscou, está atulhado de carros, dia e noite. Nessa tarde, alguns eram estrangeiros e novos; outros, russos e muito antigos, incluindo um Lada todo amassado, de cor e matrícula incertas, ocupado por Uzi Navot e o seu motorista da Base de Moscou. Navot não parecia nada contente depois de ter testemunhado vários desenvolvimentos que o tinham levado a concluir que a operação se estava a desfazer rapidamente. Tinha partilhado essa opinião com o resto dos companheiros de equipe, na voz mais calma de que tinha sido capaz.

Mas, naquele momento, ao observar Luka Osipov voltando pela ponte Bolshoy Kamenny, num sprint já sem grande força, percebeu que a hora para serenidade já tinha passado.

— Ele está voltando — murmurou no microfone de pulso. — E parece que estamos numa grande encrenca.

Embora Shmuel Peled não tivesse um rádio, a expressão cada vez mais sombria de Gabriel dizia tudo o que precisava saber.

— Vamos perdê-la, chefe? Diga que nós não vamos perdê-la.

— Já vamos saber logo. Se ela sair daquele prédio com a carteira no ombro esquerdo, está tudo bem. Se não o fizer...

Deixou o pensamento por acabar.

— E o que fazemos agora?

— Esperamos. E pedimos a Deus que ela consiga enganá-los e entrar outra vez no carro.

— E se ela não sair do prédio?

— Fale russo, Shmuel. Devia estar falando russo.

O jovem motorista retomou seu suposto monólogo em russo. Gabriel olhou fixamente para a fachada ocidental da Casa no Cais e ficou à espera de ouvir o som da voz de Uzi Navot. Luka Osipov tinha engordado quase sete quilos desde que deixara o Alpha Group e perdera grande parte da sua antiga forma física. Em resultado disso, arfava ruidosamente quando regressou à mesa do porteiro, no hall de entrada.

— Preciso entrar no Apartamento 9A imediatamente.

— Lamento, mas isso não é possível, a não ser com um cartão de segurança para o elevador e uma chave para o próprio apartamento.

— Creio que a mulher que está sob minha proteção corra grande perigo nesse apartamento, neste preciso momento. E preciso que me ponha lá dentro.

— Peço desculpas, mas isso é contra a nossa política.

— E sabe para quem eu trabalho, seu idiota?

— Trabalha para a Sra. Kharkov.

— Não, eu trabalho para Ivan Kharkov. E sabe o que Ivan Kharkov vai fazer se acontecer alguma coisa à mulher dele?

O porteiro engoliu em seco.

— Eu posso fazê-lo subir ao nono andar, mas não posso fazê-lo entrar nesse apartamento. O Sr. Kharkov não deixa uma chave nos arquivos.

— Deixe essa parte comigo.

— Boa sorte — disse o porteiro, enquanto saía de trás da mesa. — Pelo que eu ouço dizer, vai precisar de um tanque do Exército Vermelho para entrar naquele lugar.

Elena voltou a juntar as estantes, retirou o dispositivo USB do computador e desligou-o. Ao entrar no corredor, olhou para o relógio: 16h02... Tudo aquilo demorara apenas oito minutos. Enfiou o dispositivo na carteira e depois correu o fecho, premindo em seguida os oito dígitos do código de acesso no teclado. Enquanto a porta pesada se fechava lentamente, endireitou a mesa caída e recolocou o telefone no seu lugar devido. Depois de dar uma última olhada em redor para se certificar de que estava tudo em ordem, começou a dirigir-se para a porta.

Foi então que ouviu as pancadas violentas. Um punho grande de homem, interpolado com uma palma da mão de homem também grande. Calculou que fosse o mesmo tipo de pancadas violentas que os ocupantes daquela casa de horrores tinham ouvido praticamente todas as noites, durante o Grande Terror. Quantos tinham sido arrastados deste lugar para a morte? Naquele instante, ela não se conseguia lembrar do número exato. Cem? Mil? Que diferença fazia isso? Sabia apenas que era bem possível que se fosse juntar a eles daí a pouco tempo. E talvez, um dia, viesse a ser a resposta para uma pergunta macabra num jogo de trivialidades russo. Quem foi a última pessoa a ser levada da Casa no Cais e

assassinada? Elena Kharkov, a primeira mulher de Ivan Borisovich Kharkov...

Como todos aqueles que tinham ouvido as temidas pancadas na porta, ela pôs a hipótese de não a abrir. Mas abriu mesmo. Toda a gente acabava por abrir. Fê-lo não a medo, mas num ataque de indignação fingida, com a carteira no ombro esquerdo e a mão direita a apertar a embalagem de plástico de spray que tinha dentro do bolso do casaco. Luka Osipov, pálido de fúria e molhado de suor, estava parado no vestíbulo. Tinha uma arma na mão apontada diretamente para o coração de Elena. Ela receou que a arma pudesse disparar se tentasse usar o spray, por isso, tirou a mão do bolso devagar e colocou-a no quadril, franzindo o sobrolho para o guarda-costas, espantada.

— Luka Ustinovich — disse ela, utilizando o patronímico dele. — Mas o que te deu?

— Onde está Pyotr?

— Quem é Pyotr?

— O guarda que devia estar de serviço neste apartamento.

— Não havia ninguém aqui quando cheguei, seu idiota.

Agora, vamos embora.

Tentou avançar para o vestíbulo. O guarda-costas bloqueou-lhe o caminho.

— Mas que jogo é este que está fazendo, Luka? Temos que ir para o aeroporto. Confie em mim, Luka Ustinovich, a última coisa que quer é que eu perca meu avião.

O guarda-costas não disse nada. Em vez disso, inclinou-se para dentro do elevador, com a arma ainda apontada para a barriga dela, e apertou o botão do térreo. A seguir, empurrou-a para dentro do apartamento e bateu com a porta com toda a força.

CAPÍTULO 59

GROSVENOR SQUARE, LONDRES

O isqueiro de Shamron chamejou na escuridão do centro de operações, iluminando seu rosto por breves instantes. Tinha os olhos focados no grande ecrã central que se encontrava na parte da frente da sala e onde a última transmissão efetuada por Uzi Navot de Moscou surgiu com todo o encanto de um cadáver estendido numa valeta.

GC ENTRANDO CNC... PROBLEMA...

GC queria dizer guarda-costas. CNC, Casa no Cais.
PROBLEMA não exigia tradução. Problema era encrenca.

A tela ficou negra. Surgiu uma mensagem nova.

AM ENTRANDO CNC... ACONSELHEM...

As iniciais AM queriam dizer Arkady Medvedev. A palavra ACONSELHEM significava que a operação meticulosamente planejada de Gabriel corria sério risco de ir completamente por água abaixo, havendo a possibilidade bem forte de ocorrerem perdas de vida significativas.

— São seus rapazes — disse Carter. — A decisão é sua.

Shamron sacudiu a cinza na xícara de café.

— Ficamos quietinhos. Damos uma chance a Elena.

Carter olhou para o relógio digital.

— Neste momento, são quatro e quinze, Ari. Se quer sua equipe naquele avião, precisam de estar nos carros a caminho do aeroporto em dez minutos.

— Os aviões são máquinas muito complicadas, Adrian. Um monte de coisinhas pequenas pode correr mal num avião.

— Então seria uma boa ideia se tratasse disso o mais depressa possível.

Shamron pegou um telefone seguro, ligou para Operações no Boulevard King Saul. Umas quantas palavras breves em hebraico. Uma olhadela calma em direção a Carter.

— Parece que neste momento uma luzinha está piscando na cabine do Voo 1612 da El Al, avisando que há um problema na pressão. Enquanto essa dificuldade não for resolvida a contento do capitão, um homem que, por sinal, até é um antigo piloto de caça condecorado da Força Aérea Israelense, esse avião não vai a lugar nenhum.

— Bem jogado — respondeu Carter.

— Quanto tempo nossos amigos franceses conseguem manter Ivan ocupado em Nice?

— Monsieur Boisson está começando. Mas as crianças são uma questão completamente diferente. Temos de tomar uma decisão, Ari. O que fazemos com as crianças? Eu não ia querer que meus filhos ficassem sentados numa delegacia francesa. E você, Adrian?

— Também não posso dizer que sim.

— Então vamos buscá-las. Quem sabe? Conforme o que acontecer no prédio nos próximos dez minutos, podemos vir a precisar delas.

— Para quê?

— Não vou abrir mão dela sem luta, Adrian, e pode ter certeza de que Gabriel também não.

Shamron largou o cigarro na xícara de café.

— Ligue para os franceses. Pegue os filhos de Ivan.

Carter pegou a linha segura, ligou para o centro de operações francês, em Paris. Shamron olhou para a tela de mensagens, onde a última de Uzi Navot continuava a piscar incessantemente.

AM ENTRANDO CNC... ACONSELHEM...

AM ENTRANDO CNC... ACONSELHEM...

AM ENTRANDO CNC... ACONSELHEM...

Tinham colocado Sonia e as crianças numa sala de detenção agradável, onde as encharcaram com sumo de fruta fresco e empanturraram com gelado. Uma gendarme bonita e jovem

manteve-se sempre com eles, mais por uma questão de companhia do que por razões de segurança. Viram desenhos animados e jogaram a um jogo de cartas barulhento que não fazia sentido para ninguém, muito menos para as próprias crianças. O agente principal de serviço nomeou-as gendarmes honorários para o resto do dia e até deixou que Nikolai lhe inspecionasse a arma. Mais tarde, contaria aos colegas que o rapaz sabia mais do que demasiado sobre pistolas para uma criança de sete anos.

Após receber um telefonema do quartel-general de Paris, o agente de serviço regressou à sala de detenção e anunciou que estava na hora de todo mundo ir para casa. Anna e Nikolai receberam esta notícia não com alegria, mas sim com lágrimas; para eles, a prisão e a detenção tinham sido uma grande aventura e não tinham pressa nenhuma em voltar para casa, para o seu palácio à beira-mar. Acabaram por os conseguir convencer a ir embora prometendo-lhes que podiam voltar para brincar sempre que quisessem. Ao seguirem pelo corredor central da esquadra, Anna foi de mão dada à gendarme, enquanto Nikolai dava uma lição ao agente de serviço sobre a superioridade das armas fabricadas na Rússia. Sonia perguntou onde estavam os guarda-costas, mas não recebeu qualquer resposta.

Saíram da esquadra não pela entrada da frente, mas sim por uma porta traseira que dava para um pátio fechado. Vários Renault da polícia estavam lá estacionados, ao lado de uma van Peugeot de um modelo mais antigo. Sentado ao volante, com um pólo branco da Lacoste, estava um homem de cabelo grisalho. Ao ver as crianças, saiu da van, com um sorriso de tranquilidade na face, e abriu a porta de trás. Sonia ficou parada, sem se mexer, e voltou-se para o agente de serviço com uma expressão confusa.

— O que há? Quem é este homem?

— É Monsieur Henri. Um bom homem. Vai levá-los para um lugar seguro.

— Não estou entendendo.

— Receio que o Sr. Kharkov esteja no momento envolvido num pequeno problema. A Sra. Kharkov deixou tudo tratado para as crianças ficarem aos cuidados de Monsieur Henri até ela regressar. Pediu que a senhora permanecesse com elas. Ela promete que a senhora será bem recompensada. Compreende o que estou dizendo, Mademoiselle?

— Acho que sim.

— Muito bem. Agora, entre no carro, por favor. E tente não parecer tão assustada. Só vai perturbar as crianças. E isso é a última coisa de que elas precisam.

No Aeroporto Sheremetyevo 2 de Moscou, Chiara estava em seu posto, no balcão do check-in, quando no quadro das partidas o voo passou de NO HORÁRIO para ATRASADO. A três metros de distância, na apinhada sala de espera dos passageiros, 187 vozes aborrecidas gemeram em uníssono. Uma alma corajosa, um judeu ortodoxo com barba e terno escuro, aproximou-se do balcão e exigiu uma explicação.

— É um problema mecânico de pequena importância — explicou Chiara calmamente. — A demora não deverá passar de alguns minutos.

O homem voltou para seu lugar, pouco convencido de que lhe tivessem contado a verdade. Chiara virou-se e olhou para o quadro:

ATRASADO...

Vai embora, Gabriel, pensou. Dá meia-volta e vai embora.

CAPÍTULO 60

MOSCOU

As nuvens começaram a despejar no mesmo instante em que o receptor de Gabriel estalou com o som da voz de Uzi Navot.

— Estamos feitos.

Do que está a falando?

— O Velho acabou de dar ordem para abortar.

— Diga que que quero mais dez minutos.

— Eu não vou dizer nada. Vou cumprir as ordens dele.

— Vão vocês. Encontramo-nos em Sheremetyevo.

— Vamos andando. Agora.

— Eu não vou embora.

— Larga o rádio e enfia-te no carro.

Gabriel e Peled levantaram-se em uníssono e começaram a afastar-se calmamente do parque, debaixo da chuva violenta. Peled dirigiu-se para o Volga; Gabriel, para a Praça Bolotnaya. Navot e Lavon foram ter com ele. Navot usava um boné encerado, mas Lavon não tinha nada a protegê-lo. Pouco depois, o cabelo fino já lhe estava colado à cabeça.

— Por que estamos aqui? — perguntou Navot, impaciente. — Por que estamos aqui parados na chuva, neste parque miserável, quando devíamos estar em nossos carros a seguir para o aeroporto?

— Porque eu não vou embora já, Uzi.

— É claro que vai, Gabriel.

Navot bateu de leve no PDA.

— Diz aqui mesmo que vai: abortar às 17h, hora de Moscou, e pegar o voo no SVO1. É isso que a mensagem diz. Tenho certeza de que não é uma sugestão. Aliás, tenho a certeza absoluta de que é uma ordem direta do próprio Memuneh.

Memuneh era uma palavra que, em hebraico, significava aquele que manda. Desde que todos do Escritório conseguiam lembrar, tinha sido reservada para um só homem: Ari Shamron. Pode ficar aqui em pé no parque gritando comigo até ficar rouco, Uzi, mas eu não vou deixá-la para trás.

— Não é a você que cabe decidir isso, Gabriel. Fez uma promessa a Shamron em Paris. Se ela não saísse daquele prédio no tempo atribuído, iria embora.

Gabriel limpou a chuva que tinha nos óculos esfumados. É melhor pores-te a mexer, Uzi. A esta hora da noite, o trânsito até Sheremetyevo costuma ser terrível.

Navot agarrou na parte de cima do braço de Gabriel e apertou-a com tanta força que a mão de Gabriel ficou até dormente.

— O que vai fazer, Uzi? Arrastar-me para o carro?

— Se for preciso.

— Isso pode causar um pouquinho de espetáculo, não acha?

— Pelo menos, vai ser curto. E, ao contrário de sua vontade de ficar aqui em Moscou, o mais provável é que não seja fatal.

— Larga meu braço, Uzi.

— Não me diga o que fazer, Gabriel. Eu é que sou o chefe, não você. Você não passa de um free-lance. E, como tal, responde a mim. E eu estou mandando você entrar naquele carro e vir conosco para o aeroporto.

Eli Lavon tirou a mão de Navot do braço de Gabriel com cuidado.

— Já chega, Uzi. Ele não vai entrar no avião.

Navot disparou um olhar sinistro a Lavon.

— Obrigado pelo apoio, Eli. Vocês da Ira de Deus são sempre unidos, não é?

— Eu quero tanto quanto você que ele fique para trás. Simplesmente, sei que não vale a pena gastar meu fôlego. É um cabeça dura.

— E vai precisar dela.

Naquele instante, a chuva começou a escorrer copiosamente da aba do chapéu de Navot para o rosto.

— Sabe o que vai acontecer se eu entrar naquele avião sem você? O Velho vai me encostar a uma parede e praticar tiro ao alvo.

Gabriel levantou o relógio para que Navot pudesse ver. São cinco da tarde, Uzi. É melhor ir embora. E leva Eli com você. É um ótimo vigia, mas nunca teve estômago para as coisas mais duras.

Navot lançou um olhar feroz, digno de Shamron, a Gabriel. Já não ia discutir mais.

— Se eu fosse você, ficaria longe do hotel.

Enfiou a mão no bolso do casaco e entregou uma chave a Gabriel.

— Tenho andado com isto de um lado para o outro, para o caso de precisarmos de um lugar para dormir umas horas. É um velho prédio soviético em ruínas, perto do Dinamo Stadion, mas serve. Navot disse o nome da rua, o número do prédio e o número do apartamento.

— Mal chegue lá, informe à base e reforce a porta. Nós vamos preparar uma equipe de extração. Com um pouquinho de sorte, ainda vai estar lá quando ela chegar.

A seguir, deu meia-volta e afastou-se sem mais uma palavra, atravessando com passos pesados a praça varrida pela chuva, em direção ao carro. Lavon ficou observando um momento e depois olhou para Gabriel.

— Certeza de que não quer companhia?

— Vá para o aeroporto, Eli. Pegue aquele avião.

— E o que digo a sua mulher?

Gabriel hesitou um instante: — Diga que peço desculpas, Eli. Diga que vou arranjar um jeito de compensar.

— É possível que esteja cometendo um erro terrível.

— Não será a primeira vez.

— Sim, mas isso é Moscou. Pode ser a última.

A mensagem de Navot surgiu na tela do centro de operações em Londres às 17h04, hora de Moscou:

DE PARTIDA PARA SVO... COM MENOS UM...

Adrian Carter praguejou em voz baixa e olhou para Shamron, que gira o zíppo entre os dedos.

Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda...

— Parece que tinha razão — disse Carter.

Shamron não disse nada.

Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda...

— Os franceses dizem que Ivan está prestes a explodir, Ari. Dizem que a situação em Nice está delicada. Gostariam que houvesse uma solução, tanto para um lado como para o outro. De repente está na hora de deixarmos que Ivan perceba a dimensão do dilema que enfrenta neste momento. Diga a seus ciberguerreiros que voltem a pôr os telefones funcionando em Moscou. E diga aos franceses que confisquem o avião dele. Aliás, aproveitem para ficar com o passaporte dele também. Isso deve chamar sua atenção.

Shamron fechou os olhos.

Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda...

Quando Ivan Kharkov saiu por fim da sala de conferências do Aeroporto Internacional Côte d'Azur, sua fúria tinha atingido níveis perigosos. E acabou por explodir e desembocar num pequeno momento de violência física quando ele encontrou os dois guardacostas dormitando no sofá. Todos juntos, desceram tempestuosamente as escadas, Ivan vociferando com um deles em particular, e entraram na Mercedes blindada para voltar a Saint-Tropez. Quando o carro já se tinha afastado uns sessenta metros do edifício do aeroporto, o celular de Ivan tocou.

Era Arkady Medvedev, de Moscou.

— Por onde andou, Ivan Borisovich?

— Fiquei preso no aeroporto tratando do meu avião.

— O que houve?

— Os franceses tentaram roubar meu avião. E tirar meu passaporte. É isso, Arkady.

— Eles querem roubar mais do que isso. Também têm seus filhos. Faz tudo parte de uma complexa operação contra você. E não é só aí na França. Também está acontecendo alguma coisa aqui em Moscou.

Ivan não disse nada. Arkady Medvedev sabia que isso era um sinal perigoso. Quando Ivan estava apenas furioso, praguejava violentamente. Mas quando ficava tresloucado a ponto de matar, ficava completamente calado. Por fim, ordenou ao chefe da segurança que lhe contasse tudo o que sabia. Medvedev fez isso mesmo, num russo coloquial quase indecifrável para um ouvido ocidental.

— Onde ela está agora, Arkady?

— Continua no apartamento.

— E quem a convenceu a fazer isso?

— Ela diz que o fez sozinha.

— Está mentindo. Preciso saber o que estou enfrentando. E depressa.

— Precisa sair da França.

— Sem avião nem passaporte?

— O que quer que eu faça?

— Dê uma festa, Arkady. Num lugar qualquer nos arredores da cidade. E veja se aparece alguém sem convite.

— E se aparecer?

— Dê um recado meu. Informe que se foderem Ivan Kharkov, Ivan Kharkov vai foder todos eles.

CAPÍTULO 61

AEROPORTO SHERMETYEVO 2, MOSCOU

Chegaram com intervalos de cinco minutos e passaram em separado pela área de segurança e controle de passaportes. Uzi Navot foi o último a aparecer, com o chapéu enterrado até os olhos e a gabardine encharcada. Percorreu o terminal de um lado ao outro por duas vezes, à procura de vigias, antes de se dirigir por fim para a Porta A23. Lavon e Yaakov estavam a olhar nervosamente para a pista. Havia um lugar vazio entre os dois. Navot sentou-se nele e apoiou a pequena pasta de diplomata nos joelhos. Olhou intensamente para Chiara durante uns momentos, como um viajante de meia-idade a admirar uma mulher bonita mais nova.

— Como ela está?

Lavon respondeu: — Como acha que ela se está? Arrasada.

— Não pode se queixar de mais ninguém a não ser do marido. Tenho certeza de que vamos ter tempo de sobra para recriminações mais tarde.

Lavon olhou para o placar das partidas.

— Quanto tempo acha que Shamron vai conseguir segurar o avião em terra?

— O tempo que ele achar que consegue.

— Pelos meus cálculos, ela já está há duas horas nas mãos do Arkady Medvedev. Quanto tempo acha que ele levou para rasgar a carteira, Uzi? Quanto tempo ele levou para descobrir os CDs de Ivan e os brinquedos eletrônicos de Gabriel?

Navot escreveu uma mensagem curta no BlackBerry. Dois minutos depois, a indicação na janela do estado do voo, no monitor das partidas mudou de ATRASADO para EMBARQUE. Cento e oitenta e sete passageiros cansados começaram a aplaudir. Três homens ansiosos olharam sombriamente pela janela para a pista reluzente.

— Não se preocupe, Uzi. Fez o certo.

— Mas nunca conte a Chiara. Ela nunca me perdoaria.

Navot abanou a cabeça lentamente.

— Nunca é boa ideia trazer cônjuges para o terreno. Era de esperar que Gabriel já tivesse aprendido isso.

Houve uma época em Moscou, não há muito tempo, em que um homem sentado sozinho num carro estacionado se teria tornado imediatamente suspeito. Mas já não era assim. Nos tempos que corriam, estarem sentados em carros estacionados ou em carros presos no trânsito era o que os moscovitas faziam.

Gabriel estava na ponta norte da Praça Bolotnaya ao lado de um painel publicitário com um retrato austero do presidente russo. Não sabia se o lugar era legal ou ilegal. Não queria saber. A única coisa que lhe interessava era que podia ver a entrada da Casa no Cais. Deixou o motor a trabalhar e o rádio ligado. Parecia-lhe um programa qualquer de análise noticiosa: longas faixas de comentários do presidente russo entremeadas com comentários de um painel de jornalistas e analistas. As palavras deles eram com certeza laudatórias, pois o Kremlin não tolerava outro tipo. Em frente, unidos!, como o presidente gostava de dizer. E guardem as críticas para vocês. Ao fim de vinte minutos de vigilância, um par de agentes da Milícia subalimentados virou a esquina, as túnica a cintilar. Gabriel aumentou o volume do rádio e acenou cordialmente com a cabeça. Por uns instantes, receou que eles pudessem estar a planejar uma extorsão. Em vez disso, franziram o sobrolho para o seu velho Volga, como que a dizer que não valia a pena perderem o seu tempo com ele numa noite chuvosa. A seguir, apareceu um homem com cabelo escuro escorrido e uma garrafa aberta de cerveja Baltika na mão. Aproximou-se, a arrastar os pés, da janela de Gabriel e abriu o casaco, revelando uma verdadeira farmácia debaixo dele. Gabriel fez-lhe sinal para se ir embora, depois ligou os limpa-para-brisas e focou o olhar no edifício. Especificamente, nas luzes a arderem no apartamento do nono andar com vista para o Kremlin.

Apagaram-se às 19h48. A mulher que saiu do edifício pouco depois não trazia a carteira pendurada no ombro esquerdo. Aliás, não trazia carteira nenhuma. Estava a andar mais depressa do que o normal; Luka Osipov, guarda-costas transformado em captor, agarrava-lhe num braço enquanto um colega agarrava no outro. Arkady

Medvedev vinha uns passos atrás, com a cabeça baixa por causa da chuva e os olhos erguidos e a mexerem-se de um lado para o outro. Um Mercedes esperava-os junto do passeio. Era evidente que os lugares já tinham sido distribuídos com antecedência, pois o processo de embarque foi feito com uma rapidez e uma eficiência admiráveis: Elena, no banco de trás, entalada entre os dois guarda-costas; Arkady Medvedev, à frente, no lugar do passageiro, com um celular encostado ao ouvido. O carro deslizou até o final da rua Serafimovicha e depois desapareceu numa mancha escura. Gabriel contou até cinco e meteu a primeira. Em frente, unidos.

CAPÍTULO 62

MOSCOU

Seguiram velozmente para sul, saindo da cidade, por uma estrada que tinha o nome de Lênin e estava ladeada de monumentos à loucura de Lênin. Prédios de apartamentos intermináveis prédios de apartamentos. Os maiores prédios de apartamentos que Gabriel já vira. Era como se os chefes do Partido Comunista, na sua sabedoria infinita, tivessem decidido desenraizar toda a população do maior país do mundo e reinstalá-la ali, ao longo de uns miseráveis quilômetros da Leninsky Prospekt. E pensar que no final de Setembro estaria tudo coberto por um manto de neve e gelo. Àquela hora, a Leninsky era duas estradas diferentes: as faixas no sentido da cidade, atulhadas de moscovitas que regressavam do fim-de-semana

passado nas suas dachas, e as faixas no sentido contrário, cheias de caminhões gigantescos que abandonavam ruidosamente a capital, a caminho dos cantos distantes do império. Os caminhões eram tanto seus aliados como inimigos. Num momento, davam a Gabriel um lugar para se esconder. No seguinte, tapavam-lhe a vista. Shmuel Peled tivera razão em relação ao Volga de fato, andava decentemente para uma sucata com vinte anos feita pelos soviéticos mas não podia competir com o melhor automóvel que a Baviera tinha para oferecer. O Volga atingia a velocidade máxima aos cento e trinta quilômetros por hora, e fazia-o com grandes protestos e a fugir para a esquerda. Os limpa-para-brisas pequenos eram completamente inúteis contra a chuva forte e os salpicos da estrada, e a ventoinha de desembaciar pouco mais era do que uma baforada quente de respiração no vidro. Para conseguir ver Gabriel teve de abrir as duas janelas da frente para criar uma corrente de ar. Cada caminhão que passava atirava-lhe água para o lado esquerdo da cara.

A chuva abrandou e uns raios de sol fracos espreitaram através de uma fenda nas nuvens perto do horizonte. Gabriel manteve o pé colado ao acelerador e os olhos presos às luzes traseiras do Mercedes. Todavia, os seus pensamentos estavam concentrados na cena que tinha acabado de presenciar na Casa no Cais. Como ele tinha conseguido?

Como a tinha Arkady convencido a entrar no carro sem luta? Fora com uma ameaça ou com uma promessa? Com a verdade ou com uma mentira, ou com uma mistura das duas? E porque estavam eles agora a deslocar-se a grande velocidade pela Leninsky Prospekt, a caminho do vazio imenso do campo russo? Gabriel estava a refletir naquela última pergunta quando sentiu o primeiro impacto no para-choques traseiro: um carro muito maior e muito mais rápido do que o dele, os faróis apagados. Respondeu carregando a fundo no acelerador, mas o Volga não tinha mais nada para dar. O carro que

ia atrás deu-lhe mais um toque, quase como um aviso, e depois avançou rapidamente para o golpe final.

O que se seguiu foi a manobra clássica que todos os bons polícias de trânsito conhecem. O agressor inicia o contato com a vítima, o lado direito do para-choque da frente contra o lado esquerdo do para-choques de trás. A seguir, o agressor acelera violentamente e a vítima rodopia descontroladamente. O impacto de uma tática dessas é substancialmente aumentado quando há um grande desequilíbrio no peso e na força dos dois veículos por exemplo, quando um é um Mercedes Classe E o outro um velho Volga a desfazer-se, que já estava a ser puxado até o ponto limite. Quantas vezes o carro de Gabriel girou realmente, ele nunca o iria saber. Só sabia que, quando tudo terminou, o carro estava deitado de lado, num campo de lama na borda de um pinhal, e ele estava a sangrar copiosamente do nariz.

Dois dos homens de Arkady Medvedev patinharam pela lama para o irem buscar, embora os seus motivos não tivessem nada de altruístas. Um era um skinhead gigante, com uma mão direita que parecia um martelo de forja. O martelo atingiu Gabriel apenas uma vez, já que uma vez era tudo o que era preciso. Ele caiu para trás na lama e, por um instante, viu os pinheiros de cabeça para baixo.

A seguir, as árvores dispararam em direção às nuvens como mísseis.

E Gabriel perdeu os sentidos.

Naquele mesmo momento, o Voo 1612 da El Al estava a ganhar altitude rapidamente, por cima dos subúrbios de Moscou, e a fazer uma curva apertada em direção ao sul. Uzi Navot estava sentado à janela, na última fila da primeira classe, com a mão a apertar um copo de uísque e os olhos a esquadriharem o vasto tapete de luzes amarelas tremeluzentes por baixo dele. Durante uns curtos segundos, conseguiu ver tudo claramente: as estradas

circulares em redor do Kremlin, o curso serpenteante do rio, as avenidas trovejantes dirigindo-se como raios para a vastidão infinita do interior da Rússia. Depois, o avião penetrou nas nuvens e as luzes de Moscou desapareceram. Navot baixou a cortina da janela e levou o uísque aos lábios. Devia ter quebrado o braço dele, pensou. Devia ter quebrado o braço do sacaninha.

Gabriel abriu os olhos devagar. Não os olhos, pensou. O olho. Só o olho esquerdo. O olho direito não respondia. O olho direito era o que tinha levado a pancada do gigante careca. Naquele momento, estava inchado e fechado e com uma crosta de sangue coagulado. Antes de tentar fazer qualquer movimento, avaliou cuidadosamente a situação. Estava estendido no chão de cimento do que parecia ser um armazém, com as mãos algemadas atrás das costas e as pernas dispostas de uma maneira que lembrava, de certo modo, uma posição de corrida, a perna direita levantada à frente dele, a esquerda esticada para trás. O ombro direito estava dolorosamente comprimido contra o chão, como o lado direito do rosto. Algures, ardia uma luz, mas o seu canto do edifício estava numa semiescuridão.

A uma pequena distância dele, estava uma pilha de grandes caixotes de madeira com inscrições em cirílico nos lados. Gabriel esforçou-se por perceber as palavras, mas não conseguiu. O alfabeto continuava a parecer-lhe uns hieróglifos; os caixotes podiam estar cheios de latas de caviar ou de frasquinhos de polônio letal que ele nunca teria percebido a diferença.

Virou-se de costas, levou os joelhos ao peito e depois manobrou até ficar sentado. O esforço do movimento, combinado com o fato de estar agora ereto, fez com que o olho direito começasse a latejar com uma dor excruciante. Calculou que a pancada lhe tivesse fraturado a órbita à volta do olho. Tanto quanto sabia, já não tinha olho, apenas uma cratera grande no lado da cara onde outrora tinha estado o olho.

Encostou-se aos caixotes de madeira e olhou em redor. Havia outras pilhas de caixotes, pilhas muito altas de caixotes, que iam desaparecendo ao longe, como os edifícios de apartamentos da Leninsky Prospekt. Da sua posição estratégica limitada, Gabriel só conseguia ver duas filas, mas ficou com a impressão de que havia muitas mais. Tinha dúvida de que estivessem cheias de caviar. Nem mesmo um glutão com Ivan Kharkov conseguiria devorar tanto caviar.

Ouviu o barulho de passos a aproximarem-se. Dois conjuntos. Ambos pesados. Ambos masculinos. Um homem muito maior do que o outro. O homem grande era o gigante careca que o tinha agredido. O homem mais pequeno era vários anos mais velho, com uma franja de cabelo grisalho cor de aço e um crânio que parecia ter sido especialmente concebido para aguentar muitos traumas físicos violentos.

— Onde estão as crianças? — perguntou Arkady Medvedev.

— Que crianças? — replicou Gabriel.

Medvedev fez um sinal com a cabeça para o gigante e depois afastou-se como se não quisesse que a roupa ficasse salpicada de sangue. O martelo de forja bateu violentamente no crânio de Gabriel uma segunda vez. O mesmo olho, o mesmo resultado. Pinheiros e mísseis. Depois, nada de nada.

CAPÍTULO 63

PRAÇA LUBYANKA, MOSCOU

Como quase toda a gente em Moscou, o coronel Grigori Bulganov do FSB era divorciado. O seu casamento, como a própria Rússia, tinha-se caracterizado por guinadas violentas de um extremo ao outro: a glasnost num dia, o Grande Terror no outro. Felizmente, tinha sido curto e não tinha produzido descendência. Trina tinha

ganho o apartamento e o Volkswagen; Grigori Bulganov, a liberdade. Não que tivesse conseguido fazer muita coisa com ela: um ou dois romances tórridos, e a tarde ocasional na cama da vizinha, uma mãe de três filhos que também era divorciada.

Durante a maior parte do tempo, Grigori Bulganov trabalhava. Começava a trabalhar de manhã cedo. Trabalhava até a noite, bem tarde. Trabalhava aos sábados. Trabalhava aos domingos. E às vezes, como naquele momento, até o podiam encontrar em sua mesa numa noite de domingo. A sua área era a contraespionagem. Mais exatamente, o trabalho de Bulganov era neutralizar as tentativas dos serviços secretos estrangeiros para espiarem o governo russo e as empresas russas nas mãos do Estado. A sua tarefa tinha sido mais dificultada pelas atividades dos serviços irmãos do FSB, o SVR. A espionagem exercida pelo SVR tinha atingido níveis nunca vistos desde o auge da Guerra Fria, o que tinha levado os adversários da Rússia a responderem na mesma moeda. Grigori Bulganov dificilmente podia censurá-los. O novo presidente russo gostava de brandir o sabre e os líderes estrangeiros precisavam de saber se ele tinha uma lâmina afiada ou se se tinha enferrujado na bainha. Como muitos dos agentes do FSB, Bulganov aumentava o ordenado vendendo os seus conhecimentos de perito, juntamente com o conhecimento que adquirira com o trabalho propriamente dito, à indústria privada. No caso de Bulganov, servia como informador pago de um homem chamado Arkady Medvedev, o chefe da segurança do oligarca russo Ivan Kharkov. Bulganov fornecia regularmente a Medvedev uma torrente de relatórios sobre as ameaças potenciais para os seus negócios, lícitos e ilícitos. Medvedev recompensava-o mantendo uma conta bancária secreta, em nome de Bulganov, cheia de dinheiro. Como consequência desse acordo, Grigori Bulganov tinha sido capaz de penetrar nas operações de Ivan Kharkov de uma forma nunca conseguida por um estranho. De fato, Bulganov tinha a certeza de que sabia mais sobre as

atividades de tráfico de armas de Ivan do que qualquer outro agente secreto do mundo. Na Rússia, esse conhecimento podia ser perigoso. Às vezes, podia mesmo ser fatal, o que explicava que Bulganov tivesse o cuidado de estar sempre nas boas graças de Arkady Medvedev. E que, quando Medvedev lhe ligou para o celular às onze e um quarto da noite, não se tivesse atrevido a não atender.

Grigori Bulganov não falou durante os três minutos seguintes. Em vez disso rasgou uma folha do bloco de notas numa centena de pouquinhos, enquanto ouvia o relato do que se passara em Moscou nessa tarde. Ficou satisfeito por Medvedev lhe ter telefonado. Só desejava era que o tivesse feito por uma linha segura.

— Tem certeza de que é ele? perguntou Bulganov.

— Sem a menor dúvida.

— Como ele voltou a entrar no país?

— Com um passaporte americano e um disfarce rudimentar.

— E onde está agora?

Medvedev informou-o da localização.

— E a mulher de Ivan?

— Também.

— O que tenciona fazer, Arkady?

— Vou dar-lhe mais uma oportunidade para responder a umas quantas perguntas. E depois vou largá-lo num buraco, num lugar qualquer.

Fez uma pausa.

— A não ser que queira fazer isso por mim, Grigori?

— Posso até gostar. Afinal, ele desobedeceu a uma ordem direta. De quanto tempo precisa para chegar?

— Uma hora. E eu também gostaria de dar uma palavrinha com a mulher.

— Uma palavrinha, Grigori? Este assunto não lhe diz respeito.

- Vou ser breve. Assegure-se de que ela esteja aí quando eu chegar.
- Vai estar.
- Quantos homens tem aí?
- Cinco.
- Isso é um monte de testemunha.
- Não se preocupe, Grigori. Não são do tipo falador.

CAPÍTULO 64

PROVÍNCIA DE KALUZHSKAYA, RÚSSIA

Quando Gabriel voltou a acordar, foi com a sensação de uma compressa a ser aplicada no olho ferido. Abriu o olho que ainda funcionava e viu que a tarefa estava a ser feita pelo próprio Arkady Medvedev. O russo estava a trabalhar com uma só mão. A outra segurava uma arma. Uma Stechkin, pensou Gabriel, mas não tinha a certeza. Nunca se tinha interessado muito pelas armas russas.

- Está com pena de mim, Arkady?
- Isso não parava de sangrar. Estávamos com medo de que morresse.
- Mas não vão me matar de qualquer maneira?
- Claro que vamos, Allon. Mas primeiro precisamos de algumas informações.

Quem disse que os antigos capangas do KGB não tinham modos?

Medvedev acabou de pôr a atadura e olhou para Gabriel, em silêncio.

- Não vai perguntar como sei seu nome verdadeiro? — perguntou por fim.

— Presumo que o soube por seus amigos do FSB. Ou poupou um telefonema e arrancou à força de Elena Kharkov. Parece do tipo que gosta de bater em mulher.

— Continue assim e chamo o Dmitri para te bater outra vez. Já não é jovem, Allon. Um ou dois socos do Dmitri e é bem possível que não volte a acordar.

— Ele desperdiça muito impulso nos murros. Por que não me deixa dar-lhe umas dicas?

— Está falando sério ou é só o senso de humor judeu?

— Nosso senso de humor vem da proximidade com os russos. Ajuda ter senso de humor num pogrom. Dói menos quando sua aldeia é incendiada.

— Tem uma escolha, Allon. Pode continuar aí deitado falando piadas a noite toda ou pode começar a falar.

O russo tirou um cigarro de uma cigarreira de prata e acendeu-o com um isqueiro de prata.

— Não precisa desta merda e eu também não. Vamos resolver o assunto como profissionais.

— Por profissional, suponho que queira dizer que eu devo contar tudo o que sei para depois poder me matar.

— Mais ou menos isso.

O russo estendeu a cigarreira a Gabriel.

— Quer um?

— Faz mal à saúde.

Medvedev fechou a cigarreira.

— Está em condições de dar um pequeno passeio, Allon? Acho que pode achar este lugar muito interessante.

— Há alguma possibilidade de me tirar estas algemas?

— Nenhuma.

— Já esperava. Me ajude a levantar, por favor. Tente não arrancar meus ombros das articulações.

Medvedev levantou-o sem esforço. Gabriel sentiu o armazém rodopiar e por um curto instante achou que ia cair. Medvedev devia estar pensando a mesma coisa, porque segurou-o pelo cotovelo.

— Tem certeza de que está em condições, Allon?

— Tenho.

— Não vai voltar a desmaiar, não?

— Vou ficar bem, Arkady.

Medvedev deitou fora o cigarro e esmagou-o cuidadosamente, com um mocassim italiano com aspeto de ser caro. Tudo o que Medvedev trazia vestido parecia caro: o fato francês, a gabardine inglesa, o relógio suíço. Mas nada daquilo conseguia esconder o fato de, por debaixo daquilo tudo, ele continuar a ser apenas um reles rufia do KGB. Como o regime, pensou Gabriel. O KGB com roupas bonitas.

Começaram a andar juntos por entre os caixotes. Eram muito mais do que Gabriel podia ter imaginado. Parecia que nunca mais acabavam, assim como o próprio armazém. Não era nada de surpreendente, pensou ele. Afinal de contas, isto era a Rússia. O maior país do mundo. O maior hotel do mundo. A maior piscina do mundo. O maior armazém do mundo.

— O que há nos caixotes?

— Comida.

— Sério?

— Sério.

Medvedev apontou para um arranha-céu de caixotes de madeira. — Aquilo é atum enlatado. Ali, cenouras enlatadas. Um pouco mais à frente, carne enlatada. Até temos canja de galinha.

— Isso é muito impressionante. Há quinze anos, a Rússia vivia da esmola americana. Agora, vocês alimentam o mundo.

— Fizemos grandes progressos desde a queda do comunismo.

— O que está realmente nos caixotes, Arkady?

Medvedev apontou para o mesmo arranha-céu.

— Aquilo ali são balas. Cinquenta milhões delas, para ser exato.

— O suficiente para matar uma grande porção do Terceiro Mundo.

— Mas não há grandes probabilidades disso. O típico combatente da liberdade não é muito disciplinado. Não nos queixamos. É bom para o negócio.

Medvedev apontou para outra pilha.

— Aquilo são RPG-7. Uma das melhores armas que o dinheiro pode comprar. Um grande equalizador. Com o treino adequado, qualquer garoto de doze anos dá cabo de um tanque ou de um caminhão blindado de transporte de tropas.

— E o resto?

— Ali à frente estão morteiros. Ao lado dos morteiros, nosso verdadeiro ganha-pão: as AK-47. Ajudaram a derrotar os alemães e, a seguir, a mudar o mundo. A Kalashnikov deu imenso poder aos sem poder. Voz aos sem voz.

— Ouvi dizer que também é muito popular nos bairros violentos de Los Angeles.

Medvedev torceu o rosto, numa expressão de terror fingido.

— Criminosos? Não, Allon, nós não vendemos a criminosos. Os nossos clientes são governos. Rebeldes. Revolucionários.

— Nunca imaginei que fosses um verdadeiro crente, Arkady.

— E não sou, de fato. Só estou nisso pelo dinheiro. Como Ivan.

Continuaram a andar em silêncio. Gabriel sabia que aquilo não era uma volta turística, mas uma marcha de morte. Arkady Medvedev queria arrancar uma coisa de Gabriel antes de chegarem ao destino. Queria os filhos de Ivan.

— Só para que saiba, Allon, tudo o que estou mostrando é completamente legal. Temos armazéns menores em outras partes do

país, mais perto das velhas fábricas de armamento, mas estas são as nossas instalações de distribuição centrais. Temos nos saído bem. Somos muito maiores do que os nossos competidores.

— Parabéns, Arkady. E os lucros ainda continuam fortes, ou vocês cresceram depressa demais?

— Os lucros estão ótimos, obrigado. Apesar das afirmações em contrário do Ocidente, o tráfico de armas continua uma indústria em crescimento.

— E como se saíram no negócio dos mísseis?

Medvedev ficou calado durante uns instantes.

— A que mísseis se refere, Allon?

— OS SA-18, Arkady. Os Iglas.

— O Igla é um dos mísseis antiaéreos mais precisos e mais letais já produzidos.

O tom de Medvedev era já próprio de uma reunião de informação. — É um sistema perigoso demais para se deixar à solta no mercado. Nós não negociamos Iglas. Só um louco o faria.

— Não foi isso que me disseram, Arkady. Ouvi dizer que venderam várias centenas deles a um país africano. Um país que está planejando passá-los, com margem de lucro substancial, a uns amigos da Al-Qaeda.

Gabriel calou-se de repente. Quando voltou a falar, seu tom era de confiança, e não de confrontação.

— Nós sabemos tudo sobre os Iglas, Arkady. Também sabemos que foi contra a venda desde o princípio. Não é tarde demais para nos ajudar. Diga onde estão.

Medvedev não deu resposta, a não ser levar Gabriel para um espaço vazio no centro do armazém. A área era iluminada por uma lâmpada pendurada nas traves, acima da cabeça deles. Medvedev ficou ali parado, como um artista num palco, e abriu os braços.

— Lamento, mas já é tarde demais.

— Onde eles estão agora, Arkady?

— Nas mãos de um cliente muito satisfeito.

Medvedev afastou-se da luz e deu um empurrão firme nas costas de Gabriel. Havia mais uma coisa que tinham de ver.

CAPÍTULO 65

PROVÍNCIA DE KALUZHSKAYA, RÚSSIA

Ela estava presa a uma cadeira de metal com costas retas, no canto mais afastado do vasto armazém. Luka Osipov, o seu antigo guarda-costas, estava de pé, de um lado, e o gigante careca, do outro.

Ela tinha a blusa rasgada e as faces vermelhas de bofetadas repetidas. Olhou horrorizada para o olho ferido de Gabriel e depois baixou os olhos para o chão. Medvedev agarrou-lhe brutalmente num punhado dos seus cabelos escuros. Não era o gênero de gesto que sugerisse que a tencionasse deixar viver.

— Antes de começarmos, devo dizer-te que a Sra. Kharkov se tem mostrado bastante colaborativa esta noite. Fez-nos um relato completo e honesto do seu envolvimento neste triste assunto, começando pela noite em que ouviu às escondidas a minha conversa ao telefone com o marido. Confessou-nos que a operação para roubar os papéis secretos de Ivan foi uma ideia só dela. Disse que, na verdade, até a tinhas tentado dissuadir.

— Ela está a mentir, Arkady. Fomos nós que a obrigamos a isso. Dissemos-lhe que o marido ia ser eliminado e que se ela não cooperasse também seria eliminada.

— Isso é muito cavalheiresco da tua parte, Allon, mas não resulta. Medvedev puxou com mais força o cabelo de Elena. A cara dela permaneceu uma máscara estoica.

— Infelizmente continuou Medvedev a Sra. Kharkov não foi capaz de nos dar uma informação essencial: a localização dos filhos. Estávamos a contar que nos pudesses dizer isso agora, para que a Sra. Kharkov pudesse ser poupada a mais dissabores. Como deves calcular, o marido está bastante zangado com ela neste momento. Deu-nos ordem para fazermos tudo o que fosse preciso para

obtermos as respostas de que necessitamos. Já te disse, Arkady. Não sei onde estão as crianças. Não me deram essa informação.

— Para o caso de te vires a encontrar numa situação como esta? Medvedev atirou um celular a Gabriel. Bateu-lhe no peito e caiu ruidosamente no chão.

— Telefona aos franceses. Diz-lhes para entregarem as crianças na villa de Ivan esta noite, juntamente com o passaporte dele. Diz-lhes para libertarem o avião de Ivan. Ele gostava de regressar à Rússia imediatamente.

— Deixa-a ir disse Gabriel. Faz o que quiseres comigo, mas deixa Elena ir-se embora.

— Para ela poder testemunhar contra o marido num tribunal ocidental? Para ela poder lamentar publicamente o fato de a Rússia se estar a tornar um Estado autoritário, que, mais uma vez, é uma ameaça séria para a paz global? Isso não seria apenas mau para o país, mas também para os negócios. É que, sabes, os amigos do Sr. Kharkov no Kremlin podiam achar aborrecido que ele permitisse que uma situação dessas acontecesse. E o Sr. Kharkov esforça-se muito para não aborrecer os seus amigos no Kremlin. Garanto que não a vou deixar falar. Ela vai criar os filhos e manter a boca calada. Ela está inocente.

— Ivan não vê o assunto dessa maneira. Ivan considera-a uma traidora. E tu sabes o que fazemos aos traidores.

Medvedev levantou a Stechkin para Gabriel a ver e depois encostou o cano à nuca de Elena.

— Sete gramas de chumbo, como o Stalin gostava de dizer. É o que Elena vai receber se não mandares os franceses deixar Ivan entrar no avião hoje à noite com os filhos. Faço esse telefonema quando Elena estiver em segurança no Ocidente.

— Ela não vai a lugar nenhum.

Elena levantou os olhos do chão e olhou diretamente para Gabriel. — Não diga nada, Gabriel. Eles vão me matar de qualquer

jeito. Prefiro que as crianças sejam criadas por outra pessoa qualquer do que por um monstro como meu marido.

Levantou os olhos para Medvedev.

— É melhor apertar o gatilho, Arkady, porque Ivan nunca ficará com essas crianças.

Medvedev aproximou-se de Gabriel e bateu com a coronha da Stechkin no olho direito dele. Gabriel caiu no chão, de lado, cego com a dor excruciante. Que foi aumentada quando Medvedev lhe deu um pontapé no plexo solar com o mocassim italiano. Estava a preparar um segundo pontapé quando uma voz distante interveio em russo. A voz soou familiar a Gabriel, tinha a certeza disso, mas, na sua agonia, não se conseguia lembrar onde a tinha já ouvido. Ocorreu-lhe um instante depois, quando, finalmente, conseguiu voltar a respirar. Tinha ouvido aquela voz dois meses antes, na sua primeira viagem a Moscou. Tinha ouvido a voz em Lubyanka.

CAPÍTULO 66

PROVÍNCIA DE KALUZHSKAYA, RÚSSIA

Os dois homens tiveram um debate curto, mas amigável, como se estivessem a discutir de quem era a vez de pagar o almoço. Como era em russo, Gabriel não o conseguia perceber. Nem conseguia ver-lhes as caras. Ainda estava deitado de lado, com o abdômen exposto aos mocassins tamanho quarenta e cinco de Arkady Medvedev. Quando a conversa acabou, dois pares de mãos puseram-no em pé. Foi então que viu a cara do homem que só conhecia como Sergei. Tinha o mesmo aspeto que apresentara em Lubyanka. O mesmo fato cinzento. A mesma palidez cinzenta. Os mesmos olhos de advogado por trás dos óculos redondos. Vestia uma gabardine cheia de estilo. A sua barbicha à Lênin tinha sido aparada recentemente.

— Julgava que lhe tinha dito para não voltar à Rússia, Allon.
— Se tivesse feito o seu trabalho, eu não teria de o fazer.
— E que trabalho é esse?
— Impedir que escumalha como Ivan inunde o mundo com armas e mísseis.

Sergei suspirou pesadamente, como que a dizer que aquela era a última coisa que gostaria de fazer para passar a noite. Depois, agarrou nas algemas de Gabriel e deu-lhes um puxão violento. Se Gabriel ainda tivesse alguma sensação nos pulsos, tinha a certeza de que teria doído como o raio.

Atravessaram o armazém juntos, com Sergei a seguir um passo atrás, e saíram por uma porta suficientemente grande para acomodar os caminhões de carga de Ivan. Estava outra vez a chover; três dos seguranças de Medvedev estavam abrigados sob o beiral, falando baixinho, em russo. A poucos metros de distância, estava um carro oficial do FSB. Sergei enfiou Gabriel no banco de trás e fechou a porta com força.

Conduziu com uma Makarov na mão e o rádio ligado. Mais outro discurso do presidente russo, claro. Que outra coisa poderia ser? Era uma estrada pequena que atravessava uma espessa floresta de bétulas. Enfiadas no meio das árvores, havia dachas não palácios como a dacha de Ivan, mas dachas russas verdadeiras. Algumas eram do tamanho de uma simpática casinha de campo; outras eram pouco maiores do que um barracão. Todas estavam rodeadas de pequenos terrenos cultivados. Gabriel pensou em Olga Sukhova a tratar dos seus rabanetes.

Acredito na minha Rússia e não quero que sejam cometidas mais maldades em meu nome...

Olhou para o espelho retrovisor e viu os olhos de Lênin. Estavam a investigar a estrada atrás deles.

— Estamos a ser seguidos, Sergei?

— Não me chamo Sergei. O meu nome é coronel Grigori Bulganov.

— Como está, coronel Bulganov?

— Estou ótimo, Allon. Agora feche a boca.

Bulganov virou para um desvio e desligou o motor. Depois de avisar a Gabriel para não se mexer, saiu do carro e abriu o portamalas. Vasculhou o interior antes de se aproximar do lado do carro onde Gabriel estava. Quando abriu a porta, segurava a Makarov numa mão e um alicate enferrujado na outra.

— O que vai fazer? Cortar-me aos pouquinhos?

Bulganov pousou a Makarov em cima do teto.

— Cale-se e saia.

Gabriel fez o que lhe mandaram. Bulganov fê-lo girar de forma a ficar de frente para o carro e segurou as algemas. Gabriel ouviu um estalido seco e ficou com as mãos livres.

— Importa-se de me dizer o que está havendo, Sergei?

— Já lhe disse, Allon, é Grigori, coronel Grigori Bulganov. Estendeu a Makarov a Gabriel.

— Presumo que saiba usar uma coisa destas?

Gabriel pegou a arma.

— Há alguma possibilidade de me tirar as algemas dos pulsos? Sem a chave, não. Além disso, vai precisar delas quando voltarmos ao armazém. É a única maneira de conseguirmos tirar Elena viva dali.

Bulganov dirigiu a Gabriel um dos seus sorrisos astutos. Não pensou que eu ia mesmo deixar que aqueles monstros a matassem, não, Allon?

— Claro que não, Sergei. Por que eu haveria de pensar uma coisa dessas?

— Tenho certeza de que tem perguntas a fazer.

— Alguns milhares, para dizer a verdade.

— Teremos tempo para isso mais tarde. Volte para o carro e finja que ainda tem as mãos algemadas.

CAPÍTULO 67

PROVÍNCIA DE KALUZHSKAYA, RÚSSIA

Gabriel olhou pela janela do carro para as dachas no meio das árvores. Não as via. Em vez disso, via um homem parecido com Lênin, sentado a uma mesa de interrogatórios, em Lubyanka. Era possível que Bulganov estivesse a fazer um jogo qualquer. Possível, pensou Gabriel, mas não provável. O coronel tinha acabado de lhe soltar as mãos e de lhe dar uma arma carregada, uma arma que ele podia usar, se estivesse para aí virado, para espalhar os miolos do coronel pelo para-brisas.

— De que você e o Arkady estiveram a falar em russo?

— Ele disse-me que queria umas informações suas.

E disse-lhe quais eram?

Não, ele queria que eu o levasse para a floresta e lhe enfiasse uma bala na cabeça. Eu devia dar-lhe mais uma oportunidade para falar antes de o matar. E concordou com isso?

— É uma história comprida. O que interessa é que podemos usar isso em nosso proveito. Vamos entrar pela mesma porta por onde acabamos de sair. Vou dizer a Arkady que mudou de opinião. Que está disposto a contar o que ele quiser saber. Depois, quando estivermos perto, mato-o.

— Arkady?

— Sim. Eu me encarrego de Arkady. Ficam faltando os outros dois gorilas. São ex-membros das forças especiais. Sabem manejar armas. Eu sou apenas um agente de contraespionagem do FSB. Vigio espiões.

Bulganov de uma olhadela pelo espelho retrovisor.

— Você não pode entrar no edifício com a arma na mão, Allon. Tem de esconder num lugar onde a possa pegar depressa. Ouvi dizer que não é nada mau com uma arma. Acha que consegue sacar essa Makarov a tempo de impedir que os gorilas nos matem?

Gabriel enfiou a Makarov na calça e escondeu-a com o casaco. — Mantenha a arma apontada para mim até estar preparado. Quando eu a vir deslocar-se para Arkady, será a minha deixa.

— Sobram os três rapazes lá fora.

— Eles não vão ficar lá fora muito tempo... depois de ouvirem os tiros. Haja o que houver, não lhes dê oportunidade de se renderem. Dê meia-volta e comece a disparar. E não falhe. Não vamos ter tempo para recarregar.

— Só tem oito balas nessa câmara.

— Se eu tiver de usar mais do que cinco, estamos numa encrenca.

— Consegue ver suficientemente bem?

— Consigo ver perfeitamente.

— Tenho de lhe confessar uma coisa, Allon.

— O quê?

— Nunca matei ninguém.

— Só não se esqueça é de apertar o gatilho, Grigori. A arma funciona muito melhor quando se aperta o gatilho.

Os três seguranças continuavam na entrada do armazém quando Gabriel e Bulganov voltaram. Alguém devia ter descoberto onde Ivan guardava a cerveja, porque estavam bebendo em enormes garrafas de Baltika. Quando Gabriel se encaminhou para os guardas, segurava o pulso direito na mão esquerda para criar a ilusão de que as mãos ainda estavam algemadas.

Bulganov vinha meio passo atrás, com a Makarov apontada para o meio das costas de Gabriel. Os guardas pareceram apenas moderadamente interessados no reaparecimento deles. Obviamente,

estavam habituados a ver condenados a serem levados de um lado para o outro com uma arma apontada.

Eram precisamente quarenta e dois os passos que mediavam desde a porta de carga aberta até o lugar onde Elena Kharkov estava sentada, acorrentada à cadeira de metal. Gabriel sabia isso porque contou mentalmente os passos enquanto cobria a distância naquele instante, com o coronel Grigori Bulganov a seu lado. O coronel Bulganov que, dois meses antes, tinha mandado atirar Gabriel pelos dois lances de escada abaixo em Lubyanka. O coronel Bulganov que, nessa mesma noite, tinha dito que se chamava Sergei e tinha ameaçado que mataria Gabriel se ele alguma vez voltasse à Rússia. O coronel Bulganov que nunca tinha disparado uma arma, enraivecido, e em cujas mãos a vida de Gabriel se encontrava naquele momento. Arkady Medvedev estava parado à frente de Elena, em mangas de camisa, e a gritar-lhe obscenidades. Quando Bulganov e Gabriel se aproximaram, virou-se para eles com as mãos nas ancas e a Stechkin enfiada na parte da frente da calça. Luka Osipov e o gigante careca estavam atrás de Elena, um de cada lado. Não era de longe o ideal, pensou Gabriel, mas como Elena ainda estava algemada à cadeira, não havia hipótese de ela ficar na linha de fogo. Bulganov dirigiu-se a Medvedev, em russo, enquanto se aproximavam um do outro, até ficarem à distância de um tiro à queima-roupa. Medvedev sorriu e olhou para Gabriel.

— Então, criou juízo.

— Sim, Arkady. Criei juízo.

— Então conte. Onde estão os filhos de Ivan?

— Que filhos?

Medvedev franziu o cenho e olhou para Bulganov. Por sua vez, Bulganov franziu o cenho e apontou a arma para o coração de Medvedev. Gabriel deu um passo para a direita e, ao mesmo tempo, enfiou a mão debaixo do casaco para pegar a Makarov. Dispararam os primeiros tiros simultaneamente, Bulganov para o peito de

Medvedev, Gabriel para a testa lisa do gigante careca. Luka Osipov respondeu com uma tentativa inútil de puxar da arma. O tiro de Gabriel acertou-o sob o queixo e saiu pela base do crânio.

Nesse instante, Gabriel ouviu o barulho de vidros quebrando: os três homens deixavam cair três garrafas de cerveja Baltika no chão simultaneamente. Entraram todos pela porta, bem espaçados, como patinhos flutuantes numa máquina de tiro ao alvo num salão de jogos. Gabriel abateu-os por ordem de entrada: tiro na cabeça, tiro na cabeça, tiro no peito.

Deu meia-volta e olhou para Elena. Ela estava desesperadamente tentando fazer passar os pulsos pelas algemas, a boca muito aberta, num grito silencioso. Gabriel queria confortá-la, mas não podia; Arkady Medvedev ainda estava vivo e se esforçava para tirar a Stechkin da frente da calça. Com um pontapé, Gabriel arrancou a arma das mãos dele e ficou parado a sua frente. O russo começou a ofegar, sangue rosado espumando no canto da boca.

— Gostaria de mandar um recado a Ivan — disse Gabriel. — Pode fazer isso por mim, Arkady?

Medvedev assentiu com a cabeça, a respirar rápida e superficialmente. Gabriel ergueu a Makarov e disparou os três últimos tiros do rosto do russo. — Recado entregue.

Gabriel apertou Elena nos braços enquanto Bulganov revistava os corpos à procura das chaves das algemas. Descobriu uma, universal, no corpo de Luka Osipov. Primeiro, soltou as mãos de Elena, depois, tirou as algemas das mãos de Gabriel.

— Leve-a para o carro — disse Gabriel. — Eu já vou.

— Ande logo.

— Vá andando.

Enquanto Bulganov encaminhava Elena para a porta, Gabriel revistou o corpo de Arkady Medvedev. Encontrou chaves, passaportes e uma carteira cheia de dinheiro. Ignorou o dinheiro e tirou um cartão de plástico gravado com a imagem de um enorme

prédio nas margens do rio Moscou. Bulganov já tinha posto o motor do Volga para trabalhar quando Gabriel saiu. Entrou no banco de trás e sentou-se ao lado de Elena, cujos gritos já não eram silenciosos. Gabriel apertou-a com força contra o peito enquanto Bulganov arrancava e seguia. O choro dela já tinha acabado quando viram o letreiro enferrujado, torcido e furado por buracos de balas. Estavam na interseção de duas estradas. Duas setas apontavam para direções opostas. Para a esquerda estava МОСКВА, a grafia cirílica para Moscou.

Bulganov explicou o que ficava à direita.

— Ucrânia.

— Quanto tempo?

— Podemos atravessar a fronteira antes de amanhecer.

— Podemos?

— Acabei de ajudar um agente israelense a matar Arkady Medvedev e cinco de seus seguranças. Quanto tempo acha que vou ficar vivo em Moscou? Uma semana, se tiver sorte. Eu vou com você.

— Outro desertor? Era só o que nos faltava.

— Desconfio que vão achar que valho meu peso em ouro. É que ando a investigar, discretamente, as ligações entre homens como Ivan Kharkov e o FSB há anos. Também sei muita coisa sobre a pequena rede de tráfico de armas de Ivan. Muito mais do que vocês, desconfio. Tem certeza de que não gostaria que eu fosse com vocês, Allon?

— Vamos adorar sua companhia, coronel. Além disso, a viagem é longa e não faço a menor ideia de como sair daqui.

Bulganov tirou o pé do freio e começou a virar para a direita.

Gabriel disse para parar.

— Qual é o problema? — perguntou Bulganov.

— Vamos na direção errada.

— Vamos para a Ucrânia. E a Ucrânia fica para a direita. Olhe o letreiro.

— Ainda temos umas coisas a fazer antes de ir embora.

— Onde?

Gabriel apontou para a esquerda. MOCKBA...

CAPÍTULO 68

MOSCOU

Na periferia de Moscou, havia um supermercado que nunca fechava. Se não era o maior supermercado do mundo, pensou Gabriel, então não lhe ficava com certeza muito atrás: oito mil metros quadrados de alimentos congelados, um quilômetro e meio de biscoitos e bolachas salgadas, outro quilômetro e meio de refrigerantes americanos e uma parede de pesadelo com milhares de salsichas de porco penduradas. E isto era apenas para a comida. Ao fundo do supermercado, havia uma seção chamada Casa e Jardim, onde se podia comprar de tudo, desde roupas a motorizadas e cortadores de relva comerciais. Em Moscou, quem precisaria de um cortador de relva comercial?

— São para as dachas explicou Elena. Agora que os russos têm dinheiro, já não gostam de cavar com as mãos.

Encolheu os ombros.

— Mas qual é o interesse de ter uma dacha se não se sujar as mãos?

Por que razão o supermercado ficava aberto toda a noite era um mistério porque, às duas da manhã, estava vazio. Percorreram os intermináveis corredores de produtos de consumo, tirando rapidamente produtos das prateleiras: roupa limpa, ligaduras e antissépticos, um par de óculos escuros enormes, snacks e Coca-Cola em quantidade suficiente para aguentarem uma viagem matutina.

Quando empurraram o carrinho de compras até a caixa, a funcionária sonolenta olhou para o olho de Gabriel e estremeceu. Elena explicou, num tom de desprezo que o marido tinha estampado o carro numa vala perdido de bêbedo com vodca, claro. A mulher da caixa abanou a cabeça com tristeza enquanto registrava os artigos.

— Os homens russos — murmurou. Nunca mudam.

Gabriel levou os sacos para o carro e voltou a entrar para o banco de trás com Elena. Bulganov, sozinho à frente, contou-lhes uma história enquanto conduzia em direção ao centro de Moscou. Era a história de um jovem agente do KGB que nunca tinha acreditado verdadeiramente nas mentiras de Lênin e Stalin e que tinha erguido rapidamente um copo de vodca quando o império do engano tinha finalmente caído. Esse jovem agente tinha tentado demitir-se depois do colapso do comunismo, mas tinha sido convencido pelo seu mentor a ficar e ajudar a transformar o KGB num serviço verdadeiramente profissional. Tinha concordado relutantemente e tinha subido depressa na hierarquia do sucessor doméstico do KGB, o FSB, apenas para o ver deteriorar-se e transformar-se numa coisa ainda pior do que o KGB tinha sido. A seguir, esse jovem, correndo grandes riscos pessoais, tinha-se juntado a um grupo de agentes que tinham a esperança de reformar o FSB. Discretamente, disse Bulganov. A partir de dentro. Mas depressa perceberam que os chefões e os seus patrões no Kremlin não estavam interessados em reformas. Por isso, o grupo passou à clandestinidade. E começou a compilar um dossiê.

— O nosso dossiê não dá um quadro bonito. Envolvimento do FSB em assassinatos por encomenda, prostituição e drogas. Envolvimento do FSB nas operações de oligarcas desonestos. E pior. Quem acha que planejou e executou aqueles bombardeios aos edifícios que nosso presidente usou para justificar invadir de novo a Chechênia? O FSB é uma organização criminosa de cima a baixo. E governam a Rússia.

— E como eu acabei por cair no seu prato naquela noite em Lubyanka?

— Ironicamente, foi tudo de acordo com as regras. Estávamos vigiando você desde que aterrissou em São Petersburgo. E, tenho de confessar, você foi muito bom. Não desconfiávamos de nada, mesmo depois de ter estabelecido contato com Olga Sukhova. Pensávamos que era Natan Golani do Ministério da Cultura de Israel.

— Então não sabia que Arkady e Ivan tinham mandado nos matar naquela noite?

— Não, de maneira nenhuma. No princípio, achei que você estivesse apenas no lugar errado na hora errada. Mas quando sobreviveu ao ataque e salvou Olga, isso causou um problema muito sério para Ivan. Quase o perdi durante a sua prisão em Lubyanka. Ivan Kharkov, em pessoa, estava ao telefone com o chefe. Ele sabia seu nome verdadeiro e seu trabalho verdadeiro. Queria que o levassem para um campo e o matassem com um tiro. Os chefões me mandaram fazer exatamente isso. Fingi que concordava e comecei a protelar para ganhar tempo. Foi então que, felizmente, seu serviço fez toda aquela barulheira e você se tornou um risco grande demais, mesmo para um Ivan Kharkov.

— E como os convenceu a não me matar?

— Disse-lhes que seria um desastre para as relações públicas se morresse sob a custódia do FSB. Disse estava me lixando para o que Ivan lhe fizesse quando você saísse do país, mas que não podiam pôr as mãos em cima de você enquanto estivesse em solo russo. Ivan não ficou satisfeito, mas os chefes acabaram por concordar com meu ponto de vista. Enfiei-o na van e levei-o para a fronteira antes que eles mudassem de ideia. Estive muito perto da morte nesta noite, Allon... mais perto do que pode perceber.

— E onde está o dossiê agora?

— A maior parte está aqui — respondeu ele, batendo com o dedo na testa. — Toda a documentação que conseguimos copiar foi

digitalizada e guardada em contas de e-mail fora do país.

— E como acabou por aparecer naquele armazém hoje à noite?

— Tenho exercido meu ofício nos dois lados da rua.

— Está na folha de pagamento de Ivan?

Bulganov assentiu com a cabeça.

— Era muito mais fácil reunir informações sobre os negócios desonestos do FSB se eu mesmo participasse de alguns deles.

Também me dava proteção. Mesmo podres, pensavam que eu era um deles. Sei muita coisa sobre os negócios de Ivan. Quem sabe? De repente sabemos o suficiente para encontrar a pista daqueles mísseis sem voltarmos à Casa no Cais. Até eu me arrepio quando entro naquele lugar. Está assombrado, sabe. Dizem que à noite Stalin vagueia pelos salões, batendo nas portas.

— Não me vou embora da Rússia sem os CDs de Ivan. Não sabe se há alguma coisa neles. Nem sequer sabe se estão no apartamento.

Elena interveio: — Vi Arkady pôr minha carteira na caixa-forte antes de irmos embora.

— Isso já foi há muito tempo. Ivan pode ter mandado alguém tirá-los de lá.

— Não pode ter feito isso. Só há três pessoas no mundo que podem ter acesso a essa caixa-forte: Ivan, o Arkady e eu. Pela lógica, os discos têm de lá estar.

— Mas ir buscá-los vai nos custar um tempo valioso. E também pode significar mais um cadáver. Haverá um guarda novo no apartamento. Ele pode ter um ou dois ajudantes. Antigamente, os vizinhos estavam habituados ao barulho dos tiroteios à noite, mas agora já não. Se tivermos de andar dando tiros, as coisas podem ficar feias muito depressa.

— Você ainda é um coronel do FSB, Grigori. — Coronéis do FSB não aturam merda de ninguém.

— Já não quero ser um coronel do FSB. Quero ser um dos bons.

— E vai ser — respondeu Gabriel. — Assim que se apresentar na fronteira ucraniana e anunciar seu desejo de desertar.

Bulganov desviou os olhos do espelho e olhou em frente, para a Leninsky Prospekt.

— Eu já sou um dos bons — disse baixinho. — Só que jogo para uma equipe muito má.

CAPÍTULO 69

PRAÇA BOLOTNAYA, MOSCOU

O presidente russo franziu o sobrolho desaprovador enquanto Gabriel, Elena e Grigori Bulganov atravessavam rapidamente a rua em direção à Casa no Cais. Bulganov pousou a sua identificação do FSB em cima da mesa da recepção e, calmamente, ameaçou decepar a mão do porteiro se ele tocasse no telefone.

— Nós nunca estivemos aqui. Entendeu?

O porteiro, aterrorizado, acenou com a cabeça. Bulganov voltou a enfiar a identificação no bolso e encaminhou-se para a área dos elevadores, onde Gabriel e Elena já tinham entrado em um. Mal as portas se fecharam, os dois homens puxaram suas Makarov e colocaram as primeiras balas na câmara. O elevador era velho e lento; a viagem até o nono andar pareceu durar uma eternidade. Quando as portas se abriram por fim, Elena estava comprimida num canto, com Gabriel e Bulganov, com as armas em posição de disparo, escudando seu corpo. Contudo, aquelas cautelas foram desnecessárias porque o vestíbulo, como o hall de entrada do

apartamento, estava vazio. Parecia que o guarda de segurança altamente treinado de Arkady Medvedev tinha dormido no sofá da sala de estar enquanto via um pouquinho de pornografia na televisão enorme de Ivan. Gabriel acordou o guarda enfiando-lhe o cano da Makarov no ouvido. — Se for um bom cachorro, vai viver e ver o sol nascer. Se for um cachorro mau, vou fazer uma porcaria horrível no divã de Ivan. Como vai ser? Cão bom ou cão mau?

— Bom — respondeu o guarda.

— Escolha acertada. Vamos.

Gabriel levou o guarda para o escritório fortificado de Ivan, onde Elena já abria a caixa-forte. A carteira dela estava onde Medvedev a deixara. Os discos continuavam lá. Bulganov ordenou ao guarda que entrasse na caixa-forte e fechou a porta de aço. Elena apertou o botão atrás do volume 2 de Anna Karenina e as estantes deslizaram e se fecharam. Lá dentro, o guarda começou a gritar em russo, a voz abafada quase inaudível.

— De repente devíamos dar-lhe alguma água — disse Bulganov.

— Ele vai aguentar bem umas poucas horas.

Gabriel olhou para Elena.

— Precisa de mais alguma coisa?

Ela abanou a cabeça. Gabriel e Bulganov seguiram para o elevador, com as Makarov apontadas. O porteiro continuava paralisado atrás da mesa da recepção. Bulganov deu-lhe um último aviso para manter a boca fechada e depois levou Gabriel e Elena para o carro.

— Com um pouquinho de sorte, podemos estar do outro lado da fronteira antes da alvorada — disse Bulganov enquanto enfiava a chave na ignição. A não ser que ainda tenha mais assuntos a tratar.

— Na verdade, até tenho. Preciso que faça uma última prisão enquanto ainda é um oficial do FSB.

— Quem?

Gabriel disse.

— Nem pensar. Não há maneira de eu conseguir passar por toda aquela segurança.

— Ainda é um coronel do FSB, Grigori. E os coronéis do FSB não aturam merda de ninguém.

CAPÍTULO 70

MOSCOU

Um conjunto de luzes lembravam o Cinturão de Orion no lado norte da Casa dos Cães; luzes vermelhas piscavam nas torres de transmissão, no alto do telhado. Gabriel estava sentado ao volante do carro oficial do coronel Grigori Bulganov. Elena estava sentada a seu lado, com o celular do coronel Grigori Bulganov na mão. O coronel não estava lá. Estava no décimo primeiro andar prendendo Olga Sukhova, jornalista socialmente empenhada da ex-socialmente empenhada *Moskovskaya Gazeta*.

— Acha que ela vem? — perguntou Elena.

— Vem, sim — respondeu Gabriel. — Não tem escolha. Ela sabe que se puser um pé fora daquele apartamento o marido a mata.

Elena estendeu a mão e tocou no curativo no olho direito de Gabriel.

— Fiz o melhor que pude. Precisa de pontos. Provavelmente de mais coisas. Acho que aquele animal conseguiu quebrar alguma coisa.

— Tenho certeza de que ele se arrependeu mal viu a arma na minha mão.

— Não me parece que ele tenha chegado a ver sua arma.

Tocou-lhe a mão.

— Onde aprendeu a fazer aquilo?

— Infelizmente, tenho tido muita prática.

— Posso confessar uma coisa?

— Claro.

— Estou contente por tê-los matado. Sei que isto deve parecer terrível vindo da mulher de um assassino, mas estou contente por tê-los matado da maneira como o fez. Especialmente Arkady.

— Eu devia ter esperado até você sair. Peço desculpas por isso, Elena.

— Isso algum dia vai embora?

— A recordação? Não, nunca.

Ela olhou para o celular e verificou a força do sinal. Então, seu nome é mesmo Gabriel ou isso também era um embuste?

— É meu nome verdadeiro.

Elena sorriu.

— Há alguma coisa divertida no meu nome?

— Não, é um nome lindo. Estava só pensando nas últimas palavras da minha mãe antes de eu ir embora esta tarde. Que o anjo do Senhor te proteja. Acho que afinal de contas ela tinha razão.

— Podemos ir buscá-la quando estivermos saindo da cidade, se quiser.

— Minha mãe? A última coisa que vai querer é dirigir até a Ucrânia com minha mãe no banco de trás. Além disso, não é preciso tirá-la daqui já. Nem mesmo Ivan faria mal a uma mulher de idade.

Estudou-o em silêncio durante alguns momentos.

— Então, é mesmo o anjo do Senhor, Gabriel?

— Pareço o anjo do Senhor?

— Acho que não.

Levantou os olhos para a fachada do prédio.

— É verdade que não sabe onde estão meus filhos?

Gabriel abanou a cabeça.

— Estava mentindo, sei onde seus filhos estão.

— Diga-me.

— Ainda não. Digo quando estivermos em segurança do outro lado da fronteira.

— Olhe!

Ela apontou para o prédio.

— Acendeu uma luz. Quer dizer que ela o deixou entrar no apartamento?

— Provavelmente.

Elena olhou para o celular.

— Toca, raios! Toca!

— Calma, Elena. São três da manhã e um coronel do FSB está dizendo a ela para fazer a mala. Dê uns momentos para digerir.

— Acha que ela vem?

— Acho.

Gabriel tirou-lhe o telefone da mão e perguntou como ela sabia que o Cassatt era falso.

— Foram as mãos.

— O que tinham as mãos?

— As pinceladas estavam emplastradas demais.

— Sarah me disse a mesma coisa.

— Devia ter dado ouvidos.

Naquele preciso instante, o telefone tocou. Gabriel entregou-o a Elena.

— Da? — disse ela e depois: — Da, da.

Olhou para Gabriel.

— Pisque os faróis, Gabriel. Ela quer que pisque os faróis.

Gabriel acendeu e apagou os faróis duas vezes. Elena disse mais umas palavras em russo. A janela do décimo primeiro andar escureceu.

QUARTA PARTE

A colheita

CAPÍTULO 71

VILLA DEI FIORI, ÚMBRIA

Na Villa dei Fiori, a vendemmia, a colheita anual das uvas, teve início no último sábado de Setembro. Coincidiu com a notícia desagradável de que o restaurador estava a planejar regressar à Úmbria. O conde Gasparri ainda chegou a pensar em fazer a viagem de carro desde Roma para informar pessoalmente os empregados. Mas acabou por decidir que um telefonema rápido a Margherita seria suficiente. Quando é que está previsto que ele chegue? perguntou ela, com uma voz perfeitamente horrorizada.

— Isso ainda não é claro.

— Só podia. E ele vem sozinho ou acompanhado pela Francesca?

— Isso também ainda não é claro.

Devemos partir do princípio de que ele vai estar outra vez a trabalhar?

— É o que se espera respondeu Gasparri. Mas os meus amigos do Vaticano disseram que ele teve um acidente qualquer. Eu não contaria que ele estivesse com uma disposição muito boa.

— Como podemos perceber a diferença?

— Sejam simpáticos com ele, Margherita. Ao que parece, o pobre homem passou por uma provação muito séria.

E, com essas palavras, a linha ficou muda. Margherita desligou o telefone e dirigiu-se para as vinhas.

O pobre homem passou por uma provação muito séria...

Então, pensou ela, agora vai descarregar em cima de nós.

O “regresso”, como ficou conhecido na equipe, ocorreu nessa mesma noite, já muito tarde. Carlos, que vivia numa pequena casa de pedra numa colina por cima da pastagem, viu a pequena van

Passat quando ela virou e entrou pelo portão e começou a descer a estrada de cascalho em direção à villa, com os faróis apagados. Telefonou rapidamente a Isabella, que estava de pé, na varanda da sua residência, ao pé dos estábulos, quando o carro sem luzes passou como uma seta, numa nuvem de poeira. O que viu, ainda que por breves instantes, forneceu-lhe duas informações importantes: o carro continha, sem margem para dúvida, não uma, mas duas pessoas, o restaurador e a mulher que conheciam como Francesca, que estava dirigindo. Uma prova circunstancial forte, disse ela a Carlos, de que o restaurador tinha mesmo sofrido um acidente qualquer.

O último membro do pessoal a ver o casal naquela noite foi Margherita, que os observou do outro lado do pátio, a partir do seu posto estático, por cima da capela. Como todas as governantas, Margherita era uma observadora nata e, como todos os bons observadores, tirou apontamentos a pormenores mais ínfimos. Achou estranho, no mínimo, que a mulher fosse à frente. Também achou que conseguia detectar qualquer coisa diferente nos movimentos do restaurador. Qualquer coisa vagamente hesitante nos seus passos. Voltou a vê-lo uma vez mais quando ele apareceu na janela do primeiro andar e olhou na direção dela, para o outro lado do pátio. Dessa vez, não houve nenhum aceno militar; na verdade, ele nem sequer deu qualquer indicação de saber que ela estava ali. Estava apenas a espreitar para a escuridão, como se estivesse à procura de um adversário que sabia que estava lá, mas que não conseguia ver.

As persianas fecharam-se com uma pancada surda e o restaurador desapareceu. Margherita ficou paralisada na sua janela durante muito tempo depois disso, perturbada com a imagem que acabara de ver. Um homem numa janela iluminada pelo luar, com uma ligadura grossa sobre o olho direito.

Infelizmente, as previsões do conde Gasparri sobre o humor do restaurador vieram a revelar-se certas. Ao contrário do que

acontecera no Verão, quando ele se tinha mostrado sempre reservado, o seu estado de espírito flutuava entre silêncios de gelar e explosões de fúria alarmantes. Francesca, embora pedisse desculpa, dava poucas pistas sobre como ele tinha sido ferido, dizendo apenas que tinha sofrido um percalço quando estava a trabalhar no estrangeiro. Como era natural, o pessoal começou a especular sobre o que teria de fato acontecido. As teorias iam do absurdo ao mundano. Tinham a certeza de uma coisa: o ferimento tinha deixado o restaurador perigosamente nervoso, como Anna descobriu uma manhã, quando se aproximou dele por trás enquanto ele se estava a esforçar para ler o jornal. O movimento repentino que ele fez pregou-lhe um tal susto que ela jurou nunca mais se aproximar dele. Margherita resolveu cantar enquanto fazia as suas tarefas, o que só parecia aborrecê-lo ainda mais.

De início, ele não se aventurava para lá dos muros etruscos do jardim. Passava ali as tardes, à sombra da latada, a beber o seu vinho Orvieto e a ler até o olho ficar demasiado cansado para continuar. Às vezes, quando estava calor, ia até a piscina e entrava cuidadosamente na parte mais baixa, tendo o cuidado de manter o olho ligado acima da água. Outras vezes, deitava-se de costas numa chaise-longue e atirava uma bola de tênis ao ar, durante horas a fio, como se estivesse a testar a vista e os reflexos. Sempre que voltava para a villa, parava na sala de estar e ficava a olhar para o estúdio vazio. Margherita anotou o fato de ele não ficar parado no lugar habitual, em frente dos cavaletes, mas vários passos atrás.

— Como se tentasse se imaginar trabalhando outra vez — contou ela a Anna. — O pobre homem não está nada seguro de que volte a pôr as mãos num quadro.

Mas depressa se sentiu suficientemente forte para retomar os passeios. No princípio, não eram grandes, nem feitos em passadas rápidas. Usava óculos escuros grandes para tapar os olhos e um chapéu de algodão que enfiava até o nariz. Havia dias em que a

mulher o acompanhava, mas, habitualmente, passeava sozinho, só na companhia dos cães. Isabella cumprimentava-o simpaticamente sempre que ele passava pelos estábulos, ainda que só costumasse receber um aceno taciturno em troca. No entanto, sua disposição foi melhorando com o exercício e, uma vez, até chegou mesmo a parar uns minutos para conversar sobre os cavalos. Isabella ofereceu-se para lhe dar lições de equitação quando o olho estivesse curado, mas ele não lhe deu resposta a não ser virar o olhar para o céu para observar um avião a jato fazendo a última aproximação da pista de Fiumicino.

— Tem medo? — perguntou Isabella.

— Sim, confessou ele, ao mesmo tempo em que o avião desaparecia atrás de uma colina marrom. Tinha muito medo. A cada dia que passava, ele caminhava até um pouco mais longe e por volta de meados de outubro já conseguia ir até o portão e voltar todas as manhãs. Até começou a aventurar-se outra vez no bosque. Foi durante uma dessas saídas, no primeiro dia frio da estação, que na Vila dei Fiori ecoou um tiro de arma de pequeno calibre. O restaurador saiu do meio das árvores momentos depois, com a camisa descuidadamente amarrada no pescoço e os cães uivando sedentos de sangue. Contou a Carlos que tinha sido atacado por um javali e que, infelizmente, o javali não tinha sobrevivido ao encontro. Quando Carlos procurou sinais de uma arma, o restaurador pareceu sorrir. Depois deu meia-volta e começou a descer a estrada de cascalho em direção à vila. Carlos encontrou o animal poucos minutos depois. No meio dos olhos, havia um buraco sem sangue. Pequeno e perfeito. Quase como tivesse sido pintado com um pincel.

Na manhã seguinte, a Vila dei Fiori, juntamente com o resto da Europa, acordou com a notícia espantosa de que um desastre de proporções inimagináveis tinha sido evitado por um triz. A história apareceu primeiro em Londres, onde a BBC noticiou que a Scotland Yard fazia apreensões relacionadas ao terrorismo no East London e

bairros próximos dos aeroportos de Heathrow e Gatwick. Mais tarde, um primeiro-ministro britânico de ar sombrio apareceu à frente das câmeras, na Downing Street, para informar a nação de que o serviço secreto tinha desmantelado uma grande conspiração terrorista que visava destruir simultaneamente vários aviões em território britânico. Não era a primeira vez que uma conspiração desse gênero tinha sido descoberta na Grã-Bretanha. No entanto, o que tornava essa diferente eram as armas envolvidas: mísseis antiaéreos SA-18 portáteis. A polícia britânica tinha encontrado doze dessas sofisticadas armas durante as buscas do início da manhã e, segundo o primeiro-ministro, estava freneticamente à procura de mais. Não quis dizer onde os terroristas tinham obtido os mísseis, mas recordou aos jornalistas, sem rodeios, o nome do país onde as armas tinham sido fabricadas: Rússia. Para terminar, em nota final arrepiante, o primeiro-ministro declarou que a conspiração tinha âmbito global e avisou os jornalistas que teriam um longo dia pela frente. Dez minutos mais tarde, em Paris, o presidente francês apareceu perante as câmeras, no Palácio do Eliseu, para anunciar que fizera batidas policiais semelhantes, nessa mesma manhã, nos subúrbios de Paris e no Sul de França. Já tinham descoberto vinte mísseis, dez num apartamento perto do Aeroporto Charles de Gaulle e outros dez num barco de pesca, no velho e movimentado porto de Marselha. Ao contrário do primeiro-ministro britânico, que se evitou falar da origem dos mísseis, o presidente francês disse que para ele estava claro que as armas tinham sido fornecidas aos terroristas, direta ou indiretamente, por uma fonte russa. Também deu a entender que os serviços de segurança e informação franceses tinham desempenhado papel fundamental na descoberta da conspiração. Cenas semelhantes desenrolaram-se numa sucessão rápida em Madri, Roma, Atenas, Zurique, Copenhaga e, por fim, do outro lado do Atlântico, em Washington D.C. Ladeado pelos membros mais importantes da segurança nacional, o presidente

disse ao povo americano que tinham sido descobertos oito mísseis SA-18 a bordo de um iate que se dirigia para Miami, vindo das Bahamas, outros seis no porta-malas de um carro que tentava entrar nos Estados Unidos pela fronteira do Canadá. Tinham sido detidos quatro homens suspeitos de terrorismo, que eram naquele momento interrogados. Tendo como base o que tinha sido recolhido até o momento, tanto pelos investigadores europeus como pelos americanos, parecia que a conspiração tinha sido programada para coincidir com os feriados de Natal. Os aviões americanos e israelenses eram os alvos principais dos terroristas, que esperavam maximizar as baixas entre os cruzados e os judeus. O presidente garantiu ao povo americano que a conspiração tinha sido completamente aniquilada e que era seguro andar de avião. As pessoas que iam viajar, aparentemente, não concordaram. Nas quatro horas seguintes às declarações, centenas de voos foram atrasados ou alterados devido a uma onda sem precedentes de cancelamentos de viagens. Os analistas das companhias de aviação previram que as notícias fossem causar graves prejuízos financeiros a uma indústria já em dificuldades.

Ao cair da noite, todos os olhos estavam postos em Moscou, onde o Kremlin se mantivera num silêncio ao estilo soviético, enquanto a história se desenrolava. Finalmente, pouco depois das 23h, um porta-voz do presidente russo fez curta declaração negando categoricamente qualquer ligação entre a conspiração terrorista e a venda legítima de armamentos russos a seus clientes no Oriente Médio. Se os mísseis tivessem de fato vindo de uma fonte russa, disse o porta-voz, então isso teria sido quase com certeza um ato criminoso que seria investigado a fundo pelas autoridades russas. Todavia, poucas horas depois, a veracidade da declaração russa foi posta em causa por lancinante reportagem publicada num jornal de Londres. Era escrita por alguém que os homens do Kremlin

conheciam bem: Olga Sukhova, ex-diretora editorial da *Moskovskaya Gazeta*.

Era um dos aspetos mais intrigantes de toda a história. Mantida numa autêntica prisão domiciliar em seu apartamento em Moscou durante a maior parte do verão, Olga Sukhova tinha conseguido escapar da Rússia, supostamente com a ajuda de um coronel do FSB chamado Grigori Bulganov. Depois de passarem de carro a fronteira ucraniana, os dois foram rapidamente levados para uma casa segura na Inglaterra, onde tinham trabalhado de perto com agentes americanos e britânicos envolvidos na busca dos mísseis SA-18. Tinham concedido a Olga Sukhova, em troca da sua cooperação, “um período de exclusividade” em certos pormenores que ela publicou, de forma espetacular, no jornal londrino *Telegraph*.

De acordo com a sua notícia de primeira página, os mísseis apreendidos pelos agentes europeus e americanos tinham sido inicialmente vendidos à República Democrática da África Oriental por Ivan Kharkov, homem de negócios e traficante de armas. Kharkov teria concluído a venda com total conhecimento de que as armas seriam transferidas a uma filial da Al-Qaeda no chifre da África. O artigo também implicava Kharkov e o seu já falecido chefe de segurança Arkady Medvedev nos assassinatos de Aleksandr Lubin e Boris Ostrovsky, jornalistas da *Gazeta*.

Nos dias que se seguiram, Olga Sukhova foi uma figura permanente nas TVs europeias e americanas. E o mesmo aconteceu com o homem a quem tinham atribuído o mérito de lhe facilitar a fuga: o Coronel Grigori Bulganov do FSB. Este contou histórias de corrupção desenfreada em seu antigo serviço e avisou que os novos senhores do Kremlin não eram outra coisa senão bandidos da KGB que planejavam enfrentar o Ocidente em todas as ocasiões possíveis.

No fim da semana, tanto ele como Olga Sukhova tinham assinado contratos lucrativos para escreverem livros. Quanto ao homem no centro da tempestade, não o conseguiam encontrar em

parte alguma. Ivan Borisovich Kharkov, construtor imobiliário, capitalista especulador e traficante de armas internacional, tinha, aparentemente, desaparecido da face da terra. Seus bens foram rapidamente apreendidos; as contas bancárias rapidamente congeladas. Durante algum tempo, seus palácios estiveram rodeados dia e noite por repórteres e cinegrafistas.

Finalmente, quando se tornou evidente que Ivan não voltaria, os jornalistas foram embora, à procura de outras presas.

A lista de países onde, repentinamente, Ivan era procurado para ser preso ou interrogado era comprida e algo caricata. Havia algo de irônico naquela situação, claro; mesmo o observador mais cínico tinha de admitir. Durante anos, Ivan tinha alimentado friamente as guerras civis e os conflitos letais do Terceiro Mundo com pouca ou nenhuma interferência do Ocidente. Só quando ele ultrapassou uma linha moral, quando se atreveu a vender seus produtos diretamente às forças do extremismo islâmico global é que os governos do mundo civilizado se aperceberam e agiram. Mesmo que a Al-Qaeda tivesse conseguido levar a cabo seus ataques como planejado, disse um comentarista respeitável, o número de vítimas teria sido apenas uma fração mínima dos que tinham sido mortos pelas armas e balas de Ivan somente na África. Assumiu-se que ele estava refugiado em algum lugar no interior da Rússia. Como tinha conseguido chegar lá a partir da França, onde tinha sido visto pela última vez, era assunto de muita controvérsia. Os funcionários da aviação francesa confirmavam que o jato privado de Ivan tinha partido do Aeroporto Internacional Côte d'Azur na manhã de vinte e seis de agosto, embora a tripulação tivesse recusado repetidos pedidos para entregar um plano de voo ou um manifesto de carga completo. A imprensa exigiu saber se as autoridades francesas tiveram conhecimento das atividades de Ivan na época do voo. Se sim, perguntavam eles, por que foi autorizado a partir?

Confrontadas com uma crescente tempestade da mídia, as autoridades francesas foram finalmente forçadas a admitir que estavam de fato a par do envolvimento de Ivan na venda dos mísseis, na época do voo em causa, mas certas exigências operacionais tinham obrigado a que Ivan fosse autorizado a deixar o solo francês. Apesar dessas exigências operacionais, o Ministério Público Francês queria agora que Ivan voltasse, como acontecia com o seu equivalente da Grã-Bretanha, onde ele enfrentava uma enorme série de acusações criminais, que iam da lavagem de dinheiro ao envolvimento em conspiração para cometer assassinato em massa. Porta-voz do Kremlin rejeitou as acusações como mentiras e propaganda ocidentais, salientando que, de acordo com a lei russa, não era possível extraditar o Sr. Kharkov para enfrentar acusações criminais. O porta-voz afirmou que as autoridades russas desconheciam por completo o paradeiro do Sr. Kharkov e não tinham sequer a informação de que estivesse no país.

Quarenta e oito horas depois, quando foi divulgada uma foto de Ivan na recepção do Kremlin em honra do recentemente reeleito presidente russo, o governo não se deu ao trabalho de fazer qualquer declaração. No Ocidente, foi dada muita importância ao fato de Ivan ter estado na recepção acompanhado por uma deslumbrante e jovem supermodelo chamada Yekatarina Mazurov, e não por sua elegante esposa. Uma semana mais tarde, Ivan entregou o pedido de divórcio num tribunal russo, acusando Elena Kharkov de pecados que iam da infidelidade a maus-tratos aos filhos. Elena não estava presente para contestar as acusações. Ao que parecia, Elena tinha desaparecido da face da terra.

Nada disso parecia preocupar o pessoal da Villa dei Fiori, na Úmbria, pois tinham assuntos mais prementes a tratar. Havia colheitas para armazenar e cercas a consertar. Havia um cavalo com uma pata ferida e uma fenda no telhado que era preciso fechar antes de começarem as chuvas fortes. E havia um homem melancólico com

um curativo no olho que receava nunca mais poder voltar a trabalhar. Naquele momento, só podia esperar. E jogar sua bola de tênis nos muros etruscos do jardim. E percorrer a pé a poeirenta estrada de cascalho, com os cães colados às canelas.

CAPÍTULO 72

VILLA DEI FIORI, ÚMBRIA

Uma semana mais tarde, Ari Shamron telefonou para se convidar para almoçar. Chegou num carro da embaixada acompanhado por Gilah. A tarde estava ventosa e agreste, por isso comeram dentro de casa, na sala de jantar formal, com um fogo de madeira de oliveira ardendo na lareira aberta. Shamron referiu-se a si mesmo como Herr Heller, um dos seus muitos nomes profissionais, e só falou em alemão na frente de Anna e Margherita. Quando o almoço acabou, Chiara e Gilah foram ajudar a lavar a louça. Gabriel e Sanrom enfiaram os casacos e passearam ao longo da estrada de cascalho, por entre os pinheiros mansos. Shamron esperou até estarem a uns cem metros da villa para acender o seu primeiro cigarro turco.

— Não diga à Gilah — disse ele. — Ela anda me chateando para que volte a parar de fumar.

— Ela não é tão ingênua como julga. Sabe que fuma nas costas dela.

— Ela não se importa desde que eu faça pelo menos um esforço para esconder dela.

— Devias dar-lhe ouvido por uma vez. Essas coisas vão matá-lo.

— Sou tão velho como estes montes, meu filho. Deixe-me sentir bem enquanto ainda estou por aqui.

— Por que não me disseste que a Gilah vinha com você?

— Suponho que nem me tenha lembrado. Não estou habituado a viajar com a minha mulher. A seguir, vamos para Viena para ouvir música. Depois, vamos a Londres ver uma peça de teatro.

Shamron disse aquilo como se tivesse sido condenado a um mês na solitária, com razões adequadas a um castigo.

— É isso que as pessoas fazem quando se aposentam, Ari. Viajam. Descontraem.

— Eu não estou aposentado, Gabriel. Você ainda vai me acusar de estar morto.

— Tente se divertir, Ari, senão para seu próprio bem, então pelo de Gilah. Ela merece umas férias agradáveis na Europa. Todos nós gostamos muito de você, mas não tem sido propriamente um marido e um pai perfeitos.

— E, pelos meus pecados, estou sendo punido com uma semana de Mozart e Pinter.

Caminharam em silêncio, com Gabriel olhando para o chão e Shamron deixando um rastro de fumaça como uma locomotiva a vapor. — Ouvi dizer que vai mandar vir um médico amanhã para tirar seus curativos.

— Foi por isso que veio? Para assistir à grande revelação?

— Gilah e eu pensamos que gostaria de ter a família com você. Fizemos mal em vir?

— Claro que não, Ari. Posso é não ser grande companhia. Aquele gorila conseguiu me quebrar a órbita e provocar grande lesão na minha retina. Na melhor das hipóteses, vou ter a visão enevoada por uns tempos.

— E na pior?

— Perda considerável da visão num olho. Não é exatamente uma situação ideal para uma pessoa que ganha a vida restaurando quadros.

— Você ganha a vida defendendo o Estado de Israel.

Diante do silêncio de Gabriel, Shamron ergueu o olhar para as copas das árvores oscilando ao vento.

— O que há, Gabriel? Nenhuma tirada sobre abandonar definitivamente o Escritório? Nenhum discurso sobre já ter dado o bastante a seu país e a seu povo?

— Estarei sempre aqui para você, Ari, desde que consiga ver, é claro.

— E quais são seus planos?

— Vou continuar hóspede do conde Gasparri até deixar de ser bem-vindo e, se a minha vista permitir, vou restaurar calmamente uns quadros para os Museus do Vaticano. Lembra que eu trabalhava num quando me pediu para dar aquele recadinho em Roma? Infelizmente, tive que deixar que outra pessoa o acabasse.

— Lamento, mas isso não me comove muito. Salvou milhares de vidas com esse recadinho. Isso é mais importante do que restaurar um quadro.

Chegaram à bifurcação do caminho. Shamron olhou para o enorme crucifixo de madeira e abanou a cabeça devagarinho.

— Já te disse que eu e Gilah jantamos ontem à noite no Vaticano com Monsignor Donati e Sua Santidade?

— Não, não disse.

— Sua Santidade estava muito satisfeita por a Igreja ter tido um pequeno papel na destruição de Ivan. Mas o Papa está ansioso por manter isso em segredo. Não quer mais cadáveres na sua Basílica.

— Consegue entender as razões dele? — disse Gabriel.

— Completamente. Um fato que permaneceu secreto é que os filhos de Ivan, depois de saírem de Saint-Tropez, foram levados para um priorado no alto dos Alpes Marítimos. Ficaram lá quase uma semana sob a proteção da Igreja, com conhecimento e aprovação do Sumo Pontífice, antes de subirem num Gulfstream da CIA, chegando clandestinamente para os Estados Unidos.

— Onde eles estão? — perguntou Gabriel.

— Elena e os filhos?

Shamron jogou o cigarro no chão e esmagou-o com o sapato.

— Não faço a menor ideia. E, para ser franco, não quero saber. Agora, ela é problema de Adrian. Ivan não se limitou a interpor um pedido de divórcio. Criou uma unidade especial com uma única tarefa: encontrar Elena e as crianças. Quer os filhos de volta. Quer Elena morta.

— E quanto a Olga e Grigori?

— Seu amigo Graham Seymour ouviu uns boatos de que assassinos contratados se dirigem às costas britânicas. Olga está numa casa segura fora de Londres, rodeada por guardas armados. Grigori é outra história. Disse a Graham que sabe tomar conta de si mesmo.

— E Graham concordou com isso?

— Não totalmente. Mantém Grigori vigiado vinte e quatro horas por dia.

— Vigias? Não conseguem proteger ninguém de assassinos russos. Grigori deveria estar rodeado de homens armados.

— E você também. — Shamron não se deu ao trabalho de tentar esconder a irritação. — Se fosse eu a decidir, você estaria fechado num lugar qualquer em Israel, onde Ivan nunca tentasse encontrá-lo.

— E ainda se admira por eu preferir continuar aqui...

— Nem se atreva a pôr um pé fora desta propriedade. Pelo menos, até que Ivan se acalme.

— Ivan não me parece do tipo que esquece um rancor.

— Não parece mesmo.

— De repente podíamos matá-lo já e acabar com isto.

Shamron olhou para o curativo no olho de Gabriel.

— Ivan pode esperar, meu filho. Tem coisa mais importante com que se preocupar.

Tinham chegado aos estábulos. Num recinto adjacente, um casal de porcos chafurdava na lama. Shamron olhou para os animais e fez uma careta de repugnância.

— Primeiro, um crucifixo. Agora, porcos. O que virá a seguir?

— Temos nossa própria capela.

Shamron acendeu outro cigarro.

— Estou ficando cansado. Vamos voltar.

Deram meia-volta e começaram a dirigir-se para a villa. Shamron tirou um envelope do bolso da jaqueta de couro e entregou-o a Gabriel.

— É uma carta de Elena — explicou Shamron. — Adrian Carter mandou-a por mensageiro para Tel Aviv.

— Leu?

— Claro.

Gabriel tirou a carta do envelope e leu-a.

— Pode fazer isso?

— Vou saber depois da grande revelação.

— Eu e a Gilah devíamos ficar aqui uns dias, para o caso de alguma coisa correr mal.

— E Mozart e Pinter?

— Prefiro ficar aqui — respondeu, olhando em redor — com os porcos e o crucifixo.

— Ficaríamos encantados.

— O pessoal não faz ideia de quem você é?

— Pensam que sou um restaurador excêntrico que sofre de melancolia e mudanças de humor.

Shamron pousou a mão no ombro de Gabriel.

— Parece que te conhecem muito bem.

CAPÍTULO 73

VILLA DEI FIORI, ÚMBRIA

O médico chegou na manhã seguinte. Judeu nascido em Queens, tinha barba de rabino e as mãos pequenas e suaves de um bebê. Tirou o curativo do olho de Gabriel, franziu fortemente o sobrolho e começou a cortar os pontos.

— Diga se fizer alguma coisa que doa.

— Pode ficar descansado, será o primeiro a saber.

O médico fez incidir uma luz diretamente no olho de Gabriel e franziu ainda mais o sobrolho.

— O que sente?

— Como se um buraco na córnea estivesse queimando.

O médico apagou a luz.

— O que sente agora?

— Como se o olho estivesse coberto de algodão e vaselina.

— Consegue ver?

— Não diria tanto.

O médico tapou o olho bom de Gabriel. Quantos dedos vê?

— Doze.

— Vamos lá. Quantos?

— Quatro, acho, mas não tenho certeza.

O médico destapou o olho bom. Eram dois dedos. Pôs umas gotas no olho ferido, que arderam como ácido sulfúrico, e cobriu-o com uma venda preta.

— Pareço um idiota.

— Não vai ser por muito tempo. Sua retina parece espantosamente boa pelo que você passou. É um homem com muita sorte. Use a venda por alguns dias, até que o olho volte a recuperar parte da força. Uma hora com a venda, uma hora sem ela.

Compreende?

— Sim, acho que sim.

— Evite as luzes brilhantes. E não faça nada que possa causar esforço desnecessário do olho.

— E pintar?

— Nem pense nisso. Pelo menos, nos próximos três dias.

O médico arrumou a lanterna e a tesoura na maleta e fechou. Gabriel agradeceu por ter feito toda a viagem desde Tel Aviv para um trabalho de cinco minutos.

— Mas não diga a ninguém que esteve aqui — acrescentou. — Se o fizer, aquele homenzinho de ar zangado que está ali mata-o com as próprias mãos.

O médico olhou para Shamron, que tinha conseguido observar toda a atuação sem dar um único conselho.

— É verdade o que dizem sobre ele? Foi mesmo ele que raptou Eichmann?

Gabriel acenou com a cabeça.

— Acha que posso apertar a mão dele? Quero tocar nas mãos que agarraram aquele monstro.

— Pode — respondeu Gabriel. — Mas tenha cuidado. Ele morde.

Não queria usar a venda, mas até ele foi obrigado a admitir que parecia melhor com ela do que sem ela. O tecido em volta do olho ainda estava distorcido com o inchaço e a cicatriz nova estava era horrenda.

— Vai ficar como antes — garantiu Chiara. — Mas vai levar algum tempo. Vocês, homens mais velhos, não se curam tão depressa.

O otimismo do médico sobre o ritmo da recuperação provou estar correto. Na manhã seguinte, a visão de Gabriel tinha melhorado espetacularmente e, na manhã subsequente, parecia quase normal.

Sentia-se preparado para começar a trabalhar no pedido de Elena, mas limitou os esforços apenas a uma pequena tarefa: a construção de uma grade de madeira de 1 metro por 75 centímetros. Quando a grade ficou pronta, estendeu uma tela de linho por cima e

cobriu-a com uma camada de terra. Depois colocou a tela no cavalete e esperou que secasse.

Nessa noite, dormiu mal e acordou às quatro da manhã. Tentou voltar a adormecer, mas sem resultado, por isso, deslizou para fora da cama e desceu as escadas. Sempre trabalhara bem nas primeiras horas da manhã e, apesar do olho enfraquecido, aquela manhã não foi exceção. Aplicou as primeiras camadas da tinta base e, por volta do meio-dia, havia duas crianças pequenas perfeitamente visíveis na tela.

Fez um intervalo para o almoço e depois voltou para uma segunda sessão em frente à tela, que durou até o jantar. Pintava de memória, sem ter sequer uma fotografia a servir de referência, e com uma rapidez e uma confiança que não teria julgado possíveis uma semana antes. Às vezes, quando a casa estava silenciosa, quase conseguia senti-la junto do ombro, sussurrando-lhe instruções ao ouvido. Cuidado com as pinceladas nas mãos, lembrava-lhe ela. Não empaste demais as mãos. E, às vezes, quando a visão começava a enevoar-se, via Elena acorrentada a uma cadeira no armazém de morte do marido, uma arma encostada à parte lateral da cabeça. É melhor carregares no gatilho, Arkady, porque Ivan nunca irá ficar com essas crianças. Chiara e os empregados da casa sabiam bem que não o deviam observar enquanto estava a trabalhar, mas Shamron e Gilah não conheciam as regras dele e, por isso, nunca estavam muito longe das suas costas. As visitas de Gilah eram breves, mas Shamron, sem nada mais com que ocupar o tempo, tornou-se uma presença permanente no estúdio de Gabriel. Sempre se sentira mistificado pela capacidade que Gabriel tinha para pintar para Shamron, era apenas um truque de salão ou uma ilusão qualquer e, durante aqueles dias, sentiu-se contente por estar sentado, em silêncio, ao lado de Gabriel enquanto ele trabalhava, mesmo que isso implicasse renunciar aos seus cigarros.

— Devia ter deixado você em Bezalel em setenta e dois — disse ele uma noite, já muito tarde. — Devia ter arranjado outra pessoa qualquer para executar aqueles assassinos do Setembro Negro. Teria sido um dos grandes artistas de sua geração em vez de...

— Em vez de quê?

— Em vez de um restaurador velho e excêntrico, com melancolia e mudanças de humor, que vive numa villa no meio da Úmbria, rodeado de porcos e crucifixos.

— Sou feliz, Ari. Tenho a Chiara.

— Mantenha-a perto, Gabriel. E não esqueça: Ivan gosta de quebrar coisas bonitas.

Gabriel pousou o pincel, recuou e examinou o quadro durante muito tempo, com a mão no queixo e a cabeça inclinada para um lado. Chiara, que tinha estado observando do alto das escadas, perguntou: — Está pronto, Signore Vianelli?

Gabriel ficou calado por uns instantes.

— Sim — respondeu por fim. — Acho que está pronto.

— O que vai fazer em relação à assinatura? — perguntou Shamron.

— Ainda não sei bem.

— Posso dar um pequeno conselho artístico?

— Se tiver de ser...

— Assine com o nome que sua mãe lhe deu.

Gabriel mergulhou o pincel em tinta preta e assinou *Gabriel Allon* no canto inferior esquerdo.

— Acha que ela vai gostar?

— Tenho certeza que sim. Já está acabado?

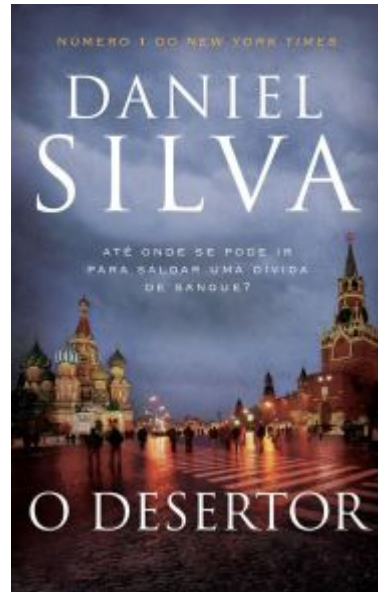
— Ainda não — respondeu, Gabriel.

— Tenho de pôr trinta minutos no forno.

— Devia ter deixado você em Bezalel — disse Shamron. — Você podia ter sido grande.

FIM

Continua em



NOTA DO AUTOR

O romance *As Regras de Moscou* é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes descritos neste livro são produto da imaginação do autor ou foram ficcionados. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, negócios, companhias, acontecimentos e locais verdadeiros é pura coincidência. O quadro *Duas Crianças numa Praia* de Mary Cassatt não existe e, por isso, não podia ter sido falsificado. Se existisse, teria uma semelhança espantosa com um quadro chamado *Crianças a Brincar na*

Praia, que está em exposição na National Gallery of Arts, em Washington, D.C. Quem visitar a estância de esqui de Courchevel irá procurar em vão pelo Hôtel Grand, pois também ele é uma invenção. A companhia Riviera Flight Services é fictícia e aldrabei os horários dos aviões para os adaptar à minha história. O Cemitério de Novodevichy é fielmente descrito, como acontece com a Casa no Cais, embora agora seja ligeiramente menos sinistra do que aquilo que eu dei a entender. O FSB é de fato o serviço de segurança interno da Federação Russa e a multiplicidade dos seus pecados tem sido amplamente divulgada. As minhas sinceras desculpas ao diretor do Departamento de Impressionismo e de Arte Moderna da leiloeira

Christie's, em Londres. Tenho certeza de que ele não é nada parecido com Alistair Leach. Tanto quanto sei, não há nenhuma casa segura da CIA na N Street, em Georgetown.

A *Moskovskaya Gazeta* não existe, embora, infelizmente, a ameaça aos jornalistas russos seja muito real. Segundo o Comité para a Proteção dos Jornalistas, quarenta e sete repórteres, editores,

operadores de câmara e fotógrafos foram mortos na Rússia desde 1992,

fazendo deste país o terceiro mais mortífero do mundo para a prática do jornalismo, a seguir ao Iraque e à Argélia. Catorze dessas mortes ocorreram durante o governo do Presidente russo Vladimir Putin, que se dedicou a uma repressão sistemática da liberdade de imprensa e da dissensão política desde que chegou ao poder em 1999. Praticamente todos os assassinatos foram levados a cabo por assassinos contratados, e poucos foram deslindados ou levados a tribunal. A mais famosa dos jornalistas russos assassinada durante o governo de Vladimir Putin foi Anna Politkovskaya, que foi abatida a tiro no elevador da sua casa em Moscú, em outubro de 2006. Crítica feroz do regime, Anna Politkovskaya estava prestes a publicar um cáustico artigo denunciando alegações de tortura e sequestro no exército e nas forças de segurança russas na Chechênia. Putin menosprezou Anna Politkovskaya, considerando-a uma pessoa de importância marginal e não se deu ao incômodo de ir a seu funeral. Ninguém com ligações ao Kremlin foi.

Seis meses depois do assassinato de Anna Politkovskaya, Ivan Safronov, colunista muito respeitado de assuntos militares para o jornal *Kommersant*, foi encontrado morto no pátio do seu prédio em Moscú. A polícia russa declarou que ele se tinha suicidado atirando-se de uma janela do quinto andar, embora ele vivesse no terceiro. Enquanto fazia pesquisas em Moscú, soube que Safronov tinha telefonado para a mulher quando ia a caminho de casa para lhe dizer que ainda ia comprar laranjas, dificilmente um ato de um suicida. Mais tarde, as laranjas foram encontradas espalhadas nas escadas entre o quarto e o quinto andares, juntamente com o boné de Safronov. Segundo várias testemunhas, Safronov ainda continuou vivo vários minutos depois da queda e até se tentou levantar. Não sobreviveu à inépcia negligente do serviço de ambulâncias de Moscú, que demorou trinta minutos a enviar auxílio. Os auxiliares

partiram do princípio de que Safronov tinha caído de uma janela aberta, num estado de embriaguez. A autópsia não encontrou quaisquer vestígios de álcool ou drogas no seu sistema.

Se a morte brutal de Safronov foi um homicídio e não suicídio, então por que foi morto e por quem? Como Anna Politkovskaya, Ivan Safronov tinha, aparentemente, descoberto informações que o Kremlin de Vladimir Putin não queria que o resto do mundo conhecesse: especificamente, que a Rússia tencionava vender caças e mísseis sofisticados aos dois párias seus aliados no Oriente Médio, o Irã e a Síria. A fim de fornecer ao Kremlin a possibilidade de um desmentido plausível em relação a qualquer participação na venda, o negócio foi dado como tendo sido feito através de um comerciante de armas de Belarus. Diz-se que Safronov confirmou os pormenores da venda numa viagem ao Oriente Médio dias antes da sua morte.

A promiscuidade da venda de armas por parte da Rússia no Oriente Médio está bem documentada. O mesmo acontece com as atividades de traficantes de armas russos privados. Um desses homens é Viktor Bout. Muitas vezes chamado de o comerciante da morte e considerado o mais famoso traficante de armas do mundo, Bout vendeu alegadamente armas a diversos grupos, que incluem Hezbollah, talibãs e até a Al-Qaeda. Em 2006, o Departamento do Tesouro americano apreendeu aviões de Bout e congelou seus bens. Em março de 2008, quando eu acabava este manuscrito, foi preso num luxuoso hotel de Bangcoc, numa operação secreta dirigida pelos americanos. Está acusado de se oferecer para vender armas no valor de milhões de dólares aos rebeldes das FARC da Colômbia, incluindo mísseis antiaéreos portáteis dos mais avançados. À data em que escrevo, está sentado numa cela tailandesa, à espera de que se executem os trâmites legais e de uma possível extradição para os Estados Unidos, para ser julgado.

Para finalizar, uma nota sobre o título. Muitos de nós ficamos conhecer a expressão “Regras de Moscou” quando lemos o clássico de espionagem de John le Carré *Smiley’s People*, 1980 (A vingança de Smiley). Embora o brilhante Le Carré tenha inventado grande parte do léxico de seus espiões, as Regras de Moscou eram de fato um conjunto verdadeiro de princípios operacionais da Guerra Fria e continuam a ser hoje, embora a Guerra Fria seja supostamente uma coisa do passado. Podemos encontrar versões escritas das regras em formatos variados e em vários lugares, ainda que a CIA, aparentemente, nunca se tenha dado ao trabalho de passá-las de fato ao papel. Um agente do serviço clandestino nacional da CIA disse-me que a regra citada na epígrafe no início deste romance está correta e é repetida vezes sem conta aos espiões americanos ao longo do treino. Infelizmente, os jornalistas da Rússia estão agora forçados a agir segundo linhas orientadoras semelhantes, pelo menos os que se atrevem a questionar os novos senhores do Kremlin.

AGRADECIMENTOS

Este romance, como os livros anteriores da série Gabriel Allon, não poderia ter sido escrito sem a ajuda de David Bull, que é na realidade um dos melhores restauradores de arte do mundo.

Habitualmente, David dá-me conselhos sobre como limpar quadros. Todavia, desta vez, ensinou-me como um homem tão dotado como

Gabriel podia forjar um às pressas. A técnica que Gabriel utilizou para criar craquelê é uma versão muitíssimo abreviada do método desenvolvido por Han van Meegeren, um holandês muitas vezes descrito como o maior falsificador da História.

Estou em dívida para com vários corajosos jornalistas russos de

Moscou que generosamente partilharam as suas experiências comigo. Por motivos óbvios, não posso nomeá-los aqui, mas sinto um profundo respeito tanto pela sua coragem como pela sua dedicação à liberdade que nós, no Ocidente, tomamos por garantida. Jim Maceda, da NBC News, foi uma fonte inestimável, como Jonathan, que me levou a recantos na Velha Arbat que nunca teria descoberto sozinho. Os meus guias russos em São Petersburgo e Moscou fizeram com que a minha família tivesse a melhor viagem de toda a sua vida, ao passo que Tanya me mostrou a alma de uma moça de Leningrado. Um agradecimento muito especial ao coronel do FSB que me escoltou pelos corredores de Lubyanka. E também ao meu motorista em Moscou, que, poeticamente, disse dos russos: Não conseguimos viver como um povo normal. Não o percebi na altura, mas ele deu-me a espinha dorsal de um romance.

Vários agentes dos serviços secretos israelenses e americanos falaram comigo confidencialmente e agradeço-lhes agora mantendo o anonimato, que é como eles prefeririam. Um agradecimento especial a J, que escolheu servir seu país em segredo, em vez de usar sua mente brilhante para ganhar dinheiro. Estamos todos em dívida com ele.

Um funcionário administrativo de elevada posição informou-me generosamente sobre a sua própria experiência ao lidar com a nova Rússia e encorajou-me em todos os momentos. O antigo presidente George H. W. Bush, a senhora Barbara Bush e Jean Becker, sua espantosa chefe de pessoal, deram-me muito apoio e um vislumbre inestimável do que é receber a visita de um chefe de Estado. Roger Cressey falou-me sobre os negociantes de armas russos reais e explicou-me como eu poderia pôr abaixo parte do sistema telefónico de Moscou. David Zara, da Tradewind Aviation, ajudou-me a roubar o avião de um oligarca. A minha mais profunda gratidão ao Hotel Astoria de São Petersburgo, ao Hotel Savoy de Moscou, ao Hotel Métropole de Genebra, ao Hôtel les Grandes Alpes de Courchevel e ao Château de la Messardière de Saint-Tropez. Por favor, desculpem quaisquer queixas da parte das minhas personagens; são um grupo mal-humorado que fazem viagens de longo curso em excesso. Também estou grato para sempre ao pessoal de uma propriedade de criação de gado isolada nas colinas da Úmbria. Propiciaram à minha família e a minhas personagens um verão glorioso que nenhum de nós jamais esquecerá.

Consultei centenas de livros, artigos de jornais, revistas e websites enquanto preparava este manuscrito, demasiados para os nomear aqui. Todavia, seria negligente se não mencionasse a erudição e os relatos extraordinários de Robert Service, Peter Baker, Susan Glasser, David E. Hoffman, David Remnick, Alex Goldfarb,

Marina Livinenko, Anna Politkovskaya, Hedrick Smith, Peter Landesman,

Douglas Farah, Stephen Braun e Anne Appelbaum. As
colunas

de Anne inspiraram-me e o seu livro Gulag, que recebeu o
prêmio Pulitzer, é uma chamada de atenção inesquecível para o que
está enterrado no passado não muito distante da Rússia. Chris
Donovan deu-me um pacote de pesquisas caído do céu. Louis
Toscano fez incontáveis melhoramentos no manuscrito, assim como
os meus editores Tony Davis e Kathy Crosby. Um

agradecimento especial à espantosa equipe da Putnam,
nomeadamente Neil Nyren, Marilyn Ducksworth e Ivan Held, que
simpaticamente me emprestou o seu nome próprio para o meu vilão.
Não vale a pena dizer que nada disto teria sido possível sem o apoio
deles, mas vou dizê-lo à mesma. Vocês são todos simplesmente os
melhores neste ramo.

Somos abençoados com muitos amigos que enchem as nossas
vidas de amor e risos nos momentos críticos durante o ano em que
estamos a escrever, especificamente Henry e Stacey Winkler, Andrea
e Tim Collins, Greg Craig e Derry Noyes, Enola Aird e Stephen L.
Carter, Lisa Myers e Marcia Harrison, Mitch Glazer e Kelly Lynch, e
Jane e Burt Bacharach. Ouvia constantemente “Painted from
Memory”, a brilhante colaboração de Burt com Elvis Costello,
enquanto estava a acabar o meu manuscrito e até consegui enfiar
disfarçadamente o título no último capítulo. Os membros do Pelotão
foram grandes amigos e uma boa companhia durante um longo e
duro Inverno de escrita. Os meus companheiros de estudo David
Gregory, Jeffrey Goldberg, Steven Weisman; Martin Indyk, Franklin
Foer, Noah Oppenheim e Erica Brown mantiveram o meu coração
focado no que é verdadeiramente importante, mesmo que os meus
pensamentos estivessem por vezes noutra qualquer. Quero
expressar a minha mais profunda gratidão e amor aos meus filhos,
Lily e Nicholas, que estiveram ao meu lado durante toda esta
viagem, como têm estado desde o princípio. Finalmente, a minha

mulher, Jamie Gangel, que me ajudou a encontrar a essência da história, quando ela me fugia, e que corrigiu com perícia os meus primeiros rascunhos. Se não fosse a sua paciência, atenção ao pormenor e indulgência, o livro *As Regras de Moscou* não teria sido terminado. A minha dívida para com ela é incomensurável, assim como o meu amor.

Digitalização

Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves

ePub

